



SANDRA CARNEIRO

Pelo Espírito

LUCIUS

NO JARDIM DAS
MAGNÓLIAS

O florescer de
um amor eterno

vivaluz editora

ROMANCE
MEDIÚNICO

Confraria dos Livros Bons

NO JARDIM DAS MAGNÓLIAS

O florescer de um amor eterno

*Romance do Espírito Lucius
Psicografado por Sandra Carneiro*

Copyright © 2025 Vivaluz Editora

Todos os direitos autorais reservados A Vivaluz Editora Espírita Ltda.

Proibida reprodução total ou em parte sem autorização da editora.

Capa e projeto gráfico e diagramação | César Oliveira

Preparação e Revisão | Helena A. Vasques

Coordenação Editorial | Alexandre Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Preparado na Editora)

Sandra Carneiro

No jardim das Magnólias, :2025 / Sandra Carneiro ;

Pelo espírito Lucius — Atibaia : Vivaluz Editora 2025.

ISBN 978-85-89202-94-7

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita

I Carneiro, Sandra

CDD: 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

1a. Edição – Outubro 2025

VIVALUZ EDITORA ESPÍRITA LTDA

Telefone e whatsapp: (11) 99963-2038

Site: www.vivaluz.com.br

O TRABALHO DE LUCIUS NO BRASIL

O espírito Lucius dedica-se há mais de dois séculos à divulgação dos princípios espíritas a serviço de Jesus.

No Brasil, exerceu papel marcante na disseminação desses ideais por meio dos romances, tendo publicado inúmeras obras em parceria com a médium Zíbia Gasparetto. Em 1958, com a publicação do romance *O Amor Venceu*, iniciou-se essa longa e profícua parceria.

Em 1979, conduziu a médium Heigorina Cunha (sobrinha de Eurípedes Barsanulfo) — com o apoio do espírito André Luiz — em desdobramento à colônia espiritual *Nosso Lar*. Ao retornar, ela registrou em desenhos as construções e estruturas daquela cidade, representações que mais tarde serviram de base para o filme *Nosso Lar*.

A partir dos anos 2000, Lucius passou a trabalhar com outros médiuns, entre eles André Luiz Ruiz, com quem produziu diversas obras, como *O Amor Jamais Te Esquece*, *Despedindo-se da Terra*, *Esculpindo o Próprio Destino*.

Desde 2001, atua também em parceria com a médium Sandra Carneiro, com quem já psicografou vários romances, entre os quais *Exilados por Amor*, *Jornada dos Anjos* e *Todas as Flores que Eu Ganhei*.

Um detalhe histórico enriquece a compreensão de sua trajetória: Chico Xavier declarou que Lucius foi, em uma de suas encarnações, o astrônomo, pesquisador psíquico e escritor francês Camille Flammarion — grande divulgador do espiritismo na Europa do século XIX, autor de várias obras, incluindo romances como *Estela*.

Atualmente, Lucius permanece firme em seu compromisso de difundir a Doutrina Espírita, trabalhando ao lado de um grande grupo de espíritos comprometidos com o progresso moral e espiritual da humanidade.

PREFÁCIO

"E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.

Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.

Mas todas estas coisas são o princípio de dores...

E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo."

(Mateus 24:6-8, 12-13)

Os tempos anunciados pelas profecias chegaram.

Ainda que vivamos no turbilhão de acontecimentos atuais, quando o mal parece se alastrar, alcançando as esferas físicas e espirituais do planeta, não devemos temer. Tudo segue conforme os desígnios divinos, sob a direção amorosa de Jesus — o Governador Planetário — sempre em favor do bem maior da humanidade.

Sua mensagem nos alerta quanto à urgência de cultivar o amor e a bondade, a empatia e a compaixão, mesmo em meio a um mundo transitoriamente obscurecido pelas trevas. De nossa parte, cabe fortalecer a fé e manter viva a conexão com Deus, para que o amor permaneça em nossos corações, permitindo-nos receber as instruções divinas transmitidas por nossos mentores e orientadores espirituais. O medo paralisa e nos afasta das energias superiores que poderiam nos sustentar.

Por mais desafiadores que sejam estes tempos, fomos colocados aqui para servir aos propósitos divinos: crescer espiritualmente e nos tornarmos instrumentos para que o divino se manifeste no planeta.

"Aquele que perseverar até o fim..."

Perseverar no bem, no amor, na esperança. Esta é a nossa tarefa, mesmo quando sufocados pelas ervas daninhas que se multiplicam à nossa volta.

Nosso desejo, querido leitor, é que as singelas palavras desta história toquem a sua alma, elevem a sua vibração e fortaleçam sua conexão espiritual, para que encontre forças, inspiração e direção diante de seus próprios desafios.

E que, ao concluir esta leitura, floresça em você a mesma certeza cantada pelo salmista:

"Elevo os meus olhos para os montes; de onde me vem o socorro?

O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra.

Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não dormitará."

Com carinho,

Lucius

CAPÍTULO 1

O centro cirúrgico, até então um palco de precisão silenciosa, explodiu em caos.

O bip rítmico do monitor transformou-se em um alarme agudo, cortante como uma sirene. Na tela, a linha verde do eletrocardiograma tremia em picos desordenados, enquanto a pressão arterial despencava: 80/50, 70/40, 60... O oxímetro piscava em vermelho: saturação em 82. Um apito grave do respirador somou-se à cacofonia, anunciando que o ar já não alcançava os pulmões.

A porta se abriu e entraram mais uma enfermeira e um médico, passos apressados.

— A Nice me disse que precisavam de mais braços aqui — disse Dr. Egídio, solícito, numa sinceridade quase cruel.

— É sempre bem-vindo, doutor. — respondeu Jéssica, sem levantar os olhos da sutura que fazia na artéria, como se estivesse alheia à gravidade da situação.

— Estamos perdendo o pulso! — gritou o anestesista, as mãos voando sobre a máquina que piscava luzes amarelas em protesto.

A cirurgiã congelou, o bisturi ainda na mão, os olhos fixos na tela.

— Desfibrilador, agora!

O zumbido elétrico preencheu o ar, enquanto a enfermeira encostava as pás no peito pálido da paciente. O choque fez o corpo estremecer, mas a linha no monitor permaneceu plana, como um traço zombeteiro.

A bomba de infusão, esquecida num canto, começou a apitar, somando-se ao pandemônio.

— Pressão zero! — anunciou uma enfermeira, a voz trêmula.

O ar parecia pesado, impregnado do cheiro de antisséptico e da urgência que esmagava cada segundo. A cirurgia já durava quase seis horas.

— Separador. — pediu Jéssica, ignorando os alertas.

Líder da equipe, mantinha-se compenetrada, como se enxergasse algo que os outros não podiam ver. Então, sentiu uma presença atrás de si. Virou levemente a cabeça, certa de que outro colaborador entrara. Arregalou os olhos ao notar um vulto semitransparente, nítido como reflexo em espelho.

A mulher sorriu suavemente e sussurrou:

— Fez tudo o que podia, doutora. Mas é a minha hora, conforme já lhe disse dois dias atrás. Encerrei minhas tarefas na Terra, e chegou o momento de voltar ao lar. Agradeço por sua dedicação nesses anos, por me permitir viver para ver meus netos nascerem. Deus a abençoe.

— Confirme o óbito — pediu Egídio à assistente.

Mas Jéssica continuava imóvel, observando o duplo etéreo de Elaine sorrir e desaparecer, atravessando as paredes em companhia de três outros seres espirituais. Suas mãos permaneciam sobre o corpo sem vida, parali-sadas, como se ela mesma tivesse sido anestesiada.

— Doutora, ela se foi, precisa anunciar — insistiu Egídio, estranhando a hesitação da colega, sempre tão precisa.

A equipe começou a se inquietar. O silêncio de Jéssica era incomum. Egídio tocou suas mãos e afastou-a do corpo de Elaine. Nesse instante, como se despertasse de um sonho, ela gritou:

— Não! Vamos continuar a ressuscitação! Epinefrina, dois miligramas, agora!

— Jéssica, ela se foi. — Insistiu Egídio, firme.

— Não, não foi. Ela ainda está por perto...

— O quê? Do que está falando?!

Sem esperar, Jéssica tomou o desfibrilador das mãos da enfermeira e posicionou-o sobre o peito da paciente.

— Um, dois, três... agora!

Ziiim, thump.

Nada.

— De novo. Um, dois, três... agora!

Ziiim, thump.

Silêncio.

— Aumente a dose de epinefrina para cinco miligramas.

A enfermeira olhou suplicante para Egídio, mas obedeceu.

Jéssica repetiu o procedimento uma, duas, três vezes, até que Egídio segurou suas mãos, enérgico:

— Jéssica, já se passaram vinte minutos. Ela se foi.

A médica o fitava, mas parecia não vê-lo. Na mente, ainda estava diante da imagem de Elaine sorrindo, despedindo-se como tantas vezes no consultório.

— Ela se foi. Ela está morta.

— Não! Ela não está! — gritou Jéssica, em aflição.

CAPÍTULO 2

Aproximando-se dos 48 anos, Jéssica era uma mulher reconhecidamente bem-sucedida e segura de si. Exibia suas conquistas no modo de vestir — elegante e sofisticado; no modo de andar — altiva e se-gura. E, sobretudo, em suas posses materiais: uma conta bancária bem recheada, um apartamento de cobertura na Vila Olímpia, em São Paulo, onde o andar superior oferecia a vista mais incrível da cidade, especialmente à noite.

Aqueles que a viam estacionar seu Mustang na porta do hospital a supunham até uma das donas, e não apenas uma das cirurgiãs mais bem-sucedidas da cidade. E tudo conquistara com o próprio trabalho — nada de favoritismos ou facilidades de berço. Trabalho duro, dedicação e paixão pela medicina eram seus valores e o que a sustentava. Desde que terminara a residência, aos 28 anos, sua carreira não parava de crescer.

Jéssica tinha uma habilidade rara: fazia diagnósticos clínicos com precisão impressionante, como se enxergasse os pacientes por dentro. E, na maioria das vezes, os exames de laboratório e imagem confirmavam sua percepção.

Mesmo tendo se casado cedo — antes de concluir a residência — e dado à luz ao primeiro filho aos 30 anos, nunca permitiu que os eventos naturais da vida a retardassem. Trabalhou mais, com mais afinco, equilibrando tudo como uma malabarista perfeita que não deixa cair um prato sequer no espetáculo. Se havia alguém que parecia ter absoluto controle sobre a própria vida, era ela: doutora Jéssica.

Com o tempo, suas habilidades e os resultados de suas cirurgias a tornaram famosa e requisitada. Estava no topo. Sua vida,

vista à distância, parecia perfeita. Entretanto, quem a olhasse bem fundo nos olhos, buscando enxergar sua alma para além das aparências, perceberia uma tristeza insistente, que crescia dia a dia. Mas só para quem a olhasse de verdade, sem julgamentos, sem conclusões prévias. Quem tivesse olhos de ver e ouvidos de ouvir. E isso era para poucos.

Ela se escondia na armadura de supermulher que havia criado e desenvolvido, e que a levava longe. Nada e ninguém no mundo poderia fazê-la despir-se dela. Era a perfeita guerreira: mulher moderna, cheia de autoridade e realizações, afirmando ao mundo o quanto era pode-rosa.

Mas havia alguém que a percebia mais do que ela mesma: sua mãe. Desde cedo, Leonora fazia observações sutis que, se acolhidas, poderiam tê-la levado a reconhecer nuances de seus anseios e necessidades não atendidas. Eram esses anseios que apagavam o brilho de seus olhos, roubavam o sorriso fácil de seus lábios e levavam embora sua leveza. Jéssica, prática e objetiva demais, não escutava as sutilezas que a mãe lhe mostrava.

Quando ficou doente, Leonora se preocupou ainda mais com a filha. Notava que sua alma se tornava árida, ressecada, necessitando ser restaurada. Mas não tinha acesso ao coração de Jéssica, não sabia como ajudá-la. Antes de partir para o mundo espiritual, fez o que pôde: orava por ela, cercando-a de pensamentos de amor e bênçãos, desejando que acordasse antes que fosse tarde.

E, já na vida espiritual, prosseguiu com o mesmo desvelo, vibrando amor pela filha. Buscou ajudar os amigos espirituais a colocarem em seu caminho pessoas e situações que pudessem despertá-la. E alguém em especial atendeu aos apelos sutis da alma de Leonora: Elaine, uma trabalhadora do bem, sempre sensível às influências positivas.

Leonora maravilhava-se ao perceber como a vida, em todas as dimensões, parecia uma grande teia interconectada. Todos estavam ligados uns aos outros.

Com o passar dos anos, Jéssica ficou conhecida por suas cirurgias bem-sucedidas. Embora fosse claro para todos que a

escolhiam para procedimentos sem garantias de bons resultados — em que muitas vezes a chance de êxito era mínima —, contra todas as estatísticas, Jéssica se sobressaía em muitas delas, sustentada por uma confiança inabalável.

Naquela manhã, quando entrou no centro cirúrgico para operar Elaine, estava ainda mais confiante. Tinha convicção de que resolveria o problema sem dificuldades; era uma cirurgia cardíaca que ela já havia realizado inúmeras vezes. Quando a situação começou a se complicar sem motivo lógico, Jéssica manteve-se firme: conseguiria.

Elaine, entretanto, não era apenas mais uma paciente. Sob as amorosas influências de Leonora, tornara-se próxima de Jéssica. Sempre que Elaine chegava para as consultas, a médica sentia uma alegria diferente, uma suavidade de que tinha saudades, mesmo sem compreender. Elaine a conectava à mãe.

Jéssica a admirava profundamente pelo trabalho social que realizava em Itu, no interior paulista, cuidando de crianças sem lar, sem família e sem recursos. Mesmo diante de todo tipo de obstáculo — inclusive interesses políticos —, Elaine avançava e impactava a comunidade. Nunca se queixava da doença; aceitava os fatos com naturalidade que surpreendia a médica.

Por isso, Jéssica sentia-se na obrigação de salvá-la. Sabia que podia: tinha conhecimento, experiência, tudo o que era necessário. Os exames pré-operatórios estavam ótimos. As condições gerais, boas. Nada justificava o que acontecia. Mas, apesar de tudo, a situação se complicara até o ponto em que os sinais vitais cessaram. Elaine estava morta. Morrera em suas mãos.

Jéssica ficou atordoada, sem compreender, sem ter recursos para atenuar a perplexidade diante da realidade. Perder Elaine na mesa de cirurgia era impensável. Inaceitável.

CAPÍTULO 3

O grito de Jéssica ecoou pelo centro cirúrgico, instaurando um silêncio quase sepulcral. As enfermeiras se entreolharam, divididas entre o susto e a incredulidade. Não era comum ver um médico perder o controle daquela maneira — e menos ainda a doutora Jéssica, famosa por suas racionalidade e firmeza. Ninguém ousava se mover. O instante, carregado de tensão, parecia durar uma eternidade.

Mais uma vez, Jéssica viu Elaine se aproximar.

— Acalme o coração, doutora. Está tudo bem. Este momento é maravilhoso para mim. Não sinto medo, dúvidas ou angústias. Estou em paz. Minha alma sempre soube que esta seria a hora de partir, e deixei minha vida em ordem. Nada me prende, nada me impede de seguir ao infinito, amparada por esses irmãos queridos.

Elaine olhou com ternura para os três espíritos que a acompanhavam e abriu um sorriso largo, transbordando amor e gratidão.

— Não há como lutar contra as leis da vida, doutora. Tudo é como deve ser. Preciso ir, e você, minha amiga, precisa deixar-me partir sem dor nem cobranças.

Aproximou-se da médica, beijou-lhe a face e, em seguida, afastou-se, desaparecendo com os acompanhantes. Jéssica ainda sentia o calor do ósculo no rosto, mas sua mente não conseguia dar sentido ao que vivia. Ela não acreditava em vida após a morte. Não aceitava nada além do que fosse palpável, científico, comprovado — e condicionado às convenções e poderes terrenos.

O olhar perdido no vazio denunciava seu estado de transe, quando o toque firme do doutor Egídio a arrancou do torpor:

— Jéssica! Jéssica!

— O quê? — Ela piscou, voltando à realidade. — Desculpe... está tudo bem — disse, tentando recuperar a compostura, enquanto retirava a máscara. — Qual foi a hora da morte?

A enfermeira-chefe repetiu a informação, já registrada minutos antes.

— Está certo — confirmou, retomando a postura. Em seguida orientou a equipe:

— Finalizem a preparação do corpo para liberação.

Retirou o avental manchado e o depositou na lixeira apropriada.

— Vou avisar a família.

Antes que desse o primeiro passo, doutor Omar a deteve:

— Quer que eu fale com eles? Posso fazer isso. Você parece exausta, doutora.

Ciente de que ele aludia à sua conduta no fim da cirurgia, ela respirou fundo e respondeu, firme, embora insegura por dentro:

— Agradeço sua preocupação, mas estou bem. — Forçou um sorriso breve e acrescentou: — Fique tranquilo. Está tudo sob controle.

De fato, seu olhar revelava um cansaço profundo — algo raro, mesmo nas mais longas e complicadas cirurgias. E pensar que aquele deveria ter sido um procedimento simples..., mas não foi.

Jéssica retirou as luvas, lavou as mãos com cuidado e seguiu para o consultório. Passou pela assistente sem dizer uma palavra. Amanda, que já sabia do ocorrido, levantou-se para acompanhá-la, mas foi contida:

— Estou bem, Amanda. Preciso de cinco minutos para me recompor, depois falarei com os familiares de Elaine.

Amanda apenas assentiu e fechou a porta.

A médica sentou-se na poltrona do canto e, por alguns instantes, reviveu mentalmente cada consulta e conversa que tivera com Elaine. *Como isso pôde acontecer? Por que a perdi? Não deveria ter sido assim...* O que vira na sala cirúrgica a perturbava ainda mais. *Será que estou enlouquecendo? Esquizofrenia? Quantos médicos não perdem a sanidade em algum momento da carreira?*

Os pensamentos não cessavam. Mas, pressionada pela responsabilidade de comunicar-se com a família, respirou fundo e tentou retomar o controle. Lavou o rosto no banheiro, passou um batom suave para disfarçar a palidez, ergueu os ombros como quem veste uma armadura e saiu da sala, avisando à secretária:

— Desmarque todos os meus compromissos de hoje. Tenho alguma cirurgia amanhã?

— Amanhã não, doutora, apenas na sexta-feira — confirmou Amanda, consultando a agenda no computador.

— Ótimo. Desmarque também os de amanhã. Preciso respirar.

— Sim, doutora.

Jéssica seguiu pelo corredor até a sala de espera. Amanda a observava de longe e suspirou:

— Nossa, coitada... Está acabada. Nem batom resolve.

Sabia que a perda de um paciente era sempre uma ferida para a cirurgiã — trabalhava com ela havia oito meses e já ouvira histórias nos corredores sobre como Jéssica detestava enfrentar essas situações. Mas, dessa vez, era diferente: não estava apenas contrariada, estava visivelmente abalada.

Ao atravessar a porta de vidro automática, a médica deparou-se com a família de Elaine. Não foi preciso dizer nada: seu semblante confirmava os piores temores. E, quando finalmente falou, a notícia desabou sobre todos. As filhas choraram convulsivamente nos braços do pai, que também se desfez em lágrimas, enquanto ouviam os detalhes transmitidos pela profissional em quem haviam depositado toda confiança.

Jéssica conteve a vontade de abraçá-los e chorar junto; manteve-se firme, orientando o marido sobre as providências imediatas. Quinze minutos depois, despediu-se e retornou ao consultório. Pegou seus pertences e, já à porta, foi interpelada pela enfermeira-chefe:

— Precisa assinar o atestado de óbito, doutora. Já está pronto.

A médica fitou o documento com amargura. Ainda lhe parecia inaceitável. Assinou em silêncio e partiu.

Na direção de casa, os pensamentos a sufocavam. *O que poderia ter feito de diferente? Onde errei? Como a perdi?*

Auto acusava-se sem trégua. As palavras de Elaine — destinadas a lhe trazer paz e clareza — não encontravam espaço em sua mente. Não acreditava na vida além da morte, e recusava-se a aceitar o que testemunhara.

O apartamento estava vazio: marido em viagem, filhos no colégio. O silêncio foi um alívio. Encheu a banheira e mergulhou, buscando conforto na água quente. Mas, ao sair, ainda sentia o peso da angústia. Enrolada no roupão felpudo, olhou pela janela o cair da chuva, sem realmente ver. As lembranças da paciente retornavam como vozes insistentes. Tentou afastá-las. Finalmente, rendeu-se e murmurou:

— Preciso beber alguma coisa.

Chamou a funcionária:

— Prepare uma bebida para mim. Algo forte.

Minutos depois, recebeu o copo.

— Obrigada, pode ir.

— Certo, terminarei umas coisas e depois encerro.

Jéssica sorriu de leve e ficou só. Sentou-se no sofá diante da cama e observou o quarto amplo, decorado com esmero. Tudo era de bom gosto, caro, exatamente como planejava. Segurou o roupão e notou a etiqueta da marca de luxo. Suspirou. *Tenho tudo... por que não me sinto bem?*

Forçou-se a acreditar que a tristeza vinha apenas da perda da paciente. *Mas quem eu quero enganar? Já faz tempo que não sou feliz... Estou cansada, esgotada, agora desalentada.*

Sorveu o copo de uma vez, sentindo a queima no esôfago. Queria esquecer. Queria sumir. Evaporar.

O celular tocou. Talvez fosse um dos filhos. Não era: na tela, o nome de Omar. Recusou a ligação. Tocou de novo. Recusou outra vez.

— Que se dane. Nada pode ser pior do que perder um paciente.

Mais tarde, quando Maria Helena e Felipe chegaram, encontraram a mesa posta com o jantar do restaurante favorito.

Comeram em silêncio.

Antes de dormir, Maria Helena foi até o quarto:

— Mãe, está bem? Está tão calada...

— Problemas no trabalho. Perdi uma paciente hoje... — respondeu, sufocada pelo nó na garganta.

A filha entrou e a abraçou.

— Sinto muito, mãe. Sei o quanto seus pacientes significam para você.

— Essa era quase uma amiga.

— Você não devia se envolver com pacientes..., mas é por isso que é tão boa no que faz.

— Eu sei. Só detesto essa sensação de impotência. Sinto-me exausta.

— Nunca a vi falar em cansaço — observou Maria Helena.

— É mesmo? — surpreendeu-se Jéssica.

— Sim, superdoutora, supermulher. Super.

— Pare com isso, Lenita. Preciso descansar.

Trocaram boa-noite e a filha saiu. Quase onze da noite, o celular tocou outra vez. Omar.

— Me deixe em paz... — resmungou, recusando a chamada pela terceira vez.

Deitou-se. Rolou inquieta por quase uma hora. Finalmente abriu a gaveta da cabeceira, retirou um comprimido para dormir e o engoliu. Pouco depois, o sono a venceu.

CAPÍTULO 4

Durante as primeiras horas do sono, ela estava dopada. Ainda assim, remexia-se na cama, inquieta. Havia tanta coisa dentro dela querendo transbordar, mas sempre que pressentia qualquer manifestação mais profunda de sua consciência, calava as vozes com bebida, com remédios e com relacionamentos ocasionais e superficiais fora do casamento. Todavia, nada a preenchia, e a pressão só aumentava.

Quando o sono se fez mais profundo, ela se viu descendo uma escada que não tinha fim. Descia cada vez mais, vestida com roupas rasgadas, como se fugisse de um monstro perigoso e violento. A sombra do monstro a precedia, apavorante. Então, corria mais depressa, descia os degraus com maior velocidade. Escorregou em um deles e foi parar na base da escada, num corredor enorme e escuro. Apesar do medo e da exaustão da fuga, que lhe destruía as roupas e deixara fundas cicatrizes — algumas ainda abertas —, ela sentia-se atraída pelo desconhecido, movida por uma curiosidade inexplicável. Vários gritos começaram a vir de dentro dos quartos fechados. Conforme se ergueu do tombo e começou a caminhar pelo corredor, notou muitas portas. E de dentro delas, gritos horrendos. Tentou abrir uma das portas, sem sucesso. Estava trancada. Depois andou mais alguns passos e tentou outra. De novo a mesma coisa.

De súbito, viu uma figura enorme surgir da escuridão no fundo do corredor, vindo em sua direção. Quando chegou perto o suficiente para distinguir melhor, vislumbrou a figura de uma anciã, de cabelos longos e desgrehados, roupas escuras e pesadas, e os

olhos — o que mais a impressionou — eram opacos, como se fosse cega. A mulher estendeu os braços e convidou:

— Venha, vamos abrir as portas...

Jéssica soltou um grito de pavor e acordou suando. A lembrança do sonho logo se apagava, restando apenas as sensações desagradáveis. "*Que sonho horrível! Nem gosto de filme de terror*", pensou. Sentou-se na cama e tomou alguns goles de água. Seu coração batia acelerado, como se tivesse visto um fantasma, um monstro, algo indesejável. Conferiu o horário: passava das quatro da manhã. Logo teria de acordar. Virou-se de lado e tentou dormir novamente. Demorou um pouco, mas o efeito residual do remédio e o cansaço a fizeram adormecer.

Quando o alarme tocou, desligou-o e virou-se de lado, resmungando:

— Que sono!

Camuflado em uma frase corriqueira estava o verdadeiro desejo de não se enxergar, de não reconhecer sua condição interior. Murmurou, como se para si mesma:

— Queria continuar dormindo...

O apartamento logo encheu-se de sons e movimento. Felipe e Maria Helena se preparavam para o colégio e, como o pai estivesse viajando, a incumbência de levá-los recaía sobre Jéssica. Não cabia desculpas para atrasar-se no trabalho. Ativando mentalmente todos os hábitos profissionais de mais de vinte anos de carreira, colocou-se de pé e, em poucos minutos, estava pronta na sala de jantar, acompanhando os filhos no café da manhã.

Seguiu mais silenciosa do que o habitual enquanto dirigia. Ao deixá-los no colégio, despediu-se distraída, sem perceber os sinais ao redor. Maria Helena estava com olheiras profundas, um sinal evidente de queda de imunidade. Ainda tentara dizer à mãe antes de saírem de casa:

— Não me sinto muito bem...

— Está cansada, só isso. Precisa aprender a aguentar a pressão, filha, do contrário não vai realizar nada que preste. Vá, descanse quando voltar, durma mais cedo e estará tudo resolvido. Não pode ficar perdendo aula por qualquer motivo.

— Mas é que... mãe... — tentou argumentar.

— Não quero ouvir resmungos. Vamos, a semana que vem é de provas, precisa assistir às aulas de revisão. Descanse depois.

A jovem ficou contrariada. Como desejava que a mãe a enxergasse, reconhecesse suas necessidades, mesmo as mais sutis... Mas, ao contrário, Jéssica mostrava-se fria e indiferente. Quando desceu do carro, a adolescente bateu a porta com força, na esperança de chamar sua atenção. Quem sabe assim, diante do risco de avariar o carro tão apreciado, a mãe a notasse. Mas não teve sucesso. Jéssica, perdida em pensamentos, acelerou.

No hospital, estacionou o Mustang vermelho, orgulhosa. Sorriu ao limpar algumas folhas do para-brisa. Quando caminhava para o elevador, sentiu alguém se-gurar-lhe o braço com força. Virou-se irritada e deparou-se com Omar.

— O que é isso, Omar? O que deu em você? — exclamou, sendo puxada para um canto do estacionamento.

— Por que não atendeu minhas ligações ontem? Tentei falar com você várias vezes e você desligava.

Ela suspirou, entediada:

— Ah, era isso?

— E o que mais seria?

— Não precisa se alterar. Eu estava exausta ontem, com tudo o que aconteceu.

— E o que foi, exatamente?

— Perdi uma paciente!

— E daí? Isso faz parte da vida de um médico, ainda mais de um cirurgião. É indesejado, mas corriqueiro.

— Eu não diria corriqueiro, Omar.

Ele apertou o braço dela com mais força:

— Por que está falando comigo nesse tom? Prefiro seus sussurros sob os lençóis.

— Me solte, Omar. Está me machucando — pediu, firme, sem se mover.

Ele a encarou:

— Não pense que vai brincar comigo como faz com os outros residentes. Não sou um moleque. Posso ser bem mais persuasivo...

e perigoso.

Um arrepio percorreu o corpo de Jéssica, que compreendia a ameaça, mas manteve a pose:

— Então solte meu braço e não seja mais infantil do que eles.

Ele pareceu prestes a avançar, mas súbita chegada de outros colegas deu fim ao momento tenso. Soltando-a, disse:

— Sou seu amigo, Jéssica. Quero o seu bem. Mas me trate como mereço, para o seu próprio bem.

Ela não respondeu. Seguiu para o elevador. Já em seu consultório, sentou-se à mesa e reviveu mentalmente o ocorrido. Nunca percebera tamanha agressividade em Omar. Gostava de sua determinação, mas jamais imaginara que o gentil companheiro escondia um temperamento hostil.

A lembrança trouxe à mente a imagem da anciã do sonho — de cabelos longos e desgrenhados, olhos opacos. Uma bruxa? Uma feiticeira? Um fantasma? Afastou os pensamentos. O dever a aguardava.

CAPÍTULO 5

O dia se arrastava lentamente. A médica, que havia desmarcado seus compromissos pela primeira vez em meses, tinha agora tempo para ficar a sós consigo mesma. Depois de organizar os papéis sobre a mesa, limpando o lixo acumulado, passou a rever a agenda de trabalho e, em seguida, os compromissos pessoais. Dentro de uma agenda antiga, que vasculhou antes de descartar, encontrou fotos suas com os filhos ainda pequenos, durante uma viagem a um hotel fazenda no interior do Estado. Segurou a foto por longo tempo, recordando aquele dia de sol em que, junto do marido e das crianças, fizeram um piquenique em uma clareira em meio à mata nativa da Serra da Mantiqueira. Muitas lembranças suaves lhe vieram à mente. Jéssica sorriu ao reviver aqueles momentos e, suspirando fundo, como quem sente saudade de um tempo que já não existe, jogou a velha agenda fora e guardou as fotos em um canto da gaveta, murmurando:

— Por isso prefiro as agendas em papel... A tecnologia é boa, mas não tem lugar para tudo.

Recostou-se na cadeira e percebeu a ansiedade subir-lhe do coração à garganta, acelerando de leve os batimentos cardíacos e alterando sua respiração. Folheou a agenda em busca de algum antigo relacionamento com quem pudesse almoçar, e talvez algo mais. Estava habi-tuada a afogar mágoas em companhias masculinas. Escolheu um nome e quase fez a ligação, mas lembrou-se de que aquele caso terminara mal e desconfortável, a ponto de nunca mais se falarem. Aliás, percebeu de relance, todas as suas relações fúteis e vazias acabavam de maneira desastrosa. Depositou o celular sobre a mesa e levantou-se sem pressa. Foi até a janela e

contemplou o dia ensolarado e o movimento da avenida logo abaixo. O barulho de sirenes era constante, assim como o vai e vem de pessoas diante do hospital.

Jéssica normalmente não parava um minuto sequer. Sempre ocupada, sua lista de tarefas era interminável, e ela vivia voraz, insatisfeita, ávida pela próxima atividade ou compromisso. Mas, naquele dia, sentia-se estranha, um pouco deprimida. Por fim, exclamou:

— Quer saber de uma coisa? Vou para a academia. Malhar vai me fazer bem. Esse sentimento vai embora rapidinho.

Sem pensar de novo, pegou a mochila de exercícios, que sempre deixava pronta à mão para qualquer tempo livre, e saiu, avisando Amanda:

— Vou para a academia e já volto. Se precisar, estou com o celular.

— Está certo, doutora.

— Como está a agenda de amanhã?

— Várias consultas confirmadas.

— Ótimo. Quando eu voltar, você me passa tudo.

Duas horas depois, Jéssica voltou energizada. Assim que entrou em seu consultório, o celular tocou: era Omar. Irritada com sua insistência em controlá-la, recusou a ligação. Mal desligou, ele ligou novamente. E outra vez. Até que, na sexta tentativa, Jéssica ouviu sua voz conversando com Amanda. Não houve tempo para mais nada: ele já estava na porta do consultório.

— Boa tarde, doutora. Por que não atende minhas ligações?

— Preciso ficar um pouco sozinha para me recompor, Omar. Não é possível que não entenda isso! Só quero um tempo para mim.

— E no que atender minhas ligações impede que tenha esse tempo? Só quero saber se precisa de algo, nada mais.

— Já disse que estou bem, que só preciso de um tempo. Mas você insiste...

Ele se aproximou, abraçou-a pelas costas e sussurrou em seu ouvido:

— Estou com saudades...

Sentindo-se sufocada, ela afastou-se e respondeu:

— Também estou com saudades, mas não tenho cabeça para isso agora. A morte de Elaine me abalou mais do que eu poderia imaginar.

— É porque você é burra, se envolvendo com seus pacientes. Sabe que não deve fazer isso.

— E não faço.

Ele riu, irônico:

— Então esqueça isso tudo e vamos sair hoje à noite.

— Não posso. Vítor volta de viagem hoje e teremos um jantar em família.

— Que bonitinho... Não voltaria só no fim de se-mana?

— Sim, mas antecipou — insistiu, mentindo.

Fitando-a com olhar ameaçador, falou sério enquanto segurava a maçaneta da porta, ensaiando a saída:

— Resolva suas questões, mas precisamos nos encontrar e conversar. Entendeu?

— É claro — respondeu a médica, novamente tomada pelo arrepio que tanto detestava. Ergueu-se e falou ríspida: — Quando me sentir melhor, eu aviso.

Ele sorriu. A expressão em seu rosto era sinistra. Não respondeu, apenas saiu.

À noite, depois do jantar, Jéssica assistiu a um filme com os filhos — algo raro em sua rotina. Mais tarde, assim que se deitou, tomou o remédio para dormir. Não queria pensar nem sentir. Queria esquecer, deixar que o tempo levasse para longe aquelas sensações que não passavam. Pensou em Elaine, na mulher doce que fora, no amor pela vida que exalava, em sua presença discreta e marcante. Quanto mais pensava nela, mais se martirizava. *“Como pude perdê-la, Elaine?”*

As lembranças da cirurgia retornavam com insistência. A nítida imagem de Elaine conversando com ela enquanto o corpo jazia inerte sobre a mesa era perturbadora demais para quem não acreditava na vida após a morte. Quanto mais buscava justificativas racionais e científicas, mais se sentia abalada pelo inexplicável. Em todos os seus anos de profissão, jamais vivera experiência semelhante. Já havia perdido pacientes antes, mas nunca daquele

modo. Ela queria se livrar das marcas daquela vivência. Não contou a ninguém. Mesmo assim, o ocorrido permanecia vivo, voltando sempre, incessante.

Sentiu o sono chegar e pensou, antes de adormecer: *“Isso, bendito sono... me ajude a esquecer.”*

Entretanto, logo se viu novamente descendo a escadaria interminável do sonho da noite anterior. Quando chegou ao fim, avistou a velha mulher que vinha em sua direção. Tentou abrir uma porta: estava fechada. Tentou outra, também fechada. Assim foi, porta após porta. A mulher então colocou uma pequena chave no chão e desapareceu. Jéssica pegou a chave e, como se já soubesse qual escolher, abriu uma das portas. Entrou devagar no quarto escuro, que logo se fechou atrás dela. Tomada por pânico, tentou sair, mas a chave desaparecera.

Olhou ao redor, sem enxergar nada. De repente, um homem — mais animal que humano — surgiu na escuridão, com olhar de brasas. Aproximou-se e começou a estrangulá-la. Ela lutava, mas não conseguia respirar. Quando já não havia ar, acordou tossindo e sentou-se na cama, recuperando o fôlego.

— Mas que inferno de sonhos são esses? — murmurou, passando as mãos pela cabeça como se quisesse arrancar as imagens. Como médica, intuía a resposta, mas preferia ignorar.

Levantou-se, foi até a pequena adega, abriu uma garrafa de vinho e bebeu-a inteira. Não queria lembrar. Não queria sentir. Não queria ver...

CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, enquanto dirigia para o hospital, o trânsito parou e ela baixou o espelho retrovisor para conferir sua aparência. Estava com ar cansado. Achou-se feia, horrível, na verdade. Sentiu-se velha e sem brilho. Tudo passou num relance, e, de imediato, enfiou a mão na bolsa que estava no banco do passageiro e tirou um batom vermelho do pequeno estojo de maquiagem que carregava para todo lado. Aplicou uma camada do cosmético caro e importado e, depois do processo concluído, olhou novamente no espelho. Sentiu-se um pouco melhor. Pelo menos não parecia tão abatida.

A insatisfação crescia e se ampliava, contaminando seu estado de espírito. Tudo lhe parecia fora de lugar, errado, ruim. O celular tocou. Ela não atendeu. Tocou de novo. Como o trânsito havia parado novamente, puxou o aparelho da bolsa e olhou: era o marido. Ele não costumava ligar quando viajava a trabalho. Ao ler os recados, ficou assustada.

"Jéssica, por que não me atende? Preciso falar com você agora. É sobre Maria Helena."

A médica estremeceu. Acabara de deixar os filhos no colégio... *O que poderia ter acontecido?* Pensou aflita, enquanto ligava para Vítor.

- Oi, Jéssica, até que enfim consigo falar com você.
- Desculpe... o celular estava na bolsa... não escutei. O que houve?
- Onde você está?
- Estou quase chegando no hospital.

— Precisa voltar para o colégio.

— O que houve?

— Maria Helena se acidentou. — A voz dele era cheia de angústia.

— O que aconteceu?

— Parece que foi um acidente...

As pernas de Jéssica começaram a tremer e a visão ficou turva, imaginando o pior.

— Estou pegando um retorno agora e vou para lá.

— Assim que tiver notícias, me avise.

— Mas é claro!

— Por favor, me avise mesmo. Não vá se esquecer de mim, como costuma fazer...

Jéssica ficou muda e enfurecida. Como ele podia cobrá-la num momento como aquele?

— Eu ligo — respondeu irritada e desligou.

Seu coração batia acelerado. Ligou para o colégio em busca de notícias, informando que estava a caminho.

— Olá, Eliete, é a mãe da Maria Helena. Não conseguiram falar comigo?

— Tentamos, mas seu telefone não atendia...

Jéssica respirou fundo, lembrando-se de que, por conta das insistentes ligações de Omar, havia colocado o celular no modo silencioso.

— Desculpe, às vezes meu telefone não funciona como deveria...

— Entendo — respondeu a coordenadora pedagógica. — Maria Helena está mais calma agora.

— O que aconteceu?

Por dois segundos, Eliete ficou em silêncio, hesitante. Depois respondeu:

— Quando a senhora chegar aqui, conversamos com mais calma. Mas pode ficar tranquila, ela está bem agora, descansando na enfermaria.

— Ela se machucou?

— Nada grave.

— Meu Deus, caiu, brigou, o que foi que aconteceu?

— Teve um mal-estar e desmaiou. Mas já acordou e está bem. Pode vir com calma.

Jéssica desligou em seguida, nada convencida com as informações. A filha era saudável, praticava esportes, e ela vivia fazendo check-ups na menina, quase compulsivamente, inclusive contra a vontade do pai. O que poderia ter escapado? O que estaria acontecendo?

Assim que chegou, deixou o carro no estacionamento com o manobrista e correu para a enfermaria. A-vistou a filha sentada e correu em sua direção.

— Maria Helena! Como você está, filha?

— Estou bem, mãe. — A voz da jovem era fraca, baixa, hesitante.

— O que aconteceu? — A mãe foi tirando o curativo da testa para avaliar o estado. — Que hematoma feio... Acho melhor fazermos uma ressonância. Me conte, o que houve?

Maria Helena respondeu com olhar suplicante:

— Podemos ir para casa? Lá te conto tudo...

— Do que está com medo, filha? Pode me contar aqui mesmo. Se fizeram algo com você, se alguém está a ameaçando, eu quero saber.

A jovem segurou forte o antebraço da mãe e pediu:

— Não é nada disso. Mas eu quero ir para casa, por favor.

— Onde conseguiu esse hematoma?

— Eu caí e bati a cabeça...

— Então vamos ao hospital fazer uma ressonância. Depois te levo para casa.

— Você não tem compromissos hoje?

— Enquanto estiver fazendo os exames, resolvo meus compromissos. Depois vamos para casa, para eu entender essa história.

Maria Helena abriu um sorriso leve, satisfeita com o carinho da mãe, e concordou. Logo as duas estavam no hospital e Jéssica conseguiu encaixá-la para os exames em caráter de urgência.

Duas horas depois, enquanto a filha, bem mais relaxada, comia um lanche esparramada na poltrona do consultório, Jéssica entrou com os exames nas mãos. Analisou as imagens cuidadosamente e, depois, depositando os documentos sobre a mesa, virou-se e informou:

— Está tudo bem, filha. É só esse hematoma. Não afetou nada. Você vai ficar bem. Agora, poderia me contar o que aconteceu? O que sentiu? Conte-me todos os detalhes.

Maria Helena terminou o sanduíche, tomou um gole de água e ajeitou-se na poltrona. Fitou a mãe nos olhos, séria e preocupada. Jéssica não pôde ignorar.

— Fale sem medo. O que houve?

— Você vai me achar maluca.

— Como assim, por quê?

— É que eu vi umas coisas...

Jéssica gelou.

— O que você viu?

Maria Helena começou a chorar.

— Não sei direito... não sei explicar...

— Tente, por favor... — insistia a mãe, apreensiva.

— Eu vi umas formas escuras, estranhas, meio humanas, meio monstros... Acha que estou ficando louca? — sem esperar resposta, prosseguiu: — Uma delas veio em minha direção, como se tivesse percebido que eu as via...

— Eram várias formas escuras?

— Várias... Uma delas me empurrou, me chutou. Fiquei assustada, saí correndo e então tudo ficou escuro. Quando acordei, estava no pátio, com todo mundo em volta de mim... Foi horrível, um sentimento ruim, mais horripilante do que todos os filmes de terror que já assisti. — Ela fez uma pausa e insistiu: — Será que estou ficando maluca? Vendo coisas que não existem? Ou existem, mãe?

Embora Jéssica não acreditasse no invisível, em Deus ou na vida espiritual, a visão de Elaine não lhe saía da cabeça, martelando uma verdade que ela insistia em não enxergar, lembrando-lhe de

que havia algo mais. Abraçou a filha e respondeu, tentando tranquilizá-la:

— Não acho que esteja ficando maluca. Vamos descobrir o que é isso, Maria Helena. Vamos descobrir juntas, está bem?

Sentindo-se amada e protegida, a filha abraçou forte a mãe. Jéssica, que há muito não experimentava aquela ternura doce, entregou-se igualmente ao longo abraço, que envolveu ambas em vibrações sutis, tratando as dores, os medos e as angústias de cada uma.

CAPÍTULO 7

Enquanto retornavam para casa, Maria Helena, mais tranquila, seguia distraída com os fones de ouvido, escutando suas músicas favoritas. Já Jéssica permanecia séria, tensa e preocupada. Segurava o volante com tanta força que parecia querer arrancá-lo. Embora tivesse conseguido acalmar a filha com ternura genuína, sentia-se contrariada com tudo aquilo. Começava a se preocupar com o trabalho, interrompido e postergado com tanta frequência nos últimos dias. Pensamentos cruzavam sua mente de forma aleatória, mas uma preocupação insistia em aflorar: a ligação do marido. Jéssica não gostara do tom nem da modulação na voz dele. Vítor estivera frio, distante e mais irritadiço do que o habitual. Ela percebia tudo, mas, como vinha fazendo há algum tempo, ignorava os avisos da intuição.

Estavam chegando em casa quando o celular de Jéssica tocou. Ela viu quem chamava e desligou. O aparelho tocou de novo, chamando a atenção de Maria Helena, que esticou os olhos para tentar ver quem ligava com tanta insistência. A mãe desligou novamente. Outra vez o telefone tocou. Desta vez, a filha tirou os fones de ouvido, olhou para a mãe e indagou:

— Quem é, mãe?

— É trabalho, filha.

— E por que não atende? Seu trabalho é sempre tão importante... E se for algum paciente?

Jéssica forçou um sorriso ao responder:

— Não é um paciente, é do hospital. Mas não quero falar de trabalho agora. Quero ficar aqui com você, em paz. Será que posso fazer isso, filha?

Desta vez foi Maria Helena quem abriu o sorriso, sentindo-se realmente importante por receber tal prioridade da mãe. Antes que o telefone tocasse novamente, Jéssica colocou-o no modo avião e seguiu tranquila para casa.

Quando entrava na garagem do prédio, avistou Omar encostado em um carro, bem na frente da entrada principal. Ela gelou. Ele a viu e aproximou-se da janela do motorista, batendo de leve no vidro, sem cerimônia, sem se importar com a presença de Maria Helena. Jéssica forçou um sorriso, quando, na verdade, sentia vontade de arrancar o sapato de salto e atingi-lo na cabeça. Abriu o vidro e disse, tentando soar simpática:

— Oi, Omar, tudo bem?

— Estou tentando falar com você, mas como não responde, achei melhor vir pessoalmente...

— É claro. Acabei de vir do hospital, Maria Helena fez uns exames. Ela passou mal na escola, teve um desmaio.

Ele esticou o olhar por sobre os ombros da médica e cumprimentou:

— Como vai, Maria Helena? Está melhor?

— Só um pouco cansada, mas estou bem.

Omar ficou em silêncio, fixando os olhos em Jéssica. Quando a porta da garagem se abriu completamente, ela disse:

— Te ligo mais tarde, assim que estiver mais calma por aqui. Agora não quero falar de trabalho, você compreende, não é?

Ele não respondeu. Ela subiu o vidro do carro e entrou na garagem, olhando-o imóvel pelo retrovisor. Maria Helena registrava tudo e começou a achar estranho.

— O que ele quer afinal, mãe? — indagou.

— Me perturbar, é o que ele quer...

— Como assim?

— Ele não consegue fazer o trabalho dele e fica que-rendo minha ajuda o tempo todo. É um fraco, esse Omar...

— Nossa, mãe, mas você sempre gostou de ajudar seus colegas.

— É, mas esse me irrita...

As duas subiram e, assim que entraram no apartamento, o interfone tocou.

— Eu atendo — correu Maria Helena prontamente.

Jéssica passou rápido à frente e recomendou:

— Vá tomar um banho e descansar, filha. Eu cuido disso. Pode ir.

Maria Helena não retrucou. Estava mesmo cansada e foi para o quarto, no segundo andar, enquanto a médica atendeu o interfone.

— Pois não.

— Tem um Omar aqui querendo falar com a se-nhora. Ele é bem insistente.

— Pode colocá-lo na linha, por favor.

— Oi, Jéssica.

— Omar...

— Não terminei minha conversa com você.

— Pelo amor de Deus, Omar, não percebe que não pode vir aqui? Estou com a minha filha. Não posso chamar a atenção para nós dois.

— Isso é um problema seu, minha cara. Já lhe avisei que não vou ficar no vazio, nem ser tratado como um recém-formado. Precisamos conversar e não quero mais que me evite. Você parece não estar me compreendendo bem.

Algo na voz dele fez Jéssica sentir frio na espinha. Era ameaçador e sarcástico. Resolveu mudar de estratégia.

— Você está certo, Omar. Precisamos mesmo conversar. Vamos almoçar amanhã.

— Vamos jantar amanhã.

— Não posso. Vítor tem um compromisso comigo.

— Não quero nem saber. Quero prioridade sobre ele. Jante comigo amanhã ou vou infernizar ainda mais a sua vida.

— Pare com isso. Jantamos na sexta-feira, assim fico mais tempo com você. Amanhã não poderei demorar. Na sexta, quem sabe podemos até passar a noite juntos. Faz tempo que não dou plantão...

— Agora vi alguma vantagem. Jantamos na sexta-feira, sem cancelamento. Combinado?

- Está combinado. Jantar na sexta.
- Com direito a pernoite.
- O pernoite não posso confirmar agora.
- Com direito a pernoite, Jéssica.

Ela ia responder, mas ele desligou o interfone.

— Desgraçado! — gritou, colocando o aparelho com força na base. — Que idiota esse Omar. Petulante...

Novo arrepio percorreu sua espinha, como se a alertasse de que corria perigo. Mas, desconectada de sua intuição, ignorou o aviso, como vinha fazendo há tempos.



Naquela noite, após o jantar, e depois de certificar-se de que a filha estava bem, Jéssica recolheu-se ao quarto. Sentou-se na cama, diante de um grande espelho. Olhou o próprio reflexo e, de súbito, teve uma sensação que atravessou todo o seu ser: parecia que a mulher no espelho era uma estranha, como se não fosse ela mesma. O desconforto foi enorme. Fechou os olhos, tentando afugentar o mal-estar. Uma pergunta inesperada surgiu: quem é você?

Ao pensamento, Jéssica sorriu e argumentou consigo mesma: *"Que pensamento ridículo. Eu sou a doutora Jéssica Alencar. Cirurgiã, competente, rica, bem-sucedida, com uma agenda lotada para os próximos cinco meses. Essa sou eu. Uma mulher poderosa, que ninguém segura. Uma vencedora!"*

Levantou-se da cama cheia de atitude e foi para o banho. Enquanto a água morna escorria pelo corpo, a pergunta voltava como se fosse uma voz externa: *quem é você?* Como se não conseguisse controlar a própria mente, passou a ignorar a indagação absurda, tentando silenciá-la.

Depois do banho, ligou para o marido:

- Oi, Vítor. Pode falar?
- Oi, Jéssica. Sim, acabei de chegar do congresso, estou no quarto. Como está Maria Helena?

— Está bem. Não foi nada sério. Ela teve um mal-estar e desmaiou. Disse que viu umas figuras de-sagradáveis, como

sombras, e que uma delas a atacou.

O pai ficou alguns minutos em silêncio, depois perguntou:

— Ela está bem mesmo?

— Está. Levei-a ao hospital e fiz vários exames. Tudo normal.

— Pena que não podemos examinar a alma dela, não é mesmo?

Agora foi a vez de Jéssica ficar em silêncio.

— O que você acha? — insistiu ele.

— Ela vai ficar bem. Não creio que precise levá-la a um psiquiatra ou psicólogo, ao menos por enquanto. Vou observar.

— Graças a Deus. Quero conversar com ela, ver se percebo algo nas emoções que nos dê pistas.

Novo silêncio. Jéssica respondeu:

— Contanto que você não faça suas experiências psicológicas nela, está tudo bem.

— Sou psicólogo, Jéssica. Como posso deixar de olhar nossa filha por esse ponto de vista? É impossível.

— Mas não quero saber de seus diagnósticos metafísicos...

— Eu sei que você os despreza, mas há pessoas que se curam com algumas das técnicas que aplico.

— Não me importo, Vítor. Quero nossa filha longe dessas maluquices espirituais...

— Não são maluquices, Jéssica. Se você me escutasse um pouco mais, entenderia que são parte de uma ciência deixada de lado por interesses...

— Pode parar. Estou cansada, Vítor. Muita coisa acontecendo.

— Você me parece mais tensa do que o normal. O que houve?

Jéssica hesitou, mas resolveu abrir-se parcialmente:

— Lembra-se daquela paciente que encontramos em um evento beneficente?

— A Elaine? Claro. Apreendi muito com ela.

— Pois é. Ela morreu nas minhas mãos, durante a cirurgia.

— Puxa, Jéssica! Sinto muito. Imagino o impacto que isso teve em você. Quando foi?

— No início da semana.

— E por que não me contou? Por que não me ligou? Como está lidando com isso? Sei que gostava dela.

— Ela era diferente, tinha algo que não sei explicar...

— Sim, tinha uma luz, um amor difícil de encontrar.

Enquanto escutava o marido, os olhos de Jéssica encheram-se de lágrimas. Ela realmente gostava de Elaine. Engoliu as lágrimas e acrescentou:

— Vou ficar bem. Afinal, são danos colaterais da minha profissão.

— Você confia bastante em sua experiência. Mas muitas vezes, as coisas fogem ao nosso controle.

— Estou bem, apenas cansada. É muita coisa. Mas vou dar conta, Vítor. Sempre dou...

— Isso é uma indireta?

— Não.

— Pois acho que é. Insinua que eu não dou conta do que deveria?

— Claro que não.

— Você costuma me alfinetar o tempo todo. Nosso casamento não é competição. Já te falei que me sinto feliz com meu trabalho, minha carreira e com a vida como um todo, com exceção...

Seguiu-se um silêncio desconfortável. Jéssica insistiu:

— Pode falar. Com exceção do quê?

— Amanhã à noite estarei em casa. Conversamos quando eu chegar.

— Pode dizer agora mesmo ou vai fugir de novo? — Jéssica começou a se alterar. Vítor, por sua vez, abaixou o tom de voz:

— Amanhã conversamos. Boa noite, Jéssica. — E desligou sem esperar resposta.

CAPÍTULO 8

Enquanto se remexia de um lado para o outro na cama, Jéssica pensava no que ocorrera com a filha. O que ela teria visto? O que seriam aquelas sombras? Será que sua filha tinha problemas mentais? Então, quase sem querer, lembrava-se da imagem de Elaine ao seu lado, enquanto o corpo jazia sem vida na mesa cirúrgica. Será que ela própria também estava doente? Teria antepassados com problemas mentais? Nunca soubera de nada nesse sentido, mas certamente teria de conversar com os parentes, para saber se estava ficando louca — e, talvez, a filha também...

Ao concluir esse pensamento, suspirou fundo, como quem se resigna diante do inevitável. Virou-se de lado, abriu no escuro a gaveta da mesa de cabeceira e tateou dentro dela, à procura do remédio para dormir. Encontrou-o, abriu o frasco e tomou um comprimido. Precisava descansar. Fechou os olhos, tentando alcançar o silêncio mental, esperando que o sono chegasse. Mas os pensamentos vinham em sequência, perturbando-lhe a tranquilidade: Maria Helena, Elaine, as ameaças de Omar e a conversa com o marido. Agora ainda teria de recorrer aos parentes, vasculhar a história da família, pedir ajuda — e detestava tanto essa ideia que o incômodo lhe tirava o sono, mesmo com calmantes.

Depois de revirar-se muito, acabou por adormecer. O sono era leve e agitado, mas, aos poucos, foi se-renando até mergulhar em estado mais profundo. Viu-se descendo novamente as mesmas escadas dos sonhos anteriores, mas, dessa vez, eram ainda mais longas, intermináveis. Olhava para baixo e não via o fim. De repente, as escadas desapareceram, e ela se encontrou em um grande corredor cheio de portas. Sons estranhos ecoavam, como

grunhidos de pessoas em dor e sofrimento. Olhou para si mesma e notou que estava descalça, vestindo roupas antigas, como as de um filme da Idade Média. Nas mãos, carregava um punhado de plantas. Tentou reconhecê-las, mas logo avistou a velha horripilante vindo do fundo do corredor. Como sempre, saiu correndo e tentou abrir a primeira porta que encontrou. Ela se abriu, mas, assim que entrou, deparou-se novamente com o mesmo corredor, a anciã se aproximando.

Dessa vez, ela caminhava devagar, passo após passo, sem pressa, como se tivesse certeza de que alcançaria Jéssica. A médica tentou fugir, correndo por outra porta, mas, ao atravessá-la, ouviu vozes em uníssono:

— Bruxa! Bruxa! Bruxa!

Assustada, tentou sair, mas a porta estava trancada. A escuridão era completa, e os gritos não cessavam.

De repente, estava outra vez no corredor, diante da velha mulher que segurava algo com as duas mãos. Aproximando-se, Jéssica viu que era uma esfera de luz intensa, como um pequeno sol. Sentiu-se atraída, mas, ao olhar o rosto da anciã, um pânico a dominou, e saiu correndo novamente. No lado oposto, viu a escada por onde descera e correu até ela. Mas, ao colocar o pé no primeiro degrau, sentiu uma mão segurando-lhe o braço. Virou-se e viu a horrenda mulher ao seu lado. Ela a chamou:

— Jéssica!

E lhe ofereceu a esfera de luz.

A médica fitou a mulher, e, de repente, a imagem desapareceu. Ainda assim, sentia o braço sendo puxado com força, cada vez mais forte, até ouvir:

— Mãe!!!

Assustada, abriu os olhos e viu o filho em pé ao lado da cama. Ainda confusa, indagou:

— O que foi? O que houve?

— É a Maria Helena.

Jéssica sentou-se de súbito, buscando recobrar a consciência.

— O que tem?

— Ela está lá na sala, falando coisas estranhas, com um olhar esquisito. Estou com medo dela. Está andando de um lado para o outro, como se não me visse...

— Sonâmbula...

— O quê?

A médica vestiu-se às pressas e pediu ao filho:

— Deixe que eu converso com ela. Se estiver sonâmbula, vou levá-la com calma de volta ao quarto.

Quando chegaram à sala, Maria Helena olhava fixamente para a mãe, mas parecia atravessá-la com o olhar. Então disse:

— Precisa despertar, doutora. Esse sono profundo a levará para o abismo, e ele será fundo demais, difícil de escapar. O tempo está acabando. Precisa despertar enquanto ainda é possível. A porta está se fechando. Precisa acordar!

— Filha, venha comigo — pediu Jéssica, aproximando-se com delicadeza.

— Sabe que sou eu, doutora. Elaine. Precisa me escutar. Não me ouviu quando lhe falei, ainda no corpo físico. Precisa me ouvir agora, que já faço parte do mundo dos espíritos.

Jéssica gelou. Ficou paralisada, sem saber o que pensar ou fazer. E Maria Helena prosseguiu:

— Tem de parar de fugir. A negação vai destruí-la mais rápido do que imagina. Entidades degradantes se preparam para tomar sua casa e sua vida. Todos os esforços estão sendo feitos para alertá-la. Precisa me ouvir, doutora. Precisa acordar! Ele quer matá-la...

Ao ouvir isso, Jéssica teve certeza de que se tratava de Omar. Aquela era, definitivamente, a voz de Elaine. Maria Helena abraçou a mãe com imensa ternura e sussurrou em seus ouvidos:

— Precisa tomar cuidado com Omar e parar de fugir daquela anciã assustadora. Precisa aceitar o que ela lhe oferece. A loucura, na verdade, é continuar negando a realidade.

Tomada por um sentimento inexplicável, Jéssica não conteve as lágrimas. Elas desciam por sua face ru-borizada pelo nervosismo. Felipe assistia à cena sem compreender, mas, obedecendo ao pedido da mãe, permaneceu em silêncio.

Maria Helena enxugou as lágrimas da mãe e esclareceu:

— Sua filha é médium e está captando os perigos que rondam sua vida. Ela não está louca, nem você. Mas a loucura já está instalada, como acontece com todos os que permanecem adormecidos, hipnotizados pelas mentiras em que acreditaram e pelas ilusões que construíram. Isso não pode mais subsistir agora que a Terra atravessa um de seus momentos mais importantes desde a criação.

Fechando os olhos por instantes, quando os abriu novamente, Maria Helena parecia desperta. Olhou para a mãe e perguntou, confusa:

— O que estou fazendo aqui embaixo?

Era demais para Jéssica processar. Abraçou a filha e balbuciou:

— Está tudo bem, está tudo bem.

A jovem tremia, e a médica a levou para dormir em sua cama. Acomodou-a com carinho e afagou-lhe o rosto:

— Vai ficar tudo bem, filha.

— Mas... eu não entendo... o que aconteceu...

— Vamos dormir agora. Amanhã conversamos. Está tarde, precisamos descansar. Durma, querida. Estou aqui com você.

Deitada, Jéssica observava o rosto doce da filha até vê-la se acalmar e adormecer. Um turbilhão de pensamentos invadia sua mente. Detestava tudo o que estava acontecendo. Afastara-se da própria mãe por conta desses assuntos. Murmurou baixinho, certa de que Maria Helena já dormia:

— Que ódio disso tudo! Preciso consertar essa bagunça! Não vou admitir que nada estrague minha vida, meus planos, meus objetivos. Nada nem ninguém!

Respirou fundo, como se buscasse forças no âmago do ser, e fechou os olhos para tentar dormir. A ordem estava dada: enfrentaria os desafios com força, determinação e controle. Era tudo o que conhecia, tudo o que a trouxera até ali. Não sabia fazer diferente, mas a vida, cedo ou tarde, se encarregaria de ensiná-la.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, ao chegar em seu consultório, Jéssica acomodou-se e pediu à Amanda:

— Preciso de você.

De imediato a jovem entrou com a agenda nas mãos.

— Sente, precisamos reorganizar umas coisas. Como está minha agenda para a próxima semana?

— Hoje a senhora tem cinco consultas marcadas e um encaixe.

— Jogue o encaixe para a próxima semana. Mantenha todas as consultas e confirme os horários das cirurgias marcadas para as próximas semanas. Veja se o doutor Julio Menezes consegue uma breve reunião comigo hoje. Ele é um excelente psiquiatra e tenho certeza de que vai me ajudar a resolver umas questões importantes.

— Claro — respondeu a outra, já anotando a solicitação da médica.

— E já agende uma consulta para a Maria Helena com a Magali.

— Magali?

— Isso. A psicóloga que a atendeu há algum tempo.

— Acho que não tenho o contato dela.

— Procure nas agendas do ano passado. A outra secretária anotou em algum lugar. Localize e marque para o mais rápido que ela puder. Tem de ser no fim da tarde, que é quando a Maria Helena pode.

Fitando a jovem diante dela, que parecia um tanto atrapalhada com todas as orientações sendo dadas uma após a outra, sem pausa, a médica indagou:

— Fez o fechamento de minhas consultas do mês passado, para controlar os recebimentos dos planos de saúde?

— Estou finalizando.

— E os controles financeiros das cirurgias particulares? Preciso tudo isso na minha mesa no início da próxima semana.

— Claro, doutora, estou finalizando os dois relatórios.

— Muito bem, vamos trabalhar!

Amanda estava deixando a sala, quando Jéssica completou as suas demandas:

— Mais uma coisa.

A jovem virou-se:

— Veja se o doutor Omar pode vir até aqui antes da minha primeira consulta. Preciso falar com ele pessoalmente.

— Sim, doutora, vou chamá-lo agora.

Não demorou muito e Omar apareceu, batendo de leve à porta e já entrando. Jéssica, que analisava na tela do notebook sobre sua mesa os prontuários de suas consultas do dia, ergueu a cabeça e abriu um sorriso cínico:

— Oi Omar.

— Resolveu se dignar a me conceder um pouco de sua atenção?

Fitando o homem nos olhos, como a mostrar que não tinha medo dele, que iria enfrentá-lo, ela disse mantendo o sorriso forçado:

— Queria confirmar nosso compromisso de hoje à noite. Está tudo certo?

Ele fez menção de se aproximar dela, mas Jéssica afastou o corpo, encostando as costas na cadeira, numa linguagem corporal clara de que desejava distância. Omar ficou parado, olhando para ela, tentando decifrar as suas intenções.

— E então, está tudo certo para hoje à noite? Vamos jantar no lugar de sempre?

— Podemos jantar no hotel em que sempre nos encontramos, mas acho melhor jantarmos direto no quarto. Estou com muitas saudades de você.

O revirar de olhos da médica deixou claro que ela ficou desagradada, que não era isso o que desejava. Mas Omar ignorou.

— Precisamos conversar... melhor jantarmos no restaurante, depois subimos, como sempre.

— Podemos conversar na cama, como já fizemos tantas vezes...

— Prefiro conversar no restaurante.

— Não. No quarto. Jantamos e conversamos no quarto. — A voz dele agora era enfática e irritadiça.

— Está certo, mas não poderemos passar a noite juntos. Nos encontramos lá as sete horas, pode ser? Vou jantar com você, depois tenho de ir para casa, o Vitor me esperará.

— Contanto que eu seja sua prioridade, concordo. Até mais tarde.

Ele saiu e deixou a médica de olhar perdido. Quem era aquele homem, afinal? Tornara-se um estranho para ela de um momento para outro. Foi despertada pelo som de batidas leves na porta:

— A dona Angélica chegou, doutora.

— Me dê cinco minutos e depois mande ela entrar.

Jéssica voltou-se para a tela do computador, buscando focar sua atenção no que tinha para fazer, ao mesmo tempo que tentava afastar da mente as lembranças das palavras que escutara de Elaine, pela boca da filha, na noite anterior.



Já eram quase sete e meia, quando Jéssica entrou no quarto 28, do pequeno hotel e flat nos Jardins, onde dispunha de um espaço permanente, um imóvel que herdara da mãe. Omar já havia chegado e esperava a médica, enquanto assistia ao noticiário.

Assim que a viu entrar, ele foi encontrá-la à porta e a beijou sofregamente. Embora sentisse apenas nojo dele naquele momento, ela retribuiu o arroubo, até que ele se acalmasse.

— Para agilizar, já pedi o jantar, deve estar chegando. Pedi o de sempre.

— Para mim está ótimo. Estou faminta.

Ela jogou sobre o sofá a bolsa e a sua maleta, com o notebook, documentos e exames de pacientes, que as vezes levava para casa, para analisar com calma as condições e necessidades dos casos mais críticos. Depois, sentou-se à mesa de jantar, ao lado de Omar, que lhe serviu uma taça de vinho, depois olhou para a garrafa, que estava vazia e comentou:

— Acabou! Vou pedir outra.

Jéssica segurou o antebraço dele e pediu:

— Uma só já é suficiente, Omar. Precisamos ter uma conversa que não será muito fácil...

Ele simplesmente a ignorou. Levantou-se, foi até o telefone, discou para o serviço de quarto e pediu outra garrafa. Depois sentou-se ao lado dela, segurou suas duas mãos, apertou-as com força e indagou:

— O que era mesmo que você dizia? Quer ter uma conversa difícil? Depois de todo esse trabalho que tivemos para marcar esse encontro, você quer conversar?

Ela soltou as mãos das dele, com força e falou firme:

— Não estou te reconhecendo, Omar. Você foi sempre tão compreensivo, e agora parece que ignora o que eu digo...

Ele levantou a voz e gritou:

— Ah, você quer que eu seja compreensivo enquanto você me descarta? — Ele agora apertava de leve o antebraço dela.

Jéssica ia responder quanto bateram à porta, trazendo o jantar, junto com a garrafa de vinho. O garçom colocou a comida na mesa, abriu a garrafa de vinho, serviu e saiu rapidamente.

A médica sentiu que deveria ter aproveitado a oportunidade da chegada do jantar para sair dali, mas ao invés de dar ouvidos à sua intuição, mais uma vez a abafou com raciocínios mais confortáveis.

Ele a serviu e depois tomou mais dois copos de vinho. Tentou servi-la, mas Jéssica recusou.

— Você mudou, Jéssica. Desde a morte daquela mulher, você está diferente. Parece até outra pessoa.

— Eu mudei? Não, Omar, foi você que ficou diferente.

— Porque você ficou distante... Eu quero você, Jéssica, mais do que nunca.

Ele a abraçou com força e ela se deixou ficar nos braços dele, que logo tentou levá-la para a cama. Ela mostrou resistência de pronto, enrijecendo o corpo, ao que ele indagou:

— O que foi? Vai se fazer de difícil agora, doutora?

— Não é isso, Omar, é que precisamos conversar. Você precisa entender.

Ele a agarrou com força e levou-a para a cama.

— Não doutora, você é quem precisa entender que você é minha!

— Omar! Sou uma mulher casada, que ideia é essa?

— Seu casamento é um lixo mesmo. Seu marido não te agrada e você o trata como um idiota. Mas comigo não será assim.

— Do que é que você está falando?

Ele começou a tirar a roupa dela, que tentava se safar das mãos do opressor.

— Não quero, Omar, hoje não quero dormir com você. Esse relacionamento está ficando descontrolado... Você está ficando descontrolado.

Ele segurou forte suas duas mãos e sussurrou no ouvido dela, forçando seu rosto sobre o rosto dela:

— Hoje e para sempre você será minha...

Apavorada, Jessica tentou livrar-se dele, que ignorou os apelos dela e forçou-a, possuindo-a à força, ferindo seus punhos e as regiões íntimas, tamanha a violência com que impôs seus desejos naquele momento.

Quando ele demonstrou um pouco mais de relaxamento, ela se levantou, ajeitando os cabelos e disse, em lágrimas:

— Não acredito que fez isso comigo. Não consigo acreditar... Bem que me avisaram...

Ele levantou-se da cama como um animal e desferiu-lhe um tapa no rosto, derrubando-a no chão, enquanto gritava descontrolado:

— Quem foi que falou? Quem envenenou você contra mim? Você é que é a culpada de tudo... Eu jamais faria isso se você não

me provocasse. Você é que é culpada...

Ele foi para cima dela, no chão, e deu dois chutes em seu abdômen enquanto vociferava. Depois ajoelhou-se sobre ela e deu um murro em seu rosto, perto da área dos olhos, depois deu outro perto da boca, e fez brotar sangue nos lábios da médica.

Jéssica estava atordoada. Embora visse os sinais que ele havia dado, ela ainda achava que conseguiria convencê-lo de sua decisão de se afastarem, pacificamente. Era o mais lógico, o mais sensato a se fazer, o mais racional e ela não compreendia as reações violentas do parceiro. Pensou que fosse morrer ali mesmo, nas mãos daquele homem, quando bateram à porta, perguntando se estava tudo bem e ele, sem explicação aparente, pego igualmente de surpresa, levantou-se sem saber ao certo o que fazer. Naquela fração de segundos, aproveitando a hesitação dele, Jéssica pegou as suas coisas e destrancou a porta, saindo correndo pelo corredor, colocando as roupas, diante do gerente atônito, que não sabia se corria atrás da mulher ou buscava explicações com Omar.

Sem olhar para trás, Jéssica desceu os dois lances de escadas, entrou no carro sem olhar para trás e saiu depressa do prédio.

Pensou em ir para a sua casa, mas logo temeu que Omar fosse atrás dela e parou em um hotel, entrou, e foi direto para a recepção.

— Preciso de um quarto.

A atendente assustou-se.

— O que houve com a senhora? Precisa de um mé-dico.

Ao perceber os olhares das pessoas que estavam no saguão do hotel sobre ela, Jéssica compenetrrou-se do seu estado lastimável. Olhou para si mesma, e sentiu a dor intensa em seu abdômen. Olhou para a atendente e não conseguiu dizer mais nada, tudo ficou escuro de repente e ela perdeu os sentidos.

CAPÍTULO 10

Quando Jéssica abriu os olhos, sua visão estava turva, como se houvesse uma névoa entre seus olhos e os objetos ao seu redor. Aos poucos, a nitidez retornou e ela viu onde estava: deitada em uma cama de hospital. À medida que recobrava a consciência, percebia a dor por todo o seu corpo. O rosto estava enfaixado, igualmente a região do abdômen. Muito atordoada, a médica buscava relembrar os últimos acontecimentos. A lembrança de Omar chutando-a e esbofeteando-a voltou-lhe à mente e a fez estremecer.

Fazia um esforço grande para lembrar mais, quando uma voz conhecida a fez tentar sorrir de alívio. Ela logo reconheceu o doutor Egídio, chefe do departamento de cirurgia do hospital. Ele entrou, falando animado:

— A mocinha acordou! Isso é muito bom!

Aproximou-se e segurou nas mãos dela. Jéssica indagou:

— O que aconteceu?

— Não tenho a menor ideia. Me diga você. O que houve? Como foi que ficou neste estado?

Tentando mudar o foco, ela indagou:

— Como eu estou, doutor?

— Bem avariada, eu diria. Mas com possibilidade de recuperação plena.

Jéssica deu um suspiro profundo, quase aliviada.

— No entanto — ele prosseguiu sério — sua cirurgia requer cuidados.

— Cirurgia? Que cirurgia? O que...

— Calma — ele segurou nas mãos dela, buscando acalmá-la. — É que você teve uma hemorragia interna na região das costelas, que tivemos de interromper rapidamente. Você sabe os riscos das hemorragias internas. Ainda bem que o pessoal do hotel onde você desmaiou localizou seu crachá do hospital e a trouxeram depressa para cá. Eu diria que mais meia hora, e você teria morrido...

— Foi sério assim?

— Três costelas fraturadas, Jéssica.

— E meu rosto... — indagou ela colocando as mãos sobre as ataduras.

— Está tudo bem. Vai ficar um inchaço bem feio aí, por algum tempo, mas não quebrou nada. Nada irreversível. Fizemos um exame minucioso assim que chegou, uma ressonância magnética completa e uma tomografia completa, para garantir que não havia mais nenhum ferimento interno escondido. Você vai ficar bem.

Ele fez uma longa pausa, depois sorriu e indagou novamente:

— O que foi que aconteceu com você, Jéssica? Acidente sabemos que não foi, pois seu carro está no estacionamento do hotel de onde foi socorrida. O que houve?

Jéssica ficou em silêncio por longo tempo, buscando organizar as ideias e escolher como deveria explicar-se. Deveria contar a verdade? Seria o fim de Omar, um jeito de detê-lo e puni-lo, mas certamente as consequências para ela seriam igualmente dramáticas. Seu casamento, sua família, seus filhos e mesmo colegas de trabalho. Sua vida ficaria exposta. Mas como justificar aquilo?

Enquanto elaborava a melhor estratégia, que aos poucos se desenhava em sua mente ágil, escutou a voz do marido, que a chamava, entrando no quarto.

— Jéssica.

— Vitor...

— Meu Deus, Jéssica, vim assim que me ligaram, mas só me deixaram ver você agora. Precisou passar por uma cirurgia de emergência. Você está bem?

— Quando você voltou?

— Ontem...

- Que dia é hoje?
- É sábado. Voltei ontem, se lembra?
- Sim... e que horas são?
- Oito da noite.

Ela pensou um pouco, depois balbuciou, com voz quase inaudível:

- Fiquei quase vinte e quatro horas fora do ar...

Ele se aproximou da cabeceira da cama e falou fitando doutor Egídio, enquanto acariciava o cabelo da esposa:

- Pois é, você nos assustou, querida.
- E como estão as crianças?
- Estão bem.
- Ficaram assustadas?
- Todos nós ficamos muito assustados. Não sabíamos sua real condição. Inclusive, preciso ligar para tranquilizá-los. Não sabia exatamente o que iria encontrar quando chegasse aqui.

— Claro. Vá, por favor, principalmente a Maria He-lena, precisa tranquilizá-la. Diga que estou bem, que logo vou para casa.

Quando Vitor saiu, já com o celular em mãos para falar com os filhos, doutor Egídio olhou para ela e indagou, incisivo:

— Preciso saber o que houve, para completar o seu prontuário. Sabe os procedimentos, Jéssica. Temos de avisar a polícia...

- Foi um assalto, eu acho...
- Um assalto?
- É. Eu reagi e os dois me espancaram e fugiram.
- Você acha que foi um assalto?
- É que algumas partes do que aconteceu estão perdidas em minha memória. Não consigo me lembrar exatamente.

— Onde tudo isso aconteceu?

— Eu estava indo tomar um lanche, para espairecer. Iria voltar para terminar alguns trabalhos e depois, ir para casa. Tinha tanta coisa na cabeça, estava falando ao celular, eu acho, quando se aproximaram. Nem percebi. Eles queriam o celular e minha bolsa. A quadra atrás do hospital é meio escura, e acho que foi ali que tudo aconteceu — Jéssica lembrou-se depressa que aquela era uma

quadra que não tinha câmeras de segurança que pudessem desmenti-la.

— E o que mais?

— Não lembro de mais detalhes. Começaram a me agredir e eu, na primeira oportunidade, fugi.

— E como foi parar no hotel? Fica do outro lado da Paulista...

— Eu não sei. Não me lembro. Não me lembro de mais nada...

Egídio olhava fixamente para ela, como se soubesse que estava mentindo. Por fim, acatou:

— Vou completar o prontuário com suas informações. Agora, trate de descansar.

— Quando posso ir para casa, doutor?

— Não pense nisso agora, precisa cuidar de sua recuperação, doutora, e sabe que isso leva tempo.

Ela baixou os olhos ao responder:

— Tenho muito trabalho...

— Sua agenda foi congelada, Jéssica. Sua assistente foi informada e está reagendando seus compromissos. Aproveite o inevitável, e descanse. Posso assegurar que você está precisando muito. Vai ficar tudo bem, se você tirar uns dias de folga. E assim, quando voltar, estará pronta para o trabalho.

— Obrigada, doutor Egídio.

O médico despediu-se e saiu. Quando estava do lado de fora do quarto, encontrou-se com Vitor, que finalizava a ligação.

— Ela disse o que aconteceu? — indagou o marido.

— Foi um assalto, como havíamos imaginado.

— Ai meu Deus, que perigosa está essa cidade!

— Perigosa é pouco. Está ficando inabitável... mas podemos dizer que ela teve sorte. Vai ficar bem. Com um pouco de paciência e calma, ela vai se recuperar totalmente.

— Pois é, doutor. O problema é que sabemos que paciência e calma não são atributos da Jéssica.

O médico pousou amigavelmente as mãos sobre o ombro de Vitor e concordou:

— Trate de segurar a fera, afinal, é sua mulher! Cuide dela. Vai precisar de apoio.

Vitor concordou balançando a cabeça e despediu-se do médico, voltando para o quarto onde a esposa se recuperava.

CAPÍTULO 11

Ele puxou a cadeira e sentou-se bem ao lado da cabeceira da cama, perto do rosto da esposa. Fitou-a nos olhos e, quase sem jeito, acariciou de leve seu cabelo, como se, mesmo não sentindo aquele impulso doce, soubesse que era o certo a demonstrar.

— Você me assustou, Jéssica. Assustou a todos nós.

— Falou com Maria Helena? E o Felipe? Estão bem?

— Não falei de sua cirurgia, enfim, da gravidade do que aconteceu. Disse que você foi assaltada, e que ficou muito abalada, por isso a trouxeram para o hospital.

— Precisa ir para casa, ficar com eles, Vitor, você precisa ir.

— Mas...

— Eu vou ficar bem. Você pode ir, precisa cuidar da Maria Helena, ela precisa do pai. Assim que tiver a previsão de quando vou poder sair, eu te aviso.

— Nada disso. Quero acompanhar o caso bem de perto...

— Não! — objetou Jéssica, em tom ríspido. Aquilo era tudo o que ela não queria. Ao contrário, preferia afastar o marido dali, com medo de que Omar aparecesse enlouquecido e colocasse tudo em sua vida a perder.

— Jéssica, se acalme.

Ela respirou fundo, procurando pensar com clareza, e depois disse, em tom de voz brando e contido:

— Eu juro que estou bem, querido. Minha maior preocupação agora, o que está me corroendo, é saber que a Maria Helena está sozinha em casa, pensando besteira. Ela pode não ter acreditado no que você disse. Eu a co-nheço bem. Ela se fecha, esconde o que

pensa e sente. E para tirar, nem com saca-rolhas... — falou e deu um leve sorriso, sentindo repuxar todos os esparadrapos em seu rosto.

Felipe abriu um sorriso sincero e confiante.

— Está certo, doutora. Vou confiar em seu diagnóstico. Em seu autodiagnóstico. Mas com uma condição.

Ela balançou a cabeça em concordância, e ele prosseguiu:

— Aqui está o seu celular. Deixei carregando enquanto você estava desacordada; quero que me mantenha informado a cada duas horas, todo o progresso, todos os exames, tudo. Pode me prometer que vai fazer isso?

— Eu prometo. De duas em duas horas não, mas pelo menos duas vezes em cada período do dia. Quando as informações mais significativas me serão passadas.

Ele beijou a testa da esposa, arrancando os melhores sentimentos do fundo do coração, e falou:

— Confio em você, Jéssica. E confio no doutor Egídio. Ele me garantiu que você ficará bem. Então, vou deixar você descansar e vou ver as crianças.

Ela forçou novamente um sorriso e ficou observando o marido, que pegou o blazer na cadeira e saiu com ele pendurado no antebraço.

Quando se viu sozinha, a médica começou a tremer. As lembranças do que havia vivido, da gravidade dos ferimentos, do risco de vida pelo qual passara, lhe faziam sentir medo, raiva, revolta e ódio. Tudo ao mesmo tempo. Como aquele desgraçado pudera agredi-la daquele modo? Ele seria um louco? Nunca percebera. Parecia um médico normal, igual a tantos outros que já havia conhecido. Nada nele despertara nela o receio... ela parou. Lembrou-se de uma vez estar com ele, e o telefone dele tocar com insistência e, depois de se afastar para atender, ela escutá-lo falando alto com alguém, sendo muito rude e agressivo. Depois, lembrou-se das atitudes invasivas nos últimos dias, e por fim, os avisos de Elaine, por sua filha.

— Meu Deus — ela balbuciou — como eu não percebi?

— Não percebeu o que, doutora? — era a voz amiga de Fernanda, entrando no quarto.

— Fernanda! O que está fazendo aqui?

— Acha que eu não ia saber que minha melhor amiga passou por uma situação dessas?

— Como ficou sabendo?

— Cansei de ligar para o seu celular sem resposta, e liguei para o Vitor. Desculpe, amiga, mas senti uma coisa ruim nesses dias e não desisti até ter notícias suas.

Fernanda sentou-se bem na ponta da cama e se-gurou a mão de Jéssica.

— O que houve? Foi aquele homem, não foi? Era isso que falava sozinha quando eu cheguei?

Jéssica não se conteve. Na presença segura da amiga de infância, ela desatou a chorar, segurando o furor, consciente de que não podia estourar os pontos da cirurgia.

Fernanda a abraçou e acolheu com a ternura de uma mãe.

— Chore, amiga, ponha tudo para fora. Mas chore com jeito para não estragar o que consertaram aí dentro.

Jéssica ficou abraçada à amiga, enquanto as lágrimas corriam pela sua face. Eram amigas há tanto tempo que Fernanda não pôde deixar de notar o quanto a médica lhe parecia perdida nos últimos tempos. Conheciam-se bastante, mas Jéssica vinha se afastando dela aos poucos, como uma criança que deseja esconder as suas traquinagens.

— Não precisa se esconder de mim, amiga. Nunca vou julgar você, sabe disso. Não é esse tipo de amiga que nós somos.

Jéssica se afastou e fitou Fernanda, dizendo:

— Eu não podia imaginar que ele fosse tão louco...

— Eu sei. Às vezes a gente fica meio cega, parece que não vemos nem escutamos nada...

Jéssica limpou o rosto com as duas mãos e prosseguiu:

— Como pude ser tão idiota?

— Olhe, não acho que seja o momento de você se massacrar. Você errou, e as consequências estão vindo; mas agora você precisa dar a si mesma todo o carinho, todo o colo do mundo.

— Como, Fernanda? Eu estou me odiando! Olhe só o que minha cegueira me causou! E não tenho a menor ideia de como vou sair dessa situação. Estou apavorada! E se ele tentar me agredir de novo?

— Precisa contar à polícia.

— De jeito nenhum! Não posso fazer isso, sem correr o risco de que Vitor e as crianças venham a saber do que aconteceu de fato.

Fernanda olhava fixamente para Jéssica, pensando em alternativas para ajudá-la.

— É, nisso você tem razão. Se a polícia vier, vão querer falar com o Vitor, e até mesmo com as crianças. Vamos ter de pensar em alternativas. O certo é que você precisa de proteção. Sabe do paradeiro dele?

— Não ousei tocar no nome dele até agora. Não sei se ele sabe a extensão dos ferimentos que me causou, ou se está arrependido por não ter me matado quando teve chance. Ele também deve estar com medo.

— Quer que eu tente assuntar por aí, para saber por onde ele anda?

— Não pode falar em meu nome.

— Sou jornalista, minha querida, antes de ser editora, sou jornalista. E sei como fazer uma matéria investigativa. Sei fazer as perguntas certas. Pode deixar que vou descobrir onde anda e o que está pretendendo esse maluco.

— Obrigada.

— Não precisa me agradecer. Ainda não fiz nada. Deixe os agradecimentos para depois que eu souber o que vamos fazer com esse doutorzinho.

Fernanda ficou em silêncio por algum tempo, depois arriscou uma sugestão:

— Enquanto isso, vou falar com Rafaela, do núcleo de apoio à mulher, o lugar que frequento, que ajuda e apoia as mulheres, está lembrada?

— Vagamente. Mas não quero que conte a ninguém, Fernanda. Ninguém mesmo.

— Jéssica, a Rafaela trabalha com isso o tempo todo; atende muitas mulheres que passam ou já passaram por todo tipo de violência. Ela é muito habilidosa, muito cuidadosa e absolutamente confiável. Ela vai poder te ajudar.

— Eu não quero, Fernanda. Enquanto não souber o que fazer, não quero que você conte a ninguém. Me prometa. Tem de prometer.

— Está certo, Jéssica. Eu prometo. Mas acho que você está cometendo um outro equívoco agora. Precisa de ajuda.

— Vou resolver essa confusão, pode ter certeza. Se você conseguir levantar as informações sobre — baixou a voz ao mencionar o nome de Omar — já me ajudará bastante.

— Estou concordando por fora; por dentro continuo achando um erro. Mas vou fazer o que me pede.

Fernanda ficou até bem tarde fazendo companhia para a amiga, e de vez em quando, dava umas saídas à cata de informações. Já era bem tarde quando se despediram e Fernanda informou:

— Ele não aparece no hospital desde o ocorrido.

— Verdade? Ele sumiu?

— Parece que pediu uns dias de licença, alegando problemas pessoais. Não explicou muito, e desapareceu.

Jéssica encostou-se na cabeceira da cama e respirou aliviada.

— Uma boa notícia. Pelo menos, não tenho que ficar preocupada a cada barulho que escuto nessa maçaneta.

— Mas se você quiser, fico dia e noite aqui com você, até tudo se resolver.

— Faria isso?

— Mas é claro! Faria qualquer coisa por você, Jéssica.

— Ah, minha amiga — Jéssica abraçou Fernanda e lamentou:

— Por que os homens não podem ser nossos amigos?

— Alguns podem, Jéssica.

— Não conheço nenhum...

— E o Vitor? Ele tem sido um companheiro amigo.

Jéssica ficou em silêncio, perdida em pensamentos, e não respondeu objetivamente. Por fim, disse:

- Pode ir, Fernanda, eu vou ficar bem.
- Se precisar de qualquer coisa me avise. Falei sério sobre ficar aqui com você.
- Pode deixar. Eu te aviso se precisar.

Despediram-se. Jéssica passou o restante daquele dia assustada, com medo, intimidada e, como uma panela de pressão fervendo, ela cozinhava o ódio que sentia por Omar e por tudo o que acontecera.

CAPÍTULO 12

Naquela tarde, quando voltou para casa, Vitor encontrou a filha fechada no quarto. Bateu de leve à porta e Maria Helena respondeu:

— Entre.

Assim que viu o pai, a jovem sentou-se na cama com os olhos atentos e cheios de expectativa.

— Como ela está? Tem de falar a verdade. Por que você está com essa cara? O que aconteceu?

Vitor sentou-se na cama ao lado da filha e, tocando seu antebraço, buscou acalmá-la.

— Filha, sua mãe está bem. Ela passou por uma cirurgia bem delicada, correu inclusive sério perigo de vida, mas agora está bem. Não sei o quanto ela sabe da real seriedade do caso dela.

— Como assim?

— O doutor Egídio me deu detalhes da cirurgia, que creio eu, não passou ainda para a sua mãe. Ela está bem abatida, não vou mentir para você. Mas a aparência dela é por conta de ter perdido muito sangue. Ele assegurou que ela vai ficar bem.

— E quando ela vem para casa, pai?

— Isso eu ainda não sei dizer. Vamos ter de esperar a recuperação dela.

A jovem balançou a cabeça como se estivesse contrariada.

— Isso não é garantia de nada. A mãe é muito obstinada. Se ela cismar que vai trabalhar, ao invés de descansar, é isso que ela vai fazer. Estou com medo, pai. Muito medo.

Vitor abraçou a menina com força e buscou naquele gesto transmitir todo o conforto e segurança que ele próprio sentia mesmo

em meio àquela situação.

— Mas por quê? Do que tem medo?

Maria Helena pensou um pouco e depois, com os olhos rasos de lágrimas, falou:

— Tenho medo de que ela morra.

— Mas por que isso?

— Eu não sei. Quem tentou matá-la?

— Não sabemos. Sua mãe disse que sofreu agressão durante um assalto. Não me parece um motivo para nos preocupar que venha a ocorrer de novo. E como já te disse, ela está se recuperando bem. Está no quarto, totalmente consciente, falando, está bem. Você pode ficar tranquila, filha, estou te falando a verdade. Não precisa ficar preocupada, achando que estou escondendo alguma coisa.

Segurando o rosto da filha com as duas mãos, ele olhou-a nos olhos e disse com um sorriso amigo e verdadeiro:

— Pode confiar em mim, filha.

A jovem abraçou novamente o pai e, chorando, balbuciou:

— Quero ir vê-la.

— Claro. Vou confirmar os horários de visita e combinamos de vê-la amanhã. Você até poderia ligar para ela, mas melhor deixar mesmo para vê-la amanhã. A única recomendação que o doutor Egídio me deu foi de que ela precisa descansar, muito repouso, para poder ficar totalmente recuperada.

Assim que Felipe chegou e juntou-se a eles, os três conversaram por quase uma hora, antes de se reco-lherem. Quando finalmente deitou-se, naquela noite, Vitor remoía cada palavra, cada fato daquela situação, em busca de inconsistência. Sentia que havia alguma coisa estranha em tudo aquilo, mas não conseguia encontrar a ponta solta daquela história.

Jéssica, por sua vez, também pensava e repensava toda a situação, revoltada em como fora enganada por aquele homem, de aparência gentil e cortês, mas que no íntimo, desejava destruí-la. Ela sentia ódio de si mesma, por ter se colocado naquela situação.



No dia seguinte, por volta do meio-dia, doutor Egídio veio fazer sua visita habitual para ver Jéssica e atualizar os seus progressos. Ele entrou e foi logo falando:

— Bom dia, Jéssica. Tenho ótimas notícias.

— Que bom, doutor, porque não aguento mais a comida deste lugar. Não vejo a hora de ir para casa, terminar minha recuperação e voltar logo para o trabalho.

O chefe da cirurgia virou-se para a enfermeira que o acompanhava no início do turno de visitas aos pacientes e pediu:

— Por favor, ee deixe a sós com a doutora por alguns instantes.

Assim que a enfermeira saiu, ele puxou uma cadeira e sentou-se bem próximo da cama, fitou Jéssica sério e disse:

— Você vai precisar ficar mais uns dias aqui, Jéssica. Precisamos acompanhar de perto sua recuperação.

A expressão no rosto do médico e seu tom de voz fizeram acelerar o coração dela, enquanto o ouvia atentamente. Ele prosseguiu:

— Creio que em menos de uma semana, talvez, você possa ir para casa; não antes disso. Não quero que tenha acesso ao seu prontuário, ou maiores informações sobre sua cirurgia por enquanto. Inclusive, dei ordens expressas às enfermeiras e atendentes quanto a isso. Sei que assim que entrasse uma delas pela porta hoje, você iria pedir mais detalhes, mas não quero, por enquanto.

— Está me deixando com medo, doutor. Por que tudo isso?

— Quero que se recupere, que se fortaleça, antes de ficar imaginando o que fizemos aí dentro — ele abriu um sorriso — mas não foi nada que vá prejudicá-la no longo prazo. Entretanto, sua recuperação será mais gradual do que imagina.

— Como assim?

— Não deverá voltar ao trabalho em menos de dois ou três meses, eu calculo.

— Está maluco, doutor? Tenho muitos compromissos, cirurgias agendadas, pacientes me esperando. Não posso me ausentar por tanto tempo...

Egídio a interrompeu:

— Já conversei com o nosso presidente e com o conselho administrativo, assegurando que lhe concedessem três meses de licença.

— Você o quê?!!!

— Jéssica, conhecendo você como eu conheço — sendo seu superior imediato aqui no hospital — sei exatamente como você pensa, o que deseja fazer. Mas não poderá fazer esforço, ficar de pé por longos períodos, por um bom tempo. Portanto, já estamos remarcando as cirurgias que não são urgentes, e encaminhando para outros profissionais, os casos que requerem atenção imediata.

Jéssica fitava o médico entre perplexa, contrariada e desnorteada.

— Doutor, isso é inadmissível! Como pode tomar tais providências antes de me consultar? Está me desrespeitando profissionalmente...

— Pode ser, filha, mas estou a respeitá-la completamente como ser humano. Quero você de volta o mais rápido possível. Você nos fará imensa falta. Mas quero que volte e permaneça. Não desejo que, por precipitação, tenhamos de refazer sua cirurgia. Não deixamos cicatrizes muito grandes, mas se tivermos de ficar refazendo a operação, por algum tipo de necessidade, não vou poder garantir os resultados... E sei que você é vaidosa com seu corpo...

Jéssica emudeceu. Em um lampejo, deu-se conta de que pouco sabia sobre a extensão do procedimento pelo qual passara. E agora, via que Egídio fazia questão de que tal ignorância permanecesse. Encostou-se na cama sentindo-se impotente, com uma ebulição de emoções assolando-a por todos os lados, a ponto de ela mal conseguir se conter sentada. Queria sair correndo, pegar os prontuários e saber cada detalhe do que se passara. E seus pensamentos afluíam um após o outros, como se fossem vento soprando folhas em todas as direções. Vento não, um verdadeiro furacão, um vendaval incontrollável. No entanto, ela ficou imóvel, ouvindo as últimas palavras do médico, até que a porta se abriu e a conversa deles foi interrompida. Era hora de visitas. Maria Helena entrou, junto com o pai e o irmão, correndo para perto da mãe.

Egídio dirigiu olhar significativo para sua paciente e lembrou-a:

— Sem teimosias, doutora. Ou não lhe dou alta...

Jéssica ia responder, mas o médico saiu depressa e sua atenção foi totalmente tomada pela filha que falava com ternura:

— Mãe, como você está? Como acordou hoje?

Jéssica deixou-se abraçar pela adolescente, mas logo o pai recomendou:

— Sem movimentos bruscos perto dela, Lenita. Tenha muito cuidado.

Jéssica fitou o marido e Felipe. Ele sabia de alguma coisa. Com certeza. Mas não conseguiu um momento propício daquela visita para tentar descobrir o que era. Sua atenção foi tomada pela agradável visita do marido e dos filhos, que cercaram-na de atenção, carinho e mimos, buscando fazer todas as suas vontades.

CAPÍTULO 13

Oito dias depois, Jéssica saía do hospital, ainda sem poder andar. A enfermeira chefe fez questão de levá-la na cadeira de rodas até o carro.

— Não precisa fazer isso, Dalila, o meu marido pode me levar.

— De jeito nenhum, doutora, eu faço questão!

Jéssica sorriu, sentindo algo de sincero naquela ação. E aceitou sem retrucar.

Enquanto seguia pelo corredor, com o marido à frente, Jéssica sorria sem graça para os colegas de trabalho, que se despediam dela desejando completa recuperação. As orientações de Egídio foram muito enfáticas. Jéssica podia ir para casa, mas precisaria manter repouso por pelo menos mais três semanas, antes de sair da cama para ensaiar atividades leves. Ele a fez prometer que respeitaria suas recomendações. Quando lhe falou da alta, ele mostrou a ela os exames feitos antes e depois da cirurgia.

— Compreende por que preciso que respeite minhas recomendações?

Jéssica não conseguia tirar os olhos dos resultados. Era de se admirar que tivesse escapado com vida. Os ferimentos haviam sido feitos com tamanha violência, que perfuraram alguns órgãos internos, com hemorragia em vários pontos.

— Quando avaliei o resultado dos seus exames e a vi na mesa de cirurgia, tive receio de que não fosse possível salvá-la, Jéssica. Por certo, você nasceu de novo.

Enquanto ele falava, naqueles momentos que precederam a chegada da família para a alta tão aguardada, Jéssica permanecia

lívida com os exames no colo, sentada na cama, já pronta para deixar o quarto.

— Agora que você tem noção da extensão dos seus ferimentos, quero que entenda que quem os fez, fez para matar você.

Ela aquiesceu balançando a cabeça. Certamente essa era a intenção.

— Mesmo com o sucesso da cirurgia, sua recuperação requer cuidados, por isso quis mantê-la internada o máximo possível, para ter certeza de que seu quadro evoluiria como o desejado. E foi por isso que não quis que visse seu prontuário, nem acompanhasse o progresso de perto. Queria sua mente limpa de qualquer previsão técnica, se é que me entende. Precisava de você no escuro de expectativas, para que seu corpo respondesse da melhor forma possível. Você sabe o quanto eu acredito no poder das sugestões mentais. E, neste caso, sugestões, eu queria que você só tivesse as minhas.

— E conseguiu, doutor... — balbuciou a médica, segurando a emoção. — Fez um ótimo trabalho!

Ele sorriu, pousou a mão sobre os ombros dela e falou com gentileza:

— Você é uma de nossas melhores profissionais. Não poderia fazer menos. Você é da família... Agora quem fez isso a você deve ser pego e responder pelo que causou.

Jéssica sentiu o corpo todo enrijecer, cada músculo do seu corpo. Não queria ter de lembrar da expressão de ódio na face de Omar ao tentar matá-la.

— Claro, doutor, vou ajudar a polícia em tudo o que puder.

— Assim espero — respondeu ele como se soubesse do que realmente ocorrera.

Depois da alta, seguia pelo corredor e quando estava quase chegando ao elevador, viu uma porta entreaberta de um dos laboratórios, que se abriu e fechou rapidamente. De relance, e muito rápido, viu Omar dentro dela. O coração da médica disparou, mas não teve mais tempo para pensar. O elevador se abriu e todos entraram. Quando a porta estava se fechando, ela sentiu que

alguém se aproximava na intenção de alcançá-lo. De onde estava, ela conseguiu apertar o botão para que a porta se fechasse, e logo, ele estava em movimento, descendo para o estacionamento. Com o coração batendo descompassado, ela foi ajudada a subir no carro e acomodou-se no banco do passageiro. Sentia uma ansiedade crescente, como se pressentisse um perigo iminente. Despediu-se e agradeceu a enfermeira e pediu ao marido, assim que ele entrou:

— Vamos! Estou com pressa de sair daqui!

Vitor sorriu, pensando compreender o trauma da esposa. Ligou o carro e partiu. Somente quando estavam entrando no apartamento, foi que Jéssica conseguiu ficar mais calma. Não tinha ideia do que Omar poderia fazer com ela, como agiria. Ele não apareceu durante todo o tempo em que ela estivera internada. Mas vê-lo naquele dia a perturbou demasiado. Ela sabia que, como ela, ele também tinha muito a perder, mas como se comportara como um louco, não saberia prever sua reação quando se reencontrassem.

Ela se acomodou no amplo sofá da sala de televisão; não poderia subir as escadas do duplex por uma semana.

— Vai ficar aqui, mãe? — Indagou Maria Helena.

— Só por alguns dias, filha.

A jovem abraçou-a delicadamente e falou com ternura:

— Estou tão feliz que esteja em casa! Tive tanto medo...

— Por que minha filha?

— Não sei... foi só um mau pressentimento, eu acho. Mas agora você está aqui.

— E o pressentimento?

A jovem abriu largo sorriso e respondeu, buscando desviar a atenção da mãe:

— Preparei um jantar com tudo o que você gosta.

— Você cozinhou, Maria Helena? Como assim?

— O papai me ajudou, me deu as dicas e comprou os ingredientes para mim. O mérito também é dele. Queríamos fazer algo que deixasse você feliz.

— Obrigada, filha.

— Você vai ficar bem, mãe.

— Claro. Eu já estou bem.

— Não, você não está, mas vai ficar.

Ela respondeu e saiu deixando Jéssica e o marido se entreolhando.

— Não me pergunte nada. Essa menina está meio esquisita. Acho que sentiu demais a sua falta...

— Todos nós sentimos, mãe — foi Felipe quem respondeu, entrando na sala e abraçando Jéssica.

— Seja bem-vinda de volta.

— Obrigada filho.

— Estou saindo.

— Não vai jantar conosco? — indagou Vitor.

— Não, pai. Já tinha marcado um compromisso.

— É um encontro?

— Pai... não interessa...

— Tenha juízo, filho. Olhe para a sua mãe. Esta cidade está ficando cada vez mais perigosa...

Jéssica se sentia diferente. Embora estivesse consciente agora da gravidade do seu quadro, do perigo de morte pelo qual passara, e os riscos de ter de lidar com as consequências de tudo aquilo, ela sentia como se sua pele estivesse mais sensível, delicada, como se seus sentidos estivessem mais aguçados. Seria ainda resultado do trauma? Estresse pós-traumático? Devia ser...

Ela raciocinou um pouco e logo decidiu que falaria com o doutor Egídio em uma semana, e até lá, teria mais informações sobre o que sentia, para conversar com ele.

Jéssica esforçou-se para comer o jantar esplêndido que a filha preparara com esmero. Estava tudo delicioso, mas ela estava tensa e tentava disfarçar para si mesma seus temores. Ao final, a filha indagou:

— Não gostou, mãe?

— Adorei, filha, estava tudo ótimo. Você tem um talento para cozinhar, eu nunca imaginei...

— Do que está com medo, mãe? Você vai ficar bem...

— Eu sei, o pior já passou. É que somente hoje o doutor Egídio me mostrou os exames. Eu não sabia que os ferimentos haviam sido tão sérios. Você sabia? — indagou ela ao marido.

— Ele me mostrou no dia em que fui te ver, depois da cirurgia. Ele me colocou a par da gravidade, dos riscos na recuperação. E porque queria que você não soubesse disso até estar bem forte.

Ele fez longo silêncio e alternou o olhar entre a esposa e a filha, como se buscasse permissão para continuar.

— O que foi? — indagou a médica. — O que estão escondendo?

— Tem mais uma coisa que precisa saber.

— O quê?

Jéssica sentiu o sangue sumir do seu rosto. Será que eles tinham descoberto?

Ele hesitou e Maria Helena insistiu:

— Fala, pai! Está me deixando nervosa, imagina a mãe! Fala logo!

— Você teve parada cardiorrespiratória durante a cirurgia, ficou sem pulso por quase quinze minutos. Eles fizeram a ressuscitação e você retornou.

Jéssica fitava o marido, incrédula, como se ele falasse de outra pessoa.

— E por que ele não me disse? — insistiu a médica, buscando compreender a situação como um todo.

— Ele queria que você estivesse no aconchego de casa, para poder digerir essa informação...

Enquanto falava, ele não tirava os olhos da esposa, analisando em detalhes cada uma de suas expressões.

— Eu morri. Literalmente, eu morri!

Maria Helena segurou a mão da mãe e apertou forte, sem dizer nada. Seu olhar era de carinho e afeto profundos, quase uma devoção.

— Então, que bom que você voltou! Graças a Deus ele não a levou de nós...

Jéssica levou uma das mãos à testa, e exclamou:

— Quando ele disse que eu quase morri, foi econômico na expressão. Dei bastante trabalho para eles.

— Cuidaram de você com dedicação admirável.

— Ele vinha me ver três vezes ao dia, e eu não compreendia por que tantos cuidados. Agora entendo. Ele quase me perdeu e não queria correr o risco de que acontecesse algo longe dos olhos dele.

Jéssica ficou alguns instantes com o olhar perdido, como se vasculhasse todos os detalhes dos quais se lembrava, e depois de um longo suspiro, finalizou a conversa:

— Eu gostaria de me deitar, fiquei sem forças...

— Mas é claro. Vamos ajudá-la.

Depois de a acomodarem no sofá cama, pai e filha limparam a cozinha em um silêncio que nenhum deles ousava quebrar.

CAPÍTULO 14

Duas semanas se passaram. Jéssica retornou ao hospital para consulta com Egídio e, para seu alívio, escutou dele que a recuperação seguia conforme o esperado. Ela poderia a partir daquele momento, se levantar da cama com mais frequência, mas nada de ficar sentada por longas horas, ou fazer trabalhos que exigissem muito esforço. Precisava, ainda, de repouso.

A médica sentia-se convulsionar por dentro. Parecia-lhe que fazia uma eternidade que não trabalhava, que não atendia os pacientes. Sentia falta de sua rotina. A verdade, entretanto, era que Jéssica não queria ficar sozinha consigo mesma. Não queria ter de pensar em sua vida, suas escolhas, e acima de tudo, suas motivações, nos seus sentimentos, suas necessidades mais profundas, o que a fazia feliz de verdade; se realmente estava feliz, se era honesta consigo mesma, com seus valores e ideais. Se, sobretudo, estava vivendo com um propósito verdadeiro; se seus atos eram resultado do contato consigo mesma, ou das ofertas constantes que a vida lhe fazia, e que, por lhe parecerem interessantes e atraentes, ela as escolhia e incorporava à sua vida, sem que, necessariamente, atendessem aos apelos de sua alma. Ela se negava a ver.

Por algum tempo, ela não teve mais os sonhos que a perturbavam, como se sua alma houvesse se calado pelo choque do perigo à que se expusera. Algo nela estava comprimido, fechado. Não apenas a indignação pela violência que sofrera. Era algo mais profundo. Algo que sequer ela conseguia identificar, e acima de tudo, não queria enfrentar.

Com o passar dos dias, na mesma proporção que seu corpo melhorava, seu estado de espírito piorava. Ela sentia como se estivesse prestes a enlouquecer. E a depressão se instalava aos poucos, sorrateira. Todos ao seu redor percebiam que ela não estava bem.

Em uma noite, ao se deitarem, o marido lhe disse:

— Estou preocupado. Sinto que você não está bem.

— E como poderia estar, Vitor? Em casa, como uma inútil, longe do trabalho que amo... — Ela respondeu rude.

— Me parece algo mais...

Ela o fitou e indagou, ainda mais ríspida:

— Estou dizendo o que me aflige. Quando voltar ao trabalho, tudo voltará ao normal.

— Não sei, acho que não.

Ela o questionou incrédula.

— Como pode saber?

— Acho que você deveria falar com alguém. Tentar um psicólogo. O que aconteceu com você foi muito grave, é natural que esteja abalada. É normal, está escutando? Você não tem de ser forte, poderosa e destemida o tempo todo.

As palavras do marido atingiam a médica como se fossem farpas venenosas. E ele prosseguiu:

— Você pode se sentir vulnerável, impotente, frágil. Porque todos nos sentimos assim de vez em quando. Somos assim em certos aspectos. Isso não quer dizer que seremos assim, apenas que podemos nos sentir assim de vez em quando. E no seu caso os acontecimentos justificam.

— Pare de bobagens terapêuticas, Vitor. Eu estou bem. É que fico muito contrariada por não poder traba-lhar.

O marido fitou a esposa por longo tempo, reconhecendo a negação, depois sorriu ligeiramente e finalizou:

— Está certo, doutora. — Apagou o abajur, e virou-se de lado, dizendo:

— Boa noite.

Jéssica fitava o teto do quarto no escuro, e balbuciou apenas:

— Boa noite.

Sentia rancor, irritação em relação ao marido. Ele parecia saber mais dela do que ela mesma. Odiava esse lado sensível dele. Queria que ele fosse mais forte, mais agressivo, mais viril, mas não. Vitor era um homem que sabia ser gentil e delicado quando queria, e, para ela naquele momento, sabia ser irritante quase o tempo todo.

Conforme os dias passavam, ela ficava mais deprimida. Sentia-se exausta, confusa e com muita raiva. Seu relacionamento com Vitor piorava, bem como com os filhos, que ela mantinha distantes. Ela tratava os mais próximos como tratava a si mesma: mantinha-os à distância.

E quanto mais se afastava de si mesma, quanto mais negava seus sentimentos, seus medos, sua angústia crescente, mais adoecia. Racionalizava tudo, mas de fato, a dor emocional era intensa, e mantida sob pressão, prestes a explodir.

Percebia, sem querer admitir, que não sabia mais quem era. Como se ela fosse somente a cirurgiã, e tirando a capa branca, não lhe sobrasse mais nada. Negava a realidade, tentava esconder de si mesma, mas via que o casamento estava afundando; ela e Vitor estavam infe-lizes. Mas o que mais a perturbava era a constatação de que colocara a sua vida em risco, e que por pouco, muito pouco, não perdera tudo. E enxergar isso a deixava ainda mais depressiva e raivosa. E sentia medo; não havia uma forma de se sentir segura. Afinal, Omar poderia aparecer a qualquer momento e terminar o que começara: destruir sua vida.

Ao mesmo tempo nutria o desejo de se vingar, e ficava horas imaginando como poderia atingi-lo e se livrar dele de vez. E na dimensão espiritual que a envolvia, espíritos que a odiavam, do presente e do passado, aproveitavam seu estado emocional e instilavam mais ódio e desejos de vingança. E ela se afundava naquele estado lastimável.

CAPÍTULO 15

Durante as visitas de rotina ao hospital, para acompanhamento de seu restabelecimento, Jéssica permanecia alerta. Sabia que tinha visto Omar em uma das salas e que ele poderia aparecer a qualquer momento.

Quando o táxi se aproximou do hospital – ela ainda não tinha autorização para dirigir – seu coração começou a bater mais depressa. Ela não conseguia se controlar. Naquela tarde, o céu parecia pintado à mão, com nuvens macias flutuando suavemente, e ela sentiu ódio profundo do estado de medo em que estava. Justo ela, uma mulher determinada, que enfrentara tudo para conquistar sua autonomia e independência, encontrava-se acuada daquele modo... Quando o carro estacionou, sentia o coração prestes a saltar-lhe pela boca. Entrou andando devagar, procurando pelos cantos se via Omar em algum lugar. E se ele tivesse voltado? O que faria? O medo era irracional, e já imaginava o homem aparecendo e atacando-a diante de todos.

Entrou no elevador e, enquanto a porta se fechava, viu alguém muito parecido com Omar, que deixava o local. Tentou esticar-se entre os ombros de dois homens que entraram e se colocaram à sua frente, mas tudo foi muito rápido e, logo, estava descendo no andar de sua consulta.

Omar, por sua vez, se esgueirava pelas escadas, evitando igualmente confrontar-se com Jéssica. Retornara de sua licença, mas conseguira, com a administração do hospital, turnos reduzidos por conta da doença da mãe.

Quando Jéssica escapou do quarto de hotel, ele não conseguiu segui-la para terminar o que começara. Teve de explicar-

se para o rapaz que entregava o jantar e garantiu, com uma boa quantia e alguma dose de ameaça, que o jovem permanecesse calado. Foi atrás dela, mas ela já havia desaparecido.

Naquela noite em que a agredira, sentado na cama enquanto calçava os sapatos, muito contrariado, ponderou:

— Quem sabe os ferimentos não terminam o que comecei? Ela não vai aguentar. Aquela médica arrogante, enfadonha e irritante, não vai sobreviver...

Pegou o jaleco que estava cuidadosamente dobrado sobre um canto do sofá e saiu rumo ao hospital. Quando estava quase chegando, uma das assistentes ligou.

— Onde está, doutor? Estão precisando do senhor. É a doutora Jéssica. Ela está entrando no centro cirúrgico.

— O que aconteceu?

— Ninguém sabe. O doutor Egídio vai operar e pediu para localizarmos o senhor.

— Minha mãe não está bem, estou aqui com ela. Ela piorou muito...

— Lamento, doutor. Vou informar que não poderá vir.

— Faça isso. E, por favor, avise o departamento pessoal que vou precisar de alguns dias de folga. Assim eles já vão saber que não poderão contar comigo por algum tempo.

Durante sua licença, ele tratou de levantar todas as informações sobre o que acontecia com Jéssica. À distância, acompanhava cada passo dela e sua recuperação. A desgraçada estava ficando boa, e ele não sabia o que ela faria. Ainda não o tinha acusado e provavelmente não o faria, pois colocaria a si mesma em uma situação desfavorável. Seria julgada e condenada pela família e pelos colegas. E, ainda mais agora, que ela havia mentido para todos. Não, ela não iria falar nada — Omar tentava se convencer.

Quando a licença terminou, ele retornou parcialmente às atividades. Naquela manhã, estava acertando os detalhes com o departamento pessoal para continuar mais algum tempo naquele modelo de trabalho.

Ao entrar na garagem do prédio onde residia com a mãe e a irmã, estacionou o carro, encostou a cabeça no volante, muito irritado consigo mesmo, e começou a bater a cabeça no volante — de leve, a princípio, depois com mais força.

— Por que fui tão fraco? Tinha de ter feito o serviço completo e acabado com a raça daquela mulher! Maldita! Ela prejudicou a minha família! Fria e calculista! Mulher do demônio...

Ele só parou porque um carro estacionou perto do dele e uma família saiu ruidosa de dentro do automóvel, tirando o médico daquele transe violento em que entrara. Ele se aprumou e saiu do carro, sorrindo para a família que ia adiante dele, na direção dos elevadores.

Quando entrou em casa, passou diante de um espelho que ficava na entrada e confirmou o vermelhão no local da testa onde há pouco batera. Sentia uma dor leve no local. Tocou a testa e murmurou:

— Maldita!

— O que está murmurando aí, Gurgas? — a irmã apareceu sorrindo no corredor de entrada.

— Não é nada, Amira. Como ela está?

— Chamou por você várias vezes.

— Já vou vê-la.

Entrou no quarto escuro, com uma pequena nesga de luz solar entrando pelas venezianas da janela.

— Como está hoje, mãe?

— Sinto-me péssima! Uma saudade imensa de seu pai.

— Posso abrir um pouco a janela?

— Não, Gurgas, não!

Ele se sentou na beira da cama, tomou as mãos da mãe entre as suas e suplicou:

— Precisa voltar a viver. Já se vão mais de três anos desde que... — a mãe o interrompeu, pousando os dedos sobre a boca dele.

— Shiiiiiii... não precisa repetir. Ainda é doloroso para mim. Perdi o homem que eu amava, o líder desta família. Ele era tudo para nós.

— E não estou aqui, minha mãe, suprimindo as necessidades desta família? Assim você me diminui ou, no mínimo, não reconhece minha dedicação.

— É sua obrigação, Gurgas. Seu dever.

Ele baixou a cabeça, sentindo a dor da não valia-dação, mas logo a ergueu, lembrando da dor que ele mesmo sentira pela perda do pai.

— Também sinto muita falta dele. Ninguém jamais o substituirá em nossas vidas, eu sei disso. Mas nós estamos aqui. E não seria a vontade de Alá que sigamos em frente? Que prossigamos com nossas vidas? Afinal, Ele é quem decide sobre nossos destinos.

— Isso quando uma médica, uma mulher que deveria estar em casa, cuidando da família, atravessa o nosso caminho e nos incita a aceitar uma cirurgia que ele mesmo não queria fazer. Fomos nós que insistimos, você se lembra... Quem sabe se ele tivesse feito o que seu próprio coração mandava, não estaria vivo até hoje? Ela é culpada!

— Ela vai pagar, mãe, vai pagar. Vai sofrer tudo o que sofremos. Olho por olho e dente por dente.

— Quando? — o ódio alimentava o coração daquela mulher, de tal modo que os olhos brilhavam de raiva.

— Não se preocupe mais com ela. O que é dela já está preparado. Vamos, mãe, venha caminhar um pouco. A tarde está ensolarada. Vamos até o jardim do prédio, para que você tome um pouco de sol.

— Não quero, Gurgas. Quero dormir para esquecer.

Ela virou-se para o lado oposto de onde o filho estava. Sentindo-se exausto, Omar levantou-se devagar e deixou o sombrio quarto da mãe, que alimentava o luto pela perda do pai.

— Miserável! — ele murmurou.

A alegre Amira, que como um anjo parecia se mover pela casa, colocou nas mãos do irmão um suco que acabara de preparar:

— Fiz sua vitamina preferida. Você me parece abatido nos últimos dias. O que houve? Sabe que pode me contar, pode confiar em mim.

Ele abriu um sorriso e pegou o delicioso suco das mãos da irmã.

— Detesto vê-la sofrendo desse jeito. Eu não aguento mais. Preciso fazer alguma coisa. Acabar com aquela médica desgraçada.

— Gurgas, o que está dizendo? — Amira puxou a cadeira e sentou-se ao lado do irmão. — Nem pense uma coisa dessas. Ela não teve culpa, qualquer um pode enxergar. Recomendou o que acreditava ser o melhor. Sabe que não fez nada de errado na cirurgia. Você também é médico, pelo amor de Alá!

— Mas foi ela que insistiu para que ele fizesse a cirurgia, sem antes estudar outras possibilidades. Sei que existem tratamentos alternativos, que ela poderia ter tentado. O caso dele não era assim tão grave, dava para esperar e tentar outros procedimentos menos agressivos.

— Mas havia o risco.

— Do mesmo modo que a cirurgia. Só que ela nem pensou, não analisou. Recomendou o que era mais interessante para ela, aquilo que daria mais dinheiro. Foi só nisso que pensou, hoje eu sei, justamente por ser médico. Já a vi fazendo o mesmo com outros pacientes. Ela recomenda cirurgia sem titubear. Chega a ser irresponsável...

Amira fitou o irmão nos olhos e indagou:

— Será que é irresponsabilidade mesmo ou apenas obediência aos protocolos médicos do país?

Omar ficou sem resposta. A mãe chamou, e ele ergueu-se para atendê-la, ficando com a pergunta da irmã a martelar em sua cabeça.

CAPÍTULO 16

Alguns dias depois, quando todos saíram e a casa ficou vazia e silenciosa, Jéssica deixou-se ficar no sofá da sala, observando as gotas de chuvas que escorriam pelo vidro da enorme janela. Chovia forte e as gotas espirravam e batiam no vidro, com um barulho cadenciado e agradável. Era o chamado barulho branco que trouxe certo sentimento agradável, de conforto à médica, cujo quadro de depressão se agravava. Ela já não sentia tanto prazer na comida, e não tinha vontade de fazer nada, logo ela que adorava se arrumar e se produzir toda, sentia-se apática, desinteressada de tudo.

O celular tocou. Ela deixou tocar – não tinha ânimo para atender. Tocou de novo e ela sentiu um medo súbito percorrer seu corpo – a lembrança das ligações insistentes de Omar logo despertou inundando seu corpo de cortisol^[1].

Enquanto o telefone tocava, ela escutou ao longe o interfone tocando na cozinha. Seria o Omar vindo perturbar-lhe? Devia ter visto que todos haviam saído e estava lá embaixo, espreitando, buscando uma oportunidade para agredi-la novamente. O celular tocou outra vez e agora, ela, num impulso, verificou qual era o número que estava ligando. Quando se certificou de quem era, finalmente atendeu:

- Oi, Fernanda! – Era a amiga que chamava.
- Atende o interfone e me deixe subir.
- Você está aqui embaixo?
- Estou. Vim te fazer uma visita, pessoalmente. Chega de troca de mensagens e conversas curtas. Preciso te ver.

— Estou muito indisposta – resistia Jéssica. – Estou muito cansada...

— Não vou embora sem ver você. E sabe que sou determinada quando quero alguma coisa.

A médica respirou bem fundo, conhecia bem a te-nacidade da amiga, e respondeu curta e direta.

— Vou liberar a recepção.

Foi até a cozinha e autorizou que a amiga subisse. Dois minutos depois a campainha soou. Jéssica não queria ver ninguém, queria ficar sozinha, e procurava mentalmente uma maneira de finalizar aquele encontro o mais rápido possível. Abriu a porta já pronta para dar mais uma desculpa, mas Fernanda não deu a ela a oportunidade. Foi logo dando três beijos no rosto da amiga e entrou, mesmo sem ter sido convidada. Colocou a bolsa sobre a mesa da sala e sentou-se no sofá.

Jéssica ficou de pé, na entrada da sala, observando os movimentos da amiga, que assim que se acomodou, deu três tapas no sofá e pediu:

— Venha, amiga, sente-se aqui perto de mim.

Assim que a médica se sentou, Fernanda abraçou-a com ternura, acolhendo todos os sentimentos e emoções que ela estivesse sentindo, sem julgar, sem analisar, a-penas abraçou e acolheu-a em seus braços com ter-nura. Sentindo-se assim envolvida em profunda energia de afeto, Jéssica começou a chorar, e chorou longa e dolo-rosamente. Fernanda continuava com os braços a envolvê-la como se dissesse sem palavras: isso, desabafa, coloca tudo que a incomoda para fora...

Ficaram ali por quase dez minutos. Fernanda não se mexia, totalmente entregue a confortar e enviar energias de fortalecimento para a amiga, de quem gostava tanto. Quando Jéssica se acalmou, Fernanda sugeriu:

— Que tal um chá? Eu preparo.

Foram as duas para a cozinha e em seguida, retornaram à sala para tomar o chá de camomila, que acalmou o sistema nervoso de Jéssica. Fernanda olhava com

carinho para a médica, esperando que ela se manifestasse. Por fim, disse:

— Vou ser direta, como você gosta, amiga. Sinto a sua angústia, mesmo quando não nos falamos.

— Eu sei... – balbuciou a médica.

— Quero que venha comigo conhecer um lugar onde vai encontrar apoio, ajuda de todo tipo, e poderá ampliar sua compreensão e consciência sobre você mesma e sobre questões que hoje a afligem, mas que você não compreende.

— Do que está falando, Fernanda?

— Quero que você conheça a Rafaela^[2], aquela amiga minha que é jornalista, aquela de quem lhe falei várias vezes, que me ajudou quando eu mais precisei.

— A que atende mulheres em situação de risco?

— Ela também faz isso, no núcleo de apoio a mulheres^[3].

— Quer que eu me enfie em uma reunião tipo AA^[4]? Você enlouqueceu. Não gosto desses lugares.

— Esse é diferente de tudo o que você possa imaginar em sua mente preconceituosa e orgulhosa.

— Nossa, que petardo! Tá me chamando de orgulhosa?

— E você não é? Porque eu sou... por isso eu entendo você. Mas tenho certeza de que quando conhecer a Rafaela e tudo o que acontece naquele lugar abençoado, você vai me entender. É um lugar mágico. Delicioso. Acolhedor, envolvente, é um lugar que me alimenta a alma todas as vezes em que tenho a oportunidade de trabalhar como voluntária, ou quando participo de alguma reunião. Elas me ajudaram muito quando lutei com o câncer. Você sabe, perdi o chão, achei que ia morrer, e não tinha mais forças para acreditar, para lutar...

— Eu me lembro. Fiquei muito surpresa quando vi você se recuperando, e vencendo a doença com enorme bravura e coragem.

— Pois então, Jéssica. Agora é a sua vez de vencer seus desafios com bravura e sabedoria. Venho te buscar amanhã às duas e meia.

— Mas... é que...

— Não vou aceitar nenhuma desculpa, doutora. Agora você tem tempo, algo raro em sua vida tomada por importantes compromissos. Você precisa de uma nova luz, uma nova perspectiva para compreender esse momento pelo qual está passando. O que tem a perder? Se não gostar, nunca mais volte e eu não te perturbo mais com o assunto.

Fernanda fitava a amiga nos olhos, tentando adivinhar qual seria a próxima objeção, mas Jéssica estava exausta.

— Está certo. Vamos fazer assim. Vou te acompanhar amanhã, mas se não gostar, não volto e você não toca mais no assunto de jeito nenhum.

— Estamos combinadas.

Tomaram mais uma xícara de chá cada uma e se despediram. Jéssica se sentia desconfortável, inquieta, como se algo a espetasse por dentro. Subiu para o quarto e afundou-se na banheira, na esperança de que um banho morno lhe trouxesse algum alívio. Sempre funcionava. Mas, naquele dia, ficou mais de uma hora imersa na água — e nada mudou. Nem o toque suave da água sobre a pele despertou o bem-estar de antes. Sentia-se oca, vazia, como se algo imenso lhe tivesse sido arrancado. E insistia consigo mesma:

— Quando voltar ao trabalho, tudo vai melhorar, tudo ficará bem. O que eu preciso é do meu trabalho, dos meus pacientes, das minhas cirurgias... Ah! Como o tempo não passa!



Na tarde do dia seguinte, Jéssica estava pronta quando Fernanda chegou. Desceu e entrou no carro da amiga, que falava, alegre, contando detalhes de sua experiência com o núcleo e com Rafaela.

— Ela passou por muita coisa até conseguir os resultados que tem hoje, no trabalho que ela abraçou^[5].

— Imagino... — respondeu Jéssica um tanto distraída.

— Não, você não imagina. Ela quase morreu no Irã, agredida por um bando de fanáticos, foi parar no hospital.

— Nossa! Eu me lembro dessa história. Ela narrou tudo naquela matéria premiada, não foi isso?

— Você leu a matéria?

Jéssica baixou a cabeça sem responder.

— Sabia que não tinha lido... doutora..., mas isso não importa, sei que vai gostar dela.

Assim que Fernanda estacionou o carro diante da pequena casa, Jéssica fitou o jardim cuidadosamente semeado e ficou impressionada com a beleza e variedade das flores. O jardim era lindo. Um convite à feminilidade. Antes mesmo de descer do carro, Jéssica foi tomada de uma emoção estranha, como se algo importante de verdade estivesse por acontecer. Seu coração começou a bater forte, sentiu a boca seca, uma sensação de expectativa tomou conta dela. Um medo impreciso igualmente a dominou.

Entraram.

Fernanda apresentou a amiga à outras mulheres que estavam na recepção, aguardando pelo início da reunião. Não demorou muito, e Rafaela saiu de seu escritório para recepcionar Fernanda. Com um sorriso largo e sincero, cumprimentou:

— Olá, Fernanda! Essa deve ser a Jéssica. – Cumprimentando a médica, prosseguiu – que bom que conseguiu vir. Seja muito bem-vinda.

Quando Rafaela abraçou Jéssica, a médica estremeceu, sentindo como se conhecesse a jornalista há muito tempo, e foi tomada de uma emoção ainda mais intensa. Ao terminar de abraçar a médica, Rafaela olhou-a nos olhos e falou:

— Doutora Jéssica, você me parece tão familiar... Será que já nos conhecemos de algum lugar? – Rafaela não conseguia tirar os olhos dos da médica.

Uma conexão se estabeleceu de imediato entre as duas. Uma estranha mistura de atração e repulsa era compartilhada por aquelas mulheres, até há pouco, desconhecidas.

CAPÍTULO 17

Logo, todas estavam sentadas numa sala ampla. Havia cerca de vinte e duas mulheres participando do encontro, além de Rafaela, que conduzia a reunião; Ângela, a psicóloga que acompanhava os casos mais complexos; e Ivone, a assistente social responsável por proteger as mulheres em situação de graves agressões e ameaças à integridade.

Jéssica se sentia desconfortável, com vontade de sair correndo daquele lugar. Certamente não precisava daquilo. Pensava consigo mesma: *Como deixei a Fernanda me arrastar para um lugar desses? Isso não é para mim. Sei cuidar de mim mesma, não preciso de apoio ou ajuda de ninguém...* Ainda assim, uma força desconhecida a atraía para Rafaela. Sentia um desejo intenso de conhecê-la melhor, de se aproximar. Havia algo nela que a fascinava. Quem era aquela jornalista, e por que despertava tanto interesse?

Rafaela iniciou o encontro com muitas músicas. Uma das participantes tocava violão com maestria, e Rafaela convidou-a a performar para as demais. E depois da primeira música, que logo envolveu os presentes em vibrações delicadas, Rafaela esclareceu:

— Aqui nós seguimos o impulso das nossas almas, acima de tudo. Com senso crítico, é claro, mas deixamos fluir o que vem de dentro. Aceitamos as nossas dores e deixamos que o que vem de dentro se manifeste. Não bloqueamos. Se é algo ruim, observamos e buscamos compreender o que se passa dentro de nós. É assim que promovemos a cura física, mental, emocional e espi-ritual de todas nós. Portanto, se alguém sentir o impulso de dançar, dance. Não reprima. O movimento do corpo no ritmo da música parece liberar aspectos profundos de nossa psique. E sabemos que quanto mais

nos co-nhecemos, quanto mais acessamos os aspectos profundos da nossa identidade, mais perto do Poder Infinito nos colocamos. De Deus, para aqueles que preferem chamar essa Inteligência Suprema, a Causa Primária de Todas as Coisas, como nos ensina Kardec.

E a música continuou por mais algum tempo. Não houve dança naquele dia, para alívio de Jéssica, que se sentia cada vez mais oprimida, acuada, exposta. Algumas mulheres choravam, e logo foram atendidas pelas profissionais presentes, em uma sala em separado. As lágrimas exprimiam as dores que finalmente se expressavam em busca de socorro. Mas Jéssica não. Ela continuava achando tudo aquilo inútil, sem propósito.

Depois de conversarem um pouco, de trocarem experiências e progressos obtidos, a reunião foi encerrada e passaram à sala ao lado, onde uma mesa repleta de apetitosos petiscos eram servidos.

Rafaela se aproximou de Jéssica e indagou:

— E então? Como está se sentindo? Meio deslocada, eu imagino.

— Bastante deslocada. O que é exatamente esse grupo? Uma espécie de reunião do AA?

— É apenas um espaço seguro, onde podemos compartilhar nossas dificuldades como mulheres em um mundo duro, áspero e insensível demais. Onde buscamos apoiar e nos compreender mutuamente, já que passamos por problemas tão semelhantes.

— Eu não acho. São pessoas tão diferentes que estão aqui. Cada mulher é muito diferente da outra. São mundos distintos. Não sei como pode achar que se pode nivelar todas as pessoas...

— Em essência, todas sentimos dores semelhantes, já experimentamos em algum momento em nossas trajetórias, dificuldades e desafios parecidos. E buscamos conscientizar isso em nossas reuniões. Muitas mulheres passam por intenso processo de abuso emocional e psicológico, e não tem a menor consciência disso, embora sofram as consequências dolorosas em sua performance profissional, em suas realizações de sonhos e desejos, em sua conquista de plenitude e felicidade. Muitas nem sabem o quanto podem ser felizes, não desconfiam.

— Esse não é o meu caso...

Rafaela pousou a mão suavemente no ombro de Jéssica e respondeu sabiamente:

— Mas é claro que não. Você tem muito mais a nos ajudar do que nós a você. Sabemos de suas conquistas. Mas creio que algum apoio em tempos de crise não faz mal a ninguém. O que você acha? — A pergunta foi seguida por um largo sorriso, ao qual Jéssica não pôde deixar de retribuir.

Depois de despedir-se das participantes, Rafaela convidou Fernanda e Jéssica:

— Venham, vamos até os fundos da propriedade. Podemos conversar um pouco mais ao ar livre, no jardim.

Jéssica queria dizer não, queria ir embora, mas o sorriso de Rafaela, sua voz, suas expressões, causavam nela uma atração magnética. E ela seguia como que fas-cinada pela anfitriã.

Acomodaram-se em cadeiras ao redor de uma mesa pequena, sob uma árvore com folhagem densa, fo-lhas grandes e brilhantes, de um verde escuro com textura cerosa, que logo chamou a atenção de Jéssica.

— Nossa! Que árvore diferente é essa?

— É a nossa querida *magnólia grandiflora*^[6].

Jéssica tocou o caule liso e acinzentado e perguntou à anfitriã:

— Acho que nunca tinha visto uma árvore de magnólias antes. Ela dá muitas flores?

— Infelizmente esta nunca deu. Já fizemos de tudo para vê-la florir, mas ela simplesmente se nega. Cui-damos dela com todo o nosso carinho, na certeza de que ela vai florir e encher esse jardim com sua beleza imponente.

Jéssica sorriu, ainda tocando o caule da bela árvore e comentou:

— Que sensação estranha...

— O que foi?

— É como se uma memória esquecida tentasse se insinuar, sem conseguir se revelar... Parece até que sinto seu perfume doce e delicado...

Rafaela sorriu, como se soubesse exatamente do que a convidada falava. Depois de uma breve pausa, perguntou:

— E então, Jéssica, como você está?

— Me sinto bem. Esse lugar é muito agradável.

Rafaela pousou a mão no caule da árvore e disse:

— Esse é um lugar quase sagrado para nós. Sentamo-nos aqui para pensar, meditar, buscar sabedoria superior, buscar conexão com o Criador. E a nossa amiga — bateu suavemente no caule — parece nos acolher em seus braços, lembrando-nos de que fazemos parte da natureza, de que a natureza está em nós. E de quanto precisamos dela para nos equilibrar, lembrar quem somos e nos conectar às poderosas energias que sustentam a vida.

Os olhos de Rafaela brilhavam enquanto falava.

— Uma coisa que está me incomodando. Quer dizer, não é bem um incômodo, propriamente dito, mas está chamando minha atenção.

Rafaela agora, tocou a mão de Jéssica e falou:

— Nós já nos conhecemos, Jéssica, com toda a certeza. Sinto como se a conhecesse desde a muito tempo. Na realidade, esse é um reencontro, não um simples encontro.

— Mas de onde você acha que nos conhecemos?

— De outra vida, quem sabe?

— Você quer dizer de outras experiências, como a infância, ou a faculdade... Onde você morou quando era pequena?

— Não, Jéssica. Quero dizer que nos conhecemos de outra encarnação.

Jéssica ficou séria.

— Não acredita nisso, não é?

— Não. Eu só acredito na ciência, na ciência comprovada por estudos, pesquisas sérias. Em mais nada.

— O que foi que endureceu tanto o seu coração? — Indagou Rafaela.

— Por que acha que meu coração está endurecido?

— Porque as mulheres têm naturalmente uma intensa conexão com o invisível. É de nossa natureza. Mas você, como eu no passado, está bloqueando esse fluxo. Eu era exatamente assim,

doutora. Não acreditava em nada que meus olhos não pudessem ver e que minhas mãos não pudessem tocar. Não só não acreditava em Deus, como tinha raiva daqueles que insistiam em sua existência, crendo-os fanáticos. Meu coração estava trancado para a doçura. Era uma mulher forte, determinada, com muito sucesso, cuja alma gritava em desespero, sem poder se expandir e se expressar. De fato, estava perdida e não sabia.

Jéssica sentia cada palavra, como se Rafaela falasse da médica e não dela própria.

— E o que aconteceu? O que mudou?

— O invisível se apresentou a mim de modo irrefutável e, depois de muita luta, fui obrigada a aceitar.

Jéssica logo se lembrou da visão que tivera de Elaine, no centro cirúrgico, depois de ter morte declarada. Sabia que a tinha visto, que aquilo não fora uma alucinação. Mas ficou em silêncio. Rafaela prosseguiu:

— Às vezes, quando recebemos esse convite para a transformação, nós o recusamos com veemência. E para cada um esse convite vem de um jeito diferente, normalmente, da maneira como precisamos: uma doença física, uma falta de realização de um sonho ou desejo, uma pessoa problemática que nos atormenta, uma situação que não conseguimos resolver. Algo que nos desperta a consciência de que nossa vida não está realmente bem como queremos acreditar. Um dor, em resumo, que nos lembra de nossas dificuldades e nos causa frustração. Geralmente fugimos do convite. Não queremos ver. E parece que ele nos persegue até que paremos a correria e perguntemos com sinceridade o que a vida quer nos mostrar? O que a Vida quer nos ensinar? Quando aceitamos receber a resposta, começamos a desvendar os mistérios que nos fazem viver longe da alegria e felicidade que aspiramos. Comigo foi assim.

Jéssica se lembrou dos sonhos que vinha tendo, e como eles se repetiam e se repetiam várias noites. Teve um breve relance, uma sensação de que estava exatamente no lugar que deveria estar, com as pessoas que poderiam ajudá-la. Mas logo a resistência se fez presente, e ela afastou qualquer consciência positiva, que

ameaçasse aquilo que ela acreditava ser a sua verdade, suas escolhas, seu modo de vida.

Conversaram por mais algum tempo, e ao se despedirem, Rafaela convidou:

— Volte em nossa próxima reunião. Gostaria de conversar mais com você, doutora. Sinto que temos muito em comum, e gostaria de descobrir o que é. — Abriu um sorriso doce e acolhedor, transmitindo afeto, apreciação e carinho à médica, que não pôde ignorar as emoções que Rafaela a faziam sentir.

— Não posso garantir, mas prometo que vou pensar no assunto.

Olhando para Fernanda, a anfitriã falou:

— Já é alguma coisa, não é? Sei que vai conseguir convencê-la a voltar, Fernanda. Confio no seu poder de persuasão...

Riram juntas e se despediram.

No caminho para casa, Fernanda seguiu em silêncio, aguardando que Jéssica se manifestasse. Esta, por sua vez, tinha a cabeça fervilhando e as emoções brotando como fosse um poço vertendo água sem parar.

Estavam chegando no apartamento de Jéssica, quando Fernanda indagou:

— O que foi essa conexão entre você e Rafaela! Fiquei impressionada.

— E eu também.

Foi a única coisa que Jéssica conseguiu articular. Saiu do carro agradecendo a amiga e seguiu para o elevador, sentindo uma miríade de sensações e impressões que ela não conseguia traduzir em palavras. Estava fortemente impactada por Rafaela. E soube na hora, embora não admitisse nem em pensamento, que teria de encontrá-la de novo.

CAPÍTULO 18

Algumas semanas depois, sentada na maca na sala do doutor Egídio, a médica acompanhava a avaliação a respeito da sua recuperação.

— Doutora Jéssica, vejo que finalmente conseguiu atender às minhas orientações. Sua recuperação é notável. Devo concluir que está pronta para voltar ao trabalho.

— Finalmente uma boa notícia, doutor! Não tive alternativa, a não ser cuidar de minha saúde.

— Sábia decisão, minha cara. Você recebeu o beijo da morte, e voltou à vida.

Jéssica o fitou e não pôde deixar de lembrar de Elaine, em espírito, diante dela no centro cirúrgico; depois de algumas frases soltas ditas por Rafaela, sobre o destino, a força da vida que conduz tudo e todos, que não pode ser controlada por ser algum, assunto abordado por Rafaela na reunião no núcleo de apoio e finalmente, a continuidade da vida, quando estavam somente ela, Fernanda e Rafaela sob a árvore de magnólias. Embora tudo aquilo soasse totalmente irreal a cirurgiã, a imagem de Elaine viva ao seu lado, enquanto a hora do seu óbito era declarada por um dos médicos que realizavam a cirurgia, não podiam ser ignoradas por ela. Aquilo fora real, ou ela estaria delirando?

— Doutor, acha que posso estar com alguma doença mental em estágio inicial? — disparou ela — sem pensar nas consequências.

— Por que me pergunta isso? Está apresentando algum tipo de comportamento anormal?

— Comportamento anormal? Sim, acho que todo mundo apresenta comportamentos anormais, seja no mundo concreto ou na

mente...

O médico sorriu e disse:

— Tem razão. Mas então, por que a pergunta?

— Queria fazer alguns exames, para afastar qualquer tipo de receio.

— Corajosa. Vamos fazer. — Ele começou a preencher os pedidos de exame — você pode fazer tudo nesta última semana, que antecede seu retorno. Quero você aqui na próxima semana, iniciando logo pela manhã. O nosso diretor está ficando preocupado com as cirurgias eletivas que foram canceladas durante sua ausência. Como sabe, você é a médica que mais opera nesse hospital, ou seja, a que traz mais lucros. E ficar sem você durante todo esse tempo, impactou nos resultados financeiros. Ele me intimou ontem à tarde, que você voltasse o mais rápido possível.

— Seria melhor eu retornar amanhã, então.

— Doutora, já informei ao doutor Caio Montenegro que você retorna semana que vem. Quero ver os resultados desses exames antes que você retome suas atribuições. Queremos nossa principal cirurgiã completamente recuperada. E que venham as cirurgias!

Jéssica tentou esboçar um sorriso, mas teve dificuldade. Para ela, tudo aquilo sempre fora normal, tudo o que ela amava fazer: exercer seus conhecimentos e poder na mesa de cirurgia, além de ganhar dinheiro, muito dinheiro. Sacrificaria tudo para ter aquilo novamente. Entretanto, agora que seu retorno tinha dia e hora para acontecer, ela sentiu uma ponta de frustração, uma impressão rápida de que aquilo que sempre fora sua vida, de repente perdera o brilho. Mas foi apenas por um breve segundo. Ela logo se levantou e, estendendo a mão, agradeceu:

— Obrigada pela sua atenção, doutor Egídio. Cuidou muito bem de mim.

— Não podemos nos poupar diante de um colega tão competente como a senhora. Cuide-se doutora. E lembre-se de que vou considerá-la totalmente apta na pró-xima semana. Falta muito pouco agora.

Já prestes a sair do consultório, Jéssica respondeu:

— Não se preocupe, doutor, sou a maior interessada.

Abriu a porta e deu de cara com Omar, que vinha com exames nas mãos falar com doutor Egídio. Ficaram cara a cara pela primeira vez desde o ocorrido no quarto de hotel. Jéssica não teve tempo para pensar e desviou-se do outro sem dizer nada. Omar foi mais frio e falou, cínico:

— Doutora, que bom vê-la recuperada. Quando retorna?

Jéssica já estava longe e sem responder, apertou o passo. Saiu do elevador e andou ainda mais rápido em direção ao carro. Olhou para trás algumas vezes, para ter certeza de que Omar não a seguia. Entrou no carro, ligou e saiu depressa. Foi só quando parou no primeiro semáforo que conseguiu organizar os pensamentos e murmurou:

— Como é que vou ser capaz de ver esse homem todos os dias? Não vai ser possível! O que vou fazer?

Não lhe vinha à mente nenhuma solução. Ao chegar em casa, agendou todos os exames que Egídio solicitara. O apartamento estava silencioso e, quando terminou com os agendamentos, não conseguia desviar os pensamentos de Omar. E todo o tipo de questionamento vinham à sua mente: *por que ele a agredira? Ele seria um homem doente, que não suportava rejeição? Era um machista, daqueles doentios, que não suportava um não, que se sentia dono da outra pessoa? Seria isso?*

Ela olhou o relógio. Ainda tinha bastante tempo, antes que os filhos voltassem do colégio. Preparou um chá quente, e sentou-se outra vez no sofá, para apreciar aquela bebida que a acalmava. Ela, afinal, voltaria ao trabalho. Mas ao mesmo tempo que se sentia aliviada, tinha aflição. Teria de encarar seu agressor e fazer alguma coisa, teria de enfrentá-lo. Mas como?

Os pensamentos em desalinho a deixaram cansada. Deitou-se no sofá e adormeceu. Enquanto seu corpo dormia, seu espírito desprendeceu-se dele e sentou-se, um tanto atordoado. Quando conseguiu ligeiro equilíbrio, Jéssica sentiu uma mão tocar seu braço com suavidade.

— Olá doutora. Precisamos conversar.

— Elaine?! O que é isso? Você está morta.

— A morte não existe, doutora. Quando deixamos o plano físico, apenas trocamos de ambiente, de um mais denso por um mais etéreo. Mudamos de dimensão^[7]. Mas a vida, dom divino, prossegue ao infinito. Não morreremos jamais.

— Isso não pode ser! — Ela fitou seu corpo inerte no sofá — Devo estar sonhando.

— Este não é um sonho, mas um chamado.

— O que significa?

— A doutora tem passado por muita coisa ultimamente.

— E tudo começou com a sua morte...

— Pois então, aquele foi o início de uma grande transformação que deve acontecer em sua vida.

— Do que está falando? Minha vida vai muito bem. Estou ótima. Sou bem-sucedida, sou feliz...

Elaine sorriu com suavidade e indagou:

— Por que tanta resistência, doutora? Do que tem tanto medo? Do que está fugindo?

— Não sei do que está falando.

— Você está sendo convidada a encarar sua realidade interior e as consequências delas no mundo exterior. Doutor Omar é uma delas. E o que aconteceu entre vocês também. Não está tudo bem, doutora. Há muita coisa que precisa ser curada aqui dentro — Elaine pousou sua mão que emanava uma luminosidade azulada suavemente no peito de Jéssica e prosseguiu — e a cura precisará ser profunda.

— Do que está falando? Eu estou doente?

— Ainda não, mas se continuar a ignorar a voz de sua intuição gritando toda noite, em sonhos estranhos e simbólicos, a sua consciência, sua essência, querendo se manifestar e totalmente sufocada pelos desejos de sua personalidade, da médica famosa e rica, certamente irá adoecer o seu corpo. Isso, se não acontecer o pior no meio do caminho...

— Do que está falando? Que pior é esse? O que você sabe e não está me contando?

— Omar não vai parar. Ele a odeia.

— Mas por quê?

— Ele acha que tem motivos na vida presente, mas na realidade, os motivos estão em uma vida passada.

— Do que está falando? Que vida passada?

— Doutora, a senhora tem muitas informações. É uma excelente médica, mas há um universo de co-nhecimentos que ignora. Nossa vida não começa quando nascemos, pois já existimos muito antes, na dimensão espiritual, nessa que estou agora.

— Não está com raiva de ter morrido, Elaine?

— Eu não morri, doutora. Foi o meu tempo na Terra que terminou, e agora estou de volta à vida espiritual, onde poderei prosseguir com meu aprendizado, meu crescimento e meu serviço ao Bem Maior.

— Não compreendo.

— Precisamos de você, doutora. Está na hora de relembrar sua tarefa, sua missão no orbe.

— Do que está falando?

— A senhora tem um compromisso assumido, antes de reencarnar, e chegou a hora de relembrar e de assumi-lo. Ou pensou que estava na Terra para ser rica, famosa, e usufruir dos prazeres e nada além disso?

Jéssica olhava séria para Elaine. Sabia, de algum modo, que ela estava certa. Alguma coisa dentro de si concordava com o que a sua ex paciente dizia. E Elaine prosseguiu:

— Quando acordar, não vai se lembrar com clareza de nossa conversa. Mas quero que se lembre de uma coisa: você tem uma missão a cumprir. E deve buscar a ajuda de Rafaela. Ela poderá ajudá-la com Omar e com a sua tarefa. Repita comigo:

— Tenho uma missão e preciso da ajuda de Rafaela com Omar e com minha tarefa.

Jéssica repetiu duas vezes a frase, e Elaine desapareceu. Jéssica despertou, como se acordasse de um sonho, ainda repetindo a frase uma última vez:

— Tenho uma missão. Preciso da ajuda de Rafaela com Omar e com a tarefa...

Sentou-se escutando o que dizia e sentiu medo. Estaria louca? Continuava a ver Elaine, agora em sonho.

— O que vou fazer? — Pensou alto a doutora. E a resposta não tardou:

— Procurar Rafaela.

CAPÍTULO 19

Logo os filhos chegaram acompanhados pelo pai. Jantaram e Jéssica compartilhou com eles a boa notícia de que em breve retornaria à sua rotina. Entretanto, Maria Helena pareceu contrariada.

— O que foi? Não está feliz por mim?

— Claro que estou, mãe. Depois de tudo pelo que você passou, estou muito feliz por estar bem. É que...

— Fale.

— É tão bom ter você por perto, encontrar você em casa quando volto do colégio.

Sinto-me tão bem de poder chegar, sentar-me com você, e conversar. Me faz muito bem.

Os olhos da menina encheram-se de lágrimas.

— Me desculpe, mãe.

— Não se desculpe, querida. Também tenho aproveitado essas nossas conversas de final de tarde. Também gosto muito de estar com você.

— Verdade? Pensei que as achasse sem graça...

— Não, filha, eu gosto muito. Mas tenho meu trabalho...

— Claro, mãe. — Respondeu a jovem mulher, enquanto retirava os pratos da mesa. — Você tem seu trabalho.

Jéssica ficou em silêncio alguns instantes, depois falou sem pensar:

— Mas olhe, vamos ter mais tempo juntas, pode ter certeza. Vou reduzir a carga de trabalho.

— Está falando sério, mãe?

— Totalmente sério. E amanhã você vem comigo, vai conhecer um lugar especial.

Vitor fitava a mulher, tentando entender do que ela falava.

— Vou com a Fernanda visitar Rafaela, preciso conversar com ela.

— Ótima decisão – concordou ele – você melhorou quando esteve com ela.

— Pois é. Quero voltar, e acho que a Maria Helena vai gostar de conhecer aquele lugar.

Passaram para a sala de estar, e Jéssica explicou à filha o que era o núcleo de apoio e algumas outras informações que colhera na primeira visita. A família teve momentos tranquilos e Jéssica quase se sentia bem, mas os receios, as perguntas sem respostas, as angústias não deixavam que ela apreciasse por completo aqueles preciosos momentos. Era apenas mais um momento em família.

Naquela noite, ao se deitar, tinha a mente agitada por medos, e pensamentos assustadores. Sentia como se uma porta mental qualquer tivesse sido aberta, e não conseguisse mais fechá-la, deixando solto os pensamentos mais tenebrosos, verdadeiros monstros assustadores saindo sem controle. Ela estava inquieta e remexia-se sem conseguir se acalmar, até que acordou o marido.

Vitor, sonolento, perguntou?

— Por que não toma logo seu remédio para dormir? Do contrário, nenhum de nós vai ter uma noite de sono decente.

Jessica esticou o braço e tirou da gaveta da mesinha de cabeceira o seu comprimido. Tomou e esperou pelo sono. Quando adormeceu, viu-se descendo as escadas e dessa vez, elas eram ainda maiores. Entrou no corredor e caminhou por ele, até parar diante de uma das portas. Abriu-a e entrou, dando de cara com um jardim magnífico, repleto de flores coloridas, árvores de magnólias e o murmúrio suave de águas descendo calmas em um córrego, que lhe deram a impressão de uma carícia em sua alma inquieta. Jéssica sentiu uma vontade incontrolável de sentar-se à beira daquele riacho; queria mais daquela paz.

Quando deu um passo firme na direção do riacho, sentiu que algo a impedia, algo que ela não via, mas sentia, como se houvesse

um vidro, uma barreira invisível que a impedia de prosseguir. Ela colocou as duas mãos espalmadas diante do rosto, na tentativa de descobrir o que obstruía o seu caminho.

Enquanto observava, viu duas mulheres se aproximarem, vestidas com roupas medievais; pareciam antigas camponesas, dada a vestimenta simples. As duas conversavam alegres, pareciam felizes juntas, e sorriam. Colhiam plantas e colocavam em pequenos cestos, enro-ladas delicadamente por cipós, formando minúsculos buquês de ervas diversas.

De súbito, um homem apareceu e uma das mulheres o acompanhou, deixando a outra para trás. Jéssica sentiu um aperto no peito, como se soubesse que era ela que fora deixada. E aquilo lhe doía.

Quis novamente se aproximar do riacho, consolar a jovem que ficou cabisbaixa e entristecida, mas não podia. Sentia que algo a impedia.

— Tem de me abraçar primeiro — ela escutou uma voz rugindo atrás de si. Virou-se assustada e deu de cara com a anciã que mais se parecia com uma bruxa, de olhos penetrantes, cabelos enormes, e rugas, muitas rugas no rosto. Ela rugiu de novo:

— Tem de me aceitar, Jéssica. Não há como fugir do seu destino.

A médica deu um pulo na cama, e acordou assustada e intrigada ao mesmo tempo. Quem seriam as duas jovens? E aquela mulher? E o riacho? Tudo lhe parecia tão real... O que significava tudo aquilo? Novamente o destino a chamava, invocando o seu passado.

Ela tentou se acalmar. Fechou os olhos, mas não podia ignorar os sentimentos que afloravam. Os ciúmes que sentiu ao despertar, pensando na outra jovem que a abandonara. Quem seria aquela jovem? Ela ficou em silêncio, e de súbito o rosto de uma pessoa brotou em sua mente, mas ela ainda não conseguiu perceber a resposta que tentava emergir do fundo da sua alma.

CAPÍTULO 20

Eram quase três horas de uma agradável tarde de primavera. O céu estava azul, nem uma nuvem no céu. Chovera no dia anterior, e o ar tomava-se de um perfume indefinido, misturando aromas de flores, o cheiro da madeira e terra suavemente umedecidas.

Jéssica estava sentada sob a árvore de magnólias, no jardim dos fundos do imóvel onde funcionava o núcleo de apoio. A médica havia chegado cedo, acompanhada de Fernanda e Maria Helena. Assim que a viu, Rafaela sentiu o impulso de convidá-la a esperar pelo início da reunião em seu lugar preferido para reflexões — e pediu ajuda a Fernanda e Maria Helena. Queria que a médica permanecesse sozinha, em silêncio, cercada pela beleza daquele espaço quase sagrado que haviam criado nos fundos da propriedade.

Demorou para que Jéssica conseguisse se acalmar e começasse a sentir os benefícios da quietude. Os pássaros dançavam e cantavam, pousando e voando dos galhos, como se cumprissem caprichosa coreografia. Eram muitos. Havia naquele jardim bromélias, orquídeas e um jasmim subindo pelo muro lateral, totalmente florido, ao lado, um arbusto de lantanas atraía borboletas à sua volta. Mas a maior festa era mesmo dos pássaros, espalhados pelos galhos abertos e bem distribuídos da magnólia.

Depois de ser convidada a permanecer ali por um tempo, em solitude e sem o celular (que Rafaela havia confiscado gentilmente), Jéssica começou a se afastar dos próprios pensamentos — onde costumava viver a maior parte do tempo — e deixou-se atrair pelo bailar dos passarinhos e das borboletas. Enquanto observava, uma

borboleta azul enorme passou diante de seu rosto; logo depois, outra menor, amarela, com pequenos pontos avermelhados nas pontas das asas.

Um bem-estar suave a envolveu. Era como se a natureza a chamasse para cantar, dançar e se soltar. A energia leve, alegre e bela do ambiente começou a agir sobre ela. O rosto se descontraiu; as linhas de preocupação em sua testa desapareceram. Um sorriso leve brotou em seus lábios, e o olhar tornou-se sereno.

— Finalmente está mais calma, doutora.

A médica ergueu os olhos, surpreendida pela chegada silenciosa de Rafaela.

— Esse lugar é lindo!

Rafaela sentou-se ao lado de sua convidada.

— É nosso jardim mágico. Fomos construindo aos poucos, com a ajuda amorosa das mulheres que foram passando pelo nosso núcleo. Cada uma contribuiu com alguma coisa, algum cuidado, uma opinião, enfim, participaram como e quanto puderam, para tornar nosso jardim esse lugar agradável. E conseguimos. É aqui que faço minhas orações todas as manhãs, quando chego para conseguir encarar um novo dia de trabalho nesse lugar, onde tudo pode acontecer...

— Você é religiosa, Rafaela?

— Eu não diria religiosa. Já fui alguém que não acreditava em Deus, que odiava religiões e tudo o que não pudesse ser absolutamente comprovado pela ciência. Detestava os religiosos.

Jéssica olhava fixamente para a sua interlocutora, aguardando que prosseguisse. Estava curiosa sobre as crenças dela, que continuou:

— Mas a vida me provou o contrário. Depois de uma viagem ao Oriente Médio, minha vida deu uma guinada muito louca.

— A viagem que você fez quando escreveu aquela matéria que lhe rendeu um prêmio?

— Isso mesmo. Leu a matéria?

— A Fernanda compartilhou comigo, na ocasião, as dificuldades que teve para fazer a edição que julgou necessária à época. Você deu trabalho a ela.

Rafaela sorriu concordando.

— É verdade, dei bastante trabalho. Havia muitas coisas que eu não compreendia, mas achava que sabia tudo... Somos assim em nossa ignorância espiritual. Como nos disse Isaac Newton, "*o que sabemos é uma gota, mas o que ignoramos é um oceano.*" Acho que consegui compreender essa frase na prática.

Rafaela ficou pensativa por alguns instantes, depois disse:

— Pena que demorei demais a aceitar o chamado, sofri sem necessidade...

— Que chamado?

— O convite da vida, do Universo, de Deus, enfim, como quiser chamar. O convite da força de dirige o Universo, que hoje eu chamo de Deus, depois de me livrar de tudo de negativo que já esteve associado a esse nome. Ranço religioso, autoritarismo religioso, você me compreende.

Jéssica fitava Rafaela nos olhos, acompanhando com atenção o que ela dizia. Enquanto ela falava, a médica sentiu um ímpeto de abraçá-la, como se estivesse diante uma amiga querida de longa data. Mas continha o ímpeto que não sabia de onde vinha.

— Então acredita em Deus, é religiosa ou o quê?

— Mais do que acredito em Deus, Jéssica. Eu o experimento. Eu o sinto em mim, conduzindo minha vida, minhas ações e decisões. É Ele que me protege e sustenta nesse trabalho desafiador que fazemos aqui.

Rafaela fez outra pausa, como se procurasse a melhor forma de se expressar e depois prosseguiu:

— Não sei se a Fernanda comentou os desafios que enfrentamos em nosso projeto. Muitas vezes lidamos com a fúria de maridos, companheiros e pais que nos odeiam por darmos suporte às mulheres oprimidas, tratadas de forma violenta, e por expô-los. É um trabalho arriscado — muitos nos detestam. Mas eu amo o que fazemos aqui. Cada mulher resgatada, que se reencontra, que aprende a se amar, a se valorizar e a se respeitar, é como uma flor que desabrocha em toda a sua beleza. Foi assim que construímos este jardim: plantamos uma nova muda cada vez que uma mulher se fortalece e se liberta, acessando o poder da sua energia essencial

feminina. E veja que belo jardim já floresce diante de nós. Só faltam as magnólias...

Os olhos de Jéssica estavam marejados, à medida que ela era tomada de uma intensa emoção.

— Que lindo, Rafaela. Quer dizer que cada planta aqui representa uma das mulheres que já passou pelo núcleo?

— Principalmente as flores.

— São muitas flores, Rafaela.

— Sim, é uma forma de jamais esquecermos o que estamos fazendo aqui, especialmente quando enfrentamos os dias difíceis, de falta de recursos, de ameaças, em que o desânimo nos pega de jeito. Frequentemente tem alguma de nós sentada aqui, buscando inspiração, forças e encorajamento para seguir com sua missão, olhando para o jardim cheio de significado que criamos nesse lugar. Além disso, todas nós precisamos de pausas, de ficar às sós conosco mesmas em um lugar delicado, suave e cheio de beleza que nos relembre que somos mulheres e o que isso realmente significa.

— Não entendo muito bem o que você quer dizer com o que significa sermos mulheres... me parece óbvio...

Rafaela fitou a médica sorrindo e, procurando por inspiração, disse:

— É que me refiro à energia essencial feminina feita de vibrações de alegria, conforto, leveza, verdade e equilíbrio. Por ela nos conectamos à natureza, e a reconhecemos em nós mesmas, em nossos ciclos; nos conectamos à nossa intuição e criatividade, que tem o poder de dar vida a algo novo.

— Nunca pensei no feminino dessa maneira.

— Por isso apreciamos tanto esse recanto. Ele nos lembra que precisamos exercitar essa reconexão com nossa essência.

— Sem dúvida esse é um trabalho único, nunca vi algo tão forte e tão delicado ao mesmo tempo...

— É a natureza essencial feminina em ação, Jéssica, que dentre outras coisas, contribui para restabelecer o equilíbrio natural da mulher, promovendo cura interior que favorece a conexão com

Deus e a fortalece para que tenha maior êxito em sua jornada terrena.

A médica escutava com atenção.

Rafaela refletiu por alguns instantes em como poderia contribuir para ampliar a compreensão da outra sobre o tema da energia essencial feminina, que ela levava tanto tempo para compreender, e prosseguiu:

— De acordo com a visão que tenho, baseada nos princípios espíritas, a alma não tem sexo. O espírito encarna ora como homem, ora como mulher, conforme as necessidades de sua evolução, às vezes por escolhas individuais, mas na maioria das vezes, por resgates cármicos e necessidades de aprendizado. Quando uma alma reencarna na Terra em um corpo feminino, ela se ancora nas emoções, sentimentos e pensamentos próprios dessa polaridade de energia. Da mesma forma, ao viver na condição masculina, experimenta a vibração específica dessa outra polaridade, com seus modos de sentir, pensar e expressar.

Rafaela fez uma pausa enquanto observava os efeitos que suas palavras haviam causado na médica, e perguntou:

— Você entende o que isso quer dizer?

— Olhe, acho tudo isso muito distante do que acredito...

Rafaela sorriu ao responder:

— Sei como se sente: como se eu estivesse falando grego... tudo bem. Certas verdades precisam de tempo para ser compreendidas e aceitas. Comigo foi assim também. Mas isso não é o importante agora. Quero saber de sua experiência aqui conosco. Percebi que se sentiu bem também em nosso pequeno paraíso...

— É verdade. Esse lugar tem alguma coisa especial, além da beleza, é claro.

Rafaela tocou de leve a mão de Jéssica, e indagou:

— Como você está?

As duas estremeceram.

— Nossa! – Exclamou Rafaela – Tive um *déjà vu* agora.

— *Déjà vu*?

— Isso. Nunca sentiu?

— Acho que não...

— Tem certeza? Ou nunca se atentou para ele?

— O que sentiu? Indagou Jéssica, sem querer admitir a força magnética que Rafaela exercia sobre ela.

— Uma sensação de que essa cena se repetia perfeitamente, que já vivi exatamente a mesma situação, do mesmo jeito, com a mesma pessoa, e as mesmas emoções... Como se tudo isso já tivesse acontecido antes...

Ela parou, fitou Jéssica e afirmou, dando fluxo à inspiração que recebia de seu mentor espiritual:

— Nós duas nos conhecemos de outra vida, Jéssica. Nós já fomos amigas...

A médica paralisou com a afirmação da anfitriã — sentia o mesmo. Como podiam compartilhar aquela sensação? O que estava acontecendo com ela?

O certo é que se fortaleceu naquele instante a co-nexão entre as duas.

— Rafaela, está na hora de começar a reunião. Acho que estão todas aqui. — Luana^[8] apareceu na porta interrompendo a conversa entre a médica e a jornalista.

— Estamos indo. — Afirmou Rafaela prontamente. Depois, virando-se para Jéssica, convidou:

— Gostaria muito que você ficasse um pouco mais depois que terminar nossa reunião. Nosso encontro semanal é rápido, mas eu gostaria de conversar um pouco mais com você. Poderia ficar?

Jéssica não sabia o que responder. Ela queria ficar, mas tinha medo, dúvidas, principalmente por não compreender exatamente o que se passava consigo. E ela detestava se sentir assim. Mas Rafaela ajudou:

— Fernanda me disse que você está enfrentando alguns desafios com um colega de trabalho. Em casos assim, prefiro uma conversa mais reservada, para entender e ver em que podemos auxiliar.

— Claro — agora Jéssica compreendia melhor o propósito daquela conversa e assentiu com a cabeça enquanto respondia.

— Pois bem. Depois de nosso chá da tarde, conversaremos mais.

Chá da tarde? Pensou Jéssica. Que tipo de lugar era aquele? Seria um ambiente para mulheres desocupadas e mimadas buscarem fofocar sobre seus casamentos? Ou falar sobre homens e como conquistá-los? Qualquer que fosse o motivo, por certo deveria ser fútil, a ponto de se darem tempo para um “chá da tarde” ...

O encontro daquela tarde foi tenso. Luiza havia chegado com hematomas e o olho roxo. Tinha apanhado do namorado outra vez. Ela teve ali um espaço seguro para chorar, desabafar, extravasar a raiva que sentia dele, de si mesma, de toda a situação. Foi acolhida sem julgamentos, como era hábito daquele agrupamento. Jéssica escutava tudo com um desconforto crescente. Em determinado momento, indagou à outra:

— Por que não o deixa de uma vez?

— Ele faz ameaças e eu fico com medo. Parece que não tenho alternativa. Se fico, posso morrer, se o deixo, também posso...

— Calma, Luiza, temos alguma experiência nesse tipo de situação. Primeiro, precisamos acalmar o seu coração e deixar você mais forte, para que possa enfrentar o que vem pela frente, que como você acabou de dizer, não será nada fácil, seja qual for a sua decisão. Não há uma solução fácil para o seu problema, e de tantas outras mulheres em nosso mundo, que sofrem violência física, psicológica e emocional. O ideal seria que cada mulher tivesse o sexto sentido bem aguçado, plena confiança em si mesma e muito amor-próprio, para detectar a aproximação de um homem potencialmente perigoso, e o pressentindo, não se deixasse envolver por suas palavras muitas vezes agradáveis, e seu jeito sedutor de agir. Temos de aprender a enxergar além das aparências, enxergar a energia que as pessoas emanam, para que consigamos nos proteger a tempo. Mas isso implica em um grande aprendizado: enxergar as coisas como elas são e não como gostaríamos que elas fossem, para se encaixar em nossos desejos e fantasias.

As palavras da anfitriã calaram fundo em Jéssica. Ela não soubera detectar o perigo em Omar. Ela, uma mulher forte e independente, fora enredada nas mentiras de um homem sedutor.

Suspirou fundo enquanto concluía: que direito eu tenho de julgar qualquer mulher que seja?!

Maria Helena, como se pudesse pressentir os pensamentos da médica, ao ouvir o suspiro da mãe, a-penas apertou forte a sua mão. A filha a amava demais e faria de tudo por ela.

CAPÍTULO 21

Quando o encontro acabou, reuniram-se na sala maior, onde era servido um singelo chá e café com petiscos. Jéssica surpreendeu-se com os detalhes. Uma mesa delicadamente montada, com flores rústicas em pequenos vasos de vidro, colhidas do jardim, davam um ar leve e suave ao ambiente. A toalha clara era de tecido, e as xícaras, embora diferentes umas das outras, formavam um conjunto harmonioso. Tudo era simples, mas se podia sentir o cuidado em cada detalhe.

Jéssica observava e participava de algumas rodas de conversa, sem se envolver. Apenas como uma ouvinte desconfiada, que rejeitava a priori o que escutava, sentindo que não pertencia àquele universo. Estava longe de tudo que amava fazer, e sentia-se perdida entre aquelas mulheres que alegres ou tristes, conversavam a-nimadas. Para Jéssica, aquelas mulheres haviam escolhido viver vidas sem desafios, e isso não a agradava.

Estava ensimesmada, quando sentiu o toque suave das mãos de Rafaela sobre seu antebraço:

— Vamos, Jéssica?

Notando a surpresa na outra, a anfitriã lembrou:

— Para o meu escritório. Gostaria de falar com você com privacidade.

— Ah, sim. Estava distraída.

— Eu percebi. — E virando-se para Maria Helena, disse:

— Vou roubá-la só um pouquinho, mas prometo devolvê-la logo.

Maria Helena sorriu, sem responder. Ela já tinha uma simpatia natural por Rafaela.

— Por aqui, Jéssica.

As duas entraram no escritório de Rafaela e se acomodaram em uma pequena poltrona que ficava sob a janela. Seguiu-se um silêncio constrangedor. O coração de Jéssica batia descompassado, como se estivesse prestes a pular pela boca. A expectativa era enorme.

Rafaela sorriu, e disse:

— Não sei você, mas eu sinto como se a conhecesse de longa data. E quando eu sinto assim – e preciso ressaltar que isso não acontece comigo com frequência, de fato só me ocorreu umas duas vezes, eu sei que há algo importante que precisa ser resolvido, compreendido, desvendado. Não posso simplesmente passar por cima e seguir a vida, como se nada estivesse acontecendo. Simplesmente não consigo.

Ela falava e olhava com suavidade, mas fixamente para Jéssica, que mal conseguia respirar. Ela sabia exatamente do que a sua anfitriã estava falando. Não com palavras, com o sentimento, e quase não podia respirar.

— Pois bem, aqui estamos, para desvendar esse mistério. O que temos de resolver entre nós, ou juntas com uma de nós?

— Eu não faço a menor ideia.

— Por que está aqui, Jéssica? O que veio buscar?

— Eu não sei ao certo. – A resposta pulou da boca sem pensar.

— Primeiro de tudo, precisa se acalmar, está muito ansiosa, tensa, receosa. Não há nada a temer aqui. Afinal. do que tem medo?

— Medo, eu? Não estou com medo... – Suas palavras diziam uma coisa e seus olhos e todo o seu corpo, diziam outra, mas Jéssica estava sendo sincera. Ela não percebia o que se passava com seus sentimentos. Estava presa em sua mente, em sua vontade firme, que a levara tão longe, ignorando o que sua alma tentava dizer.

— Por que Fernanda quis trazê-la até aqui? Sei que são muito amigas. Ou será que você está aqui para nos ajudar?

— Vim aqui apenas para conhecer o belo trabalho que fazem, estava de licença médica, meio deprimida e Fernanda já tinha me

convidado outras vezes, mas eu nunca tinha tempo. Com a licença, finalmente pude vir. Uma casualidade, eu acho, não tem nada maior atrás disso.

Rafaela sorriu. Aprendera com a experiência a ler os sinais da vida em todas as partes e não considerava que existiam coincidências, ao contrário, tudo na vida tinha significado. Até mesmo as pequenas e insignificantes ocorrências, tinham sua importância na teia majestosa da vida.

— Olhe, Jéssica, eu não acredito em coincidências, mas em um entrelaçamento divino que se apresenta em todos os lugares. Desde a primeira vez que a vi, senti como se já a conhecesse. E hoje, em nosso jardim, tive ainda mais certeza. Nós já nos conhecemos de uma outra vida, temos essa conexão.

Jéssica podia sentir a verdade. Ela também sabia, mas continuava negando.

— Eu não sei nada de outras vidas, não acredito nisso. Também não acredito em vida após a morte, afinal, ninguém voltou para contar...

Neste momento, Jéssica escutou a voz de Elaine, que pôde ver ao lado de Rafaela:

— *Escute o que ela tem a dizer, doutora. É importante para você. Chegou a hora de acordar do sono, desse torpor. Acordar dessa hipnose profunda e coletiva em que toda a humanidade está imersa, e que nem desconfia. Esse é o seu momento de despertar.*

Jéssica ficou atordoada. Queria sair correndo dali, mas não podia.

— O que foi, Jéssica? Está passando mal? Ficou pálida de repente.

Jéssica não conseguia responder.

Rafaela serviu-lhe um copo de água e aguardou um pouco, para ver se a convidada voltava ao normal. Também Elaine permaneceu calada alguns instantes, depois disse:

— *Sua vida está desmoronando, doutora. Não pode mais negar que algo precisa ser feito. Fugir, como tem feito por tanto tempo, não vai mais adiantar. Omar vai atacá-la de novo, isso se ele não atentar contra a sua família também. Você precisa sair dessa*

frequência vibratória em que está agora, sintonizada com ele, com as intenções dele, com os desejos dele, inclusive em sintonia com o desequilíbrio dele.

Ao se ver obrigada a encarar a ameaça que a rondava, e à sua família, Jéssica não se conteve: desabou em lágrimas, em uma verdadeira explosão de emoções. Chorava como a muito tempo não fazia. Como talvez nunca se tenha permitido na vida. Chorava como se todas as suas feridas interiores estivessem expostas ao mesmo tempo.

Rafaela sentou-se com calma ao lado de Jéssica e abraçou-a com gentileza e carinho.

— Chore, coloque tudo que está doendo para fora.

— Me desculpe... — balbuciou a outra.

Rafaela a abraçou ainda mais forte e ficou em silêncio algum tempo, envolvendo a outra em carinho, e toda sorte de sentimentos elevados. Depois, disse:

— Por que se desculpar? Doeu, e quando dói, precisamos aceitar. É impossível passarmos pela vida sem sentir dor. No estágio evolutivo da Terra, ela ainda faz parte de nossa jornada. Podemos aprender com ela, ou simplesmente sofrê-la, e ignorar seu significado ou seu valor para nossa vida. A angústia e o desejo de fazer com que a dor acabe, que ela passe, faz com que nos anestesiemos de formas diferentes, de acordo com nossas tendências, experiências, e mundo interior.

Aquela era uma linguagem que Jéssica entendia bem. Dor e anestesia eram aspectos humanos que ela compreendia, muito mais do que Rafaela pudesse imaginar. E ela continuou chorando por longo tempo. Soluçava. Quando finalmente conseguiu se acalmar, esvaziar a angústia que lhe corroía a alma, confessou:

— Não sei como lidar com tudo isso.

— E nem precisa, doutora. Estamos aqui para ajudar. Você não tem de carregar esse peso sozinha. Nossos amigos espirituais também estão aqui para nos apoiar.

Jéssica ergueu a cabeça, com os olhos ainda úmidos e vermelhos e fitou Elaine, que prosseguia entre elas. Ela sorria e balançou a cabeça, como se concordasse com Rafaela, e como se,

finalmente, estivesse satisfeita com o rumo dos acontecimentos e com a atitude de Jéssica. Disse apenas:

— *Agora você está começando a compreender.* — E desapareceu.

— Eu tenho visto alguém que é espiritual, eu acho...

— Eu logo imaginei.

— Como?

— Primeiro, porque essas coisas acontecem por aqui. E mais do que isso, porque senti uma presença diferente, enquanto conversávamos. Você sabe quem é?

— Uma paciente que morreu há uns meses, na mesa de cirurgia. Ela estava com a saúde bem comprometida. O que mais me impressionava nela, era a energia de vida que tinha. O corpo ia se deteriorando, mas a energia de vida continuava. Nunca tinha visto algo assim...

Rafaela escutava atenta e a médica contou sem medo e sem censura, sua experiência com Elaine. Depois, movida por intensa confiança em Rafaela, contou o que acontecera com Omar e das ameaças que pairavam sobre ela. O aviso de Elaine e seu pânico ao ter de retornar ao trabalho.

— Não sei o que vou fazer, Rafaela. Terei de vê-lo todos os dias. Trabalhar com ele. Eu não sei se vou conseguir. Tenho vontade de desaparecer...

Rafaela sorriu e tocou com carinho as mãos da médica:

— Acho que todos temos vontade de desaparecer de vez em quando. Eu, pelo menos, tenho. Quando me deparo com um problema que não tenho ideia de como resolver, eu quero sumir. As pessoas fazem verdadeiras loucuras para fugir daquilo que precisam enfrentar. Mas eu tenho aprendido que o mais sensato, o que traz melhor resultado é não fugir, é enfrentar. E é isso que eu sugiro para você: pare de fugir, de negar, de minimizar a dor ou o problema. É uma questão séria, que precisa ser cuidada com toda a sua energia, seu amor e sua dedicação. Afinal, é sua vida, seu destino, seu propósito que estão aqui sendo discutidos.

— Propósito?

— Percebo sua situação atual como se você es-tivesse em uma encruzilhada, Jéssica. Como se tudo que viveu até a gora a tivesse trazido para esse momento, para essa escolha, com esse problema. Compreende o que quero dizer?

— Acho que sim.

— E aqui, diante dessa situação aparentemente sem solução, está a grande oportunidade de transfor=mação de sua vida. De crescimento, aprendizado, de descobertas. Mas tudo vai depender da maneira como você decidir lidar. Qual caminho tomará nessa encruzilhada. Compreender o que precisa deixar morrer para que algo novo renasça e traga uma nova vida para você e, quem sabe, sua família.

Jéssica sentiu um forte arrepio percorrer seu corpo. Odiava a morte com todas as suas forças, não aceitava nem mesmo uma menção simbólica sobre a questão. Ra-faela prosseguiu:

— Eu, de minha parte, tomei o caminho pouco convencional e quebrei expectativas sobre mim e minha vida. Me reinventei, me reconstruí, e descobri meu verdadeiro propósito. Convido você a vir por esse caminho. E asseguro que para mim, ele trouxe liberdade, vida e alegria.

A jornalista fez uma pausa, sorriu e finalizou:

— Poderia lhe dizer muitas outras coisas que sinto em minha alma, mas, por agora, isso é o suficiente. Você já tem bastante para refletir. Gostaria que, em outro momento, pudéssemos conversar mais sobre a vida, sobre nosso passado..., mas é preciso que você esteja pronta para ouvir. É muita coisa para processar de uma só vez.

— Eu me sinto bem aqui...

Rafaela a abraçou novamente e reforçou:

— Estou sempre aqui, Jéssica, volte sempre que quiser. Quando precisar conversar, desabafar, tem em mim uma amiga. E, sobretudo, apoio para lidar com a situação de Omar. Podemos discutir possibilidades, estratégias, ideias, enfim, o que for necessário para que consiga resolver todas essas questões.

Jéssica balançou a cabeça, concordando. Em sua alma já sabia a resposta.

CAPÍTULO 22

O olhar de Jéssica expressava dúvidas e Rafaela indagou:

— Há algo mais que precise me falar?

— Como eu lido com Elaine, essa minha paciente que aparece e conversa comigo? Aqui, junto com você, sinto como se essas coisas fossem naturais, pela forma como você lida, não sei explicar..., mas quando estou sozinha, vendo-a diante de mim, não consigo evitar os pensamentos de que estou ficando maluca, de que preciso de tratamento psiquiátrico.

— Eu não a vejo, mas posso sentir sua presença. Ela não está aqui agora, está?

— Não... como sabe?

— Normalmente não vejo os espíritos, não tenho essa mediunidade. Mas posso sentir as energias com muita facilidade. No caso de sua paciente, a energia que sentia era muito boa. Acho que ela é alguém que deseja ajudar você.

Rafaela falava de tudo aquilo com tanta naturalidade, que a médica se sentiu tranquila ao afirmar:

— Ela aparece de vez em quando e quer me dar orientações.

— Para mim, conviver com o mundo espiritual passou a ser algo normal, depois que parei de rejeitar, de lutar contra o que se passava comigo.

— Então para você, estou vendo um espírito?

— Você tem dificuldade em aceitar, porque não quer acreditar. Desde quando isso está acontecendo e o que ela está lhe dizendo?

— Eu a vi pela primeira vez, deste jeito – fora do corpo –, no dia em que ela morreu. E desde então, ela aparece de vez em quando.

— E o que quer?

Jéssica hesitou. Parecia que se repetisse as palavras de Elaine, tudo se tornaria mais real, mais concreto. Ela perderia o controle de vez...

— Ela disse que chegou a hora de eu acordar. Que tenho um trabalho a fazer, e que chegou o momento.

Jéssica fez uma pausa e depois continuou com aflição:

— Eu não tenho a menor ideia do que ela está que-rendo dizer.

Rafaela sorriu e falou com suavidade:

— Jéssica, isso é comum, acontece com frequência. Nunca ouviu a frase *“quando o aluno está pronto, o mestre aparece?”* Você está pronta para entrar em contato com verdades que até agora ignorou, a realidade do mundo espiritual, do mundo invisível.

A jornalista fez uma pausa, enquanto observava atenta os efeitos que suas palavras causavam em sua convidada, e, mesmo percebendo certo desconforto, arriscou:

— É o chamado da vida, convidando você para a renovação.

Jéssica levantou-se com determinação e disse com irritação na voz:

— Não entendo o porquê de tudo isso. Eu não preciso de nada disso, Rafaela, só quero que a minha vida volte ao normal: voltar para o meu trabalho em paz e fazer o que faço tão bem, salvar vidas, impedir que as pessoas morram!

Um prolongado silêncio se estabeleceu entre elas. Rafaela procurava a melhor maneira de prosseguir, mas nada que vinha à sua mente parecia adequado. Então, sem pensar, disse:

— Quando um ciclo se encerra, somos convidadas a um novo começo. Quando teimamos em prolongar o que tem de acabar, o que deve se encerrar, causamos so-frimento para nós mesmas e para os que amamos.

— Como assim?

— Nossa vida é formada por muitos ciclos; tudo na natureza acontece em ciclos. E o progresso de nossa alma também se dá através dos ciclos de crescimento. Entretanto, para que possamos

experimentar o progresso, a evolução, é preciso um coração disposto a morrer, renascer, morrer e renascer, repetidamente.

— Não entendo...

— Você tenta controlar o incontrolável, por isso está sofrendo.

— Mas eu tenho controle sobre a minha vida!

— Pensamos que temos o controle, nos iludimos e sofremos quando achamos que estamos perdendo. Somente quando aprendemos a confiar no Criador, no processo da vida que Ele criou para todos nós, e nos entregamos com confiança deixando que o fluxo divino nos conduza, quando finalmente nos libertamos dessa necessidade de controlar tudo, constatamos de quantos milagres constituem a nossa vida e conseguimos contemplar a beleza e grandiosidade do trabalho do tecelão do Universo, cuidando amorosamente de tudo o que Ele criou.

Jéssica sentou-se outra vez ao lado de Rafaela, que pousou as mãos sobre o ombro dela e continuou:

— Sinto que está tensa, assustada, que está com medo do que não pode controlar, e veja quantas coisas têm acontecido em sua vida, sem que você consiga ter controle sobre nenhuma delas.

— É, uma coisa eu sou obrigada a admitir: tudo ficou confuso de repente. Parece que o que funcio-nava perfeitamente, não está funcionando mais; eu que sempre soube exatamente o que queria, me sinto confusa e bloqueada, pesada...

— Olhe, Jéssica, isso tudo é muito bom.

A outra ia objetar, mas Rafaela pediu:

— Espere, não retruque, deixe eu terminar. Aprendi a duras penas que quando a vida fica uma confusão assim, existem verdadeiras oportunidades que estão diante de nós, mas ocultas no emaranhado. Tudo que nos acontece é para o bem maior. O Criador nos ama e permite lições para a nossa evolução. São as dores que temos de enfrentar, do contrário, ficaríamos parados no lugar que supomos ser bom para nós, quando Ele sabe que há algo infinitamente melhor, que vai nos trazer alegria e felicidade enormes, nos esperando.

Rafaela sorria como se enxergasse um quadro glorioso diante dela. Jéssica deixou-se envolver por aquela energia intensa e alegre,

cheia de esperança e afeto.

— Sinto lhe dizer, Jéssica, mas não estamos aqui na Terra a passeio. Temos um propósito a cumprir; erros a reparar, lições a aprender e muito a nos ajudar mutuamente. Mas normalmente esquecemos desse propósito e vamos preenchendo a nossa vida com aquilo que nos ensinaram, que nos trará felicidade e plenitude. Nos iludimos.

— E por que esquecemos? Seria tão mais fácil se tudo estivesse claro, se soubéssemos claramente o propósito da nossa vida...

— Cada coisa tem seu tempo certo. Quando o momento chega e nos é necessário, somos convidados e trilhar o caminho que trará essa resposta. E o caminho trará também compreensão ampliada de nós mesmos e da vida.

Enquanto conversavam, Jéssica era envolvida por elevadas vibrações que preenchiam o ambiente. A ampla janela do escritório de Rafaela permanecia aberta e dava para o jardim dos fundos da propriedade, ornado pelos mais variados tons de verde das múltiplas espécies plantadas. Os cantos de diferentes pássaros enchiam o ar de alegria e vida. O olhar da médica foi atraído para o peitoril da janela, onde uma borboleta grande e colorida pousou suavemente, como se a convidasse a apreciar a sinfonia que a natureza tocava do lado de fora. A borboleta levantou voo, e Jéssica notou que logo atrás dela seguia outra, bem menor, branquinha, que voava ainda mais rápido. Pouco depois, pequenos pardais juntaram-se ao voo em direção às frutas silvestres que carregavam o pé de amora

A médica não notava, mas estava mais calma, mais leve. Além do jardim colorido, as vozes femininas vindas do salão principal, seus perfumes diferentes, asseme-lhavam-se a outro jardim, mais humano, em que ou-tros tipos de flores buscavam desabrochar. As vozes eram igualmente calmas.

O olhar da médica foi atraído, então, para o sorriso leve de Rafaela, seus olhos brilhavam com intensidade, transmitindo paz e confiança e lhe conferiam intensa beleza. Na dimensão espiritual, entidades que trabalham sob a orientação de Anália Franco faziam diversas atividades, nutrindo no coração daquelas mulheres o

sentimento de confiança em Deus, de amor ao próximo e de profundo respeito por si mesmas.

A beleza e a sutileza energética do ambiente espiritual eram intraduzíveis. O jardim se mostrava ainda mais bonito e amplo. Diversos espíritos vestiam roupas translúcidas e cintilantes, em tons pastéis variados, como se também fizessem parte do jardim. O perfume das flores, no plano etéreo, especialmente das magnólias, era tão intenso que Jéssica interrompeu a conversa e perguntou:

— Está sentindo esse perfume doce e delicado? Como o de jasmim.

Rafaela sorriu. Não havia tais flores no jardim da casa naquele momento, nem nas redondezas. Ela, entretanto, se limitou a responder:

— Muito perfumados...

— Está sentindo? Jéssica insistiu.

— Estou sim, e você também. Que bom!

— Como assim?

— São nossas irmãs do espaço que vêm trabalhar conosco e trazem consigo esse perfume que está sentindo.

— Irmãs do espaço, como assim?

— Entidades espirituais que nos ajudam em nossas tarefas. Pode ser por isso que sua amiga Elaine veio para cá, quem sabe?

— Então acredita mesmo que seja o espírito dela que fala comigo?

— Eu não tenho dúvida, Jéssica.

— Nenhuma? Como pode?

— Quando você começar a aceitar as verdades espirituais e parar de brigar com elas, de negá-las como está fazendo, começará a compreender. É por isso que tenho tanta certeza de que nos conhecemos em outra vida, que temos uma ligação de vidas passadas. No início foi apenas uma impressão, mas ganhou força e agora, tenho a clara sensação, como se me lembrasse.

— Outras vidas, outros corpos...

— Sim, as várias reencarnações do espírito imortal. Não acho que é uma coincidência estarmos aqui hoje.

Rafaela fez uma pausa, como se buscasse as palavras, mas de fato, deu espaço para a inspiração que sussurrava em seu espírito, e ela falou:

— Tem a ver com o seu propósito de vida, Jéssica. A Espiritualidade superior te chama, minha amiga. Chegou a hora de começar a sua tarefa...

Jéssica não acreditava no que ouvia. Era exatamente o que Elaine já havia lhe dito.

— Foi isso que Elaine me disse...

— Então, não acha que está na hora de levar isso a sério e começar a buscar as respostas? Há muito a ser feito, doutora. Eles precisam de sua ajuda, mas só cabe a você aceitar o convite. Jamais a obrigarão. Espíritos elevados nunca nos forçam a nada: respeitam nosso livre-arbítrio. Convidam, insistem, muitas vezes, mas sempre respeitam a decisão. — Mentores espirituais continuavam inspirando as palavras de Rafaela. — Eles precisam de você, pois os tempos são atribulados. A humanidade atravessa um de seus momentos de transição mais turbulentos. Quanto mais a luz age, mais as trevas reagem. Agora, eles engendram diversas maneiras de adoecer a humanidade desprevenida e ingênua. O crescimento assustador das doenças físicas, mentais e emocionais não é mero acaso: esses espíritos querem comprometer as encarnações, enfraquecendo a saúde e distraindo as almas de sua necessidade de despertar espiritual. Uma humanidade doente, sem saúde, quase imobilizada em suas limitações de todo o tipo, são transformadas em verdadeiras baterias energéticas, à mercê dos desejos dos que controlam o planeta. Sem forças físicas e saúde mental e emocional, os seres ficam muito aquém de seu potencial, mas tão aquém, que não conseguem nem mesmo imaginar do que seriam capazes. Eles te convidam a sair do torpor, da sonolência que predomina no planeta.

Rafaela silenciou, saindo daquele transe que estava sintonizada com os pensamentos dos mentores.

Jéssica deu um suspiro fundo e falou:

— Sinto-me um pouco atordoada. É muita coisa em que não consigo acreditar... mesmo reconhecendo que me toca fundo...

Rafaela fitava a sua convidada e sentiu um forte impulso, mas hesitava, pensando se seria o momento certo, então convidou:

— Venha conhecer o núcleo espírita que frequento. Tenho certeza de que você poderá tirar muitas de suas dúvidas, quando conhecer mais sobre o conjunto de princípios espíritas e como eles nos esclarecem sobre as dores e desafios que enfrentamos. Além de tantas outras questões que poderão ser muito uteis a você, como médica.

— Como assim?

— Um médico experiente escreveu, do mundo espiritual, livros esclarecedores pela mediunidade de Chico Xavier, assinando como André Luiz^[9]. Os mé-dicos espíritas estudam essas obras, que — psicografadas em meados do século passado — traziam conhecimentos que somente mais tarde foram confirmados pela ciência, pela medicina. E continuam a ser confirmados pelas descobertas da Física Quântica^[10] e da Neurociência^[11]. Cuidar do corpo do ser humano é cuidar de uma pequena dimensão do ser, que é muito maior em seus aspectos espirituais e mentais-emocionais.

— Médicos espíritas?

— Sim, são várias associações de médicos espíritas espalhadas pelo Brasil^[12]. Médicos estudiosos e pesquisadores que não se poupam do esforço de buscar comprovações científicas para os postulados propostos na doutrina espírita.

— Está me dizendo que o Espiritismo é calcado na ciência?

— Isso mesmo. Depois te passo os horários de nossos encontros no núcleo espírita. Sei que você compreenderá muitas coisas, Jéssica.

Conversaram ainda por algum tempo. Era quase final da tarde, quando Fernanda apareceu na porta do escritório e disse:

— Estou ficando com ciúmes de vocês duas passarem tanto tempo juntas... Não se cansam de conversar?

— Venha, sente-se conosco.

— Infelizmente preciso ir embora — objetou Jéssica.

— Só mais um chá gelado e então eu te libero... – Respondeu Rafaela, já servindo as duas amigas.

A conversa se estendeu por pelo menos mais uma hora. Já era noite quando se despediram, na porta da frente da casa, enquanto Rafaela fechava a instituição.

Quando entraram no carro, Fernanda comentou:

— Esse lugar não é mágico?

— Ele é! Nem percebi o tempo passar...

— Eu adorei esse lugar – reforçou Maria Helena.

— É sempre assim quando venho aqui. – Prosseguiu Fernanda – Parece que entro em outra dimensão, onde tudo é mais leve, mais suave, mais calmo. E quando saio, levo comigo essas energias poderosas. Sinto uma delicadeza e ao mesmo tempo uma força enorme em mim. Não consigo explicar...

— É... pelo jeito, aqui acontecem muitas coisas inexplicáveis...

— O que me importa é que encontrei a cura da minha doença com a ajuda de Rafaela.

Fernanda fez uma pausa, olhou séria para a médica e disse:

— Embora a ciência não explique – ela sabia o que Jéssica pensava sobre essas curas inexplicáveis – isso é um fato e serei grata a ela para sempre...

Jéssica não respondeu e seguiu em silêncio, pensativa, até chegarem em casa.

CAPÍTULO 23

Quando o despertador tocou, naquela manhã, Jéssica já estava acordada. Finalmente voltaria ao trabalho. Um misto de medo e satisfação a dominavam. Como esperara ansiosa por aquele momento: voltar ao trabalho, à sua vida, à sua rotina. Entretanto, ela se sentia diferente, algo impreciso mudara nela.

Desviando a mente de qualquer coisa que lhe causasse desconforto, ela separava os diferentes *looks* no seu enorme closet. Montou três, e escolhia o que melhor representasse como ela se sentia naquela manhã triunfal. Dentre os três, escolheu o conjunto de alfaiataria lilás, um que ela havia ganho de sua equipe em um de seus aniversários, mas que nunca usara. Ela não apreciava a cor lilás. Mas por alguma razão, foi aquela roupa que escolheu na manhã de seu retorno ao hospital.

Desceu quase pronta e ajudou o marido a preparar o café da manhã. Os dois mal se conversavam nos últimos dias. Havia um distanciamento emocional crescente entre eles; Jéssica costumava ignorar, confiante que era na paixão do marido por ela. Mas naquela manhã, ela desejava que o marido a apoiasse. Ele não disse nada além do trivial.

Logo Maria Helena desceu e sentou-se no amplo balcão da cozinha, onde tomavam o café da manhã.

Jéssica engolia o café, totalmente voltada a seus pensamentos e expectativas para aquele dia, quando sua atenção foi atraída para a expressão da filha. Sem pensar ela perguntou:

— Por que está tão desanimada, filha?

— Vou sentir sua falta. Eu estou feliz por você estar bem e poder voltar ao que mais ama na vida...

Jéssica olhava e notava que a filha não estava bem, mas não dava tempo para a percepção ganhar consistência, e já racionalizava a situação.

— Não se preocupe, não vou ficar tanto tempo no hospital como antes.

— Até parece que pode sustentar essa promessa – objetou Vitor com ironia e desdém.

O olhar de Maria Helena era triste, seu rosto transparecia mais do que tristeza. Um abatimento da alma.

— Vamos, não fique assim. Vamos fazer muitas coisas juntas, filha, eu prometo.

A jovem de dezesseis anos esboçou um sorriso forçado e empurrou o lanche que o pai preparara.

— Não estou com fome. Como alguma coisa no colégio.

— Não quero você comendo porcarias por aí, filha. Coma o seu lanche. – Pressionou Jéssica intimidadora.

— Não quero, mãe, estou meio enjoada...

Jéssica e Vitor se entreolharam e uma ponta de preocupação tentou ocupar a mente da mãe, mas ela logo focou-se em si mesma, em seus interesses e acatou a resposta da filha.

— Está pronta?

— Ainda não.

— Eu estou – respondeu prontamente Felipe.

— Não vou poder esperar. Você leva os dois Vitor?

— Não é óbvio? Você nunca está disponível... – ele respondeu sem conseguir disfarçar sua irritação.

A médica parou diante do marido, fitou-o nos olhos como se o desafiasse, e indagou mais ríspida e irritada do que ele:

— Qual é o seu problema? Não pode me dar um pouco de apoio? Hoje é um dia importante para mim, puxa vida!

— Tudo, sempre, tem de girar em torno de você, não é doutora Jéssica? Vamos meninos, terminem de se arrumar, que estou esperando por vocês no carro.

Jéssica ficou possessa, mas não respondeu. Não deixaria que nada tirasse o brilho daquele dia. Queria saborear o seu retorno completamente. Terminou de se vestir, conferiu sua maleta de

trabalho, passou pela cozinha novamente e tomou um último gole de café. Pegou as coisas e gritou para a família, enquanto abria a porta principal do apartamento:

— Bom dia para vocês. Obrigada pelo apoio de todos...

Saiu sem esperar resposta, resmungando em pensamento: *que família egoísta!*

Chegou ao hospital e estacionou o carro no segundo subsolo do prédio. Entrou no elevador e postou-se firme no meio do espaço. No andar térreo a porta se abriu e Omar entrou. Pela primeira vez, os dois estavam sozinhos de novo. O coração da médica quase lhe saía pela boca, batendo descompassado. Ela sentia ímpetos de agredi-lo, e medo ao mesmo tempo e na mesma intensidade. Ele, por sua vez, não perdeu tempo. Assim que ele se viu a sós com ela, ficou ao seu lado e murmurou baixinho entre os dentes, para não ser detectado pela câmera de segurança do elevador:

— Sua vadia! Você não vai conseguir fugir de mim para sempre...

A porta se abriu no terceiro andar e vários médicos e enfermeiras entraram. O elevador ficou mais cheio e Omar e Jéssica ficaram mais próximos um do outro. Ele podia sentir a respiração dela, o medo que a atormentava, e ficou satisfeito. Quando a porta se abriu de novo ele saiu em passos firmes deixando a médica apavorada.

Ao chegar em seu andar ela desceu e seguiu atordoada para sua sala. Não foi assim que imaginara seu retorno. Ao entrar, deu de cara com vários colegas, e seu chefe, doutor Egídio, esperando-a em sua sala.

— Bom dia doutora, estamos felizes que esteja de volta. Um brinde ao seu retorno – puxou o médico com uma taça de espumante nas mãos. Brindaram e logo voltaram aos seus compromissos.

Jéssica fez o que sabia fazer de melhor. Dedicou-se de corpo e alma ao seu trabalho, organizando a sua agenda, atendendo pacientes, e analisando prontuários que tiveram seus procedimentos atrasados e outros que foram atendidos por colegas. Foi um dia exaustivo e ao sentir o cansaço dominando-a ela conferiu o relógio:

quase cinco da tarde. Levantou-se sem pensar, arrumou suas coisas e saiu, deixando a assistente confusa.

— Já está indo doutora? Pensei que fôssemos organizar a agenda da semana agora...

— Pode organizar e fazer sua sugestão. Aliás, venha comigo até o carro, Amanda, e vá falando o que acha que seria melhor.

As duas seguiram até a garagem. Jéssica não queria ficar até tarde no hospital e evitava ficar sozinha. Já sentada dentro do carro, finalizou a conversa.

— Está ótimo assim, Amanda. Pode informar aos pacientes logo cedo.

— Então não vai querer marcar cirurgias depois das 18, doutora?

— Somente se forem de emergência. É melhor para os pacientes de procedimentos eletivos fazerem as cirurgias no período da manhã.

— E não vai acompanhar os turnos da noite, então, no que tange a recuperação, ao pós-operatório?

— Por enquanto não. Preciso estar totalmente readaptada primeiro.

— Claro, eu entendo, doutora. Até amanhã, então.

Despediram-se. Jéssica ligou o carro e saiu de pressa. Sentia que era observada por Omar; e ele de fato estava lá, dentro do seu carro, observando a médica à distância, e murmurou entre os dentes ao vê-la sair depressa:

— Covarde. Mentirosa. Você não me escapará! No momento certo, vou acabar com você!

O coração de Omar batia acelerado. Ele sentia um ódio quase descontrolado, irracional. Na realidade, esforçava-se para não fazer uma besteira que acabasse com sua própria vida. E ele se controlava por causa da mãe, em especial, e da irmã. Ele cuidava das duas. Se pudesse, acabaria com a médica mesmo que comprometesse seu futuro. Mas por causa da sua família, ele se continha, embora fosse uma força maior do que podia compreender.

Enquanto dirigia para casa, Jéssica pensava no que faria. Parecia que retomar sua vida, exatamente como era anteriormente,

estava ficando impossível. Ela resmungava contrariada, quando o celular tocou. Era Vitor. Quando viu que era ele, demorou a atender. Não sentia a menor vontade de falar com o marido naquele momento. O aparelho parou de tocar para logo recomeçar. Ele insistia e Jéssica atendeu azeda:

- O que foi? Estou no trânsito.
- Que gentil! Preciso falar com você.
- Estou indo para casa. Quando chegar te retorno.
- Encosta agora. É importante.
- Tem muito trânsito aqui.
- Se vira Jéssica. É sobre Maria Helena.

Ao ouvir o nome da filha, a médica entrou na primeira rua que conseguiu e encostou.

- O que houve?

— Precisa ir para o colégio, buscá-la. Ela não está bem. Parece que brigou com umas outras meninas, não entendi direito. Se pudesse eu iria, mas estou na estrada, e vou chegar em São Paulo mais tarde...

- Para variar... Você nunca mais está em casa...

Jéssica sentia o marido cada vez mais distante, mas ignorava o que percebia, tratando-o com irritação e aspereza. E ele se afastava mais.

— Você pode ir buscá-la? A orientadora disse que ela está bastante alterada, não para de chorar. — Ele fez uma longa pausa, depois falou:

- Ela precisa da mãe.

Jéssica sentiu como se tomasse um tapa na cara. A filha precisava da mãe, precisava dela e tinha de deixar seus interesses de lado, para dar atenção à menina. Tinha dificuldade em fazer isso. No entanto, ela amava a filha. Respondeu seca:

- Pode deixar, vou agora buscá-la.

Jéssica ajustou o novo endereço no GPS do carro, para saber o melhor caminho naquele horário de tráfego intenso, e colocou o novo endereço. Respirou fundo. Tinha de tirar todos os pensamentos da cabeça, e focar-se na filha. Colocou-se a caminho. Duas ruas depois, já estava totalmente envolvida nas preocupações com Omar

e seu trabalho. Ela queria voltar à sua antiga vida de qualquer maneira. Seu sucesso, sua liberdade, as possibilidades de fazer o que queria, na hora que bem entendesse, eram por demais sedutoras para ela.

Foi somente quando se aproximou do colégio da filha, em busca de estacionamento, que ela se concentrou na filha novamente.

— O que será que aconteceu? Murmurou, quando conseguiu parar o carro. Pegou a bolsa, acomodou-a no ombro, e trancou o veículo. Ergueu a cabeça e abriu o peito entrando a passos firmes.

Encontrou a filha na antessala do diretor, com os olhos e o nariz vermelhos de chorar. Parecia mais calma. Quando viu a mãe, ficou séria.

— O que aconteceu com você, Maria Helena?

Verificou raspões nos antebraços e na batata da perna da filha.

— Não foi nada...

— Como não? Você está toda machucada. Quem fez isso? Por quê?

— A culpa foi minha... deixa para lá, mãe, por favor.

O diretor abriu a porta e cumprimentou a recém-chegada.

— Doutora, que bom que chegou. Entre, por favor, venha Maria Helena, vamos conversar.

Assim que se acomodaram, Edgar falou:

— Não consegui que sua filha me explicasse o que houve. Maria Helena nunca brigou, em onze anos que estuda nesta escola. Ela não quer falar.

— Falou com as outras meninas?

— Ela brigou com meninos e meninas.

— Meu Deus, Maria Helena, o que deu em você?

A médica tentou se acalmar, e justificou-se para o diretor:

— Como o senhor sabe, passamos por muita coisa em casa, nos últimos tempos. Quase morri, fiquei afastada do trabalho, e tudo isso está deixando Maria Helena muito alterada. Mas agora que estou retornando ao trabalho, tudo vai voltar ao normal, pode ter certeza.

Jéssica fitava o homem com olhar firme.

— Muito bem, doutora, vamos dar uma advertência à sua filha, e deixá-la ir. Fiz o mesmo com os demais. Eles a acusam, e ela não se defende. Mas conhecemos esses jovens desde que eram crianças. Sabemos da índole que têm.

— O senhor não sabe de nada... – falou Maria He-lena sem pensar.

A mãe a beliscou por baixo da bolsa que tinha no colo.

— Compreendo senhor Edgar, e agradeço. Vamos descobrir o que causou a briga, e vamos resolver isso. Não vai acontecer novamente.

— Assim espero, doutora. Na próxima vez, será suspensão que vai para o histórico escolar dela.

— Não haverá uma próxima vez. Eu garanto.

— Está certo. Vamos deixar assim. Se precisar falar comigo, estou à disposição.

Mãe e filha despediram-se do diretor. Quando entraram no carro, Jéssica explodiu:

— O que estava pensando, Maria Helena? Ficou maluca? Quase estragou tudo...

— Acho que estou ficando maluca mesmo, mãe... Falou a adolescente e explodiu em lágrimas.

Jéssica seguiu em silêncio, sem saber o que fazer. Não lidava bem com emoções à flor da pele.

CAPÍTULO 24

Quase nove da noite, Vitor chegou. Jéssica ainda estava à mesa, terminando o jantar.

— Boa noite – foi o cumprimento seco que ele ofereceu à esposa.

— Você não me disse que chegaria tão tarde. Onde esteve? Com quem?

Vitor encostou a pequena mala perto do sofá e caminhou na direção da mesa de jantar, onde Jéssica estava.

— Estou cansado demais para discutir, Jéssica, por favor. Hoje não.

— Você nunca quer conversar.

— E você nunca está presente, sempre voltada para o seu mundo.

— Isso é muito injusto.

Ele fixou o olhar na esposa e indagou, tentando fugir do confronto:

— Como está Maria Helena?

Jéssica suspirou fundo enquanto respondia:

— Está agitada, perturbada. Dei um calmante a ela e finalmente, conseguiu dormir.

Vitor deu um sorriso cínico e falou:

— Dopá-la não vai resolver. O que aconteceu?

— Ela não diz coisa com coisa. Está muito agitada, brigou na escola... Estou preocupada, Vitor. Tinha de acalmá-la.

— E por que não conversou com ela? Não descobriu o que a afligia? Como poderemos ajudá-la se não soubermos o que se passa?

— Ela é adolescente. Está com a cabeça cheia de questionamentos, dúvidas, medos, é normal nesta fase da vida. Vai passar. Ela vai ficar bem. A educação que demos a ela foi consistente, ela vai superar essa fase e vai ficar bem.

Ele a fitou sério e disse:

— Espero que você esteja certa, pois eu não tenho tanta certeza.

— Agora me diga o que está acontecendo com você. Por que a demora?

— Já disse, Jéssica. Agora não. Estou exausto.

— Então quando iremos conversar?

— Quando você tiver tempo para a sua família. Pensei que quando se afastou do trabalho, você teria tempo para refletir, para analisar a sua conduta, e pudesse rever alguns padrões, escolhas e comportamentos. Mas, ao invés disso, você ficou alucinada para voltar ao trabalho. Inquieta, agitada, infeliz. Agora, está de volta e nada mudou.

A frustração era evidente nas palavras, mas ainda mais no olhar dele.

— Vai querer colocar a culpa de tudo em cima de mim? Como se você fosse santo...

— Quem falou em santidade aqui? Estou falando de amizade, companheirismo, de convivência familiar. Estou falando de relacionamentos. Mas você é obstinada. Só pensa nos seus interesses.

Ele fez uma pausa e ela ia retrucar, mas ele a interrompeu e prosseguiu:

— Quando namorávamos e você fazia faculdade de medicina, eu admirava sua dedicação. Mais do que isso, ela me inspirava. Aliás, sua dedicação me inspirou até mesmo profissionalmente. Para mim, você era a melhor. Em tudo. E eu me questionava como conseguia fazer isso. Mas com o passar do tempo, a nossa vida foi mudando, se transformando. As crianças chegaram. Eu conquistei espaço profissional, mas você continuou exatamente fazendo o que fazia antes. A sua adaptação, os seus ajustes pessoais, conforme a vida foi mudando, foram quase nulos. Tudo sempre do seu jeito. E

você foi se transfor-mando para pior. Uma mulher sem alma, é isso que penso de você hoje.

Jéssica gelou. Não podia imaginar que o marido estivesse tão frustrado, tão decepcionado. Ele sempre a admirara — e ela adorava isso. Era o centro das atenções da família, aquela que brilhava, que se destacava. Lutara para realizar grandes feitos, vencera obstáculos de todo tipo. Achava que deveria ser honrada e reconhecida por todos, afinal, era quem sustentava o padrão elevado de vida da casa. Agora, aquela frase atingira seu ego em cheio. Sem pensar, respondeu:

— Se está tão insatisfeito, pode ir embora. Se não consegue reconhecer o meu valor, tudo que faço por essa família, então pode ir. Você já deve ter alguém em outro canto mesmo.

O marido desviou o olhar para que ela não visse as lágrimas brotarem em seus olhos. Não queria que aquela mulher cruel o visse fraquejar, controlou a emoção e caminhou em direção da mala. Pegou-a nas mãos e falou, indo para a porta de entrada:

— Como você quiser, doutora. Estou indo. Depois, quando você não estiver em casa, volto para buscar o resto das minhas coisas. E acho bom você falar para os meninos o que aconteceu, ou eu vou contar do meu jeito.

Saiu e fechou a porta com calma, deixando Jéssica atônita à mesa de jantar. Ela não podia acreditar que o marido tivesse tomado aquela atitude. Por mais ríspida que fosse com ele, Vitor sempre se mostrara solícito e atencioso. A médica acostumara-se a ser dura, até rude, e ele suportava pelo bem da família. Custava-lhe crer na atitude calma e decidida do marido.

Pensou em correr atrás dele, mas não teve vontade suficiente. Empurrou o prato, recostou-se na cadeira e murmurou: — Ele vai voltar. Vitor não consegue viver sem mim...

Deitou-se tarde da noite, depois de ficar ouvindo música por algum tempo, tentando desviar o pensamento do que realmente importava. Sentia raiva do marido. Sentia raiva de Omar. Sentia revolta por tudo estar saindo de seu controle. Sentia como se um furacão estivesse prestes a explodir dentro dela, mas continha-se. E sempre abafava qualquer consciência que quisesse se manifestar.

Sua mente estava confusa, e suas emoções, contidas, negadas, abafadas.

Depois de duas horas remexendo-se na cama, ela tomou um comprimido para dormir e apagou.

Acordou bem cedo, e logo que abriu os olhos, seu coração disparou, sentiu angústia e ansiedade. Sentiu medo. Jogou as cobertas para o lado e ergueu-se decidida.

— Vamos lá, doutora Jéssica, vamos ao trabalho. Seus pacientes a aguardam. Vamos salvar vidas! Se alguns não reconhecem seu valor, muitos são os que se beneficiam dessas mãos mágicas – ela falou olhando para as delicadas e firmes mãos de cirurgiã.

Tomou banho e desceu. Suzi, que cuidava da casa, da comida e dos filhos, já tinha preparado o café da manhã.

— Chegou cedo!

— O senhor Vitor me ligou ontem à noite e pediu que eu viesse mais cedo, que a senhora iria precisar de mim. Ele ainda está viajando?

— Não. O senhor Vitor foi embora dessa casa.

Jéssica estava com raiva e falou sem perceber que os dois filhos estavam descendo as escadas dos quartos, que ficavam no andar de cima.

— O que disse, mãe? Por que o pai foi embora? Vocês brigaram de novo? – Indagou o filho.

— Isso é entre mim e ele, Felipe. Vocês não têm nada a ver com nossos desentendimentos. E além do mais, ele vai voltar, eu tenho certeza.

Maria Helena olhava para a mãe sem conseguir dizer nada.

— Venham tomar café.

— Sabe que eu perdi a fome! Falou Felipe.

— Estão prontos? – Indagou Jéssica. – Então vão para o carro que já estou descendo. Ou tomem café em paz, enquanto acabo de me arrumar.

No caminho para o colégio, os três seguiram mudos. Jéssica não sabia o que dizer. Compreendia a tristeza dos dois, aquela não fora uma boa maneira de contar a eles. Mas não estava com

paciência naquele momento, para esclarecer ou ser acolhedora. Ela mesma precisava de acolhimento. Deixou os dois no colégio e seguiu para o trabalho.

O dia transcorreu agitado. Muitos pacientes e exames a requisitaram. Ela ficou ocupada, sem tempo para sentir ou pensar em qualquer coisa. Nem mesmo Omar a incomodou. Cruzou com ele duas ou três vezes, em breve contato, mas o seu foco estava tão concentrado em tirar o atraso de seus compromissos, que ficou absorvida por eles.

Eram quase oito horas da noite quando uma enfermeira da emergência bateu à sua porta.

— Doutora. Precisa vir à emergência agora.

— Emergência? Por quê?

— É... a sua filha. Ela acabou de dar entrada em estado grave.

Jéssica, que perdeu a cor do rosto, se levantou pronta para seguir a enfermeira, e indagou:

— O que aconteceu? Foi acidente? O que foi?

A jovem hesitou, buscando as palavras certas, mas Jéssica a pressionou:

— Fale, o que aconteceu?!

— Ela tentou se matar, doutora.

Jéssica ficou ainda mais lívida e teve de se apoiar na parede para não cair, tamanha vertigem a acometeu. A outra apoiou-a:

— A senhora está bem?

— Estou bem, quero ver minha filha. Vamos.

A médica, forte e autoconfiante, sentiu-se naquele momento como se toda a fragilidade do mundo desabasse sobre ela. Entrou na emergência e antes que chegasse à maca onde a filha estava, doutor Egídio colocou-se diante dela, impedindo-a que prosseguisse.

— Ela está recebendo nosso melhor atendimento, Jéssica.

Ele se afastou e ela se aproximou da maca. A filha estava intubada, em coma induzido.

Jéssica caminhou devagar, aproximou-se e pegou o prontuário que estava sobre a mesinha, aos pés da cama. Folheou atentamente cada página, cada linha das descrições do atendimento. Sentia as forças sumirem, esvaindo-se como se fossem drenadas por

completo. Uma nova vertigem a atingiu, e ela apoiou as pernas sutilmente na cama para que o chefe e os enfermeiros não percebessem seu desespero. Então se voltou para o médico experiente e indagou:

— Qual a sua avaliação, doutor?

— Bem, por pouco não a perdemos. Ela perdeu muito sangue e quando chegou teve a parada cardiorrespiratória. Reanimamos. Medicamos. Fizemos tudo o que podíamos por ela, tudo o que a medicina tem de melhor, ela vai receber de nós e do hospital. Todos os recursos.

Os olhos de Jéssica se encheram de lágrimas.

— Os sinais estão muito fracos.

— Ela está muito fraca, mas é jovem, o corpo pode reagir.

Jéssica conhecia bem a situação e os procedimentos. De fato, ela recebera toda a atenção possível e adequada. Não havia muito a se fazer. Ela não teve tempo de conca-tenar as ideias. Escutou a voz do marido falando alto no corredor.

— Quero ver minha filha! Minha filhinha...

Jéssica fez menção de ir ao encontro do marido, mas doutor Egídio a deteve.

— Deixe que eu falo com ele. Não é sua paciente, é minha. Vá para algum lugar e reze por ela, doutora. É o melhor que tem a fazer...

CAPÍTULO 25

Jéssica ficou ao lado da filha, acariciando o cabelo da menina, incrédula. Sentia como se estivesse em um sonho; aquilo não podia estar acontecendo. Pensou em como a vida é frágil. Um minuto, e tudo pode mudar para sempre. Seu coração estava dilacerado, olhando o rosto pálido da filha. Naquele momento, daria tudo o que tinha, seu dinheiro, sua carreira, tudo, pela recuperação da filha. Suspirou fundo várias vezes, tentando conter as emoções, enquanto o sentimento de impotência domi-nava o seu ser. Indagava a si mesma repetidamente, sem esperar pela resposta: Por quê? Por que fez isso? O que fez você fazer algo assim?

Quando escutou que o marido se aproximava ela saiu pelo outro lado da sala. Não queria encontrar com ele naquele momento. Sabia que Vitor tinha críticas e re-clamações em relação a como ela se relacionava com os filhos, e não estava em condições de dialogar com ele.

Foi para o seu escritório e pediu a assistente:

— Cancele minhas consultas e procedimento para hoje. Não tenho condições de atender ninguém. E não quero falar com ninguém agora, entendeu? Ninguém.

— Claro, doutora.

Entrou e trancou-se no escritório. Sentou-se diante de sua mesa, observou os equipamentos, cada detalhe de sua sala, que ela amava, olhou os diplomas na parede, os cursos de extensão, de pós-graduação, os prêmios e menções honrosas recebidas, das quais ela tinha tanto orgulho. Tudo lhe parecei sem sentido, sem graça.

Ela colocou as duas mãos sobre a mesa e deitou a cabeça sobre elas, desabando em doloroso pranto. A dor era tão intensa, que parecia que explodiria o seu peito. Sentia como se uma força destrutiva subisse pelo seu peito, vinda dos porões de sua alma, e tinha ímpetos de destruir tudo a sua volta. Com um dos braços,

arremessou tudo o que estava na mesa para o chão. Mas a dor não passava. Ela própria sentia vontade de morrer.

Ficou assim, prostrada, vencida por aquela dor insuportável que jamais experimentara. Sentia-se um fracasso como pessoa, como mãe e como médica. Impotente, não podia fazer nada para ajudar a própria filha. Nenhum de seus conhecimentos conseguia trazer conforto ou esperança ao seu coração. O futuro da filha era incerto e ela sentia dor e ódio. Era somente isso que lhe faltava, tudo estava desabado, e agora isso, vinha coroar a sua desintegração como pessoa.

Jéssica era gradativamente envolvida por energias densas e vibrações pesadas, algumas delas, a atingiam como pequenos dardos venenosos, no peito, agravando seu estado emocional. E ela pensava: é o fim. Tudo acabou. Não tenho mais forças para nada.

Ficou assim por quase três horas. Médicos, colegas, o marido, foram várias as pessoas que bateram à sua porta, à revelia das orientações que a assistente transmitia. Ela não se movia. Estava em estado de choque.

Então escutou uma voz conhecida.

— Jéssica, por favor, abra. Quero falar com você. Sua filha vai ficar bem. Ela vai superar. E você também. Abra a porta.

A voz era suave e terna aos ouvidos da médica. E ela obedeceu, como se estivesse sendo movida por uma força alheia a sua própria vontade. Abriu. Era Rafaela.

— Minha querida amiga.

Abrçou carinhosamente a médica e sentou-se com ela no sofá do consultório. Jéssica deixou-se envolver pelo colo que Rafaela lhe oferecia, e com a cabeça nele, chorou até ficar exausta e as lágrimas secarem.

Rafaela, por sua vez, enquanto acariciava a cabeça da amiga, orava por ela com um sentimento de amor profundo, sem julgamentos, sem conclusões, apenas carinho e aceitação. Ela queria ajudar. E fez-se mensageira de espíritos amigos e do protetor de Jéssica. A equipe espiritual que acompanhava a jornalista aplicava passes na médica, renovando sua energia e limpando as vibrações deletérias de medo, raiva, revolta que ela produzia incessantemente.

Ao final de quase meia hora de silencioso trabalho dos dois planos da vida, a médica ergueu-se limpando os olhos que, vermelhos, denunciavam seu estado de alma: estava arrasada.

— Não sei se ela vai resistir... quase morreu quando chegou. Está muito fraca...

— Precisamos acreditar que ela vai ficar bem, Jéssica.

— Não vai não... Eu li o prontuário... é o pior prognóstico possível...

— Olhe para mim, nos meus olhos.

Rafaela segurou o rosto da amiga com as duas mãos:

— Existe muita coisa além da medicina dos homens. Já vi verdadeiros milagres acontecerem, doutora. Eu já presenciei. Não confie apenas no limitado conhecimento da ciência. Deus é poderoso. Ele pode salvar sua filha.

— Não consigo acreditar que pode haver um Deus que permite uma criança sofrer ao ponto de tentar tirar a própria vida... Não consigo...

— Eu sei que agora é difícil, já me senti assim, exatamente como você. Acredite em mim, sei como é detestar Deus! Mas ele é tudo, Jéssica. Descobri que Ele é todo bondade e misericórdia. Não há mal nenhum que provenha dele. Ele é tudo, Ele tem tudo, Ele é a fonte de infinitas possibilidades. Infinitas. A medicina recorre a algumas, mas Ele tem infinitas. Deixe-me ajudar você. Precisa descansar e se refazer. Precisa se alimentar. Se fortalecer.

Jéssica soltou os braços, como se estivesse se rendendo à situação. Ela era incapaz de fazer qualquer coisa naquele momento, e balançou a cabeça dizendo:

— Eu preciso de ajuda...

Rafaela conseguiu levar Jéssica ao núcleo de apoio, onde Fernanda já as aguardava. Cuidaram dela ali mesmo, naquele dia, com alimento, carinho, acolhimento e muita oração. As vibrações do ambiente — pleno de amor e alegria — foram, pouco a pouco, acalmando o coração da médica. Agiam como um bálsamo, um remédio aplicado pela espiritualidade em sua ferida mais profunda: o orgulho ferido da famosa cirurgiã. E a fortaleciam, preparando-a para enfrentar o que ainda estava por vir.

Passaram a noite ali.

Na manhã seguinte, um café da manhã reforçado as aguardava. Jéssica sentou-se à mesa e resmungou:

— Não estou com fome...

— Precisa comer alguma coisa que te dê energia, minha amiga. Não preciso ensinar o pai nosso ao vigário, preciso?

As palavras de Rafaela sempre vinham envolvidas em energias firmes, e Jéssica acatou e alimentou-se sem discutir. Depois de engolir com dificuldade o café com leite, foi juntar-se a Rafaela, que tinha saído para cuidar de algumas plantas, deixando a médica à vontade.

— Você dormiu aqui também? – Indagou a convidada.

— Faço isso às vezes, quando a situação pede.

Jéssica sentou-se no banco próximo onde Rafaela estava.

— Você cuida pessoalmente do jardim?

— Não, temos um ótimo jardineiro que cuida de tudo, mas gosto de mexer com a terra, me faz bem. Quer tentar?

Jéssica estava hesitante, mas aceitou o convite. Acomodou-se ao lado da amiga e começou a manusear as plantas, mexer na terra, adubar e plantar. A anfitriã interrompeu o que fazia e passou a observar a habilidade de Jéssica. Sem conseguir conter a surpresa, perguntou:

— E você? Está acostumada a cuidar de algum jardim, das suas plantas? Ou não?

— Não. Acho que nunca plantei nada; as vezes rego as minhas plantas, mas só quando elas estão muito secas. Minha ajudante cuida de tudo para mim, não tenho tempo...

— Pois saiba que você é muito talentosa, doutora. Sabe exatamente o que fazer e como fazer. Sabe me dizer que planta é essa?

Rafaela pegou um pequeno vaso que pretendia replantar, com folhagens se derramando dele.

— É erva-cidreira-verdadeira, Melissa^[13]. Alivia ansiedade, estresse, insônia e irritabilidade devido ao ácido rosmarínico e

compostos sedativos, dentre muitos ou-tros benefícios digestivos, analgésicos e até antivirais.

— Isso mesmo. E essa? – Mostrou outro vaso.

Jéssica pegou o vaso, olhou a planta com atenção, depois esfregou a folha com os dedos para sentir o aroma e respondeu:

— Erva baleeira.

— Isso mesmo! Como sabe?

Jéssica sentiu um estranhamento. Ela simplesmente sabia, e desconversou:

— Acho que devo ter lido em algum livro quando estava na faculdade...

Rafaela sorriu satisfeita.

— Você vai se lembrar, não se preocupe. Acho até que já está se lembrando.

— Do quê?

— Do que aprendeu sobre as ervas medicinais, as plantas que curam.

— Creio que estudei na faculdade, mas faz tanto tempo...

— Não estou falando da faculdade. Estou falando de outra vida, em que você já conhecia tudo sobre as ervas.

Jéssica sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo inteiro. Um calafrio de medo quase incontrolável. E Rafaela percebeu.

— Está tudo bem. Algumas lembranças são traumáticas mesmo... Por isso nós esquecemos de nossas vidas pregressas.

— Não me parece muito justo, esquecer...

— Queria que esse medo que sentiu fosse paralisante? – Sem esperar que a interpelada respondesse, ela prosseguiu:

— Creio que não. Mas é isso o que acontece com um trauma muito forte. Ele nos paralisa. Precisamos aprender a desapegar e esquecer essas dores, para poder superá-las. E não estou falando em ignorar o que nos feriu, mas em compreender e aceitar, para poder deixar ir...

— Do que está falando?

— De todos os traumas, desta vida e das outras.

— Como pode ter tanta certeza?

— Eu relutei muito até viver a experiência de relembrar minha vida pregressa.

— Como fez isso? Regressão de vidas passadas^[14]?

— Uma espécie de regressão, mas não foi feita com psicólogo ou terapeuta, aconteceu espontaneamente na casa espírita que frequento.

Jéssica se calou. A imagem da filha acendeu em sua mente e ela teve vontade de gritar de dor.

— Estou muito preocupada com Maria Helena. Será que os seus amigos podem fazer algo por ela?

— Já estão fazendo, Jéssica. Assim que Fernanda me contou o que aconteceu, informei nosso grupo de oração e de tratamento espiritual. E não foi só na casa espírita que frequento. Coloquei o nome da sua filha nas vibrações no Centro Espírita Perseverança^[15], que tem um belíssimo trabalho de cura, com equipes do doutor Bezerra de Menezes^[16]. Você já deve ter ouvido falar.

— O conhecido médico dos pobres?

— Isso. Eles disponibilizam no site deles um espaço onde qualquer um pode pedir orações. O nome da Maria Helena já está lá. Ela está sendo atendida, pode ter certeza.

Os olhos de Jéssica encheram-se de lágrimas e ela lamentou:

— Não consegui ver o que estava acontecendo... Não consegui ajudar minha filha...

— Não faça isso com você, Jéssica, não se culpe. Tudo em nossa vida é aprendizado. A pergunta correta, quando enfrentamos dificuldade é: o que isso que está acontecendo tem para me ensinar? O que posso aprender com essa situação? Se cometemos um erro, a pergunta é: o que posso aprender para não incorrer nesse erro novamente? A dor pode nos trazer crescimento ou revolta. Depende de como reagimos a ela.

— Mas é muito injusto. Ela é só uma menina...

— Uma menina que traz sua própria história de vidas pregressas e que tem seus desafios a enfrentar. Ela também aprenderá com essa situação. A seu tempo, você poderá ajudá-la a compreender que o suicídio, por mais que pareça uma alternativa

para nos livrar de uma dor emocional insuportável, nunca é a solução. Ela vai ter tempo para refletir sobre isso^[17].

— Meu coração está partido em mil pedaços. Não sei se um dia vou ser capaz de juntá-los de novo.

Rafaela abraçou a médica e respondeu com um sorriso suave:

— Vai conseguir, sim. Você vai crescer muito, superar tanta coisa que está aí dentro, precisando sair para o mundo, que quando olhar para traz, no futuro, ficará impressionada como foi capaz de superar tudo. Você é uma vitoriosa, Jéssica. Pode ser muito útil ao mundo espiritual.

— Queria ter sua esperança, Rafaela, mas me sinto vazia, gelada por dentro, como se meus sentimentos estivessem desaparecido... Exceto o medo de perder minha filha...

Jéssica limpou as lágrimas que corriam pela sua face e Rafaela convidou:

— Venha comigo hoje à noite ao núcleo espírita que frequento, venha conhecer um pouco sobre o espi-ritismo, ver como se sente. Quem sabe consegue compreender o que sua paciente, Elaine... é esse o nome dela?

— Sim.

— Então, o que a Elaine tentou te falar. Parece que a vida, a Providência Divina está mandando vários recados. Mas como você mesma disse, seu coração parece estar congelado e nada entra... Quem sabe chegou o momento de se libertar e compreender?

— Eu vou. Quero pedir por Maria Helena.

— Claro. Vou te passar o endereço. Quer que eu te pegue no seu apartamento?

— Não. Vou para casa agora e, depois do almoço, sigo para o hospital. De lá, vou direto encontrar você, no endereço que me passar. — Era difícil para a médica pronunciar aquela palavra, aquele local. Sentia-se estranha, como uma fanática... ou algo parecido. Mas faria tudo pela filha. Qualquer coisa. Até mesmo ir àquele lugar.

— Está certo. Nos encontraremos lá, então.

Rafaela terminou o que estava fazendo, e acompa-nhou Jéssica até o carro que iria levá-la para casa. Quando fechou a porta,

indagou pela janela:

— Tem certeza de que está bem?

— Estou melhor, sinto-me mais calma. Esse seu jardim é mágico...

— Ele é mesmo!

Despediram-se e a jornalista ficou em pé na calçada, olhando o carro desaparecer na rua.

CAPÍTULO 26

Eram quase duas horas da tarde quando Jéssica chegou com passos apressados, angustiada e ansiosa para ver a filha. Tivera informações bem superficiais, que a assistente lhe passou assim que chegou em casa.

Quando se aproximou da maca onde a filha estava, na UTI do hospital, seu coração quase lhe saltava pela boca. No entanto, ela quase conseguia escutar uma voz que sussurrava em seu interior: se acalme, tudo ficará bem. A médica buscou a origem daquilo, mas percebeu que não havia ninguém falando com ela. Puxou o ar várias vezes, que parecia sumir dos pulmões. Ela não conseguia respirar direito. Aproximou-se da cama da filha, a jovem continuava sedada e intubada. Acariciou o rosto plácido da menina, parecia um anjo em sono profundo. Ondas de revolta ameaçaram querer dominá-la, mas ao contrário do que normalmente acontecia, uma calma vinda ela não sabia de onde, a conteve.

— Estou aqui, minha filha. Desculpe se falhei com você. Eu sinto muito, você é importante para mim. Eu preciso de você!

Algumas lágrimas brotaram nos olhos da cirurgiã, e escorreram pela sua face. E ela murmurou: *que estou fazendo? Ela nem sequer está me escutando...*

— Quem disse que não está?

Era Elaine, parada do outro lado da cabeceira de Maria Helena. Jéssica a olhou e fez que não a via.

— Pode me ignorar quanto quiser, doutora Jéssica, mas não pode ignorar o quanto sua filha precisa de você. É hora de ser humilde e buscar ajuda. Para você, e para ela. As duas precisam.

Jéssica fitava incrédula a ex paciente, que deu sua mensagem e desapareceu.

A médica se atualizou lendo o prontuário da filha com atenção. O quadro geral estava estável, mas a falta de oxigênio no cérebro durante a parada cardiorespiratória, tinha consequências ainda imprevisíveis. Era preciso esperar que o corpo fizesse o seu trabalho de recuperação.

Jéssica respirou fundo, ficou ali, ao lado da cama pensando que uma prece seria a coisa certa a fazer, mas ela não sabia orar, não tinha a menor ideia de como entrar em contato com o invisível. Ela estava com raiva de toda a situação, mas seguia sufocando a emoção, consciente de que de nada adiantaria alimentá-la. Na sua mente, as palavras de Elaine martelavam sem cessar: “Precisa ser humilde e procurar ajuda. As duas precisam”.

Enquanto estava ali compenetrada, não percebeu o perigo se aproximar e quando notou, Omar estava a seu lado, com um sorriso sarcástico estampado no rosto:

— Dói, não é mesmo, doutora? Eu sei quanto dói perder alguém que amamos. Especialmente se foi por negligência médica. Como isso dói. E saber que a responsável se safou, é insuportável.

Ele apertou a mão da menina, depois da médica e murmurou:

— Você merece sofrer, doutora, como merece!

Antes que ela pudesse chamar ajuda, ele se afastou e saiu rápido do centro de terapia intensiva.

Jéssica sentiu o desespero apossar-se dela: *E agora? O que esse louco vai fazer? Como impedi-lo de se aproximar de minha filha?* – Pensava em agonia.

Ficou longo tempo ao lado da cabeceira da filha, engendrando um meio de impedir qualquer agressão do detestável Omar, mas não achava uma alternativa que lhe parecesse viável. O celular tocou, interrompendo a sua aflição.

— Então, como você está? – Era Rafaela.

— No hospital com a Maria Helena.

— E como ela está?

— O estado ainda é grave, mas pelo menos está estável.

— Isso é bom. Vamos orar juntas por ela no centro espírita hoje? Você vem?

A médica queria dar uma desculpa para fugir daquele compromisso, quando de novo as palavras de Elaine martelaram em sua mente e ela respondeu com outra pergunta:

— A que horas devo chegar?

— Não quer mesmo que eu passe para te buscar?

— Não precisa, eu sei mais ou menos onde fica. Nos encontramos lá.

Acertaram os detalhes e a jornalista desligou o celular satisfeita. Sentia que fazia pequenos progressos para apoiar a amiga de outras eras.

Jéssica resolveu ir direto do hospital para encontrar com Rafaela. Ficou o máximo de tempo que pôde, ao lado da filha. Depois, fez um lanche e foi para o endereço indicado.

Estava em pé, diante da porta, observando o grande número de pessoas que chegavam ao lugar. Pessoas de todos os tipos, classes sociais, características. Algumas aparentavam dificuldades para andar, e vinham apoiadas em alguém. Outras, transpareciam angústia na face, denotando a busca que estavam fazendo naquele lugar. O grande número de pessoas surpreendeu a médica. No entanto, a maioria demonstrava trazer alguma tristeza e agonia, se debatendo com algum tipo de problema. Ficava evidente. Alguns, apenas alguns, traziam o sorriso calmo daqueles que já descobriram quem são e o que estão fazendo no planeta.

Não demorou para a médica avistar Rafaela acompanhada de Fernanda e se aproximou hesitante. Abraçaram-se e Fernanda buscou transmitir todo o seu carinho para Jéssica. O único sentimento que reinava no coração das recém-chegadas era o desejo de ajudar a médica a compreender o que se passava consigo. Nenhuma crítica, nenhum julgamento. Apenas carinho e amor. Ambas sabiam que já haviam trilhado o mesmo caminho de negação e resistência que testemunhavam agora na grande cirurgia, que parecia incapaz de aceitar a realidade, desapegar de suas falsas certezas, de suas verdades que não a estavam ajudando em nada, e se dispor a aprender e expandir sua consciência.

Entraram e acomodaram-se no grande salão. O amplo espaço acomodava centenas de pessoas e era envolvido em música de elevadas vibrações, que acolhiam os presentes. Na dimensão espiritual, trabalhadores vestindo longas túnicas brancas movimentavam-se com suavidade por entre os encarnados, analisando-lhes as vibrações e suas respectivas necessidades; registravam tudo. Um coral enchia o ambiente espiritual com melodiosas canções, nutrindo de emoções positivas. Dos corações de cada um dos cantores, emanava suave luz rósea, que se expandia igualmente no ambiente. No centro do salão, de onde as palestras eram proferidas, duas mulheres oravam e vibravam pelos trabalhos da noite, conectadas a uma fonte de energia poderosa que descia por elas e enchia o ambiente. O salão estava iluminado de amor, de vibrações das mais elevadas. Inúmeros espíritos dementados, doentes, e feridos, eram encaminhados para as salas de socorro, que ficavam ligadas ao salão central. Outros espíritos, mais lúcidos, eram convidados a acomodar-se e acompanhar os estudos da noite. E outros, agressivos, violentos e revoltados, não conseguiam entrar, ficando à porta, esbravejando, porque seus desafetos encarnados, estavam dentro do salão, mas eles não conseguiam acompanhá-los ali.

Jéssica, sentada entre Rafaela e Fernanda, sentia uma infinidade de emoções que vinham em ondas, acompanhando os pensamentos de questionamento, de estranhamento, de incredulidade. Ao mesmo tempo, sentia-se acolhida e seu desespero havia desaparecido. Pela primeira vez em muito tempo, sentia um conforto que não sabia de onde vinha. Nada justificava que se sentisse bem naquele momento, mas ela sentia alívio para suas dores, uma confiança de que tudo ficaria bem se apossava dela. E ela queria acreditar.

A palestra daquela noite foi em torno do tema do trecho do Evangelho de Mateus capítulo 25, do versículo 13 ao 30.

"Porque será como um homem que, ao partir para o estrangeiro, chamou seus servos e lhes confiou seus bens.

A um deu cinco talentos, a outro dois e a um terceiro um, a cada um conforme sua capacidade; e partiu.

Logo o que recebera cinco talentos foi negociar com eles e ganhou outros cinco.

Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois.

Mas o que recebera um, foi, cavou um buraco na terra e escondeu o dinheiro de seu senhor.

Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e pediu-lhes contas.

O que recebera cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco, dizendo: 'Senhor, confiaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que ganhei.'

Disse-lhe seu senhor: 'Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.'

Chegou também o que recebera dois talentos e disse: 'Senhor, confiaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que ganhei.'

Disse-lhe seu senhor: 'Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.'

Aproximou-se também o que recebera um talento e disse: 'Senhor, eu sabia que és um homem duro, que colhes onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste.

Por medo, fui e escondi teu talento na terra. Aqui tens o que é teu.'

Respondeu-lhe seu senhor: 'Servo mau e preguiçoso! Sabias que colho onde não semeei e recolho onde não espalhei?

Devias, pois, ter depositado meu dinheiro com os banqueiros, e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu.

Tirai-lhe, portanto, o talento e dai-o ao que tem dez talentos.

Porque a todo o que tem, dar-se-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

E ao servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes."

Depois de contextualizar que essa parábola faz parte do discurso de Jesus sobre o fim dos tempos, ensinando sobre a responsabilidade de usar bem os dons e recursos que Deus concede, o palestrante enfatizou que o "ta-lento", na época, era uma unidade monetária, mas simbolizava dons, habilidades, tempo ou recursos que cada pessoa recebe.

Então, ele ressaltou a mensagem central: a parábola enfatiza a fidelidade e a diligência no uso dos dons confiados por Deus, mostrando que cada um será julgado conforme o que fez com o que lhe foi dado. O servo que enterrou o talento representa a negligência e o medo, enquanto os outros servos ilustram a iniciativa e a confiança.

O palestrante estava envolto em intensa luz, enquanto um dos orientadores espirituais da reunião alimentava e inspirava seus pensamentos. Até a sua voz recebia influência, carregando energias salutaras nas vibrações das palavras. Por toda parte, os amigos espirituais atuavam em favor daqueles que buscavam socorro, amparo e compreensão. Ninguém era deixado de lado — nem mesmo as crianças e os bebês. Todos recebiam alimento para o corpo e para o espírito.

E o palestrante falou por mais de meia hora sobre o objetivo de nossa vinda para a Terra, dos planos que Deus tem para cada criatura que aqui chega, e de como cada um pode utilizar os recursos, talentos, habilidades e características que recebeu para o bem de si mesmo e daqueles que estão ao seu redor. Falou longamente sobre a reencarnação, mencionou diversas pesquisas científicas que evidenciam e comprovam a realidade das vidas sucessivas^[18]. Mencionou ainda o filme *Minha Vida na Outra Vida*^[19], exemplificando casos reais que comprovam o fato de que renascemos diversas vezes.

As palavras entravam como espadas na mente e no coração de Jéssica, que não piscava. Em torno dela, quatro espíritos atuavam ativamente — entre eles, estava Elaine. Limpavam as energias deletérias que se concentravam em torno da cabeça e do tórax da médica. Aquelas energias estavam tão profundamente impregnadas

no corpo espiritual dela, que precisavam ser dissolvidas e reti-radas aos poucos, em camadas. Era como uma nuvem de fumaça energética, dentro da qual o corpo espiritual de Jéssica não podia se expandir; como se ficasse enclausurado em uma carapaça resistente.

O palestrante finalizou com as seguintes indagações: o que cada um de vocês está fazendo com os bens e talentos que Deus lhes confiou? Onde está usando esses recursos? Está fazendo uso para o bem comum ou apenas para sa-tisfação pessoal de desejos e ambições? Ou para aplacar o medo, a falta de fé na Providência e direção divina?

Ao final dos trabalhos da noite, algumas resistências da médica haviam enfraquecido. Ela queria saber mais. Queria conhecer melhor tudo aquilo. Quando se despediu de Rafaela, assegurou:

— Estou me sentindo bem mais calma, obrigada por ter insistido em me trazer hoje aqui.

— Se quiser conversar, tirar dúvidas, sabe que estou à disposição — afirmou Rafaela.

— Eu sei, obrigada.

Despediram-se. Jéssica sentia como se alguma coisa estivesse prestes a explodir dentro dela, como se algo que tivesse sido contido, abafado, reprimido, quisesse sair; era tão somente uma sensação, mas que ficou bem clara para a médica.

Mais tarde, deitada em sua cama naquela noite, sentiu a falta da família, dos filhos e de Vítor. Felipe passava cada vez mais tempo na casa do pai. Mas, como dentro dela não havia silêncio, acalmou-se pensando que era bom para ela estar ali, tendo tempo para pensar, para compreender o que estava acontecendo com ela e o verdadeiro caos em que sua vida havia se transformado.

Tentava dormir, mas o pensamento era atormentado pelo medo de que seu telefone tocasse com más notícias do hospital, sobre o estado de saúde de Maria Helena. Envolvida em intensas energias restauradoras, que ela trazia como resquício de sua presença ao núcleo espírita naquela noite, Jéssica finalmente adormeceu.

CAPÍTULO 27

Quando seu sono se fez mais profundo, seu corpo espiritual desprende-se com a ajuda de espíritos vindos do núcleo espírita em que Jéssica estivera. Seu mentor espiritual acompanhava cada detalhe do trabalho, e radiante comentou:

— Queridos amigos, não imaginam a quanto tempo espero por esse momento de ver finalmente nossa irmã despertar do torpor das ilusões em que se afundou depois de voltar para a experiência no corpo denso. Já não sabia mais o que fazer! Pedimos ajuda de Elaine, e ela, apesar de suas limitações no seu período de volta à vida do espírito, fez todo o esforço possível para contribuir, tamanho carinho e gratidão que nutre pela nossa médica emérita.

O mais jovem da equipe de socorro, colocou a mão sobre o ombro de Elias e abriu um sorriso amoroso:

— Todos nós, quando voltamos ao corpo denso, estamos sujeitos a falhar, como já falhamos tantas vezes. Por mais que façamos nossos planos, nossas promessas, a vida material sufoca, muitas vezes, os melhores propósitos da alma. Mas nossa irmã está em processo de despertar. Notamos que existe abertura em seu ser, para que possamos agir. Ela nos dá essa permissão. Vamos?

Elias retribuiu o sorriso e apoiou Jéssica, que, em espírito, necessitava da ajuda deles para se locomover. Estava fraca. Toda a força que demonstrava no corpo mate-rial, era insuficiente para alimentar a alma com o que ela de fato necessitava.

Apoiando-se em Elias e no jovem que liderava o grupo, ela indagou, olhando seu corpo físico adormecido na cama:

— O que está acontecendo? Quem... quem são vocês? Por que... não me sinto bem... Isso é um sonho?

— Não, Jéssica, você não está sonhando. Vamos fazer uma pequena viagem de volta ao lar...

— Mas estou em casa.

Elias sorriu e assegurou:

— Não é desse lar que estamos falando.

— Então... para onde vamos?

— Deixe que a conduzamos...

Jéssica relutava, quando Rafaela, em espírito, apareceu e juntou-se ao grupo.

— Desculpem a demora. Minha filha não conseguia adormecer.

Rafaela assumiu o lugar que o jovem André ocupava ao lado da médica e, apoiada pela amiga de outras eras e por seu mentor, seguiram para a colônia espiritual de onde Jéssica havia partido antes de voltar ao corpo denso.

Não demorou muito chegaram em uma linda ala-meda ladeada por árvores de magnólias de diversas espécies, todas florescendo. O perfume era inebriante e fazia Jéssica se sentir em casa. Seguiram pela alameda e pararam diante de pequena casa, habilmente emoldurada por farta vegetação, repleta de flores e verde por todo o lado.

Jéssica fitou a casa singela e de imediato sentiu enorme carinho pelo lugar. Rafaela e Elias a soltaram e ela entrou na casa, como se fosse incontrolavelmente atraída por ela. Entrou, caminhando com domínio pelo lugar que lhe era familiar. Foi direto para os fundos, onde uma diversidade de plantas medicinais vicejava com energia e beleza.

Jéssica observava as plantas, as flores, os fundos da casa, e balbuciou:

— Eu conheço esse lugar...

— Claro que conhece, essa é sua casa, seu verdadeiro lar...

Os olhos de Jéssica estavam rasos de lágrimas; intensa emoção a dominou e ela falou entre as lágrimas que agora corriam pela sua face:

— Rafaela... – disse tocando o rosto da amiga. – Eu me lembro...

Abraçou Rafaela por longo tempo. Elias e os demais integrantes do grupo se entreolharam e sem palavras, concordaram que era o momento de se afastar.

As duas seguiram para o centro do jardim, que era em muitos aspectos, semelhante ao jardim que Rafaela cultivava em seu núcleo de apoio às mulheres. Com exceção do belo exemplar de magnólia no centro do jardim, que estava completamente florido.

— Eu me lembro de algumas coisas, mas não de tudo... Quero me lembrar... de tudo...

— Tenha paciência, amiga, você vai. Foi por isso mesmo que a trouxemos, para ajudá-la a lembrar do que for importante, e reter na memória o que lhe fizer bem, o que lhe for útil para sua tarefa na Terra.

— Rafaela... O que foi que eu fiz? Eu abandonei meu propósito... Eu abandonei Maria Helena, meu Deus, o que foi que fiz a ela? Tenho de ajudá-la a se recuperar... Ela não pode morrer, não assim... foi tudo minha culpa... Ei a deixei sozinha... ela confiou em mim... Minha irmã querida... Minha irmã...

— Na Terra, abandonar nosso propósito pelo caminho, permitir que os valores deturpados nos do-minem, acontece com quase todos nós, no estágio evolutivo que nos encontramos. Estamos aprendendo. O importante é reconhecer a oportunidade sagrada de voltar aos nossos objetivos espirituais, quando somos convocados pelas circunstâncias que nosso Criador permite que nos aconteçam. Passei pelo mesmo processo. Esqueci de tudo, reneguei a Deus, odiei o ser que me foi apresentado como Deus, vingativo, todo poderoso, que fazia o que queria com os seus seres, até que comecei a compreender a verdade, quando encontrei os princípios da reencarnação, da evolução espiritual, de causa e e-feito das vidas passadas em nossa vida atual, bem como, o potencial enorme que trazemos dentro de nós, quando compreendemos que somos, em essência, uma centelha do Criador. Os potenciais de nossa alma são ainda inexplorados, para a nossa própria segurança^[20].

Jéssica observou as plantas ao seu redor e indagou:

— Como elas estão tão bem-cuidadas?

— Seu jardim é visitado por muitos amigos e parentes de pacientes que você ajudou. Eles querem saber como ajudar, e muitas vezes, quando é possível, sugerimos que venham ao seu jardim, para fazê-lo cada vez mais lindo.

Nem bem Rafaela terminou a frase, e Jéssica escutou vozes conhecidas:

— Doutora, que bom vê-la! — Era Elaine, acompanhada de Leonora.

Ao ver a mãe ainda mais linda e radiosa do que fora na Terra, Jéssica lançou-se em seus braços e entregou-se a sentido pranto.

— Mãe! Que saudade...

Limpando as lágrimas que desciam pelo rosto da filha, ela falou:

— Está tudo bem, minha querida. Tive autorização para vir até aqui vê-la. Elaine me avisou que viriam.

— Então não mora aqui, mãe?

— Não mais.

Elaine aproximou-se de Jéssica e as duas abraçaram-se por tempo longo.

— Elaine. Então você e minha mãe se conhecem?

— Há pouco tempo — respondeu Leonora. — Fui eu quem a procurei para pedir a ajuda dela. Precisava de alguém que pudesse envolver você em termos espirituais.

Jéssica olhava o rosto luminoso da mãe, admirada. Como ela estava linda! Depois, voltando-se para Elaine indagou:

— Você já conhecia esse lugar?

— Venho aqui com frequência, para contribuir e para nutrir meu corpo espiritual com as ervas medicinais que você cultivava tanto tempo, com capricho e quase uma devoção. Ajudo a cuidar do seu jardim, doutora, que tem sido uma fonte de restauração para mim e para tantas almas que chegam ao mundo espiritual com seu perispírito mutilado e sua mente enevoada e entorpecida pelas mentiras absorvidas e endeusadas na matéria.

Jéssica sorriu como a muito tempo não fazia. Esse era o seu propósito a tanto tempo adormecido... Enorme alegria tomou o coração da médica, uma alegria profunda e genuína, que ligava

todos os pontos soltos de seu ser. Ela se sentia completa, plena e útil.

Elas caminharam por entre as plantas daquele jardim cheio de flores, de ervas medicinais e olhando as plantas, Jéssica relembrava suas características e utilidades ao corpo e à mente humanas. Caminharam devagar e quando retornaram, a médica fitou a mãe, lamentando:

— Por que me esqueci de tudo isso? Não seria melhor lembrarmos ao voltar para a Terra? Vou me lembrar de alguma coisa quando acordar?

Leonora a abraçou e falou com serenidade:

— Esquecemos para o nosso próprio bem, para possibilitar o nosso desenvolvimento. Não foi somente disso que você se esqueceu. Há muito mais, Jéssica. E a maioria das lembranças são dolorosas... A dor, a raiva, a culpa presentes e atuantes o tempo todo em nosso ser consciente, pode nos paralisar o crescimento. E crescer é imprescindível. A Lei do Progresso, tão bem captada e transcrita no *Livro dos Espíritos*^[21], e no *Evangelho Segundo o Espiritismo*^[22], é uma força potente que move tudo, atraindo os seres com circunstâncias e emoções, para o Criador.

Jéssica sorriu sem responder. Rafaela, então convidou-a:

— Venha, é hora de relembrar o que você quer esquecer... É momento de curar a alma, Jéssica. Libertar o seu potencial para servir ao próximo. Seus talentos estão sendo requisitados no planeta em Transição. Muitos carecem de auxílio, e a custos realmente acessíveis. A exemplo da pomada do Vovô Pedro, esse unguento abençoado que o Brasil recebeu das mãos de Mesmer^[23], e que precisa continuar a ajudar aqueles que necessitam. Não precisa ter medo, estamos com você.

Elaine se despediu:

— Preciso ir agora, doutora, mas estarei sempre perto de você.

Leonora, Jéssica e Rafaela caminharam por entre folhagens e jardins, entre árvores e pássaros, até chegarem a um laboratório. Elias as esperava e juntou-se a elas. Entraram. Um enfermeiro os recebeu prontamente:

— Doutora Jéssica, que bom recebê-la! Estávamos a sua espera.

Seguiram o rapaz que os conduziu a uma ampla sala sem janelas. O ambiente era asséptico, paredes, chão e teto eram brancos e uma maca com alvos lençóis ficava ao centro. Ao lado da cama, três cadeiras confortáveis estavam colocadas. Uma luz difusa e constante envolvia o ambiente assim como, energias salutareas, elevadas e suaves.

— Pode deitar-se, doutora. – O enfermeiro apontou a maca.

Jéssica se acomodou. Rafaela e Elias sentaram-se ao lado da maca, enquanto Leonora ocupava a cabeceira.

— Vamos ajudar você a se lembrar, e de uma maneira que possa, em seguida, canalizar suas lembranças de uma forma construtiva e não se perder em emoções que outrora dominaram sua alma. Feche os olhos e relaxe profundamente.

Jéssica apertou a mão de Leonora com força e disse:

— Estou com medo...

— Eu sei. Mas estaremos com você, e vai ser bom, pode acreditar. Agora você está pronta, aberta para receber as informações que precisa. Vai dar tudo certo.

— Vai doer...

— Vai doer sim. Não tem como fazer uma cirurgia sem dor, doutora, sabe disso. O que buscamos agora é curar a sua alma, para que a luz volte a brilhar plenamente em seu ser.

Jéssica sentiu um torpor suave a dominar seu ser e entregou-se a ele. Rafaela e Elias ficaram de pé, impondo as mãos sobre o corpo de Jéssica, enquanto Leonora fazia o mesmo, sobre os centros de força coronário e frontal. Energizava os centros da memória profunda^[24] e na tela mental de Jéssica as imagens começaram a se formar. Lembranças de um passado distante...

CAPÍTULO 28

Jéssica viu-se à beira de um rio com pequenas quedas de água na extensão que os olhos alcançavam. Eram águas cristalinas, puras e limpas. Ela observava duas moças jovens, dentro do rio, usando roupas que remetiam a idade média. As duas jogavam água uma na outra e se divertiam sem preocupações.

Depois, cansadas de tanto rir, saíram do rio e deitaram-se à sua margem, olhando de baixo a copa das árvores, o céu azul e as nuvens que corriam parecendo crianças travessas.

A loura olhou para a outra, segurou a sua mão e disse:

— Você é meu raio de luz. Minha irmã de alma. Quero viver para sempre perto de você!

— Alice respondeu com o mesmo carinho:

— E vamos!

Nem bem ela terminou de responder, ambas escutaram barulho de cavalos. Um cavaleiro se aproximou, e as duas se levantaram depressa, segurando uma nas mãos da outra.

O cavaleiro desceu da sua cavalgadura e prendeu o cavalo em um tronco de árvore.

— Conheço a senhorita. – Aproximou-se de Alice.

Ela fez um pequeno sinal de reverência segurando o vestido, reconhecendo que o jovem era um soldado do Bispo.

— Conheço René, o seu irmão. Ele vive no Mosteiro.

— Sim, isso mesmo.

— O que fazem por aqui? Não sabem que é perigoso ficarem sozinhas pelos campos e pradarias? Há muitos perigos à espreita de mulheres bonitas...

— Não estamos sozinhas. Meu irmão veio conosco. Ele foi banhar-se ali à diante.

— Você é bonita. Qual é o seu nome? – ele se aproximou dela e segurou a ponta de alguns fios de cabelo.

Alice apertou ainda mais forte a mão da amiga, que estava emudecida. Agnes já havia sido assediada por soldados, e sofrido abuso sexual quando era mais jovem. Ela tremia, pressentindo o perigo.

Para alívio das duas jovens, René apareceu por entre os galhos e logo reconheceu o soldado.

— Henri! O que faz por aqui? Os dois se cumprimentaram cordialmente.

Os quatro ficaram até o entardecer aproveitando a conversa animada. Quando as estrelas começaram a despontar no céu, René sugeriu:

— Melhor voltarmos antes da noite escura.

— Acompanho vocês. – Ofereceu-se o soldado.

A paixão se instalou de imediato no coração de Alice, que se apaixonou pelo soldado e amigo do irmão. Igualmente, entre as duas amigas um desconforto crescente se insinuava. Algumas semanas mais tarde, as duas estavam novamente à beira do rio, mas desta vez, colhiam ervas curativas, que Agnes reconhecia sem muita dificuldade. Ela tinha um dom. E ralhava com Alice:

— Precisa ter cuidado. Ele trabalha para o Bispo, aquele asqueroso imundo! Você sabe como ele é: assedia todas as mulheres que encontra pelo caminho. E, se a vir com um soldado dele, vai querer possuí-la — nem que seja apenas para mostrar poder. Precisa tomar muito cuidado.

Ficou longo tempo em silêncio, depois disse:

— Não poderemos mais vir juntas colher ervas.

— Mas por que não? Isso é ridículo!

— Alice, se descobrirem que usamos ervas para curar feridas, curar dores de cabeça e outras doenças, sabe o que farão conosco?

— O que?

— Meu primo é um soldado do rei, você sabe. Ele nos conta coisas horríveis que estão fazendo às mulheres por toda a parte.

— Que coisas?

— *Estão caçando mulheres feito bicho, e queimando-as em praça pública.*

— E com que acusação?

— *Bruxaria. Basta que tenham qualquer desconfiança, qualquer coisa diferente, não precisa ser algo concreto. Uma desconfiança qualquer já é motivo.*

Alice sentou-se acabrunhada. Ela gostava do rapaz, amava a amiga e adorava estar com ela.

— *Mas você é quem deveria se preocupar. Você é que é a bruxa aqui!*

— *Não fale assim, Alice! Se alguém escuta estou morta!*

— *Mas é verdade. Foi você que me ensinou tudo o que sei sobre as ervas... Eu sei muito pouco...*

As duas ficaram em silêncio por algum tempo, perdidas em seus pensamentos e medos. Eram tempos assustadores e elas precisavam sobreviver...

— *E se tivermos a proteção de um soldado, isso não é bom?*

— *Pode ser... Não sei...*

Algumas semanas se passaram e o relacionamento do casal ficava mais intenso. Henri e Alice estavam às margens do rio, quando o Bispo William de Clare apareceu, a cavalo. E o que Agnes temia aconteceu. O Bispo logo percebeu a ligação entre os dois e assediou Alice sem rodeios, elogiando seus cabelos, seus olhos e dizendo abertamente, que queria recebê-la no mosteiro tão logo fosse possível, para conhecê-la melhor e saber se ela era uma mulher adequada ao seu soldado e servidor. Henri ficou mudo, sem saber o que fazer. Alice, respondeu apenas:

— *Eu irei, meu senhor.*

Nas semanas que se seguiram, Alice se esquivou quanto pôde de ir até a presença do bispo, ficando irritadiça, agitada e distante e aos poucos, foi se afastando de Agnes, que ficou profundamente ressentida com a amiga, por estar sendo cortejada e se afastar dela. Queria a amiga só para si, que tudo fosse como antes. Não suportava a solidão. Quanto mais Alice se aproximava de Henri, mais o ressentimento de Agnes crescia. Até que, certa vez, foi

surpreendida por alguns serviçais do Bispo William enquanto manipulava ervas. Desconfiados, levaram-na à presença do seu senhor, que a pressionou a confessar prática de bruxaria. Apavorada e sem saída, Agnes colocou toda a culpa em Alice, alegando que colhia as ervas a pedido da amiga.

O Bispo viu naquela ocorrência a oportunidade que esperava para convencer Alice a dormir com ele. Manteve Agnes presa e mandou buscar Alice, que se escondeu.

Depois de três dias de buscas sem sucesso, o bispo tornou-se incontrolável. Seu desejo e sua luxúria cresciam na mesma medida do que não conseguia possuir o objeto de seu desejo. Agnes conseguiu fugir, enganando um dos guardas, e quando, em sua fúria, William a procurou para se satisfazer, não a encontrou. Enviou soldados atrás dela e logo a capturaram. Agnes ficou então à mercê do bispo, que a tratou como objeto sexual por semanas.

Sem piedade, ordenou a morte de Alice e de sua família, bem como de várias jovens da vila. Justificava-se dizendo que as bruxas estavam enfeitiçando os soldados — jovens puros a serviço de Sua Majestade, o rei Henrique VII — e que precisavam servir de exemplo, para que o povo soubesse quem mandava.

Alice foi queimada viva em praça pública, por ordem do bispo. Ao descobrir o destino da amiga, Agnes se culpou e se martirizou, definhando em remorso até a morte.”

Jéssica despertou chorando.

— Você não foi a culpada, não foi!

— Claro que fui...

— Não foi. — Insistiu Rafaela.

— Você continua olhando a situação pelos olhos da culpa, mas não foi sua culpa, Jéssica. Ele faria de qualquer modo. Ele já estava planejando fazer aquilo por eu não ter cedido aos seus caprichos. E foi Henri que me entregou, no final. Ele foi um covarde que não soube lidar com a situação. Você estava certa. Ele não servia para mim...

Jéssica fitava a amiga descrente.

— Você me perdoou, então?

— Não há o que perdoar, minha amiga querida. Não foi sua culpa, tem de aceitar isso de uma vez por todas. Desde aquela época, você odeia os processos de cura, as ervas, ao mesmo tempo em que é por elas atraída a todo custo. Foi assim quando encarnou assumindo o papel de curandeira em uma tribo indígena. Foi colocada nesta situação para aprender a limpar toda a dor e tristeza que trazia com relação a esse ponto da medicina em sua vida. Mas odiou tanto, fez veneno ao invés de remédios e comprometeu-se mais ainda com as leis divinas.

Rafaela silenciou e Leonora prosseguiu:

— De novo encarnada na corte francesa do século dezoito, você usou seus dons para destruir. Agora precisa compensar isso, resgatar seus débitos, ajudando.

— Mas agora estou fazendo o certo, não estou?

Leonora silenciou. Elias e Rafaela se entreolharam e ele respondeu:

— Ainda não, ao menos não como poderia pelos dons que possui. Pode ser o certo para muitos médicos, apesar de que a maioria deles está longe de compreender o que foi feito pelos poderosos com a medicina, nem o quanto servem às trevas sem saber. Mas isso é um assunto extremamente delicado. Você está no lugar errado, Jéssica.

— Mas a medicina não é a minha vocação?

— Curar é a sua vocação!

— A cirurgia cura!

— Curar e prevenir doenças, é a sua vocação. Mas você precisa se curar, para conseguir aceitar o chamado de sua alma...

— E o que devo fazer? Abandonar a minha carreira?

Elias tocou de leve o ombro de sua protegida e esclareceu:

— Essa resposta só você pode encontrar, dentro de você. Para isso, precisa aceitar a sua tarefa, curar o que ainda bloqueia seu ser de expressar esse dom plenamente para poder servir como se propôs antes de voltar à vida na Terra. Sei que é difícil desmontar em nossa mente tudo o que construímos, que parecia o motivo de nossa vida. Mas para conseguir, você precisa desapegar, renunciar a

coisas que fez, quem foi até agora, abrir mão para poder receber algo muito melhor, e maior.

A médica, Rafaela, Elias e Leonora retornavam ao belo jardim de Jéssica; ela refletia que se sentia perdida, sem saber o que fazer. Ainda estava intimamente apegada à sua vida presente, ao modo como ela a tinha estruturado. Ao chegarem ao amplo jardim, a médica sentiu a alegria inundar seu coração outra vez. Não havia dúvidas para ela, de que tinha de fazer algo diferente com sua vida, mas sentia medo e hesitação.

Rafaela fitou-a nos olhos e disse:

— Entendo seus receios, minha amiga. Também enfrentei os desafios da mudança, a dor do crescimento. A dificuldade em aprender a agir diferente, a deixar o fluxo divino nos transformar. É difícil aprender a viver pela alma e não pelo ego. Mas é imprescindível deixar morrer os velhos hábitos, as velhas crenças, e permitir brotar e crescer novos padrões, novos modelos e ver a nossa exis-tência com os olhos do espírito.

E a jornalista finalizou:

— Reflita com a consciência espiritual: a coisa mais importante que podemos fazer por nós mesmos é o crescimento e o aprimoramento interior; nos tornarmos pessoas melhores, mental, emocional e espiritualmente. Aprender e exercitar o perdão, tirar o rancor, as mágoas, a amargura de nossa alma. Desenvolver as virtudes da compaixão e do amor; ampliar nossa consciência da realidade, rever nossas crenças e nossa visão de mundo – que nos foi passada por nossa família primeiro, e depois, pela sociedade como um todo, quer seja através da educação formal, da cultura específica do lugar onde vivemos, da mídia, da propaganda. Assim, ao deixarmos o planeta, ao voltarmos ao mundo espiritual, nosso lar verdadeiro, todo o trabalho que fizemos em nós, virão conosco. São as reais conquistas da alma, nossos verdadeiros tesouros. A maior vitória que podemos alcançar é sobre nós mesmos, sobre nossas limitações e imperfeições. E despertar para essa realidade é o primeiro passo da jornada. Buscar um caminho que proporcione essa evolução, essa expansão é fundamental. E aprender a usar nossos dons, os talentos que o Criador nos deu ao nos criar, é tarefa

das mais elevadas. É preciso priorizar essa descoberta, mesmo sendo uma jornada repleta de desafios e dificuldades.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Jéssica. Ela compreendia perfeitamente o que se esperava que ela fizesse. Fizera escolhas dominadas pelos equívocos que as ilusões construíram em sua mente e agora, precisaria desconstruir tudo aquilo e começar uma nova vida. Mas como? Por onde começar?

CAPÍTULO 29

Os primeiros raios de claridade começavam a delinear os contornos da cidade. Os pássaros livres traçavam cantos no ar, indiferentes ao peso dos arranha-céus, dançando sobre o concreto de uma cidade que, teimosa, tentava calar suas vozes. Mas eles, repletos de vida, faziam seus ninhos onde achavam espaço, quer fosse nos galhos de alguma árvore majestosa, que ocupava as calçadas da grande cidade, quer fosse nos fios e cabos elétricos, escondidos entre os amontoados de fiação. A vida insistia em vicejar, fosse onde fosse e como fosse.

Elias e Leonora conduziam Jéssica com cuidado. Ela estava extenuada pelo impacto das experiências. Rafaela já havia retornado para seu lar, e a médica seguia de volta com o mentor e a mãe. Ela beijou-lhe a face com carinho e recomendou:

— Fizemos de tudo para que você, ao acordar, se recorde das experiências que viveu. Mesmo que a princípio tudo lhe pareça confuso, e que as imagens pouco lhe tragam de clareza, suas emoções vão permanecer. Preste atenção em seus sentimentos, minha filha. Eles serão seu guia de agora em diante.

— Mas...

— Confie em seu coração, em sua intuição. Ela te guiará por novo caminho.

Jéssica observou por longo tempo seu corpo dormindo na cama e fitando a mãe com lágrimas nos olhos disse:

— Então isso tudo é mesmo verdade. Somos muito mais do que nossos corpos físicos... Somos espíritos ha-bitando corpos materiais... Isso muda tudo...

A despedida foi cheia de emoção e Leonora assegurou à filha que zelava igualmente por Maria Helena. Por fim, Jéssica deitou-se e reintegrou seu duplo etéreo ao corpo físico. Elias e Leonora aplicaram passes magnéticos sobre o organismo denso da médica, dedicando atenção especial aos centros de memória.

Passou-se quase uma hora. Quando o celular de Jéssica tocou, ela ainda dormia profundamente, mas reconheceu o toque do aparelho que ficava na cabeceira da cama. Tateou e o encontrou. Atendeu, era do hospital. Jéssica sentou-se na cama assustada. Estava atordoada, mas conseguiu escutar. Pediam que ela fosse depressa ao hospital.

— O que houve com minha filha? Ela piorou? Como ela está?

— Ela está bem, mas precisa vir doutora.

— O que houve?

— Ela acordou e está muito agitada.

— Estarei aí o mais rápido possível.

Levantou-se sem pensar. Lembranças, impressões e sensações povoavam sua mente e seu corpo todo. Algo estava diferente dentro dela. Mas as preocupações com a filha não permitiram que ela dedicasse atenção ao que percebia. Tinha de ir depressa.

Em menos de trinta minutos, a médica entrava no hospital. O trânsito era bem mais tranquilo antes das sete da manhã. Estacionou e entrou no elevador. Quando a porta se abriu no andar da UTI, Jéssica deu de cara com Omar, que encerrava seu turno daquela manhã. A médica sentiu um arrepio percorrer lhe o corpo inteiro. Todos os pelos de seu corpo ficaram eriçados, como um gato acuado.

Ele entrou calmamente no elevador, enquanto ela saía e começou a falar, mas Jéssica o interrompeu:

— Melhor não dizer nada, doutor. Não estou boa hoje!

E saiu apressada, entrando na área restrita da UTI. Colocou o jaleco limpo e esterilizou as mãos. Caminhou direto para a cama da filha.

— Oi minha filha, estou aqui.

Os olhos da menina transpareciam terror.

— Calma, está tudo bem. Você vai ficar bem.

Ela apertou forte a mão da mãe, em busca de abrigo e proteção. Jéssica compreendeu de pronto, e teve uma reação completamente inesperada. Ela deitou-se na cama ao lado da filha. Acomodou a filha, ainda entubada, em seu peito e disse:

— Vai ficar tudo bem, não tenha medo.

Ao sentir-se acolhida daquela maneira, compreendida em sua necessidade de proteção, Maria Helena acalmou-se, deixando-se envolver pela energia amorosa que a médica emanava. As enfermeiras que passavam estranhavam ver a médica altiva e pomposa, deitada ao lado da jovem, como uma mãe normal, protegendo seu rebento.

Quando sentiu a filha tranquila, Jéssica disse:

— Vou me levantar agora para ver o seu prontuário, está bem? Quero saber como estão os seus principais marcadores, como está a resposta do seu organismo, sua recuperação. Mas vou ficar aqui com você.

Jéssica avaliou o quadro geral da adolescente e logo o médico responsável pelo acompanhamento de Maria Helena chegou, dando maiores detalhes.

— Ela começou a evoluir bem. Se tudo continuar assim, em breve poderá descer para o quarto. Vamos acompanhar. Mas a doutora não pode ficar aqui com ela, bem, sabe disso melhor do que eu...

— É claro. Quando o horário de visitas acabar, retorno para o meu consultório.

Maria Helena se agitou novamente.

— Calma, filha, vão tirar o tubo e você vai se sentir melhor. Tem de ter calma agora, está me escutando? Está entendendo?

A jovem balançou a cabeça em sinal afirmativo. Aplicaram um tranquilizante leve, para deixá-la mais confortável e Jéssica, depois de assegurar-se de que a filha ficaria bem, desceu para o consultório.

Sua cabeça estava acelerada, seu corpo tremia, e suas emoções estavam quase a sufocá-la. Amanda ainda não havia chegado e a médica entrou e fechou-se em sua sala. Sentou-se na

poltrona e fez alguns exercícios de respiração profunda, buscando acalmar a mente, relaxar. Então as lembranças das experiências vividas naquela noite afluíram como imagens sobrepostas umas às outras. Mas uma delas ressaltava sobre as demais: um jardim florescendo, repleto de folhagens, um lugar mágico, que lhe causava uma sensação de paz e harmonia. Ele ficou mentalmente, naquela imagem por longo tempo. *O que será tudo isso?*

E uma voz vinha de dentro dela respondendo: esse é o seu jardim. É o lugar onde deve estar.

Amanda bateu na porta e entrou.

— Bom dia doutora. A dona Angelina acabou de chegar. Veio trazer os exames do pré-operatório.

Arrancada de onde estava, a médica respondeu:

— Sim, minha primeira consulta. Dê cinco minutos e mande-a entrar.

O dia seguiu agitado para a médica, que tinha a agenda lotada. Foi somente no final da tarde quando ela subiu para visitar a filha que pôde pensar novamente nas impressões da noite. No corredor, encontrou-se com Vitor.

— Como ela está?

— Está melhorando.

— Quero vê-la.

— É claro, assim que liberarem a visita você entra. Já venho.

Entrou e foi surpreendida pela filha, sem os tubos, quase sentada, encostada na cabeceira da cama. A enfermeira deu a boa notícia:

— Ela está fora de perigo agora, doutora.

Jéssica abriu largo sorriso de alívio e satisfação. Mas algo no olhar da filha a preocupava. Maria Helena trazia o medo nos olhos. Parecia assustada.

Uma semana depois, a adolescente recebia alta, com inúmeras recomendações e ressalvas do médico para a completa recuperação, como fisioterapia e outros cuidados:

— Ela pode ter alguma dificuldade com a fala, para andar, ainda não podemos ter certeza. — Ele seguia informando Jéssica — A doutora sabe que ela ficou algum tempo sem oxigênio no cérebro e,

portanto, pode vir a ter sequelas e dificuldades motoras e cognitivas. Os exames de imagem mostram que ela está bem, mas ainda apresenta um pequeno edema no córtex pré-frontal...

— Eu sei, vi os exames – Jéssica interrompeu o colega, impaciente – Ela está em recuperação, vai ficar boa, vamos cuidar muito bem dela.

— É uma inflamação renitente, que não está cedendo nem mesmo com os corticosteroides e neuroprotetores que administramos para reduzir o inchaço. Pode haver algum comprometimento estrutural na região. Precisa estar preparada...

— Não se preocupe, doutor – Jéssica o interrompeu de novo, – sei como tomar conta da minha filha. Obrigada pelos seus cuidados com ela, foram fundamentais. Mas daqui por diante, eu assumo e me responsabilizo.

— Está certo, doutora. A senhora é a autoridade aqui.

— Eu agradeço mais uma vez.

Saiu empurrando a filha na cadeira de rodas. Maria Helena levantou-se devagar, apoiada na mãe, e acomodou-se no banco de traz do carro e ficou em silêncio. Quando estavam chegando perto do prédio onde moravam, a jovem questionou:

— Será que vou ficar boa de novo, mãe? Boa de verdade?

Olhando a filha pelo retrovisor, a médica respondeu:

— Mas é claro que vai!

— É que... vejo umas coisas estranhas... acho que estou ficando louca...

— O que você vê, filha?

— Sombras negras, se esgueirando pelos lugares. Elas me assustam, me ameaçam, me deixam apavorada. Dizem coisas horríveis sobre mim, sobre você...

— Estão em todos os lugares?

— Não em todos, mas em muitos...

— É disso que tem medo? Essas sombras a ameaçaram?

— Ameaçaram você...

Entraram no elevador, Jéssica apoiando a filha. Entraram em casa, e a jovem quis ir direto para o quarto. Depois de se acomodar, Jéssica indagou:

— Me fale sobre as sombras, o que elas falaram? O que diziam? Que aspecto tinham?

— Horríveis, rostos deformados. Acho que são pessoas mortas, mãe... – falou a jovem com os olhos rasos de lágrimas, certa de que a mãe a repreenderia por aquela resposta. Mas Jéssica sentou-se ao lado da filha e disse:

— Eu acredito em você. Sei que está vendo espíritos, eles não podem nos afetar, se soubermos lidar com eles, mas teremos de aprender a fazer isso. Eu e você.

Maria Helena abriu largo sorriso. As palavras da mãe a fizeram relaxar instantaneamente.

— Você acredita em mim, acredita que são espíritos ruins?

— Estou começando a estudar o assunto, filha, não posso dizer muito, mas pelo pouco que aprendi até agora, são espíritos que estão sofrendo alguma dor muito forte, por isso tem tanta raiva e mágoa, e querem atacar os seres que os incomodam por algum motivo. Vamos aprender juntas a lidar com tudo isso.

Maria Helena ficou impressionada com a atitude da mãe. Nenhum julgamento, nenhuma reprovação, nem quis esmiuçar a atitude desesperada dela, que já tinha sido tão dolorosa... Sentia dela apenas carinho, compreensão e apoio. As lágrimas escorriam pelo rosto da jovem que abraçou a mãe com força e disse:

— Nunca imaginei que fosse poder contar com sua ajuda, mãe, ao menos não neste assunto. Me desculpe pelo que eu fiz... Não sabia mais como lidar com esses monstros... Eles estavam me infernizando, e eu estava ficando maluca. Achei que morrer fosse o único modo de silenciá-los. Eles diziam coisas horríveis sobre você e sobre o que fariam com você e com toda a nossa família.

Jéssica abraçou forte a filha, e escutou-a sem interrupções, deixando que ela falasse, chorasse, externasse todas as suas emoções, até que fosse se acalmando aos poucos. Então a mãe olhou-a nos olhos e falou:

— Os espíritos são reais, o mundo espiritual é real. Agora eu sei.

CAPÍTULO 30

Durante o jantar, Maria Helena teve alguma dificuldade com a comida. Jéssica preparou um creme de palmito, leve, com pouca gordura, para que filha começasse a se comer sem a alimentação enteral[25]. Mesmo assim, a despeito da jovem estar faminta, engasgou-se várias vezes enquanto engolia o alimento ligeiramente mais sólido. Na última vez, empurrou o prato e murmurou:

— Cansei, mãe. Tem outro jeito de me alimentar?

— Seu esforço está apenas começando, filha. E você precisa ser forte, está me entendendo? Não vamos retroceder nos primeiros desafios. Nós vamos vencer!

— Minha garganta arde, o alimento arde enquanto desce.

— É normal, está tudo muito sensível. Mas você vai ficar bem, está me ouvindo?

Jéssica tentava transmitir confiança à filha, mas observava o olhar triste da jovem. Ela estava muito frágil. Física, mental, emocional e, por que não admitir? Espi-ritualmente. A campainha tocou e Vitor e Felipe entraram. O pai logo envolveu a filha em terno abraço, enquanto o irmão hesitava, como se a irmã pudesse quebrar ao seu toque.

— Como você está, filha? Fiquei feliz em saber de sua alta. Precisa de alguma coisa, qualquer coisa em que eu possa ajudar?

— Desculpe, pai...

— Não filha, você me desculpe! Devia ter estado mais perto de você, conversado mais, não sei... – a voz morreu na garganta embargada pela emoção. Ele a abraçou forte e disse:

— Eu quero te ajudar no que for preciso, querida.

Fazendo um esforço real ela respondeu, olhando para a mãe:

— A minha doutora particular está cuidando muito bem de mim... vou ficar bem, pai, e então poderemos conversar sobre o que você quiser.

Jéssica se afastou e deixou que os recém-chegados tivessem tempo com a adolescente.

Um pouco mais tarde, quando o marido e o filho tinham ido embora, enquanto preparava uma vitamina de frutas para a adolescente, manuseando as folhas de hortelã, Jéssica teve um *déjà vu*. Ela viu, num relance, muito rapidamente, a imagem de um jardim repleto de folhagens, e muitas ervas em sua mão. A imagem lhe causava emoção vibrante. Ela parou o que estava fazendo, e tentou se lembrar de onde vinha aquela imagem e o que significava. Não conseguia se lembrar de muita coisa, mas lembrou-se do sorriso fraterno de Rafaela e da presença luminosa da mãe, e de estarem juntas naquele jardim especial, diferente, e que significava muito para ela. Era algo importante. Mas por que não se lembrava de mais detalhes?

Buscou as minúcias na imagem que lhe vinha à mente, e percebeu várias plantas diferentes. Depois que serviu o suco à filha, acomodou-a na cama com recomendações médicas e maternas:

— Qualquer coisa que precisar, me chame, não importa o horário. Seu irmão foi para a casa do seu pai, para que eu possa cuidar de você sem distrações.

— Você vai para o hospital amanhã?

— Vou mais tarde, para cuidar de você. Tirei a manhã de folga.

Maria Helena sentia alegria e culpa ao mesmo tempo. Estava prejudicando a sua mãe...

— Desculpe, mãe, pelo transtorno que estou causando...

Jéssica olhou-a nos olhos e sentiu suas preocupações, sua angústia.

— Olhe, nós duas estamos precisando de um tempo. Não é só você, eu também estou passando por muita coisa, minha vida tem sido um desafio depois de outro nos últimos tempos. Acho que preciso prestar atenção ao que está acontecendo... E você também precisa de ajuda, de entender o que se passa, de aprender a lidar com esse mundo novo, que desconhecemos, esse mundo espi-ritual.

Jéssica baixou os olhos em dúvida, mas depois fitou a filha e prosseguiu com convicção:

— Eu também andei vendo espíritos...

A filha arregalou os olhos indagando:

— Você?!

— Não queria aceitar, preferi pensar que estava ficando com alguma doença mental, tendo alucinações. Até que conheci Rafaela. Foi para ela que consegui contar o que se passava. Eu vi muitas vezes a Elaine, uma paciente minha que morreu na mesa de cirurgia.

— Eu sei quem é. Lembro-me de como você ficou perturbada além da conta quando ela morreu.

— Você se lembra?

— Sim, você ficou estranha... E não era somente a perda dela...

— Não era. Eu a via e ela falava comigo. Era de enlouquecer.

— E agora? Você ainda a vê?

— De vez em quando.

— E o que ela quer?

Jéssica ficou em silêncio, refletindo e por fim respondeu, relembrando de Elaine no jardim que ela via em suas lembranças.

— Acho que ela queria me mostrar que minha vida precisa de mudanças, me despertar para essa necessidade, me fazer aceitar que tem muita coisa fora de lugar. E que eu preciso melhorar, mudar como pessoa... Eu preciso ir além...

— Ir além?

— Tenho algo a fazer, não sei o que é, mas sinto que preciso dar um rumo diferente à minha vida.

— Nossa, mãe, estou impressionada. Quanta mudança nesse curto espaço de tempo em que estive au-sente...

— É... o convite vem acontecendo a bastante tempo, mas minha resistência me deixou empacada e agora, os problemas se acumularam. Tenho muita coisa para resolver e nem sei por onde vou começar...

A médica fez uma pausa, depois falou, acariciando os cabelos da filha:

— Precisa descansar. Continuamos nossa conversa amanhã.

Maria Helena abraçou a mãe com muita força, e as duas ficaram assim, permutando carinho e afeição, por algum tempo.

Depois de despedir-se da filha, Jéssica abriu o computador e começou a investigar as ervas que tinha visto em suas lembranças. O que significavam? À medida que pesquisava, começou a reconhecer pelo nome cada uma das plantas, antes mesmo de fazer a pesquisa. E à medida que pesquisava, percebeu que todas elas tinham uma utilidade no tratamento de Maria Helena, como se aquela imagem que ela vira, o maço de ervas nas mãos, fosse uma receita para a filha.

À medida que pesquisava e fazia anotações, refletia: *que coisa incrível! Eu nem sabia que conhecia todas essas plantas...* Jéssica continuou pesquisando e tomando notas, sem perceber o tempo passar. Quando se deu conta, era quase meia noite. Ela ia desligar o computador, quando sentiu uma vontade irresistível de abrir o buscador e pesquisar sobre reencarnação e vidas passadas. Ao invés disso, foi direto às fontes mais seguras, revistas e publicações científicas sobre o tema.

— *O que será que a ciência já pesquisou em relação a esse tema? Será que existe alguma base científica para esse conceito espírita?* – Refletia ela, enquanto começava a pesquisa avançada sobre o tema. E qual foi a sua surpresa, quando se deparou com diversos estudos, pesquisas realizadas por médicos, psiquiatras e cientistas, que sem prevenção ou servindo à interesses desvirtuados do compromisso com a verdade, ou até mesmo comprometidos em distorcê-la, maquiá-la ou conspurcá-la, denegri-la, empreenderam estudos rigorosos sobre o tema.

A médica ficou totalmente envolvida pelas informações que ia descobrindo, constatando que muitos de seus colegas levaram a cabo conclusões consistentes sobre a questão da vida após a morte e da reencarnação – as diversas vidas da alma em diferentes corpos.

Jéssica começou a sentir os olhos arderem e coçarem, após tantas horas diante da tela. Que horas seriam? Consultou o relógio: quase duas da manhã. Precisava dormir. Fechou o computador e recolheu-se, embora sua mente insistisse em não parar.

Quando adormeceu, encontrou-se novamente no jardim magnífico que já visitara em sonho dias antes. Ali, manuseava as ervas que pesquisara: espremeu, macerou, preparou um medicamento. Quando a essência ficou pronta, despejou-a em um frasco limpo e fitou-o demoradamente. Era o remédio fitoterápico que ajudaria Maria Helena em sua recuperação

De manhã, quando despertou, a médica sabia o que tinha de fazer.

No meio da tarde, quando chegou ao hospital, encomendou o medicamento a um laboratório de manipulação que conhecia. Estranharam, a princípio, aquela era uma combinação de ervas que não costumavam utilizar. Mas a médica insistiu.

— É assim mesmo que desejo. Podem fazer.

Ao desligar, ficou algum tempo pensativa: o que estava fazendo? Vozes altas no corredor a despertaram de seus questionamentos. Omar entrou pisando firme seguido de Amanda, que falou, nervosa:

— Não consegui impedi-lo doutora.

— Pode deixar. Mantenha a porta aberta, por favor.

A jovem saiu contrariada deixando a chefe de cara fechada.

— O que você quer aqui? O coração de Jéssica batia descompassado. As lembranças da violência afloraram de imediato e ela teve vontade de gritar e agredir aquele homem que ela detestava. Ela o odiava, de fato.

— Vou trazer minha mãe ao hospital e você vai cuidar dela.

— O que? E por que eu faria isso?

— Você foi a responsável pelo meu pai ter morrido...

— Do que você está falando?

— Você foi displicente quando o operou, era uma interna, mas foi displicente. Dilacerou o coração da minha mãe e destruiu minha família.

Ela o fitava descrente.

— Vocês me processaram?

— Processamos o hospital, mas perdemos... Eles têm mais dinheiro e poder jurídico e a justiça não foi feita. Mas eu a farei. Você me deve. Vai cuidar de minha mãe, que está doente, em

depressão profunda, morrendo aos poucos com muitos outros problemas físicos aparecendo.

De súbito, Jéssica compreendeu a situação.

— Você tentou me matar para fazer justiça com as suas mãos? Foi isso? Está louco?! Saia do meu consultório. Há muitos médicos no hospital em condições de cuidar dela. Eu não sou psiquiatra. Além do mais, você conhece o corpo médico deste hospital. Ela vai ser bem cuidada.

— Quero que você cuide dela, que veja o estado em que a colocou. Você nos destruiu...

— Saia agora do meu consultório, ou vou chamar a segurança.

— Vou trazê-la amanhã. E você vai cuidar dela, ou então, eu vou acabar o que comecei... Ele saiu sem esperar a reação da cirurgiã.

Ela se levantou e trancou a porta. Sentia as pernas fraquejarem pela descarga de adrenalina.

— *Esse homem me paga! Que ódio! Vou acabar com ele! Vou destruí-lo.* — Ela esbravejava entre os dentes, deixando a raiva extravasar.

Ela tentou se controlar, mas não conseguia. Estava se sentindo por demais perturbada. Conferiu com a assistente a sua agenda, remanejou o que pôde assim que ficou liberada, foi encontrar com Rafaela. Precisava pensar no que fazer.

Encontrou a ex-jornalista no jardim, cercada de mudas de flores. Vendo que Jéssica chegara totalmente alterada, Rafaela levantou-se e entrou com ela para o escritório.

— O que houve?

— Não posso acreditar no espiritismo, Rafaela. Existem coisas que ele não explica.

— O que houve?

— Aquele homem odioso veio me ameaçar de novo. E sabe o que me disse? Que sou responsável pela morte do pai dele. Levantei os registros médicos, e ele morreu na mesa, sob a orientação do doutor Egídio, que eu auxiliava no dia. Não tive responsabilidade alguma. Mas ele insiste que eu sou a culpada, que destruí a família dele.

A médica falava depressa, totalmente ansiosa e a anfitriã a escutava com atenção, buscando orientação espiritual para conseguir ajudá-la. O que ela poderia dizer ou fazer que de fato contribuísse? Pedia à espiritualidade que a amparasse. De súbito uma ideia surgiu e ela simplesmente deixou fluir dizendo:

— Vamos ao shopping, almoçamos e você espairose. – Ao escutar a sua própria sugestão, Rafaela achou aquilo a coisa mais ridícula que poderia dizer naquela situação, mas a sustentou, porque confiava na espiritualidade.

— No shopping? Sério? É a última coisa que quero fazer nesse momento.

— Eu sei, mas temos de ir.

— Por quê?

Pegando a bolsa e já se dirigindo à porta, com muita atitude, ela respondeu:

— Não sei, mas vamos descobrir. Venha.

Jéssica sentiu-se contrariada. Queria colo, apoio, atenção, e ao invés disso, aquele convite estapafúrdio da amiga..., mas a naturalidade de Rafaela despertou nela uma ponta de curiosidade. E ela não questionou.

CAPÍTULO 31

As duas caminhavam pelo shopping, olhando as lojas e Rafaela tentava entender o que estavam fazendo ali, o que os amigos espirituais estavam aprontando, quando deparam com um lindo piano de caldas branco, bem no centro do saguão principal. Ele não costumava estar ali, mas devia ser algum tipo de evento que estava para acontecer.

Como que atraída magneticamente pelo instrumento, Jéssica aproximou-se, tentou abrir a tampa. Estava aberta. Ela sentou-se, colocou-se em posição de pia-nista, com as costas eretas as mãos ligeiramente postadas sobre as teclas, como se descansassem sobre uma planta delicada.

Ela então, como se fosse tomada de uma força invisível, começou a tocar a Nona Sinfonia de Bethoveen^[26]. E tocou com tal maestria que as pessoas começaram a se juntar ao redor, foram se aglomerando nos corredores próximos ao instrumento, e a música ecoava pelas galerias e corredores do centro de compras, atraindo mais atenção. Quando terminou a música, os aplausos começaram, mas ela os ignorou e começou a tocar Concerto para Dois Violinos em Ré Menor, de Johann Sebastian Bach. E mais uma vez, a performance atraiu as atenções. Rafaela observava impressionada. Depois de quase dez minutos de apresentação, Jéssica olhou ao redor, vendo as pessoas a aplaudirem. Ela então levantou-se, fechou a tampa do piano e andou na direção de Rafaela, como se despertasse de um sonho.

— Estou pasma, Jéssica. Não sabia que você tocava piano, muito menos com essa habilidade...

— Eu também não – respondeu a médica.

— O que? Como assim?

Jéssica fitou a amiga entre impressionada e assustada e respondeu:

— Eu nunca aprendi a tocar piano.

Rafaela, então, recebendo a inspiração de seu mentor espiritual, sem elaboração nem raciocínio, apenas compreendeu o que se passava.

— Venha, vamos tomar um café.

Sentaram-se próximo a um jardim cuidadosamente elaborado, e Jéssica, que estivera muda por quase quinze minutos, terminou de tomar o café e fitou a outra:

— O que foi que acabou de acontecer, Rafaela? O que foi aquilo?

— Lembranças de vidas passadas. – respondeu sem hesitação a interpelada. – Não percebe que acabou de experimentar a prova mais concreta que pode existir de que você já viveu outra vida, e nela, tocava piano com perfeição? Tem alguma outra explicação plausível, doutora?

— Mas por que agora? Assim? Por que a lembrança aflorou?

— Veio me pedir ajuda, não foi?

— Sim.

— Eu posso ajudar pouco, mas os amigos espi-rituais que nos orientam no núcleo, os espíritos amigos e mentores espirituais meu e seu, com certeza sabem o que está acontecendo, conhecem os meandros de nossas histórias passadas. Eles sabem muito mais do que nós. Nos trouxeram aqui para mostrar-lhe alguma coisa. Eles estão apontando o caminho.

Jéssica ficou pensativa, depois falou:

— Então... isso tem a ver com Omar? Foi ele que desencadeou tudo. Eu sinto um ódio incontrollável por ele, pelo que me causou, por ter quase tirado minha vida, e agora, vindo me acusar de ser a responsável pela morte do pai, ainda tentando se justificar pelo mal que me causou, responsabilizando-me. Isso é tão absurdo, ele pensar dessa forma, e ter agido como agiu, que... não sei como lidar com isso, com esse impulso de destruí-lo.

Rafaela ouvia atentamente a amiga, e mentalmente, pedia orientação.

— Deve ter conexão com Omar, ou com algo que explique o motivo dessa situação ter acontecido, já que devemos dar atenção à sincronicidades em nossa vida. Deve ter uma relação sim.

— E agora? O que vou fazer?

— Me dê licença um minuto, tenho de fazer uma ligação. — Rafaela falou e se levantou, distanciando-se um pouco do lugar onde a cirurgiã estava sentada.

Logo retornou.

— Conversei com o orientador de um grupo de trabalhadores lá da casa espírita, que algumas vezes me dão apoio no núcleo de apoio, em casos mais intrincados e desafiadores, inequivocamente de origem espiritual. Temos o aval do presidente da Casa Espírita, que os acompanha sempre que pode. Eles nos ajudam com casos de obsessão e principalmente de subjugação espiritual^[27], para libertar almas oprimidas por seus verdugos, e para ajudar os próprios opressores espirituais e acharem o caminho para recomeçar.

— Não estou entendendo nada, Rafaela, me desculpe.

— Esse grupo vai vir hoje à noite ao núcleo de apoio, para ajudar você, especificamente. O que estiver ao alcance de seus orientadores espirituais, será mostrado a você, Jéssica. Quem sabe isso pode ajudá-la a compreender?

Imediatamente o coração da médica disparou, como se em algum lugar em suas memórias, ela soubesse exatamente do que se tratava a situação, e sentia medo.

— Hoje à noite? Não posso... Preciso cuidar de Maria Helena.

— Mas não disse que Vitor ia ficar com ela? Ele pode cuidar dela à noite, enquanto você cuida um pouco de si mesma.

— Não sei...

— Do que está com medo?

— Medo, eu?

— Sim. Está com medo, Jéssica. Do desconhecido?

— Não sei... acho que de saber a verdade...

Rafaela fitou-a séria e depois sorriu, dizendo:

— Todos temos monstros escondidos no porão da nossa alma, mas se o reconhecermos e acolhermos, eles serão mais dóceis... Seja lá o que estiver oculto, precisa vir à luz, para que haja cura.

Os olhos de Jéssica encheram-se de lágrimas. Ela se sentia frágil e vulnerável, com vontade de desaparecer dali, mas Rafaela prosseguiu:

— Se não curarmos as feridas emocionais e espirituais que carregamos por dentro, bloqueando o caminho para a manifestação do divino em nós, como sentiremos a inspiração divina nos orientar? Como alcançaremos a sabedoria de saber o que fazer em momentos como este que você está vivendo? Como lidaremos com os impulsos que emanam de nossa centelha divina e que, na maioria das vezes, ignoramos, abafamos e suprimimos em nossas decisões, silenciando a voz mais importante que deveríamos escutar o tempo todo? Damos ouvidos ao que aprendemos na educação formal, à família, aos amigos, aos parceiros, até ao que consumimos nas redes sociais... mas permanecemos surdos para a voz mais importante, a que vem da alma, do profundo de nosso ser. Você precisa disso, amiga — todos precisamos

Rafaela tocou suavemente as mãos de Jéssica, que sentiu a emanção de afeto genuíno partir da amiga. Deixou-se envolver por aquelas vibrações acolhedoras e, pouco a pouco, enfraqueceu as resistências que já se formavam para fazê-la recusar o convite amoroso de Rafaela.

— A que horas devo estar lá?

— Às oito horas.

— Melhor eu ir até em casa, ver como Maria Helena está. Se estiver tudo bem, encontro vocês mais tarde, então.

Despediram-se. Rafaela orava para que os obstáculos internos e externos, não impedissem a sua amiga de receber a benção que se desenhava para ela.

Às quinze para as oito, o grupo já estava reunido em uma pequena sala, que ficava nos fundos do quintal da propriedade, e que ficava reservada e fechada, exclusivamente para esse tipo de tarefa espiritual. Energias sutis envolviam o ambiente, e logo que

entravam, as pessoas sentiam a suavidade energética do ambiente, simples, alegre e sem muitos adereços, o ambiente exalava naturalidade.

O grupo permanecia em oração e alguns em leitura edificante, aguardando a convidada. Rafaela não conseguia esconder sua ansiedade. Temia que ela desistisse, passava cinco minutos das oito horas, quando Jéssica tocou a campainha.

— Deve ser ela.

Saiu e logo retornou acompanhada da médica. Depois das apresentações, iniciaram sem demora a tarefa. Jéssica ocupou a cadeira que ficava na lateral da sala, ao lado de Rafaela. Os demais, ocuparam a mesa oval. Depois da prece leram um trecho do livro *o Evangelho Segundo o Espiritismo*: todo mundo tem na terra uma pequena ou uma grande missão^[28].

Antes que fechassem o evangelho e terminassem a leitura, Regina pediu:

— Vamos ler mais um trecho: cap. VII, bem-aventurados os pobres de espírito. Precisamos ler esse trecho também.

Regina era a presidente da Casa e médium ativa. Completaram a leitura, conforme o que ela sugeriu.

Fizeram outra prece e silenciaram, aguardando o conduzir do mundo espiritual. Longo período de silêncio se seguiu. Parecia que nada aconteceria; todos os médiuns que estavam na sala ficaram em silêncio. Rafaela, que não participava desse tipo de tarefa com frequência, começou a sentir receio de que houvesse algo errado, que estavam ali sem motivo. Então, Jéssica começou a remexer-se na cadeira, em visível desconforto. Regina levantou-se, foi até o lugar onde ela estava e começou a aplicar-lhe passes na região da cabeça, visualizando sua glândula pineal.

— Pode falar o que lhe vier à mente, Jéssica. Sem receio. Pode deixar fluir.

— O que... o que...

— Deixe fluir. Se estiver sentindo algo, pode falar, se estiver vendo algo, pode contar.

— Eu vejo. Eu vejo um salão lindamente enfeitado. E eu estou chegando. Mas sou diferente. Estou usando vestidos longos, rendados, super enfeitados... Sou cumprimentada ao chegar... Estou em companhia de... de... alguém que se parecia com Omar... E ela prosseguiu contando:

Depois de ser recebida, fui levada até o piano.

Comecei a tocar. É a nona sinfonia de Beethoveen. Depois, Johaann Sebastian Bach, Concerto para dois violinos...

Agora, ela se vê rodopiando pelo salão, dançando com o mesmo homem com que chegara, que ela percebia ser alguém muito familiar. Quem seria? Ele a olhava com o encantamento e desejo. Mas ela está séria, não parece se divertir. Ele sente.

— O que foi? Você adora dançar.

— Preciso tomar alguma coisa.

— Vou buscar uma bebida, o que quer?

— Um ponche está bom. Vou até a varanda tomar um ar fresco. Faz calor esta noite.

Ela vai até a varanda, e ele logo retorna com duas taças de cristal: uma com vinho e outra com ponche. Seus gestos denunciavam o quanto ele a desejava.

— Aqui está.

Ela vira a taça na boca e logo pede mais uma.

— Poderia me trazer outra? Estou com muita sede.

— Bem se vê, minha senhora. Já volto com sua nova taça.

Ele virou-se para sair, mas ela o deteve.

— Deixe o vinho comigo, não precisa levá-lo. E prometo que não tomarei um gole sequer.

Ele sorriu, entregou sua taça nas mãos dela, e saiu.

Assim que ele sumiu porta adentro do salão, ela certificou-se de que estava sozinha, e que ninguém a observava. Tirou de dentro da manga longa que cobria seu braço, um pequenino frasco e despejou seu conteúdo rapidamente dentro da taça. Era veneno que ela mesma havia preparado, com as ervas de seu jardim. Livrou-se do frasco, atirando-o longe e recompôs-se. O jovem chegou trazendo mais uma taça de ponche para ela. Brindaram. Ela tomou o

ponche em um só gole e ele sorveu lentamente o vinho, depois de beijar a jovem diversas vezes.

— Eu a quero como minha esposa, você sabe. Por que resiste? Já nos deitamos, eu cuidei para que isso me garantisse a sua mão.

— Mas foi contra a minha vontade, você sabe disso.

— Você me queria, eu sei.

— Não daquele modo. Você não soube esperar, não me respeitou...

— Você me deixa louco. Eu te desejo...

— Sua família não gosta de mim. E você, depois da morte de seu pai, sendo o mais velho, tem de cuidar de todos eles, de seus irmãos e irmãs, de sua mãe...

— Eles são leais a mim. E eu quero você...

Ele parou de falar, parecendo atordoado.

— O que foi?

— Não me sinto bem. Uma tontura súbita.

— Vamos entrar, venha.

Entraram. O jovem tomou água, mas nada o fazia sentir-se melhor.

— Sinto-me enfraquecido. Melhor irmos embora.

Saíram.

Durante a noite o homem foi piorando e na manhã seguinte estava morto. Arditosamente, o veneno atuou durante toda a noite, enfraquecendo-lhe o coração, assemelhando em tudo a um ataque cardíaco. O médico da família, chamado quando o encontraram sem vida, diagnosticou o problema cardíaco, desviando completamente qualquer desconfiança da companheira da noite anterior.

Quando recebeu a notícia, a jovem respirou fundo e murmurou:

— Finalmente, livre de você! O veneno funcionou perfeitamente, como o planejado.

No entanto, ao seu lado, com o olhar desesperado e agora, cheio de ódio, diante da confissão da sua executora, estava o jovem, que, tão logo deixou o corpo físico, procurou a mulher por quem era obcecado. Entre os dentes ele praguejou:

— *Sua desgraçada. Acabo com você nesta ou em outra vida.
Vou te encontrar nem que seja no inferno e vou destruí-la.*

CAPÍTULO 32

Quando terminou sua narrativa, a médica soluçava. Sabia que se tratava de si mesma. Rafaela a abraçou. Regina, que se mantivera em silêncio, começou a manifestar a orientação de Elias, mentor espiritual de Jéssica:

— Não queríamos que precisasse sentir toda essa dor novamente. Você já se culpou bastante, quando caiu em si e compreendeu o mal que fez a toda uma família. Ele era o arrimo daquele lar e sua morte foi um desastre para a encarnação de todos eles. Mas sua resistência em nos dar ouvidos, em desviar-se do propósito a que se dispôs antes de reencarnar, nos fez ter de recorrer a essas lembranças dolorosas. Precisou ir até o porão, mas não precisa ficar ali, Jéssica. Tem trabalho a fazer. O ódio que sente de Omar precisa ser curado. E achamos que as lembranças poderiam conscientizar você do quanto magoou a família dele quando, naquela ocasião, matou aquele que era irmão mais velho e provedor do lar. Aquele homem também já tinha te magoado, e você retribuiu o mal com o mal. Agora é hora e retribuir o mal com o bem, por mais difícil que seja. Precisa perdoar. Libertar-se. Perdoar a Omar, pelo que fez a você e a si mesma, pelo que fez ao homem que reencarnou como pai de Omar, e hoje, no mundo espiritual, ainda te odeia e influenciou Omar contra você. A culpa também tem distanciado você de sua essência, e da tarefa que tem a fazer. Insisto, minha querida, porque a amo demais. Você me fez prometer, antes de voltar ao corpo, que eu usaria todos os recursos para te trazer ao caminho escolhido, caso se desviasse dele. Você me autorizou. E tenho feito de tudo, desde os sonhos, a querida Elaine, que se dispôs a ajudar; Rafaela, nossa amiga em comum. Você

precisa reconectar-se com o Criador, que torna reto os caminhos tortuosos em que entramos quando no corpo denso.

Jéssica escutava atentamente as orientações de Elias, sentindo como se as forças se lhe esvaíssem e como se tudo aquilo fosse impossível para ela.

Regina levantou-se foi até onde Jéssica estava e abraçou-a com amor inenarrável.

— Muitos precisam de você. A saúde física e mental das pessoas está deteriorando depressa. Precisam da cura, mas não sabem onde encontrar. Você vai ajudá-las. Pode ministrar sem medo o medicamento fitoterápico que encomendou. Vai ter efeito rápido e a jovem ficará sem sequelas.

Fez uma pausa, e depois prosseguiu:

— Agora você consegue compreender melhor a complexidade que são todos os seres humanos, com suas vidas sucessivas todas registradas em seu inconsciente. Por isso cuidar apenas do corpo de um paciente, é superficial demais. Muitas vezes, sua atuação como cirurgião é absolutamente necessária. Há casos em que a vida, para prosseguir, conta com sua intervenção. Mas inúmeros, incontáveis casos não chegariam a esse extremo, se a medicina preventiva fosse levada realmente a sério. Você deve cuidar dos seus pacientes com essa visão integrada, considerando cada indivíduo como um espírito, uma consciência que molda um corpo denso. Sem considerar a dimensão espiritual, não estamos cuidando de fato das pessoas.

A reunião durou mais alguns minutos e depois terminaram. Rafaela preparara um lanche, e puderam conversar um pouco mais, tirar algumas dúvidas de Jéssica. Quando se despediu da amiga, Rafaela indagou:

— Como está se sentindo?

— É difícil dizer. Mas em resumo, me sinto mais leve. Sinto mais clareza, entendo melhor o ocorrido. Acho que estou pronta para começar a jornada de volta — sorriu ao usar as palavras que o mentor havia usado.

— Seja bem-vinda a sua nova vida! — Rafaela abraçou-a com carinho e assegurou:

— Você não ficará sozinha. É muito amada, Jéssica. Sinta esse amor!



Nos dias que se seguiram, Jéssica buscou, conforme orientação do seu mentor espiritual transmitida por Regina, separar quinze minutos todas as manhãs, para, como a primeira coisa a fazer diariamente, buscar conectar-se com Deus. Mas a médica não tinha ideia de como fazer tal prática e quais os resultados esperar.

Nas primeiras vezes que ficou em silêncio, buscando contemplar em sua mente a grandeza do Criador, percebeu que pouca coisa lhe vinha à mente. Ela se sentia vazia. Então compreendeu que precisava preencher sua mente com conhecimento sobre Deus. E começou a ler o *Livro dos Espíritos*. Um pouquinho todas as manhãs, estudando sobre a natureza divina. Ela queria entender melhor as conexões entre a ciência e a espiritualidade. Sentiu que precisa aprender mais princípios científicos sobre a divindade e começou a estudar também física quântica. Depois passou a estudar Léon Denis, através do livro *A questão do Ser do Destino e da Dor*, e prosseguiu lendo. Estudar era fácil para ela. Até que, depois de várias semanas de estudos, levou um puxão de orelhas de seu mentor durante uma noite de evangelho no centro espírita:

— Você conhece bastante, Jéssica, é muito racional e aprende depressa. Tudo certo. Mas agora, precisa vivenciar. Experimentar. Enfrentar as dificuldades inerentes do processo. Precisa aprender a preencher a sua mente com a visão da grandeza de Deus, ao iniciar sua meditação matinal, para abrir espaço em seu ser e deixar fluir os sentimentos de gratidão, diante da beleza, da magnitude de perfeição do Criador. Você começará a sentir isso. Vai começar a perceber o quanto somos abençoados por esse ser que não compreendemos, mas que nos ama incondicionalmente. E ao sentir esse amor, essa frequência vibracional invadir seu interior, ele vai curar suas feridas, vai mostrar o que deve ser feito. Vai te ajudar a se tornar a pessoa que deve e pode ser. E vai perceber que esses

quinze minutos diários se tornarão uma fonte de luz que alimentará seu ser interior por todo o dia. Vai ajudá-la em suas dificuldades, a tomar a decisão certa, a agir com sabedoria. Vai ajudá-la a, finalmente, curvar-se interiormente diante da Sua grandeza, beleza e bondade.

Jéssica recebeu aquele insight completo e registrou por escrito a orientação. Voltou para casa impressionada pela experiência que vivenciara. Seria aquilo tudo verdadeiro, ou fruto de sua imaginação? A mente racional exercia influência preponderante na vida de Jéssica. Mas era inegável que as sensações e sentimentos que vivenciara eram irrefutáveis. Seu corpo atestava a realidade da experiência, mas sua mente negava. E como sua energia masculina^[29] fosse ainda muito intensa, e ela não tivera a profunda experiência de conexão com sua energia essencial feminina^[30], ela se esforçava por cumprir as orientações recebidas, com muita dificuldade. Uma coisa era certa: Jéssica estava determinada a descobrir a verdade. E percebeu, naquela noite no núcleo espírita, que ela tinha fome antiga e persistente de experiência genuinamente espiritual.

Daquele dia em diante, todas as manhãs, acordava quinze minutos mais cedo para dedicar-se a falar com Deus. Com uma fé dúbia e fraca, cheia de dúvidas, ela fazia uma oração, e pedia que fosse orientada e iluminada. Ela queria, com sinceridade, acertar sua vida, alinhar sua existência com a vontade divina. Mas ao final daqueles quinze minutos, sentia-se oca, vazia. Orava, pedia, mas quando finalizava, sentia como se ainda faltasse muito. Era como se Deus estivesse muito longe e não a escutasse. Sentia-se sozinha em suas preces. Continuava a comparecer às reuniões do núcleo espírita, no intuito de aprender mais. Entretanto, tudo o que lhe lembrava o aspecto religioso, causava-lhe uma repulsa íntima, que ela não conseguia controlar. Apenas estava lá e a incomodava.



Passaram-se algumas semanas. A filha melhorava aos poucos. Já conseguia comer alimentos sólidos e a médica esperava que em

breve estivesse completamente recuperada. Naquela manhã, Jéssica preparava o café da manhã, e pensava, entusiasmada, que logo a filha voltaria para o colégio. Maria Helena apareceu de pijama, no balcão enorme da cozinha.

— Oi, filha, bom dia. Como está? Parece um pouco abatida...

— Sinto-me cansada.

— Precisa comer. Venha, sente-se. Vai ficar bem. Estou confiante que logo terá alta e poderá voltar às suas atividades normais. Deve estar com saudades das aulas no colégio.

Maria Helena a olhava sem responder. Seguiu-se um silêncio desconfortável e a médica indagou:

— Qual o problema?

— Nenhum...

A mãe sentou-se ao lado da filha, levantou seu rosto segurando em seu queixo e perguntou de novo:

— Qual é o problema? O que está afligindo você?

A menina hesitava em responder, mas o olhar inquiridor da mãe não lhe dava escapatória — e ela desabou em lágrimas:

— Não quero voltar para aquela escola. Todo mundo me odeia lá. Sou a esquisita, a estranha. Não tenho namorado e ninguém se interessa por mim. Minhas amigas são falsas, mentirosas e fofoqueiras. Saíram espalhando aos quatro ventos que eu estava perturbada, que via espíritos, que estava com alguma doença mental. Eu odeio aquele lugar. Me odeiam porque sou diferente, e porque sou feia. Eles não gostam de mim! E eu também não gosto deles! Não quero voltar para lá!

Jéssica empalideceu. Não imaginava que a filha se sentisse daquela maneira. Aparentemente tudo ia bem na vida dela, ao menos com o colégio, com as amigas. Ela sempre trazia alguma delas que, inclusive, passavam a noite estudando.

Ela então, tomada por um sentimento forte de acolhimento e carinho, olhou para a jovem e disse:

— Você está se tornando uma mulher. E as coisas vão mudar cada vez mais nas próximas fases que vai viver. Nossa sociedade tem problemas estruturais em relação à mulher, e muitas outras questões culturais que nos afetam. Todavia, estou aprendendo que

não precisamos aceitar tudo que esses modelos culturais nos passam. Não precisamos aceitar como sendo verdade. Por exemplo, você não precisa dar tanto poder ao que suas colegas falam a seu respeito. Muito mais importante é o que você mesma fala a seu respeito. O que você acredita sobre si mesma. Agora, se você concorda com elas, se acha que elas estão certas, então compreendo sua revolta.

A mãe afastou os cabelos desalinhados da filha que desciam sobre os olhos dela, e disse sorrindo:

— Você é linda. Olhe para si mesma. Não vê como é bonita?

— Você é minha mãe, claro que vai me achar bonita.

— Todas nós, mulheres, fomos criadas por Deus. Ele não faz tudo perfeito?

A jovem balançou a cabeça concordando.

— Ele faz tudo perfeito, filha. Demorei a aceitar essa verdade. Sempre me assombrei com a perfeição do corpo humano: como cada sistema se conecta, um influenciando o outro, tudo funcionando em harmonia. É impressionante. Mas custei a compreender que essa perfeição não está apenas no organismo; ela se estende a todas as áreas da vida.

Estou aprendendo a aceitar que somos perfeitas exatamente como somos, do jeito que Ele nos criou. Algumas mais altas, outras mais baixas. Umas mais cheias, outras mais magras. Umas mais fortes, outras mais delicadas. Cabelo liso, encaracolado, não importa. A perfeição está em sermos quem somos.

O que não podemos é permitir que as influências da cultura — família, escola, mídia, economia, modelos de beleza que nos impõem — nos façam acreditar que não somos bonitas ou valiosas o bastante. Esses padrões não foram feitos para nos libertar, mas para nos aprisionar.

— Mas o que você pensa me importa... — balbuciou a jovem.

— Eu acho você linda.

— Mas não me acha inteligente... Nunca aprecia qualquer dos meus desempenhos. Como se nunca es-tivesse bom para você...

Jéssica sentiu o golpe. A filha estava certa. Ela nunca achou que a filha fosse a jovem brilhante que ela gostaria que fosse. Fitou

a jovem por longo tempo sem saber o que dizer, então, num impulso do coração, que superou o orgulho, ela falou:

— Você está certa em sua percepção, mas eu estou errada em ter agido assim. Me perdoe. Estou aprendendo a me amar, filha, e sei que vou ser capaz de te amar como você merece também. Por enquanto, peço que me perdoe. Eu erro muito.

De imediato, a jovem sentiu como se um enorme peso fosse tirado de seu coração. Ela abriu um sorriso leve e falou:

— Se me perdoar por não ser como você, te perdoo também.

— Graças a Deus que não é como eu. Vai ser muito melhor do que eu, será capaz de ouvir sua intuição muito mais cedo do que eu fui. Estou aprendendo agora a dar espaço para que ela me guie. Você já está aprendendo. Vai encontrar o caminho que é o melhor para sua vida, eu tenho certeza. E vou me orgulhar sempre de você.

Uma suavidade e ternura envolveram as duas naquele momento de café da manhã. Nascia uma verdadeira amizade e respeito entre elas, admiração e consideração, que fortaleceria os laços de mãe e filha, os laços inquebrantáveis do amor verdadeiro e incondicional.

CAPÍTULO 33

J éssica repassava a agenda com sua assistente quando Omar entrou abruptamente no consultório. A jovem ameaçou chamar a segurança, mas a médica a surpreendeu dizendo:

— Tudo bem, Amanda, pode deixar. O doutor Omar e eu precisamos mesmo conversar.

A jovem saiu e fechou a porta.

Jéssica não agia racionalmente, mas pelo impulso de sua alma, quase se desconhecendo. Os hábitos que começara a cultivar, embora ainda não trouxessem o resultado que ela desejava, estavam construindo nova noção de espiritualidade em sua mente.

— Precisamos conversar, doutora?

— Sim – respondeu ela e prosseguiu, no mesmo impulso – Pensei muito sobre o que me pediu. Acho que você tem razão. Pode trazer sua mãe que eu vou cuidar dela pessoalmente. Eu devo isso a você.

A médica falava com firmeza e tranquilidade, e a confiança que transmitia tocou o jovem médico, que ficou sem resposta e acabou dizendo:

— Até que enfim está fazendo uma coisa certa.

— Pois é, doutor Omar, vamos consertar as coisas. Quero colaborar.

O comportamento da médica — e, sobretudo, a energia que ela emanava — o desconcertaram. Ele sentiu como se a armadura que sempre carregara caísse ao chão.

— Sente-se doutor, fale-me do estado dela. Desde como começou e vamos decidir os caminhos do tratamento. Com relação aos custos, vou conversar com a diretoria.

Era como se ela lesse os pensamentos dele e antecipasse as respostas às suas preocupações. Depois de mais alguns minutos de conversa, totalmente desarmado, ele se despediu da cirurgiã, combinando os detalhes do tratamento da mãe e saiu. Andando pelo corredor, ele virou-se para trás duas vezes, tentando entender o que tinha acontecido naquele consultório. Quem era aquela mulher, que aparecia tão diferente diante dele? E por que ele a odiava menos naquele momento?

Ao longo de algumas semanas, Jéssica trouxera a filha para fazer o acompanhamento e o progresso lento dela preocupava o corpo médico. Jéssica não comparti-lhava suas novas experiências espirituais com eles, muito menos o medicamento fitoterápico que ministrava à filha.

Com todas as transformações que Jéssica vinha demonstrando, era notório que mudanças profundas estavam ocorrendo em sua vida — e isso atraiu ainda mais a atenção de entidades espirituais das trevas, que atuam nas mais diversas instituições humanas. Enquanto ela, sem saber, lhes servia, tudo estava bem. Mas agora, escapava por entre seus dedos, fugindo da teia que a aprisionava; começava a enxergar a realidade como de fato é, dissipando as brumas da ilusão. Poderia tornar-se uma ameaça para eles, ajudando outros a despertar.

Depois de muito analisar, definiram uma estratégia que, para a personalidade, hábitos, modelos mentais de Jéssica, seria atrativo demais, ela certamente fraquejaria. Dariam a ela o que ela mais gostava: poder. Ela havia sido treinada, condicionada para desejar e obter poder, dinheiro e liberdade para extravasar seus desejos mais inconsequentes. Depois de prolongada reunião nas regiões espirituais abissais, finalizaram com o plano pronto:

— Está perfeito. Dificilmente ela vai resistir a isso. Desviaremos a atenção dela, vamos distrai-la desse movimento de consciência no qual ela se engajou. Já chega! Já está fazendo estragos. Vamos acabar com ela de uma vez, dando tudo o que ela deseja. Providenciem que a estratégia seja cumprida em todos os detalhes.

Despediram-se. Alguns dias depois, doutor Egídio, chefe da cirurgia, teve um infarte muito forte, ficando entre a vida e a morte no centro de terapia intensiva. Os médicos ficaram alarmados, e a situação causou verdadeiro caos no hospital. As disputas entre os médicos mais experientes que desejavam o cargo do médico, que o ocupava há quase vinte anos, começou a deixar todos desconfortáveis. A competição deixou de ser velada, e falavam sobre o assunto nos corredores, e até mesmo, na frente dos pacientes. Sabiam que era uma questão de tempo para o conselho administrativo da instituição indicar o novo chefe. Era um trabalho importante, e teriam de substituí-lo depressa, independente dos prognósticos de recuperação.

Jéssica sentiu-se perdida. Ela e o seu superior eram muito próximos. Ele sempre a orientara e apoiara nos momentos decisivos.

Naquela manhã, a equipe médica estava apreensiva. O conselho reunira-se desde as primeiras horas da manhã, para deliberar e decidir o que fariam diante da situação de Egídio. Os médicos conversavam nos cantos, querendo saber uns a opinião dos outros, sobre quem seria o escolhido. E assim o dia seguiu, cheio de tensão e expectativas.

Eram quase cinco horas da tarde, quando o presidente administrativo apareceu no consultório de Jéssica.

Amanda o recebeu e avisou a médica que ele queria falar com ela. Quando desligou o telefone, a médica pensou depressa: o que querem aqui esses homens de terno?

Caio Montenegro entrou junto com dois advogados do departamento jurídico. Jéssica gelou e já pensou que fosse mais uma armação de Omar, alguma acusação ou coisa do gênero. Ela recebeu os três homens e os convidou a se acomodarem. Sentaram-se todos na sala de estar que ela tinha, dentro do seu amplo consultório.

— Espero que não sejam más notícias sobre doutor Egídio – comentou a médica apreensiva.

— Na realidade, não sabemos ainda como evoluirá a condição dele, infelizmente. Está estável, mas certamente, em se recuperando, seu processo será lento. Terá de se afastar de

qualquer modo, por tempo indeterminado. Sendo assim, doutora, vamos direto ao ponto. Depois de uma longa e exaustiva reunião em que todos os aspectos foram analisados cuidadosamente, escolhemos a senhora para assumir a chefia da cirurgia. Queremos que assuma o lugar deixado pelo doutor Egídio.

Jéssica encostou-se na poltrona incrédula. Ela sempre desejara chegar ao topo e aquele era, certamente, o posto mais cobiçado de sua carreira. Mas ficou atordoada com o convite. Afinal, naquele momento, suas ambições profissionais assumiram um lugar secundário em suas prioridades.

Seguiu-se um longo e desconfortante silêncio.

— Queremos que assuma a posição até o início da próxima semana, para que tenha tempo de resolver as suas pendências, da sua atual posição.

Eles não pareciam estar lhe fazendo um convite. Era mais uma intimação e ela sentiu-se pressionada a responder.

— Preciso pensar um pouco...

— Não há nada a pensar, doutora. A oferta é irrecusável. Seu salário será cem vezes maior, com bônus e premiações inclusos. Terá mais tempo para sua vida pessoal, já que não ficará sobrecarregada de cirurgias — embora possa realizá-las sempre que desejar, pois suas habilidades são reconhecidas e sabemos que será constantemente requisitada. Além disso, terá espaço para sugerir e conduzir pesquisas nas áreas que escolher — desde que alinhadas aos interesses do hospital — e poderá promover as mudanças que considerar necessárias no corpo clínico. Amplos poderes, doutora

Jéssica olhava para Caio sem saber o que responder. Era como se ele estivesse dentro de sua cabeça, sabendo exatamente dos seus desejos e necessidades. Ficou impressionada e por fim, aquiesceu:

— Pois bem, senhores, vou aceitar o convite.

— É claro que vai, doutora. — Respondeu o administrador sem pensar, e virando-se para o advogado fez sinal com a cabeça e esse, retirou de uma pasta um contrato pronto e entregou-o à médica.

— Aqui está o seu novo contrato com o hospital, com tudo o que acabamos de lhe propor.

Ela segurou o contrato de sete páginas e o folheou.

— Preciso ler com calma.

O homem entregou uma caneta a ela e foi enfático:

— Esse é o nosso acordo, doutora, está tudo aí, nas mesmas bases de seu contrato anterior, acrescidas de sua nova posição e regalias. Vai, inclusive, participar das decisões importantes com relação a modernização de equipamentos, cursos para os médicos e novos procedimentos e medicamentos a serem adotados e outras questões significativas para os pacientes. A senhora está entrando em outro nível agora, doutora. A senhora me-rece estar no topo.

Ela permaneceu em silêncio enquanto passava os olhos por todos os parágrafos do contrato. Por fim, ba-lançou a cabeça em sinal afirmativo e Caio lhe entregou a caneta. Ela o fitou por alguns segundos, depois, enquanto ela assinava o documento, ele disse:

— Pode ficar com a caneta de ouro com a qual está assinando seu passaporte para esferas de poder que nem pode imaginar. É um presente de nosso principal patro-cinador. O laboratório Aurion.

Assim que ela terminou de assinar, Caio a cumprimentou:

— Parabéns, doutora. A senhora agora faz parte da elite deste hospital. Seja bem-vinda!

Os dois advogados a cumprimentaram também, e logo saíram. Jéssica sentia um misto de euforia e desconfiança. Ela desejara, sonhara com essa posição, mas agora, de alguma forma, sentia como se tivesse sido enganada. Ficou por longo tempo sentada na cadeira, olhando pela janela o céu carregado de nuvens e poluição na maior e mais rica metrópole da América Latina. Pegou sua via do contrato e começou a reler com calma, mas foi interrompida por vários colegas que vinham cumprimentá-la pela promoção.

Desfilaram pelo consultório desde os mais dissimulados — tomados de inveja e já espalhando pelos corredores que ela teria um caso com o administrador — até os mais sinceros, que se colocavam ao seu lado para apoiá-la. Em todos os casos, os elogios eram efusivos. Pouco a pouco, Jéssica ia sendo envolvida por uma energia

viscosa, que aticava seu orgulho e sua vaidade, tentando infiltrar-se em sua alma e alimentar o que nela já existia em abundância

Depois que eles saíram, Fernanda ligou e a médica compartilhou com ela a inesperada promoção que recebera. A editora a cumprimentou, mas recomendou:

— Tenha cuidado, minha amiga. Você está em um caminho de despertar espiritual. Não deixe que as trevas impeçam você de seguir nesse caminho com suas astutas distrações. Não se deixe enganar por eles.

Jéssica desligou e ficou com a mensagem da amiga martelando em sua cabeça. Ela sentia que Fernanda estava certa. Levantou-se e foi visitar o amigo e mentor na UTI. Ele ainda estava desacordado, depois da cirurgia que havia salvado a sua vida. Pegou o prontuário dele e atualizou-se sobre o andamento do tratamento. Seus sinais gerais estavam positivos, promissores. Tudo corria bem. Por que então, ele não acordara ainda? Refletiu consigo mesma. Depois pegou a mão do amigo e falou baixinho:

— Precisamos de você aqui, doutor Egídio. O que devo fazer, meu amigo? Sinto-me perdida sem você...

CAPÍTULO 34

Naquela noite, no núcleo espírita, Rafaela percebeu que a amiga não estava bem. Assim que o evangelho da noite terminou, enquanto aguardavam para receber o passe magnético, Rafaela sussurrou:

— Você está bem? Me parece um pouco preocupada.

— E estou.

— Quer conversar depois de terminar aqui?

Jéssica fez uma pausa, pensativa, enquanto fitava a amiga, e por fim respondeu:

— Quer dar uma passadinha em casa?

— Não posso. Mas podemos dar uma esticada aqui quando acabar. Eu tenho as chaves.

— Pode ser.

Ainda estavam conversando, quando o responsável pelas tarefas de doutrinação espiritual que aconteciam na Casa ao mesmo tempo que o evangelho, veio chamar Jéssica.

— Nosso mentor pediu para que você participe dessa última parte do nosso trabalho hoje.

— Eu?!

— A senhora é a doutra Jéssica?

— Sou eu mesma.

— Então é a senhora que ele está chamando.

— O mentor seria?

— O espírito responsável no plano espiritual pelo nosso trabalho.

Jéssica fitou Rafaela visivelmente hesitante.

— Pode ir sem medo, Jéssica. Se ele chamou você, é importante. Quem sabe vai te ajudar com suas preocupações?

A médica balançou ligeiramente a cabeça, pegou as suas coisas e seguiu o trabalhador que veio chamá-la.

Quando entrou na sala onde acontecia o trabalho de doutrinação, a mesma em que estivera anteriormente, sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, como se pressentisse o que estava por acontecer.

Apontando uma cadeira vazia, o coordenador do trabalho a convidou:

— Pode sentar-se aqui – e puxou a cadeira para ela. – Nosso mentor espiritual pediu que a senhora viesse. Parece que ele quer conversar com você.

Jéssica olhava para todos os lados, visivelmente insegura.

— Fique tranquila. Relaxe. Não precisa ter medo...

— Da última vez que estive aqui, levei um susto grande com o que me foi revelado.

— Mas ajudou-a de alguma forma?

— Ajudou sim.

— Então por que temer? Tudo que eles nos revelam, é para o nosso bem, e, quando as lembranças são espontâneas, elas são permitidas para nos ajudar a tomar as melhores decisões no momento que estamos vivendo. Embora todos queiramos saber sobre o nosso passado, tenhamos imensa curiosidade, saber o que já fizemos de mal aos outros, poderia nos destruir nessa vida. Então, quando estamos prontos, maduros o suficiente, e precisamos da informação, ela chega até nós. Pode ser esse o caso hoje, quem sabe?

Ele sorriu e ficou na ponta de mesa, ao lado de Jéssica.

Começaram a orar. De súbito, Jéssica foi tomada por intensa raiva. Sentiu vontade de destruir aquela sala, de chutar as cadeiras, de gritar e esbravejar. O ímpeto que sentia era quase incontrolável. Gerson aproximou-se mais dela e indagou:

— Pode falar, meu irmão, por que tanto ódio?

Jéssica sentiu a raiva crescer ainda mais.

Então uma das médiuns que estava ao lado de Jéssica, gritou:

— Você não vai atrapalhar nossos planos. Vamos destruir você, não poderá fazer nada quanto a isso. Não adianta agora posar de boazinha. Pode até ter amolecido o idiota do Omar, mas a nós não engana. Com os seus venenos, você destruiu nossos lares, nossas famílias. E vamos até o fim para destruir você. E olha que tem muita gente na fila. Você não é uma pessoa boa. Você é um monstro de maldade. Aqueles que estão aqui deste lado e que controlam o hospital, vão acabar com sua raça e essa pose de que se preocupa com os outros. Você só pensa em si mesma. No dinheiro que acumula, no prestígio. Pensa que não sabemos? Vemos tudo. Você não faz nada pelos outros, é tudo por você mesma.

O coração de Jéssica batia descompassado. Reco-nhecia que aqueles espíritos sabiam muito sobre ela.

Gerson se aproximou e advertiu o espírito.

— Cada um tem de dar conta à Deus de suas ações. Não cabe a ninguém, nenhum de nós julgar e condenar nossos irmãos, pois somos todos imperfeitos. Não sabemos nada sobre as dores e dificuldades que cada um enfrenta, quando toma uma decisão. Cuide de você, meu irmão. Essa é sua oportunidade. Enquanto estiver cultivando esse ódio que esparge, não poderá ver os espíritos amigos que te acompanham e que desejam te ajudar.

— Do que está falando?

— Daqueles que se foram e que agora desejam ajudar.

— Minha esposa! Minha filhinha...

— Sim, elas estão aqui agora; têm estado muito próximas a você, mas não poderá vê-las enquanto não aceitar o socorro divino, soltar desse ódio, desse desejo de vingança, e aprender a vibrar em sintonia com o amor.

O espírito começou a chorar. O corpo da médium chacoalhava e as lágrimas desciam-lhe pela face.

Dois trabalhadores se levantaram e foram aplicar passes magnéticos sobre a médium, com o objetivo de atingir energeticamente o espírito que se comunicava por ela. Quando finalmente se acalmou, o espírito disse:

— Estou cansado. Eu preciso de ajuda...

Imediatamente Gerson, inspirado pelo mentor espiritual, disse:

— Olhe em volta. Elas estão aí.

Agora as lágrimas eram de alegria e alívio de um espírito que vinha atormentando Jéssica há anos, e agora encontrava a paz. Foi recolhido e acomodado em uma das salas de tratamento do mundo espiritual na casa espírita.

Então, outra médium começou a falar:

— Agora, vamos tratar de você, Jéssica. Precisa compreender melhor o seu compromisso com Jesus, assumido séculos atrás, quando conseguiu arrepender-se de seus atos contra Ele.

Jéssica se mantinha de olhos fechados, e agora ela os apertava forte, aflita com as palavras da médium, que estavam na frente dela.

— Relaxe, doutora, Jesus quer você tranquila. Respire fundo. Respire. Vamos projetar uma imagem do seu passado e você vai vê-la em sua mente.

Jéssica observava a cena como quem assiste a um filme. Via-se como um soldado romano, nos tempos de Jesus. Viu-se zombando do Messias e disputando sua túnica com outros pretorianos.

Compreendeu, então, que naquela época tivera a oportunidade de segui-lo e não soubera reconhecer a grandeza do que vivia. Entregue aos costumes e hábitos dominantes de seu tempo, não conseguiu enxergar o tesouro que lhe fora dado naquela encarnação — e perdeu um tempo precioso. Certamente estaria muito mais adiantada em sua jornada evolutiva se tivesse sido capaz de, como dizia Jesus, ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Toda aquela consciência não acontecia apenas em sua mente, mas em todo o seu ser. E ela chorava, dominada pela emoção e pela certeza de que havia desperdiçado muitas oportunidades de crescimento espiritual. Sabia, sem dúvida alguma, que fora aquele soldado. Não podia explicar — apenas sabia. Uma culpa indizível tomou conta dela. O mentor então a chamou daquele torpor:

— Esse tempo já passou, minha irmã. Você já lamentou, já se arrependeu e já se comprometeu a trabalhar para Jesus, salvando vidas e curando enfermos, em gratidão ao amor do Mestre que restaurou sua vida. Ele a perdoou, e você já experimentou esse alívio. Mas precisa se lembrar do seu compromisso.

A vida no corpo denso, as crenças materialistas da sociedade contemporânea nos distraem de quem realmente somos. Elas nos afastam da alma, da essência espiritual; nos fazem esquecer nosso propósito na Terra: crescer com as experiências, aproximar-nos de nossa essência e do Criador, e cumprir as tarefas assumidas com irmãos espirituais que, no outro plano, aguardam que façamos nossa parte para que os planos desenhados em conjunto se realizem.

Você sabe do que falo; sua alma sabe. Seu despertar tem sido difícil. Mantenha-se desperta. Não volte a dormir. Agora está enredada em uma armadilha que parece uma carruagem dourada, mas que na verdade é uma prisão. Preste atenção. Não se deixe dominar de novo, ou eles a subjugarão. É isso que desejam: controlar sua alma, apagá-la, sufocá-la para que o ser espiritual não se manifeste, e a vida se torne estéril e sem sentido.

Somente quando estamos conectados à nossa vida espiritual somos seres completos, integrados e plenos, capazes de realizações que parecem impossíveis àqueles que ainda permanecem dominados pelo torpor da matéria.

Não foi o próprio Mestre quem disse: “Podereis fazer coisas maiores do que as que eu faço”? Mas esquecemos essas palavras e fugimos do seu significado. Somos seres espirituais e, quando conscientes e conectados ao Criador, podemos realizar o impossível.

O apóstolo Paulo compreendeu isso e nos deixou esta frase fortalecedora: “Tudo posso naquele que me fortalece.” Repita-a sempre que sentir suas forças vacilarem.

A médium segurou a mão da médica e disse:

— Contamos com você. Aguardamos ansiosos o seu despertar e agora estamos prontos para ajudar através de você.

Profundo silêncio seguiu-se no ambiente, que estava envolvido em energias de puro amor, leveza e suavidade. Para os mais sensíveis, podia-se sentir no ar o aroma de ervas frescas e

flores de magnólias, como se toda a sala tivesse sido transformada em um grande jardim perfumado.

Ninguém ousava dizer nada, querendo prolongar aquelas sensações doces e benfazejas. Muitos respiravam suavemente, temendo quebrar o lindo momento espi-ritual que os presenteava naquela noite. Nem sempre algo tão intenso acontecia naquele trabalho simples de orientação aos irmãos desencarnados — espíritos perdidos, em sofrimento, à deriva no novo mundo em que ha-viam ingressado após a morte do corpo físico^[31].

Alguns minutos se passaram e, finalmente, Gerson encerrou o trabalho.

Quando todos saíram, ele conversou com Jéssica:

— Você está bem?

— Eu nem sei o que dizer. Tudo isso foi um susto, me deixou atordoada.

— Sente-se aqui e vou lhe aplicar mais um passe magnético; você se sentirá melhor.

Depois de finalizado o abençoado procedimento, a médica se sentiu mais reenergizada, e com os sentimentos equilibrados. Não poderia mais ignorar aquele convite. Tinha de saber o que Jesus queria dela e como poderia atendê-lo.



Na manhã seguinte, enquanto atendia seus pacientes no hospital, Jéssica não conseguia parar de pensar na experiência que vivera na noite anterior. Mas ao invés de fixar os sentimentos sutis que vivenciara, ela sentia-se perturbada, angustiada por não saber o que fazer, uma vez que para ela, uma cirurgia excepcional, saber o que fazer era parte fundamental de seu trabalho, de seu sucesso. Sentir-se confusa era o mesmo que declarar sua incompetência. De fato, Jéssica detestava se sentir daquele modo, e desde que se lembrava, fazia de tudo para fugir daquele estado, daquela sensação. Odiava se sentir assim.

Estava prestes a se desligar emocionalmente daquela experiência, quando o telefone tocou. Era Rafaela.

— Como você está, Jéssica?

— Não sei. Um pouco confusa...

— Eu imagino.

— Odeio me sentir desse jeito.

— Eu sei. Me sentia do mesmo modo. Tudo tinha de ser claro, racional e perfeitamente lógico para me trazer confiança. Quando me sentia perdendo o controle, detestava a sensação.

— E agora se sente diferente?

— Aprendi que parte de ser mulher, é conviver com as impressões muitas vezes imprecisas da intuição, e com certa confusão causada pelas emoções, que nem sempre são agradáveis. Mas sempre nos ajudam a encontrar o que é melhor para o nosso ser integral.

— Ser integral... Isso me soa tão estranho... tão diferente de tudo o que aprendi... De tudo que realizei até agora... Não tenho a menor ideia do que fazer...

— Quando me sinto assim hoje em dia, tenho um refúgio para ficar sozinha e refletir. Um lugar onde a natureza sussurra belos poemas ao coração. E ele entende. Tenho certeza de que poderia te ajudar a silenciar tantos os pensamentos e buscar a voz de sua alma, o que ela tem a lhe dizer... O que acha? Poderia ser o começo de algo novo...

— Que lugar é esse?

— Fica a mais ou menos uma hora da Capital.

— Você viria comigo?

— Vou sim.

— É um hotel?

— É, mas não um hotel tradicional. Está mais para um retiro espiritual em meio às montanhas. É um lugar que desafia nossos comodismos culturais nos convidando ao simples e básico; a viver com simplicidade, coisas das quais já nos esquecemos, enquanto civilização repleta de distrações, tecnologias e facilidades. É um lugar que nos convida em tudo a desacelerar. E quando nos damos conta, estamos em conexão conosco mesmos. É um lugar de reconexão espiritual.

Notando a hesitação na voz da amiga, Rafaela completou:

— Um lugar onde a angústia dá lugar a calma e à serenidade. Consegue se imaginar se sentindo assim?

— Posso levar Maria Helena? Felipe vai ficar com o pai neste final de semana, mas acho que um lugar assim poderia fazer bem a ela também.

— Claro! Vou fazer as reservas para o final de se-mana.

CAPÍTULO 35

Depois de percorrer onze quilômetros em uma íngreme estrada de terra, e alcançar o cume de uma montanha localizada na Serra da Mantiqueira, as três chegaram ao seu destino. Deram entrada em sua estadia no retiro e deixaram seus pertences em um quarto destinado às famílias, que as três compartilhariam. Foram fazer um reconhecimento do lugar.

Eram quase nove horas da manhã, mas ainda havia brumas encobrindo o vale. Elas caminharam pelas áreas mais acessíveis da ampla propriedade, e então, sentaram-se em um banco que tinha a vista mais bonita que Maria Helena já vira. O sol aos poucos ocupava todo o céu que se tingia de um azul profundo. Os pássaros voavam ao redor das árvores, proporcionando sinfonias diferentes, conforme suas espécies. E o vale apareceu abaixo, majestoso, repleto de árvores e plantas. O lugar era maravilhoso.

Então, Jéssica, sentindo uma forte emoção represada diante de tanta beleza, olhou para a filha, e viu que seus olhos estavam marejados.

— O que foi, filha? Está tudo bem?

— Esse lugar é mágico! Sinto coisas que nem sei descrever. E não é só a beleza, que já me dá vontade de chorar, mas tem uma energia tão intensa, tanto amor, respeito, carinho... Não sei explicar.

Duas lágrimas rolaram pela face da jovem. Jéssica se calou e voltou seu olhar novamente para o vale. Ela sentia sensações parecidas com as da filha, mas não era capaz de expressá-las com a mesma clareza.

Rafaela sentiu que a amiga precisava de espaço, olhou para as duas e sorriu:

— Vamos dar uma caminhada, Maria Helena?

— Mãe?

— Pode ir. Vou ficar aqui mais um pouco. Está me fazendo bem...

Ali sentada em silêncio, a médica percebia melhor sua mente agitada e como estava longe de suas emoções, tendo fome de sentimentos sublimes. Ela mal conseguia permanecer sentada. Tinha ímpetos de se levantar, andar. Sentia uma necessidade quase incontrolável de fazer alguma coisa. Notava o seu estado interior, mas a aflição vinha junto querendo distrai-la, como tantas outras vezes o fizera; o cérebro buscava distrações e ação, para tirar o foco do que era o necessário para ela naquele momento.

Jéssica começou a ficar cada vez mais inquieta. O-lhava ao redor, mas as poucas pessoas que via estavam lendo ou meditando sob as árvores frondosas. Procurava por Rafaela e a filha, para poder sair daquele estado de solitude, mas elas não estavam em seu campo de visão. *Onde estariam? Sua mente começou a metralhar pensamentos negativos: eu não devia ter vindo; que coisa sem sentido ficar aqui enquanto tantos pacientes meus precisam de ajuda; eu deveria estar operando nesse momento; o que foi que eu fui inventar? Você está ridícula, parecendo uma sei-lá-o-quê, sentada aqui neste lugar ermo, silencioso e austero. Para que tanta austeridade? O que os donos deste lugar pensam que são?*

Os pensamentos perturbadores continuaram por longo tempo, deixando Jéssica profundamente aflita. Ela ergueu-se num impulso, e saiu à procura de suas companhias.

Foi até a recepção e indagou:

— Pode fechar minha conta? Preciso ir embora.

— Mas já? A senhora nem bem chegou...

— É, mas sou cirurgiã e apareceu algo de emergência – mentia a médica buscando uma justificativa para sair correndo do lugar que lhe trazia enorme consciência de seu estado interior. – Acho que terei de ir embora mais cedo.

— E as outras duas? Vão embora também?

Jéssica parou por alguns instantes. A filha estava adorando o lugar...

— Vocês têm algum motorista que possa me levar embora? Assim minha amiga e minha filha podem ficar até amanhã...

— Temos alguém que poderia ajudar, mas preciso saber se ele está livre para fazer isso. Vai até a capital?

— Isso mesmo.

— A senhora me dê um minuto, por favor, que vou verificar.

— É claro.

Enquanto ela aguardava na recepção, Rafaela e Maria Helena entraram conversando com graça e leveza. As duas sorriam, visivelmente alegres.

— Mãe, você está aí! Estávamos te procurando.

— Pelo jeito, foi uma boa caminhada... – comentou a médica.

— Muito lindo esse lugar, cheio de animais silvestres. Adorei... Queria ficar aqui por mais tempo... Acho que dois dias será muito pouco. E a Rafaela me disse que eles promovem momentos de meditação coletiva. Acho que vou adorar...

Rafaela se aproximou, notando a apreensão na amiga.

— O que foi, Jéssica? Está tudo bem?

A atendente apareceu e confirmou:

— Ele pode levar a senhora. Está a caminho.

— Obrigada.

— Aonde você vai, mãe?

— O hospital me ligou. Um paciente que operei está com sérios problemas, deu entrada agora de manhã e tenho de operá-lo de novo.

Rafaela apenas observava.

— Mas o hospital tem outros bons médicos, mãe. E você agora é chefe deles. Peça a alguém para atendê-lo. Você prometeu dois dias inteiros para nós duas...

— Sinto muito, filha, mas tenho de ir. Você fica com Rafaela e aproveita a estadia que já está paga. Ficam com meu carro e voltam amanhã. Não quero atrapalhar o passeio...

Rafaela mantinha-se em silêncio tentando compreender o que se passava de fato. A médica pediu licença, foi até o quarto pegar as

malas. No caminho tinha uma verdadeira conferência acontecendo em sua cabeça. Vozes dizendo que deveria ir, outras dizendo e argumentando que ela estava sendo infantil e mais se parecia com uma criança assustada tão somente por estar em silêncio consigo mesma; ficar calada percebendo o que se passava em si mesma, estava aterrorizando a renomada cirurgiã.

Ela não se deteve e logo apareceu na recepção com a pequena mala, pronta para partir.

— Mãe, por favor, você prometeu! – pedia a filha, segurando em seu braço.

— Não posso ficar, filha, você é bem grandinha para compreender. – Agora a médica, sentindo-se pressionada, começou a ficar rude. Estava irritada, alterada, descompensada. Mente e sentimentos desalinhados.

Maria Helena deu dois passos para trás, sentindo a agressividade da mãe. Rafaela, então, interveio:

— Sua mãe precisa ir, Maria Helena, mas nós duas vamos aproveitar cada minuto. Tem uma cabana pequena, à beira do rio bem no início do vale, que faz parte da propriedade. Podemos passar a noite lá, no meio das árvores, dos animais. É totalmente seguro, mas uma experiência única. Já passei uma noite sozinha na cabana. Tenho certeza de que você vai ficar inspirada por tanta natureza. O que me diz?

A jovem pensou um pouco, e sentindo-se atraída pela descrição que a jornalista fizera, concordou.

— Está certo, mãe. Vá salvar vidas. Afinal, é isso que você faz melhor!

A aflição estava evidente na voz de Jéssica, ao se despedir:

— Obrigada pela compreensão filha. Tchau Ra-faela. Nos vemos amanhã.

— Fique tranquila, vou cuidar bem dela. Volte com calma, sem pressa, para conseguir compreender melhor suas emoções.

Jéssica fitou a amiga nos olhos.

— Volte com calma. Sei como é...

O motorista chegou, Jéssica se enfiou no carro e bateu à porta, como se quisesse esconder-se do mundo. Deu as orientações

para chegar em seu apartamento e aquietou-se no banco traseiro. Mas à medida que o carro se distanciava do retiro, mais angústia dominava o coração da médica. Que pensava:

— O que estou fazendo? Do que estou fugindo, afinal?! A Rafaela sabe o que está acontecendo?

E outros tantos pensamentos dominavam sua mente. Ela seguia aflita. Até que, depois de rodar quase meia hora na estrada, Jéssica não aguentou. Tinha de voltar e enfrentar aqueles sentimentos desconfortáveis, tinha de descobrir.

— Me desculpe, mas vou precisar voltar. Eu vou pagar a corrida completa, mas tenho de retornar.

— A senhora que manda, doutora.

Depois de uma hora e meia que tinha saído, Jéssica estava de volta, entrando pela recepção carregando sua mala. A atendente se surpreendeu ao vê-la.

— Oi, a senhora... Está tudo bem?

— Sim, cancelaram a cirurgia.

— Estão todos no refeitório. A senhora pode ir almoçar. – falou sorridente a atendente. – Que bom que conseguiu voltar. Sua filha ficou bem chateada.

— Eu sei.

Quando entrou no refeitório logo viu a filha almoçando, em uma das mesas compridas, coletivas que havia.

— Mãe! Você voltou!

— Oi filha, cancelaram a cirurgia e eu voltei...

— Pegue a sua comida ali no buffet e sente-se conosco. Estamos começando a almoçar. Você chegou bem na hora.

Rafaela sabia o que se passava, mas fez questão de agir como se ignorasse. Ela própria havia passado por isso quando esteve naquele lugar pela primeira vez. E ela não havia voltado como Jéssica fizera. Desaparecera e só voltou ali dois anos depois, quando compreendeu melhor a si mesma e a espiritualidade.

Na manhã seguinte, a médica acordou antes do amanhecer e sentou-se no mesmo banco, observando os primeiros raios do sol aparecerem. Deixou que a energia intensa da manhã a dominasse,

entregando-se ao sentimento que brotava nela, sentimento de arrebatamento diante da beleza da natureza que a cercava.

Reparou demoradamente no voo dos pássaros, livres pelo céu, alcançando alturas e mergulhando depois, como se estivessem celebrando alguma coisa. Ela se sentiu feliz. Por nada específico, mas por estar ali. Sentiu gratidão por tanto amor que percebia em seu entorno. Como pudera ficar tão ausente a tanta beleza e vida, por tanto tempo? Por que tinha tanto medo de olhar para si mesma com honestidade? Do que tinha tanto medo?

Como se seguisse a alguma orientação interior, ela encostou-se no banco e respirou fundo três vezes. Depois mais três vezes, e outra vez por três vezes, até sentir-se completamente relaxada. Silenciou a mente e procurou apenas sentir, sem julgar ou analisar as próprias emoções. Apenas as acolhia. E à medida que seguia aquela espécie de orientação interior, sentia-se cada vez mais calma e centrada, cada vez melhor. Toda vez que pensamentos negativos ou de medo se insinuavam, ela respirava três vezes, tirando a atenção deles, e prestando atenção no canto dos pássaros.

Perdeu a noção do tempo, entregue àquele simples exercício de silêncio interior e conexão com a natureza. Não podia assimilar a presença de seu mentor e outros amigos espirituais ao seu redor, envolvendo-a e inspi-rando-a em cada ação.

— Ela vai conseguir! — exclamou Elias, que vinha se esforçando por longo tempo para reencontrar sua protegida ao seu propósito naquela encarnação.

Eles derramavam vibrações sutis sobre ela, que à medida que conseguia absorvê-las, ia se entregando ao sentimento mais sublime que existe: o amor. Como se ele estivesse gerando um calor que quebrava o gelo que circundava a sua alma, ela se sentia viva e uma cura interior profunda começava a se processar.

Eram sete horas da manhã quando o sino tocou, chamando as hóspedes para o café. Só então Jéssica percebeu o quanto estava faminta. Levantou-se devagar e seguiu em direção ao refeitório, onde encontrou a filha e Rafaela logo à porta.

— Bom dia! Dormiu bem, filha?

— Muito. E você? Não conseguiu dormir direito? Acordou cedo...

— Dormi bem e acordei muito cedo. Quer dizer, acho que estou acordando de verdade...

A filha olhou para Rafaela sem compreender e esta respondeu, abraçando a médica:

— Graças a Deus. Eu sabia que esse lugar facilitaria a sua reconexão e manifestação da sua intuição!

Entraram conversando alegres, e Jéssica confessou:

— Preciso contar uma coisa. Ontem, quando disse que tinha uma cirurgia, bem...

Rafaela a interrompeu:

— Nós já sabíamos, doutora. Só a senhora tentava se enganar.

— Que bom. Estão me poupando muita vergonha...

Seguiram a conversa durante a refeição e quando saíram, Rafaela comentou com a cirurgiã:

— Sua filha é muito madura para a idade dela. Madura e espiritualizada.

A jovem sorriu e disse:

— Conte para ela as coisas que aconteceram comigo. Rafaela acha que é mediunidade mesmo!

— E talvez seja uma mediunidade rara^[32]... E você? O que fez desde que acordou?

A médica ia responder que não tinha feito nada, mas então, movida por uma nova consciência, disse:

— Estive me reencontrando comigo. Com partes de mim que precisam ser curadas...

As três seguiram rindo e conversando, envolvidas em alegria e um sentimento doce de genuíno amor fraterno.

Jéssica se sentia aliviada, como se tivesse aberto uma janela para dentro de si — onde repousavam dores, mas também seus melhores sentimentos, suas emoções e, sobretudo, a fonte de sua inspiração e compreensão espiritual. Uma janela para a própria

alma. Sua essência estava ali, desejosa de se expandir e tomar conta de sua vida.

Sua vida estava prestes a sofrer uma profunda transformação.

CAPÍTULO 36

Naquela noite, assim que a cirurgiã adormeceu, Elias a aguardava. Seu corpo etéreo se desprende do corpo denso, ainda em estado de ligeira confusão mental, foi amparada pelo amigo do espaço que aguardava paciente enquanto ela procurava se situar em seu estado de desprendimento.

— O que... Onde estou... Você...

O simpático protetor a cumprimentou sorrindo:

— Olá doutora. Finalmente as mudanças estão começando...

Ela não pôde deixar de sorrir em resposta, e logo sentiu seu corpo inteiro se iluminar, como se uma luz intensa se acendesse. Ele também emitia uma linda e suave luz azulada.

— Você está brilhando... Observou ela, sorrindo como uma criança encantada pelas luzes de Natal.

— E você também.

Ela olhou para si mesma, observando a pequena luz azulada que cintilava de dentro para fora de seu ser.

— Venha comigo. Vamos fortalecer sua consciência, para que consiga manter as lembranças e ouvir os impulsos da sua alma que instigam a ação, ainda que essa ação pareça fora dos padrões para o mundo dito civilizado e quase todo dominado pelas trevas.

— Dominado pelas trevas? Como assim?

— Venha. Vamos tomar um fôlego e ganhar fortaleza nas energias do seu lar.

Ela, sem titubear, segurou na mão que ele oferecia a ela, e sem questionar, entregou-se à experiência. Em pouco tempo, estavam na alameda cercada de magnólias em plena florescência,

diante da casinha simpática cheia de flores e plantas. Uma senhora amável a recebeu:

— Bem-vinda ao lar, minha querida.

— Eu conheço você... sei que conheço... Vó Arminda! É você mesmo? Está diferente, mais nova, mais bonita...

A simpática senhora abraçou a neta com carinho.

— Vivendo em um ambiente de harmonia, onde nossas reais necessidades são respeitadas e atendidas, onde as aspirações de nossa alma são ouvidas e têm espaço para se manifestar e se expandir, onde nossa criatividade tem utilidade constante, experimentamos a cura em profundidade, e o resultado é esse que você vê. Há muitas coisas que você não pode ver, mas pode sentir e apreciar, se souber reconhecer. Venha, vamos entrar.

Os três foram direto para o jardim lindamente cuidado nos fundos da pequena casa, onde a natureza era pródiga e as plantas tinham um aspecto luminoso.

— Venha, sente-se aqui, no seu lugar favorito.

Jéssica se acomodou no banco largo de madeira que ficava no centro do espaço, sob a árvore de magnólias.

— Feche os olhos e silencie a mente. Respire profundamente, três ou quatro vezes. — Enquanto a simpática senhora falava, Jéssica seguia suas orientações. — Isso... respire mais fundo. Não permita que questionamentos dominem seus pensamentos. Se eles surgirem — e vão surgir — apenas deixe que se afastem. São apenas pensamentos. Não se apegue a eles, deixe que fluam. Isso mesmo. Agora, preste atenção aos sons ao seu redor. Escute os pássaros... isso, perceba os diferentes cantos. Sinta a brisa suave tocando seu rosto. Sinta mais fundo. Conecte-se com as energias que permeiam este lugar

Ela então, silenciou. Jéssica começou a perceber por todo o seu ser, as vibrações do ambiente, e notou a intensa energia de expansão, de crescimento, de vida pulsando em toda a parte. Era capaz de sentir aquela energia alimentando o crescimento das plantas, nutrindo os seres que ali habitavam. Sentiu a energia poderosa em si mesma, curando seu ser, nutrindo sua alma. E aquela sensação de paz, amor, harmonia a tomaram por inteiro. Ela

se sentia como se fosse tomada nos braços do Criador, como se ele sussurrasse em seu ouvido: estou aqui, sou seu Criador. Amo você incondicionalmente, quero o seu bem, seu progresso e a sua felicidade. Era uma voz sem palavras, mas a emoção que ela sentia fizeram lágrimas de alegria descer por seu rosto. Ela estava completamente envolvida pela energia divina, e entregue a ela.

Não saberia dizer quanto tempo ficou ali, naquele verdadeiro estado de graça.

Na manhã seguinte, quando despertou no retiro, escutando o canto dos pássaros, ainda podia sentir aquela sensação sutil vibrando dentro dela. Abriu os olhos e já ia se levantar, quando um impulso dizia dentro dela: devagar, com calma, suavemente, sem pressa. Ela, então, voltou a se deitar e cobriu-se. Depois, levantou o lençol com muita delicadeza, e notou que se movimentando com leveza e suavidade, conseguia manter mais forte dentro dela aquelas energias sutis que absorvera em seu lar espiritual. Ela tinha plena noção que estivera em outro lugar durante a noite.

Foi até a janela, olhou pelas frestas da veneziana o azul do céu, as árvores e flores da natureza naquele verdadeiro retiro espiritual e sentiu vontade de compartilhar o que vivenciara, mas novamente um impulso silencioso dizia para que ficasse em silêncio e guardasse por mais um pouco sua experiência. E assim ela fez.

Olhou a filha dormindo e aproximou-se da cama dela. Ajoelhou-se diante da filha, e observou seu rosto jovem dormindo.

— Deus do céu, como amo a minha filha! — Ela balbuciou.

A menina se mexeu e acordou.

— Mãe? Tudo bem?

— Tudo ótimo. Está um dia lindo e está quase na hora do café da manhã. — Ela se ergueu e se dirigia a porta do banheiro, quando a filha perguntou:

— O que aconteceu com você? Está diferente...

— Estou mesmo me sentindo diferente.

— Seu rosto está radiante, você está feliz, mãe. Acho que nunca te vi tão bem assim...

— É verdade, Maria Helena. Acho que nunca me senti tão bem antes em toda a minha vida. O desafio agora é manter esse

bem-estar quando voltarmos à selva de pedras.

A filha sorriu e se levantou, sentando-se na beira da cama.

— Você vai conseguir, mãe, olhe tudo o que já fez. Acho que é um caminho sem volta.

Depois do café da manhã, Jéssica sentiu uma vontade irresistível de ficar sozinha. A princípio ela não percebeu o impulso que vinha de sua alma. Terminaram o café e as três saíram para uma caminhada, mas Jéssica começou a ficar visivelmente incomodada. Rafaela foi quem percebeu:

— O que foi, Jéssica? Algo a preocupa?

— Não, claro que não. — Era a resposta prática e racional da médica.

Rafaela, seguindo seus próprios instintos, que ela aprendera a escutar e respeitar, tocou de leve o antebraço da médica e falou:

— Algo a está incomodando, posso sentir. O que é? Não retruque antes de prestar atenção ao que está sentindo. Estamos aqui para isso, se lembra? Para uma autodescoberta. Do que você precisa neste momento?

Jéssica ia responder, mas a jornalista apertou de leve seu antebraço e insistiu:

— Não pense, Jéssica, apenas sinta. Do que você precisa agora?

De súbito a médica sentiu com clareza e respondeu sem pensar:

— Preciso ficar sozinha. — Então olhou para a filha e se justificou:

— Não é que eu não queira ficar com você, Maria Helena, e com você, Rafaela.

A filha abriu largo sorriso e respondeu:

— Está tudo bem, mãe. Também gosto de ficar sozinha, quando tenho necessidade de me organizar internamente. Me faz muito bem.

— Vá, doutora, aproveite esse momento. Eu e Maria Helena vamos caminhar juntas.

Jéssica olhou as duas e sentiu alívio. Realmente precisava ficar sozinha. Saiu caminhando pelo retiro, em suas trilhas íngremes.

Observava a natureza, e, aos poucos, começou a sentir-se parte integrante de toda aquela força divina. Os pássaros de diferentes espécies e seus cantos melodiosos, o barulho do vento no alto das árvores, sussurrando uma energia delicada, o perfume das flores silvestres que tonalizavam a caminhada. Era tudo vivo, pulsante, alegre. E Jéssica sentiu vontade de dançar. Parou, percebeu o sentimento brotar, e antes que se criticasse e impedisse o impulso, ela disse de si para si: por que não? E começou a andar em zig-zag, com movimentos leves e circulares. Enquanto dançava suavemente, sentia seu ser se integrar cada vez mais à natureza. Descendo a trilha, começou a escutar um barulho de água, que ficava mais forte a cada passo. Quase no final da trilha, chegou a uma pequena construção de madeira, à beira do rio. Sentou-se na minúscula varanda da casinha, que tinha uma cadeira suspensa, dessas de balançar. Sentou-se ali, fechou os olhos e continuou deixando-se envolver pelo ambiente.

Depois de alguns minutos em silêncio, começou a perceber um certo desconforto outra vez. Do nada, sentiu vontade de sair correndo, como se estivesse sob ameaça. Sentiu um medo incompreensível ameaçar seu sossego. E então, uma avalanche de pensamentos negativos do-minou sua mente, fazendo-a se desconectar totalmente das emoções leves e suaves que estava vivenciando. Era como se tudo o que estava vivendo evaporasse, e ela se sentiu vazia e assustada. Não havia nada externo a ameaçando. Tudo estava em ordem. Mas os pensamentos negativos e densos se multiplicavam: mágoas de infância e culpa se misturavam; depois a lembrança de Omar e a raiva a dominou; então lembrou-se de Vitor e sentiu vontade de gritar. Era como se uma represa se rompesse ar-rastando tudo de bom que ela vinha cultivando.

Jéssica começou a ficar irritada. Levantou-se e se sentou várias vezes. Tudo o que ela mais queria era recuperar o bem-estar de minutos atrás. Elias, que a acompanhava, sussurrou-lhe aos ouvidos da alma:

— *Você não pode se iluminar sem antes acolher suas próprias sombras, o que está entranhado em seu subconsciente. Iluminar-se*

é reconhecer as dores, resistências e crenças inúteis que foram plantadas em você desde cedo — pela família, pela escola, pela mídia, pela economia, pelos modelos de vida e de beleza que seguimos sem perceber. Nada disso está ali por acaso; são formas de formação que buscam controlar o espírito humano. Acalme-se. Tudo o que agora a incomoda não vem de fora; nasce dentro de você, alimentado por essas camadas de condicionamento que já não lhe servem mais.

Obedecendo sem pensar ao impulso que vinha das palavras de seu mentor, ela sentou-se e aquietou-se. E ele prosseguiu:

— Respire, acalme-se.

Jéssica respondia aos seus comandos, como se viessem dela mesmo.

— Precisa entrar em contato com tudo isso que está em seu interior. Precisa se conhecer por dentro. O autoconhecimento é vital para encontrar as respostas que procura, e acima de tudo, a força de que precisa para fazer as mudanças necessárias ao seu progresso.

Ela fechou os olhos apreciando aqueles pensamentos e a calma que eles lhe traziam. Elias prosseguiu:

— À medida que permitir-se conhecer seus pensamentos mais obscuros, e os sentimentos que brotam deles, você será capaz de desarmar os gatilhos psicológicos que as trevas usam contra você, para te manipular.

Jéssica deu um suspiro, compreendendo exatamente o que aquele pensamento implicava.

— Acolha quem você é. Aceite-se, para então melhorar-se. Não é com repulsa aos seus defeitos que você vai progredir. Precisa aprender a aceitar-se e amar-se profundamente. Com tudo de bom e de não tão bom, que existe em você.

Ele fez uma longa pausa, e enquanto aplicava-lhe passes na região frontal da testa, continuou a falar com ela:

— Enquanto se dedica ao autoconhecimento, comece a limpar tudo o que não te serve, limpe sua casa interior como quem faz uma grande faxina em uma casa que ficou fechada por muito tempo. Livre-se de crenças que te afastam do amor, da luz, que te

enfraquecem ou debilitam. Não pode ser uma limpeza puramente intelectual. Precisa limpar seu corpo internamente, sua mente e suas emoções. Precisa limpar seu subconsciente. E essa limpeza precisará ser uma prática constante, não apenas uma coisa que você faz uma vez, e está resolvido.

Jéssica apreendia cada palavra, estava totalmente absorvida pelas sensações elevadas que fluíam nela.

— Perdoe-se e perdoe aqueles que te feriram. O perdão é uma benção, Jéssica, não a fuga dos fracos. O rancor é um veneno que tomamos desejando que o outro morra. Não alimente o rancor. Alimente a compaixão e o perdão. As pessoas erram o tempo todo. Você erra o tempo todo. Nem por isso deve ser condenada. Precisa sim, aprender com os seus erros, e crescer cada vez mais. As pessoas fazem o melhor que podem com os recursos internos que elas possuem. Expandam os seus recursos internos para ter mais ferramentas para agir em acordo com o amor divino. Aprenda, aplique o que aprende, e finalmente, alinhe-se com sua essência espiritual, sua centelha divina. Esse é o verdadeiro despertar espiritual. E mantenha suas vibrações elevadas o máximo que puder; use sempre o poder da oração para permanecer conectada com Deus.

Naquele momento, um doce torpor tomou conta de Jéssica. Era como se ela estivesse naquele estado que precede o sono, ou no momento do acordar. E ela sentia as palavras de seu mentor espiritual e se alimentava delas.

— Você está pronta para fazer as mudanças necessárias em sua vida, rumo ao seu crescimento espiritual; sua tarefa a aguarda. A tarefa que você pediu antes de voltar ao corpo denso. Não deve mais postergar, ou então, correrá o risco de não ter tempo suficiente para realizar o que aspira sua alma. E nunca será feliz se não for capaz de ouvir sua alma e alinhar-se com sua essência divina. Jesus precisa de você, Ele tem uma vida abundante esperando por você, mas precisa tomar posse dela. Seus irmãos precisam de você. Há muita dor e sofrimento no mundo esperando pelo socorro dos servidores do bem.

Enquanto Jéssica prosseguia embalada nas sensações boas providas da energia amorosa e nas palavras de seu mentor, um passarinho vermelho pousou no alpendre da varanda, chamando a sua atenção. Ele deu alguns pulinhos, depois pousou suavemente no colo da médica, como se materializasse aquelas sensações e percepções em seu corpo denso. Ela o observou, encantada, e depois de alguns instantes de completo embevecimento, ele voou.

Jéssica despertou como quem acorda de um longo sono e abriu um largo sorriso. As orientações de seu mentor haviam calado fundo em sua alma. Permaneceu ali por quase uma hora, refletindo sobre quem precisava perdoar e sobre como aprenderia a perdoar a si mesma e àqueles que a feriram. Estava disposta a isso.

Ela tinha perdido completamente a noção de tempo, quando escutou ao longe o sino soando, avisando que o almoço, em breve estaria sendo servido. Ergueu-se devagar, com calma, e retornou pela trilha que fizera para descer. Sentia o coração leve, cheio de esperança e forças. Olhando o céu azul, com nuvens brancas e grandes, que ora a protegiam do sol, ora a expunham a ele, lágrimas brilharam em seus olhos. A vibração da vida na natureza, a emoção do amor que tocava sua alma encheu-a de emoção. Ela então teve uma epifania: sentiu sua essência espiritual, e como ela jamais deixaria de existir, como aquela força de vida que pulsava em tudo à sua volta. Percebeu a beleza de ser como que um fractal do Criador^[33], e como isso mudava toda a sua perspectiva de vida. Sorriu ainda mais, enquanto as lágrimas desciam pela sua face. Que poder era aquele que começava a fluir dela e que a fazia tão feliz?

Retirou do bolso uma maçã, que trouxera para o caso de sentir fome, e começou a comer. — Não quero voltar agora — pensava, enquanto mordida a fruta.

Subindo devagar, deixou-se levar pelos pensamentos. Reconheceu que precisava de cura interior. A energia sutil que a envolvia fazia perceber o quanto estava ferida por dentro. Havia trabalho a ser feito, e teria de encarar a si mesma com consistência. Também notou que carregava muito lixo: pensamentos pesados, crenças limitantes, lembranças que ainda a aprisionavam...

conflitantes, muitas emoções que não a auxiliavam a ser uma pessoa melhor, mais íntegra e verdadeira. Estava cercada pela mentira e pela hipocrisia em sua profissão, em sua situação social. Os colegas de trabalho, a comunidade médica a qual ela pertencia, agiam como verdadeiros tubarões, predadores que esperavam pelo primeiro sinal de sangue para atacarem. Isso fez com que ela, no início de sua residência, vestisse uma armadura espessa, para sobreviver ao ambiente hostil, e nele vencer. Aquela armadura a protegeu do que vinha de fora. Mas também bloqueou o que vinha de dentro, direto de sua alma para a sua mente racional; para o seu ego.

Suspirou fundo, observando o vento acariciar as folhas das árvores, e acompanhou o movimento de algumas, que se desprendiam dos galhos e desciam até o chão, onde se transformariam em alimento para a floresta. Tudo era perfeito. Uma inteligência muito superior co-mandava tudo. Ela sabia, seus colegas de profissão sabiam, e todos queriam negar a soberania divina, para não ferir seus pequenos egos desnutridos de amor e humildade. E naquele momento a médica compreendeu que vivia em um mundo de ilusões, que muitas das dores que ela estava vivenciando, tinham como causa esse mundo repleto de ilusões do ego, que não trazem paz nem esperança ao coração. Apenas tumulto e tribulações. Ela entendeu que precisava aprender a mergulhar cada vez mais dentro de si mesma, precisa de contato com sua intuição, deixá-la fluir para que pudesse guiá-la nessa nova fase de sua vida. Pressentia, sem conseguir racionalizar, que era uma centelha do Criador, e que essa consciência, que despertava, poderia mudar sua vida. E ela desejava uma vida renovada pelo amor.

Caminhava devagar, quando escutou uma voz conhecida:

— Hora de voltar, doutora. — Era Elaine.

— Você! Que confusão causou na minha vida.

— Confusão foi a que a doutora causou se distanciando de sua essência. Mas está mais perto de sua missão agora. Precisa voltar.

— Sim, acho que vou acabar perdendo o almoço.

Elaine sorriu e concordou:

— Pode ser, mas é hora de voltar ao seu eixo, reconectar-se com sua essência, deixar que a clareza flua e que você perceba o caminho que deve seguir. Há muito trabalho a ser feito. Muitos são os necessitados, doutora. A saúde está sendo destruída pelos interesses das trevas que dominam o mundo. Alguns estão resistindo, buscando apoiar-se no que conseguem. Mas precisam de um norte, de orientações seguras sobre como cuidarem de si mesmos em meio a tantas agressões vindas de todos os lados. Seja esse farol de luz, guiando aqueles que estão sedentos para aprender como construir uma vida de saúde integral e plena.

— O que devo fazer? Me diga e farei.

— Mantenha-se conectada com sua essência di-vina. Proteja essa conexão, as suas vibrações superiores criando uma rotina diária que estabeleça práticas que fortaleçam esse olhar para dentro, esse contato com seus próprios pensamentos e sentimentos, com você mesma e com Deus. Essa é a minha orientação. Fortaleça-se. Aprenda. Estude a si mesma. Abra-se para sentir e ouvir o Criador. E quando os obstáculos aparecerem, você perceberá com nitidez o que deve fazer. Não terá dúvidas nem hesitação. E esse impulso de sua alma a conduzirá.

Elaine desapareceu. Jéssica fechou os olhos e ergueu a cabeça para o alto, sentindo como se tivessem anjos à sua volta. Sentiu imensa gratidão pela vida, pelo amor divino; sentiu amor por Elaine, por seus pacientes, pela medicina. E assim, envolvida em uma energia i-nebriante de realização e bem-estar, ela retornou para o almoço.

Ao avistá-la, Maria Helena correu ao seu encontro.

— Estávamos preocupadas. Está tudo bem, mãe?

Fitando Rafaela com olhar significativo, ela respondeu:

— Nunca estive melhor. E estou com fome.

Depois de almoçarem ela disse:

— Precisamos voltar, filha.

— Amanhã?

— Não. Hoje.

— Mas nossa diária acaba amanhã ao meio-dia.

— Sei disso, filha, mas encontrei o que vim pro-curar. E estou certa de que preciso voltar.

— Claro, Jéssica – concordou Rafaela. – Se é isso que você quer...

— É disso que preciso agora. Gostaria de ficar aqui por mais tempo, mas sinto que devo estar amanhã logo pela manhã no hospital. Algo me diz que será importante.

— Tem certeza? – Insistiu a filha.

— Sei que gostou daqui. Voltaremos assim que for possível.

As três seguiram para o dormitório, para preparar o checkout.

CAPÍTULO 37

Na manhã seguinte, logo cedo, Jéssica estava descendo o elevador, quando o celular tocou. Era o marido.

— Precisamos conversar. Posso passar por aí agora?

— É muito urgente, assim tão cedo? Estou indo para o hospital.

— Então podemos conversar no final da tarde? Passo no hospital e saímos para tomar um café, o que acha?

Seguiu-se um silêncio desconfortável. Jéssica pressentia o teor da conversa e queria fugir.

— Hoje estou muito ocupada...

— Por favor, Jéssica. Preciso conversar com você o quanto antes.

— Algum problema com os meninos?

— Não, eles me parecem bem. É outra coisa. Podemos tomar um café hoje à tarde?

Ele não parecia disposto a desistir. E ela acabou aquiescendo.

— Está bem. Fica combinado no final da tarde, umas cinco e meia. Caso tenha algum imprevisto, eu aviso.

— Cinco e meia estarei no seu consultório. Preserve esse horário para nós dois.

Desligaram.

Jéssica sentiu o coração apertado. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Sabia que não seria uma conversa fácil. Respirou fundo, tentando aplicar os novos conhecimentos espirituais que vinha adquirindo para lidar com a situação de outra forma.

Então orou em silêncio: *"Sei que preciso corrigir meus equívocos, meus erros... Ajuda-me, Criador, para que eu tenha a*

sabedoria de saber o que dizer, o que fazer."

Ao encerrar a oração sincera, que brotava de sua alma, sentiu as forças se renovarem — como se uma onda de calor percorresse seu corpo, reenergizando-a e enchendo-a de confiança.

Chegou cedo ao hospital e logo sentiu o ambiente tenso; pressões e cobranças por todos os lados deixavam os médicos, enfermeiros e atendentes ansiosos e agitados. Ela percebia tudo com mais clareza, como se um véu tivesse sido tirado de seus olhos. O seu foco, agora, não era apenas os seus objetivos e resultados, mas o bem comum subira em sua hierarquia de prioridades.

Deu início aos atendimentos de seus pacientes, e das reuniões e demandas administrativas que seu cargo de diretora do departamento de cirurgia requeria. Depois do almoço ela fechou-se em seu consultório e pediu à Amanda para não ser interrompida. Sentou-se no sofá e observou pela janela os prédios que a cercavam. Por entre eles, alguns pássaros voavam no céu, indiferentes às brutalidades que existiam logo abaixo, naquela selva ge-lada. Lembrou-se das sensações boas que tivera durante o tempo que ficara no retiro espiritual, e murmurou:

— Quando você vai voltar, doutor Egídio?

Não demorou e sua assistente entrou trazendo a resposta.

— Doutor Egídio está aqui fora e quer vê-la.

— Graças a Deus! Ele vai voltar. Não aguento mais essas reuniões irritantes; não sei como ele aguentava...

Ele entrou.

— Doutor, vejo que está bem melhor. Sente-se. Que alegria em vê-lo.

— Não vá se animando muito, Jéssica. Estou em recuperação, mas acabei de pedir minha aposentadoria à diretoria.

— Mas doutor, o senhor não pode...

— Estou cansado. Não vi meus filhos crescerem, trabalhando sem parar. Agora, tenho a oportunidade de acompanhar meus netos; dois deles moram comigo. E não vou desperdiçar meu tempo. Por muito pouco eu não fui embora. Quero ficar com eles, com minha esposa...

— Mas e a medicina, doutor?

— Vou continuar em meu consultório particular, mas apenas meio período. Também pretendo trabalhar como *health coach*^[34]. Com a desordem em que se encontra todo o sistema de saúde, tenho certeza de que não me faltarão clientes.

Ele fez breve pausa, depois prosseguiu:

— Soube que você fazendo um ótimo trabalho me substituindo. Fiz minhas recomendações ao conselho. Disse que você pode subir ainda muito mais, que tem toda competência para assumir até mesmo a direção geral do hospital. Eles estão bem impressionados com seu desempenho. Continue assim e vai chegar ainda mais longe.

A mente de Jéssica borbulhava de questionamentos, quando finalmente despediram-se. Ela recostou-se na cadeira quando ele bateu a porta e pensou consigo: *e agora?*

A tarde passou depressa, cheia de compromissos. E logo Vitor entrou, encontrando a esposa esticada no sofá.

— Cheguei muito cedo?

— Não – ela sentou-se e colocou os sapatos. – Claro que não. Quer sair para tomar um café?

Foram para a cafeteria próxima ao hospital. Depois dos pedidos feitos, Vitor foi direto:

— Jéssica, como você sempre me pediu, vou direto ao ponto. Quero o divórcio.

A médica sentiu o corpo enrijecer de tensão.

— Tem mesmo certeza disso? Quer jogar tudo o que construímos fora? Tem outra pessoa?

— Minha querida, você é mais esperta do que isso. Sabe que tivemos casos fora do relacionamento. Tanto eu quanto você. Sempre que as coisas ficaram difíceis entre nós, ou quando a vida foi muito exigente, encontramos distrações que nos satisfaziam o desejo de aventura e fuga. Mas acho que quero mais para minha vida. Quero um relacionamento que ganhe profundidade, onde o amor cresça, e seja capaz de superar os obstáculos do caminho.

— Eu também quero isso.

— Entendo, mas acho que é tarde demais para nós dois.

— Tenho pensado muito ultimamente, Vitor, reavaliado minha vida, repassado meus erros e meus acertos. Olhando para trás, constato que acertei em muitas coisas – principalmente no meu trabalho – mas errei em tantas outras. E o preço está sendo caro demais. Pensando em nós dois, concluí que sempre quis somente o lado bom dos relacionamentos, acho que nós dois agimos um pouco assim. No começo, quando tudo é lindo, leve, divertido, quando a atração satisfaz nossos desejos, e a novidade é constante tudo é divertido. Mas, então, vem o momento de lidar com o que nem sempre é tão divertido. Eu acho que desde sempre tive dificuldade em acolher o lado feio. Das circunstâncias, das pessoas, e de mim mesma.

— Fez progressos durante a minha ausência. Está fazendo terapia?

— Pelo trabalho de autoconhecimento que fui obrigada a fazer, tive de mergulhar para dentro de mim, e sim, posso dizer que estou em terapia. E a cada dia descubro algo mais que precisa ser limpo, restaurado e reconectado. Há muito trabalho interior a fazer...

Vitor ficou alguns segundos em silêncio fitando a esposa. Ela parecia diferente. Os cabelos soltos na altura dos ombros davam a ela um ar delicado. Ela parecia cansada, mesmo assim, ele olhava os detalhes, e via que o olhar dela estava mais brilhante. Ela estava mais lúcida e desperta.

— Quanto progresso...

— Sei que errei muito em nosso relacionamento. Não consegui ser a esposa que você precisava... em vez disso, muitas vezes agi como se fosse um homem disputando espaço dentro de casa. Só agora percebo isso. Lembra-se dos sonhos que lhe contei?

— Da velha e assustadora mulher?

— Isso. Fui ler, estudar a simbologia dela. Escutei o que me dizia e percebi que queria chamar minha atenção para a energia essencial feminina da qual me desco-nectei há tanto tempo. Percebi o quanto essa energia me faz falta, como me alimenta e fortalece. Somente agora, refletindo sobre minhas experiências, compreendi que me afastei da minha essência. Cuidei da aparência — até demais — como os nossos modelos culturais apregoam. Zelei pela

elegância, pela imagem impecável e pelos símbolos de status. Mas descuidei do essencial: a beleza que vem da alma, a delicadeza que flui quando estou bem comigo mesma e a força da intuição e da criatividade, capazes de me guiar para o melhor caminho, para mim e para aqueles que amo, inclusive meus pacientes. Também rejeitei, por todos esses anos, a dimensão espi-ritual da vida. Estou apenas começando essa jornada de redescoberta e reconexão com minha energia essencial feminina. É uma jornada confusa, marcada pelas trilhas perdidas pelas mulheres em meio a uma sociedade alie-nante com hábitos que sufocam. Mas sinto essa energia crescer dentro de mim... às vezes, até me assusta.

Vitor estava impressionado. Quem era aquela mu-lher diante dele?

— Então? O que me diz? Preciso de sua ajuda, inclusive profissional, para mergulhar nessas descobertas.

— Não acho que você precise de mim...

— Preciso sim. E muito. Quero que você me ajude, para que eu possa ser a mulher nesse relacionamento. E que você seja o homem. Que me proteja, para que eu possa mergulhar e me ausentar, olhando para dentro de mim, nas profundezas do meu ser interior, para ressurgir fortalecida, e possa ancorar em nossa família e até através do meu trabalho, vibrações essencialmente fe-mininas, como equilíbrio, harmonia e cura no sentido mais amplo e profundo. Será que podemos tentar outra vez?

Vitor olhou para ela em silêncio e depois indagou:

— Quem é sua terapeuta? Quero conhecê-la. De onde está tirando todas essas ideias?

— Tenho estudado, lido muito, e ficado em contato comigo mesma. Minha intuição e meus mentores espi-rituais têm sido os meus terapeutas.

— Mentores espirituais?

— Sim, tenho ido ao centro espírita, aprendido muito sobre o espiritismo, sobre a vida no mundo espi-ritual. Ela é real, Vitor. As minhas visões de Elaine não foram fantasias. Ela esteve realmente comigo, depois que deixou o corpo denso. Ela continua viva em outra dimensão. Eu tenho encontrado com ela de vez em quando, e

ela me ajuda a compreender esse mundo novo que se descortinou para mim e que tem me transformado.

Jéssica silenciou. Tinha dito tudo o que precisava. Agora, era o momento de deixar o Universo fazer o seu trabalho. E respeitar o livre-arbítrio do companheiro.

Ele acabou de sorver o último gole do segundo café. Depositando a xícara na mesa, finalmente disse:

— Preciso pensar um pouco. Vim aqui com o firme propósito de oficializar a nossa separação, mas nesse exato instante, sinto vontade de te abraçar, beijar, de te proteger. Você, que sempre foi forte e inabalável, me passa um sentimento de vulnerabilidade, mas não algo negativo, é algo que nem consigo exprimir. Vou precisar de um tempo para refletir o que fazer.

— Eu entendo. Leve o tempo que precisar. Estarei aqui, seguindo por esse novo caminho, que não tenho ideia de onde vai me levar, mas ficarei feliz se pudermos trilhá-lo juntos, lado a lado. Descobrir esse novo universo. É com você que desejo compartilhar minha vida, seja ela como for.

Despediram-se. Vitor se afastou olhando para trás várias vezes. Jéssica o atraía como um ímã. Seu caminhar, seus gestos, seu sorriso. Tudo havia mudado, e ele gostava daquela mulher que nascia de dentro da velha Jéssica.

CAPÍTULO 38

O dia havia sido de um calor causticante. Jéssica entrou em casa se sentindo cansada, sem energia. Ela queria transformar-se, libertar-se de todas as amarras e resistências das mais diversas e ainda tinha de resolver inúmeros problemas no trabalho e em sua vida pessoal. Tinha muito trabalho a ser feito e tudo era incerto e novo: o marido a perdoaria? Como lidar com a sensibilidade da filha e com a sua própria? Isso iria ajudar ou atrapalhar a vida delas? E no trabalho? O que ela faria? Não se sentia feliz no hospital. O que ela deveria fazer?

Abriu a ampla janela da sala e sentiu a brisa fresca suavizar o calor do seu rosto. A sala foi ficando mais fresca. Sentou-se na poltrona que ficava virada para a janela, e refletiu sobre sua vida, e como parecia que havia perdido totalmente o controle dela. Aprendia muita coisa nova, mas parecia que esses novos aprendizados custavam a surtir efeito. Tudo ainda estava um caos.

Pegou um suco na geladeira, procurou alguma coisa para comer, e optou por uma maçã que estava na fruteira.

Fitou a casa vazia, os filhos ficariam com o marido naquele dia, a mesa onde costumavam fazer as refeições; deu-se conta de que tinha poucas recordações de todos juntos, usufruindo da companhia uns dos outros. Ela sempre estava distante, ocupada com seu trabalho, e com os diversos relacionamentos extraconjugais. Sentiu profundo desconforto. Ela era a culpada pelo fim de seu casamento? Deveria ter sido uma mãe melhor? Ao mesmo tempo pensava que fizera o que conseguira, agindo no automatismo, sem pensar muito.

Apagou as luzes e subiu para o quarto. Não demorou muito a adormecer. Logo viu-se descendo as escadas para o lugar em que já estivera muitas vezes em sonho. Assim que desceu o último degrau, a mulher idosa com os cabelos longos e despenteados, cheio de folhas, roupas transparentes e pés descalços aproximou-se dela e estendeu-lhe as mãos.

— Venha, vou levá-la a um lugar que vai responder suas perguntas.

— Quem é você?

— Você já me conhece, sou a energia essencial fe-minina, arquetípica, que habita as profundezas de seu ser inconsciente, e já habitou o coração das mulheres, mas que agora, vivem distanciadas de mim. Venha.

Jéssica a seguiu sem resistência.

Logo estavam em uma sala pequena e aconchegante. A janela estava meio aberta e entrava uma brisa suave e perfumada. E mulher, com os olhos cintilantes, entregou um pequeno livro nas mãos de Jéssica, cujo título ela enxergava com letras brilhantes: *preciosas ervas que curam*.

A mulher exibia um sorriso sereno no rosto. De súbito, a médica sentiu uma paz profunda, sem cobranças ou conflitos — como se tudo em sua vida estivesse no lugar certo, e ela, enfim, realizada e feliz. Pegou o livro, folheou as páginas cheias de anotações e percebeu que eram registros de cura de várias doenças.

Uma brisa mais forte entrou pela janela, balançando a cortina fina. Jéssica, então, despertou com lágrimas nos olhos e sentou-se na cama, tentando entender o sentido daquele sonho. Não conseguia lembrar de todos os detalhes, mas se lembrava do livro cheio de anotações sobre as ervas que curam, e tinha a sensação de leveza, bem-estar e realização plena que vivenciara em seu sonho, era o que desejava sentir cada vez mais em sua jornada, até concluí-la com êxito.

Na noite seguinte foi com Rafaela ao núcleo espírita. Contou a ela sobre o seu sonho ressaltando que sabia que aquele livro era a resposta para o seu futuro. No final dos estudos do evangelho, Jéssica se aproximou de Rafaela.

— Está tudo bem, Jéssica?

— Eu preciso escrever.

— O quê?

— Não sei, mas tenho um impulso incontrolável para escrever.

Compreendendo logo o que se passava, Rafaela conversou com a direção do grupo, e foram para os fundos da instituição, em uma sala que era usada para o preparo das tarefas. Oraram pela proteção e direção dos amigos espirituais e colocaram papel e caneta nas mãos de Jéssica, que imediatamente começou a escrever sem parar, num frenesi nitidamente mediúnico.

Ao final, ela soltou a caneta e exclamou:

— Pronto. Passou – e entregou os papéis à Rafaela.

A jornalista leu, organizou e começou a distribuir as mensagens. Uma para cada uma das pessoas que além dela e Jéssica estavam presentes. No topo, havia o nome de cada um, e todos receberam uma, inclusive Jéssica.

— O que é isso? Uma... receita?

— Eu não sei – disse Jéssica. Não sei o que escrevi. Foi muito rápido.

— São receitas de medicamentos fitoterápicos^[35]. Olhe o seu, João. É para gastrite e refluxo.

— Eu tenho sentido um desconforto, mas não sabia que estava com refluxo. – O homem olhou com surpresa a receita.

— São todas receitas de medicamentos naturais, para alguma necessidade orgânica que temos. – Ela se-gurou com força os papéis que tinham o nome de sua filha e agradeceu:

— Obrigada Jéssica. Minha filha estava precisando mesmo de ajuda.

Jéssica pegou os papéis que estavam nas mãos de Rafaela dizendo:

— Deixe-me ver isso direito. – Leu e releu, depois devolveu. – É uma receita de fitoterápico para ansiedade e insônia. Sua filha está com problemas para dormir?

— Há mais de dois meses. Nada consegue acalmá-la.

— Eu não conheço nada de... — Jéssica ia responder quando se lembrou do sonho e do livro nele. Lembrou-se dos *flashes* de memória sobre seu jardim em um lugar que ela não sabia onde ficava. Respirou fundo e indagou:

— Essas receitas não são minhas, são?

— São mediúnicas, Jéssica. O que diz a sua?

— Essa é a tarefa de amor que lhe pedimos, trabalhe conosco socorrendo aqueles que não podem pagar.

Ela olhou firme para Rafaela esperando por orientação. Regina, que estava ali com elas, envolvida pela espiritualidade, disse:

— Esse é um convite dos amigos espirituais desse lar, para que você exerça essa mediunidade aqui em nossa casa, oferecendo ajuda às pessoas que precisam de medicamentos e não podem pagar. Um trabalho gratuito de ajuda ao próximo. Tenho pedido aos meus mentores por uma atividade ligada à saúde, pois fico muito preocupada pelas doenças se multiplicando atualmente. E eles, pelo que vejo, atenderam aos meus pedidos. Pense com carinho, doutora. O convite está feito. Aguardamos o seu retorno.

— Não preciso pensar. Eu quero ajudar.

Voltando para casa, a médica refletia sobre o que acabara de ocorrer. Estava pronta para contribuir, mas precisava entender aquele fenômeno.

— Rafaela, preciso saber mais sobre mediunidade. Sobre esse fenômeno, como e porque ele acontece.

Rafaela pensou um pouco, depois respondeu:

— Vou passar para você alguns links de vídeos e palestras do doutor Sérgio Felipe, médico e pesquisador sobre a glândula pineal e seu papel em nossa conexão com o mundo espiritual. Ele vai esclarecer suas dúvidas. Melhor do que eu tentar te explicar algo que ainda estou estudando.

Jéssica sorriu, satisfeita com o novo caminho que se abria.

CAPÍTULO 39

Sentada à sua mesa de trabalho, no consultório, Jéssica olhava o céu pela janela. O tempo estava mudando, e anunciava chuva forte; nuvens carregadas se acumulavam no entorno de onde a médica estava. Sua mente era agitada, pensando nas muitas experiências novas e seu significado. Pensava no marido e em sua família; pensava na experiência com a mediunidade, as mensagens que escrevera e como se sentia bem, mas as perguntas lhe viam a mente o tempo todo. Como iria conciliar tudo aquilo?

Amanda bateu e entrou, arrancando a médica de seus pensamentos.

— Doutora, a reunião vai começar em quinze minutos, quer que eu prepare alguma coisa?

— Reunião?

— A senhora esqueceu? Está em sua agenda e avisei a senhora ontem.

— Ah, a reunião com o conselho do hospital. Sempre me esqueço, isso não fazia parte do escopo do meu trabalho...

— É uma reunião mensal; a senhora não participou de nenhuma ainda, mas creio que o doutor Egídio tenha lhe dado alguma dica.

— Ele me falou algumas coisas. Está tudo bem, Amanda. Não me pediram nada. Vamos ver qual será o conteúdo dessas reuniões, e atualizo você sobre o que vou precisar para as próximas.

— Tem certeza, doutora? Afinal, é o conselho administrativo, toda a diretoria, todo mundo que manda vai estar presente. E a senhora, agora, é uma das que mandam de verdade.

A cirurgiã fitou a assistente e sentiu ligeira irritação. Então era assim que era considerada antes? Alguém que não mandava? Por que os símbolos de poder são tão importantes para o ser humano? — Questionou consigo mesma.

— Tenho. Vou levar alguns relatórios de desempenho do departamento de cirurgia e, caso não seja suficiente, eu aviso você, para as próximas reuniões.

A jovem saiu. Jéssica abriu a gaveta de sua mesa e localizou os relatórios. Passou os olhos pelos dados mais relevantes, e se preparou para subir ao último andar.

Logo que chegou, notou muitas pessoas que não conhecia. Entrou com passos firmes, emanando confiança.

— Doutora Jéssica, seja bem-vinda à nossa reunião mensal. De agora em diante, esse é o seu compromisso mais importante. — Foi recepcionada pelo diretor geral do hospital, Caio Montenegro, com quem ela tinha pouca afinidade.

Acomodou-se e observou a movimentação: havia doze pessoas na sala, contando com ela. A reunião começou e o presidente do conselho a conduzia. Apresentou a nova integrante ao grupo:

— Como vocês já sabem, essa é a doutora Jéssica, que assumiu a direção do departamento de cirurgia de nosso hospital. Doutor Egídio confirmou o desejo de se aposentar, e afinal, aceitamos o seu pedido, já que agora temos um substituto à altura. Seja bem-vinda ao nosso seletto grupo, doutora.

— Agradeço, Caio. Espero estar à altura de suas expectativas.

O homem, com ar carrancudo, acenou com a cabeça e respondeu:

— Nossas expectativas vão muito além do que a senhora possa imaginar. Pertencer a esse grupo, é fazer parte do mais alto poder deste hospital, e até mesmo, da área de saúde deste país. Nosso hospital é um modelo e a senhora tem sido uma cirurgiã exemplar, sempre estudando novas técnicas e se atualizando. Mas estar aqui sentada, é alguma coisa que vai muito além das suas habilidades médicas, e espero que entenda isso. Precisa alargar sua compreensão e visão política e financeira, do que realmente importa, os nossos interesses mais fundamentais. É disso que falamos nessas

reuniões, do que realmente importa. A senhora os irá implementar em seu departamento. Precisaré conhecê-los, compreendê-los e trabalhar para eles. Realmente espero que esteja à altura de nossas expectativas.

Olhou-a firme e deu um sorriso forçado. Depois, virou-se para o grupo e pediu:

— Gostaria que se apresentassem para a doutora. Alguns ela conhece de vista, mas a maioria ela não conhece. Por favor, senhores.

As apresentações foram rápidas. Três integrantes do conselho eram da indústria farmacêutica, um representava os laboratórios, um deles era do ministério da saúde e representava o governo e os demais eram representantes dos acionistas majoritários. Esses ela nunca tinha visto. Os demais eram diretores dos demais departamentos do hospital, incluindo a área jurídica e administrativa. Finalizadas as formalidades iniciais, discutiram a pauta da reunião e ela começou. O diretor explanou algumas preocupações e necessidades gerais e finalizou:

— Vamos passar para as apresentações de resultados de cada departamento. Começamos pelo financeiro e administrativo. Em seguida ouviremos o responsável pela área da maternidade e neonatal.

Um a um, cada responsável apresentou seus principais resultados e necessidades. Jéssica foi deixada pro-positadamente para falar por último. Ela adequou-se logo ao modelo e apresentou seus resultados. Ao final, o di-retor comentou:

— Seus números estão ruins, doutora, bem ruins...

Ela o fitou intrigada. Do que, afinal, ele estaria falando? Ficou calada.

— A senhora tem como prioridade máxima para o próximo mês, aumentar o número de cirurgias de seu departamento. Os números são irrisórios e cirurgias são a nossa principal fonte de renda. Precisaré dobrar o número no próximo mês.

— Dobrar? Nem sei se teríamos estrutura para tanto, e isso não depende somente dos médicos, mas das demandas dos pacientes...

— Vejo que doutor Egídio não lhe contou todos os detalhes de sua nova função.

Ela ficou séria e calada. Ele prosseguiu deixando a cirurgia mais surpresa.

— E não estudou direito os seus recursos. Tem salas de cirurgia e equipamentos subutilizados, tem estrutura suficiente para dobrar seu número de cirurgias. Se precisar contratar mais pessoal, contrate enfermeiras que são mais baratas do que os médicos. E mais acessíveis às nossas orientações. Queremos mais dinheiro entrando em nossa caixa, doutora. Todos farão seu esforço. Os nossos médicos ginecologistas estão orientados a fazer mais cesarianas; todos estão empenhados. E a senhora, doutora, passará a receber maior número de indicações de cirurgias vindas das demais áreas do hospital. E sempre que receber uma recomendação de outro colega, para cirurgia, acate e programe. Não questione. Se o colega encontrou uma justificativa plausível, ou pessoas inocentes o suficiente, reforce e acate a recomendação. E por sua parte, crie demanda também.

Ele fez uma pausa diante do olhar incrédulo de Jéssica. Sua mente fervilhava, mas ela se mantinha em silêncio, intimidada pelo ambiente e, sobretudo, pela energia que sentia vinda de seus colegas do conselho. Caio então voltou-se para um dos representantes da indústria farmacêutica — o mais influente deles, ligado a uma corporação internacional com filiais em vários países — e o convidou:

— Está com a palavra, Eduardo. Como estamos atualmente em termos de prognósticos? Alguma doença importante pela frente?

— Bom dia senhores. — Ele começou a falar. — Estamos indo bem. Embora a pandemia tenha passado e deixado as pessoas bem frágeis em todos os sentidos, do físico ao emocional, não estamos atingindo os números que queremos. Como sabem, as demandas financeiras de pesquisas — abriu um sorriso cínico que a maioria compreendeu — e os gastos com processos judiciais ainda são muito grandes. Precisamos ampliar essas pesquisas e encontrar caminhos efetivos de elevar os lucros. Tanto nós, quanto vocês, seremos bem recompensados pelos nossos esforços. A ideia de dobrar o número

de cirurgias é muito boa. Os custos operacionais e dos medicamentos que os planos de saúde terão de reembolsar, elevam os ganhos para todos nós.

Fez uma pausa, sorveu um gole de seu copo de água e prosseguiu:

— Além disso, sentimos que realmente há uma ameaça iminente. Muitas pessoas têm se interessado em saúde preventiva, o que não representa em absoluto nossos interesses. Nossos números indicam consumo crescente de determinados tipos de suplementos que estão tornando algumas pessoas efetivamente mais saudáveis. E outras estão buscando alternativas de práticas saudáveis e criando mecanismos de defesa que não nos interessam. Como vocês sabem, trabalhamos há décadas para criar uma teia de dependência das pessoas aos métodos de saúde tradicionais. E não podemos retroceder!

— E estão sendo tomadas medidas para combater essa ameaça? – Indagou o diretor.

— Muitas. A maioria estratégias conhecidas de difamação e desqualificação de médicos e profissionais de saúde que resolvem ser dissidentes, além do direcionamento de resultados de pesquisas, que mais confundem do que esclarecem. Entretanto, ainda assim, estamos preocupados. O número de adeptos desse tipo de prática de saúde vem crescendo, não importa o que façamos. Estamos redobrando nossos esforços. No Brasil, a presença da homeopatia e da fitoterapia vendidas livremente, atrapalha nossos negócios. Mas estamos fazendo uma ofensiva junto às farmácias de manipulação, ressaltando os perigos de determinados suplementos serem vendidos sem receita médica. Estamos atuando indiretamente, é claro, junto a diversos órgãos governamentais, para que nos apoiem e intimidem cada vez mais essa prática. Com o devido empenho, vamos enfraquecer essa corrente.

Quando ele terminou, o diretor convidou o departamento de recursos humanos a apresentar as campanhas de incentivo que estavam sendo implementadas aos co-laboradores como um todo e especialmente aos médicos, como recompensas pelo atingimento de metas de vendas dos medicamentos lançados pela indústria

farmacêutica e outras metas do hospital. As premiações estavam cada vez mais magnéticas, como se viagens ao Caribe, à Europa e a resorts pelo Brasil, já não fossem tão atraentes. Agora, carros importados, e prêmios polpudos em dinheiro eram agregados às viagens diversas.

Depois, outros assuntos foram sendo aventados, todos nesse teor. Jéssica começou a sentir vontade de sair correndo dali. Não cria no que estava escutando. Ela sabia que diversas práticas inadequadas eram adotadas por médicos, hospitais e laboratórios, mas não conseguira imaginar que fosse naquele nível, discutido tão abertamente. De repente, sentiu medo. Quem eram aquelas pessoas? Do que elas seriam capazes?

Lembrou-se da reunião da noite anterior, do bem-estar, do amor que sentiu enquanto recebia aquelas orientações no núcleo espírita. A energia era contrastante demais para ser ignorada.

Antes de terminar a reunião, que não durou mais do que noventa minutos, o diretor voltou-se para Jéssica novamente, e indagou:

— Doutora, se tiver alguma observação, alguma coisa que deseje nos dizer sobre o seu departamento, esse é o momento. Tem clareza do que lhe foi pedido aqui hoje? Sabe como implementará essa sua meta para os próximos trinta dias?

Jéssica sentia vontade de gritar, de ofender aqueles homens, mas respondeu apenas:

— Estudarei cada caso com muita atenção. Entendi completamente a minha meta e o que esperam de mim, ficou bem claro.

— Ótimo. Não apareça em nossa próxima reunião com esses números medíocres.

Logo depois, a reunião encerrou. Antes que alguém a abordasse, Jéssica recebeu uma ligação e, ao desligar, informou:

— É uma emergência. Vamos ver se consigo operar todos os órgãos do paciente que está chegando.

Cumprimentou o grupo com a cabeça e um sorriso irônico, e saiu depressa.

Quando a porta do elevador se fechou e Jéssica se viu sozinha, sentiu vontade de vomitar. Respirou fundo tentando conter a indignação que lhe dominava por todas as células do corpo. E ela exclamava em voz alta:

— Meu Deus! O que foi aquilo? Que absurdo é esse? Eu tenho de estar sonhando. Não é possível que presenciei isso!

Encostou-se na parede do elevador e respirou fundo, pensando como foi que chegaram a esse ponto, de a saúde ser abandonada pelos seus oficiais guardiões, que agora estavam focados apenas na doença. Pelo menos assim era a diretriz que acabara de presenciar. Quantos de seus colegas estariam cooptados?

Jéssica estava chocada. Ela era uma médica experiente e não era ingênua quanto ao que acontecia dentro da área de saúde, mas a maneira agressiva e escancarada como aquelas práticas foram colocadas, sem nenhum pudor ou cuidado, fizeram-na perceber os rumos que a indústria da doença estava tomando, estendendo os seus tentáculos para controlar cada vez mais.

Foi ao seu consultório, pegou suas coisas e avisou a sua assistente:

— Cancele minhas consultas. Vou ver o doutor Egídio.

CAPÍTULO 40

Depois de uma conversa curta e tensa com doutor Egídio, que não quis se expor, nem passar maiores informações ou opiniões a Jéssica, ela saiu sentindo-se aprisionada. Certamente, caíra em uma armadilha muito bem-preparada e agora, teria de se desvencilhar dela.

Nos dias que se seguiram a médica diminuiu o ritmo de suas atividades, aguçou sua percepção e começou a prestar mais atenção a tudo o que acontecia à sua volta, ao mesmo tempo em que reservava tempo para refletir, sentir conexão maior consigo mesma, e dar espaço à sua alma para falar ao seu coração. Sentia-se profundamente incomodada, a ponto de sentir náuseas em diversos momentos do seu dia, quando se deparava com condutas inadequadas e institucionalizadas pelo hospital, pelos médicos, por toda a indústria.

A cada dia, Jéssica sentia-se adoecer. Sua consciência lhe mostrava o que precisava ver, mas o desconforto era intenso, a dor profunda. E, embora soubesse quais providências tomar, percebia o quanto essas decisões mudariam sua vida para sempre. Resistia. No fundo, queria que tudo mudasse... sem mudar nada.

Quase no final da semana, ela foi novamente ao núcleo espírita, acompanhada de Maria Helena. A jovem se revigorava e sentia como se a vida fluísse mais e mais em seu ser. Através do espiritismo, compreendeu que suas “esquisitices” que eram motivo de chacota na escola, eram na realidade manifestações da sua sensibilidade e da sua mediunidade. E à medida que abraçava o conhecimento dessas faculdades, sentia que tudo fazia sentido; compreendia-se e aceitava-se cada vez mais.

Ao chegar, Jéssica procurou por Regina e confirmou com ela o desejo de servir como intermediária do mundo espiritual, para ajudar a curar as pessoas que precisavam.

— Fico muito feliz. Você ainda tem muito a aprender em relação aos princípios espíritas e a mediunidade, Jéssica, mas o que me foi informado é que com relação à saúde e aos processos de cura pela natureza, você é uma iniciada antiga nesses assuntos.

Ela deu um sorriso constrangido e Regina prosseguiu.

— Você sabe que ao mesmo tempo em que o estudo do Evangelho acontece em nosso salão principal, há duas salas de tratamento espiritual acontecendo. Você vai participar de uma delas, em que já aconteceram algumas manifestações de tratamento físico, emocional e espi-ritual. Procure a Sonia. Ela vai te orientar, eu inclusive já conversei com ela.

O trabalho começou e não demorou, Jéssica sentiu aquele impulso irresistível para escrever. E, naquele ambiente de grande amparo espiritual, deixou que aquele impulso fluísse. Escreveu cinco receitas.

Ao final, mostrou para Regina todas elas. Ela foi separando as mensagens, e encaminhando aos desti-natários. Sobrou uma. Ela disse:

— Essa é para você, doutora.

— Como, para mim? Não é meu nome que está no topo.

— Não, é de uma pessoa de nome Yasmin.

— Não sei quem é.

— Eu acho que sabe. Eles me dizem que essa receita é para a senhora ajudar alguém que está sob sua respon-sabilidade.

— Mas... quem?

Ela leu a receita várias vezes e de repente, ficou pálida ao se lembrar que aquele era o nome da mãe de Omar.

Regina olhou fixamente nos olhos dela e afirmou:

— Hora da verdade, não é doutora?

Despediu-se e deixou a médica com aquela frase martelando na cabeça. Foi para casa, e no caminho, enquanto Maria Helena compartilhava suas experiências, ela não conseguia nem ouvir direito o que a filha dizia, tentando concatenar os pensamentos.

Aquilo tudo era uma loucura, e ela relutava em aceitar o que deveria fazer.

O tratamento de Yasmin não progredia. Entre idas e vindas ao hospital, internações e altas, ela continuava doente e vez por outra, ia parar na unidade de terapia intensiva do hospital. Jéssica cuidava dela com os protocolos que conhecia, mas não dedicava uma atenção especial ao caso. Não cuidava com o coração. E Omar percebia e a atormentava quase que diariamente, cobrando-a, culpando-a pelo estado da mãe.

A cirurgiã não dormiu direito aquela noite, assombrada pelos pensamentos e medos que ela sentia de tudo que intuía que estava por vir. A necessidade de se posicionar estava ficando tão cristalina, que ela já não podia ocultar de si mesma a consciência que tinha do que precisava fazer. O quadro mental era confuso, porque trazia informações de sua essência espiritual, e a mente consciente não queria aceitar. Ela vivia uma luta interior.

Logo que chegou ao hospital na manhã seguinte, Amanda informou que a mãe de Omar estava internada novamente. Ela não hesitou, foi vê-la de imediato. Omar estava com ela. Jéssica a examinou, analisou o prontuário, e ao recolocá-lo no lugar, olhou para o outro mé-dico e o convidou com a cabeça, para saírem.

No corredor, ele foi novamente duro com ela:

— Você vai acabar matando-a. Minha mãe não melhora.

— Pelo amor de Deus, Omar, você é médico. Sabe que ela está fraca, debilitada por tantos remédios. Não se alimenta direito e nem toma os remédios como deveria. Estamos fazendo tudo o que podemos.

— Não, Jéssica, você não está.

Ela olhou para ele com ar de irritação e respondeu:

— Muito bem. Você quer que eu a ajude?

— Mas é claro!

— Está bem. Mas quero autonomia total para conduzir o tratamento como julgar adequado, mesmo que isso fuja aos nossos protocolos.

— Mas, o que quer...

— Quero que me dê liberdade e não questione o que vou fazer. Vai inclusive, assinar um documento em que está me dando essa liberdade. Preciso de sua total confiança para que eu tome algumas medidas que fogem ao habitual.

— Vai finalmente operá-la, é isso?

— Não, ela não precisa de cirurgia, além do mais, está muito fraca. Mesmo que fosse necessário operá-la, não seria agora que o faríamos.

— Mas o doutor Egídio tinha me dito que talvez fosse necessário...

— Não é isso, acredite em mim. Vou tratá-la com medicamentos não convencionais. — Ele ameaçou argumentar, mas ela o interrompeu:

— Espere. Antes de questionar, lembre-se de que me deu autonomia. Se em trinta dias nada mudar, decidiremos o que fazer. O que você tem a perder? Ela não está melhorando com os tratamentos convencionais. Vamos atuar na causa, no que realmente está desencadeando o problema.

— E o que é? Você sabe?

— Ainda não, mas desconfio.

Fez-se um silêncio constrangedor, enquanto ela encarava Omar com firmeza. Por fim, ele aquiesceu:

— Está bem. Um mês é o que vou lhe dar.

— É o que preciso.

Virou-se e saiu, mas ele a seguiu e disse:

— Obrigado, Jéssica. Sinto sinceridade em você.

Ela balançou a cabeça e voltou para o consultório. Abriu a gaveta e localizou a receita que tinha recebido no núcleo espírita. Abriu o computador e procurou pesquisas que embasassem a eficácia daqueles medicamentos. Ela tinha de dar consistência ao que tinha recebido da espiritualidade. A receita oferecia informações sobre as misturas de ervas que ela deveria utilizar e em que proporções, mas não informava como elas deveriam ser processadas, para que funcionasse conforme o desejado.

Jéssica se dedicou a estudar diferentes métodos de produção de fitoterápicos – uma linha natural que ela detestava na faculdade

– e agora, queria sorver tudo o que houvesse sobre o tema.

Depois de identificar diversos produtores das ervas, concluiu que havia algumas, especialmente uma que constava em sua receita, que era bem rara e difícil de se encontrar.

Após atender ao seu último paciente, Amanda informou que doutor Caio estava ali para vê-la. Assim que ele entrou, Jéssica sentiu-se envolvida por energias densas e detestáveis. Era como se sombras espessas o acompanhassem. Cumprimentaram-se e ela indagou:

— A que devo sua visita inesperada, doutor?

— Vim me certificar de que a senhora compreendeu seu novo papel na engrenagem deste hospital.

— Sim, compreendi, doutor. Não houve dúvidas.

Ele a olhava entre inquiridor e ameaçador, e ela mantinha seu olhar fixo no dele, sem deixar-se dominar.

— Notei que não houve ainda nenhuma movi-mentação no sentido de alterar protocolos para que as nossas orientações se façam em ações em seu departamento.

Ela abriu ligeiro sorriso e respondeu:

— Doutor Caio, tenho mestres excelentes e estou disposta a aprender com eles, mas preciso de algum tempo para conseguir fazer tudo o que me pedem.

Ele balançou a cabeça de leve, ergueu-se e falou com voz grave:

— Gosta do mar, doutora?

— Gosto bastante.

— Sua colaboração será amplamente reconhecida e generosamente recompensada. Estamos pensando em lhe presentear com uma casa de veraneio na praia, em Chania, na Ilha de Creta, Grécia. Um lugar simples e aprazível, onde poderá usufruir da companhia de quem desejar.

Jéssica não esperava por aquilo. Ficou alguns minutos em silêncio, sem saber o que responder e por fim disse:

— É muita generosidade, doutor. Agradeço a consideração.

— Protegemos nossa gente, doutora. Esperamos que seja uma delas.

Despediu-se e saiu, deixando Jéssica profundamente perturbada. Espíritos inferiores que trabalhavam a serviços das trevas, permaneceram na sala, espreitando a médica, buscando mais informações. Mas ela, protegida e envolvida por amigos espirituais elevados, permaneceu em silêncio, sem manifestar o que sentia. Sua mente fervilhava e suas emoções estavam à flor da pele, mas ela mantinha-se sob controle.

Fechou lentamente o computador, abriu a agenda e fechou-a em alguns minutos. Chamou Amanda e informou:

— Não tenho nenhuma consulta urgente amanhã pela manhã. Cancele meus compromissos. Preciso resolver algumas questões pessoais. Saiu.

Enquanto descia o elevador, indo para o estacionamento, sentia vontade de desaparecer. Sentia a pressão sobre ela, como se mil olhos a observassem.

CAPÍTULO 41

Ligou para Rafaela e combinou de vê-la na manhã seguinte, no núcleo de apoio à mulher. O lugar mal tinha aberto, quando Jéssica entrou procurando a amiga.

— Ela está no jardim, fazendo as suas orações – informou a recepcionista. – Pode ir encontrá-la, ela está à sua espera.

Assim que sentiu a aproximação da amiga, Rafaela finalizou suas preces e ergueu-se acolhendo-a.

— Como está, minha amiga? – A jornalista indagou.

— Não muito bem, não tenho dormido direito... E mesmo estando acostumada a longas horas acordada com poucas horas de sono, sinto-me exausta. Acho que... é pelo que estou vivendo no hospital.

— Sente-se aqui, venha. Conte-me tudo.

— Na realidade, estou muito aflita, Rafaela. Acho que sei o que devo fazer, mas me parece tão radical... como uma guinada irreversível em minha vida... É assustador...

Jéssica compartilhou com a amiga como se sentia em relação aos acontecimentos com o marido, o pedido de divórcio e como se sentia triste por não querer que o seu casamento acabasse.

— Sei que errei bastante com ele. Não discuto isso, mas eu queria muito ter mais uma chance.

— Todos temos direito a uma nova chance, mas neste caso, não depende somente de você. Agora, eu sei que podemos transformar situações aparentemente impossíveis de serem reconstruídas, quando nos transfor-mamos e deixamos o amor ser o nosso guia. Você não pode controlar os resultados, mas pode ser uma luz que o atraia para perto de si novamente.

Jéssica tinha os olhos marejados. Sabia que a amiga estava certa.

— Mas não é isso que a está perturbando assim.

— Não.

— O hospital?

— Também, mas é mais do que isso. É toda a minha carreira profissional que está em jogo. Para fazer o que tenho de fazer, creio que corro o risco até mesmo de perder minha licença como médica.

— Nossa! Mas por que, Jéssica?

— Olhe, não vou entrar em todos os detalhes, mas agora percebo como a medicina foi cooptada por quem controla o planeta. Uma engrenagem enorme, que produz rios de dinheiro fluindo para aqueles que comandam o mundo.

Rafaela escutava atenta, sentindo igualmente o peso do que a amiga lhe falava; a médica confidenciou sua experiência na reunião com o conselho do hospital, e a visita fortuita do diretor geral, quando se sentiu como se estivesse com uma faca no pescoço.

— Não acredito que ele lhe disse isso! – Espantou-se Rafaela.

— Estou em uma armadilha. Se eu fizer qualquer movimento, serei conivente e eles me controlarão. Se não fizer, nem sei o que eles podem fazer comigo.

A médica fez uma longa pausa, organizando os pensamentos, depois prosseguiu:

— Não é só uma questão de me desligar do hospital, isso posso fazer. Mas sinto que eles não querem que eu saia, eles me querem envolvida nesse emaranhado. Mas reconheço também que esse foi um caminho natural. Sempre desejei os altos cargos de comando...

— É... amiga, precisamos ter cuidado com o que desejamos...

Jéssica sorriu e falou:

— Pois agora quero desejar outras coisas...

— E vai conseguir. O que quer fazer?

— Eu vou precisar de muito apoio dos amigos espirituais. Sinto que há muita atividade espiritual negativa naquele conselho, na diretoria.

— Mas afinal, me explique, quem você acha mais ameaçador? O diretor?

— Não, acho que ele também está enredado. É a indústria farmacêutica que comanda, que dita as regras, que domina tudo. Trata-se de uma das indústrias mais poderosas do mundo, Rafaela; daquelas que elegem e derrubam presidentes. O poder que têm é assustador, o dinheiro e o poder são usados tão somente em seu próprio interesse, revertido apenas em parte para o bem da sociedade. À exceção de pessoas que não querem fazer parte desse circo e médicos, que valorizam a vida acima de tudo e perseveram leais em seu compromisso com o Juramento Hipocrático^[36].

Rafaela tocou de leve o antebraço da amiga e, ao ajustar a postura no banco, abriu-se à inspiração e disse:

— O apego, seja ao que for, é um obstáculo ao progresso, ao crescimento e à elevação. Ele nos impede de compreender que a vida é feita de ciclos — e todos eles são bons, úteis e necessários.

Assim como a infância cede lugar à vida adulta, depois vêm a construção de um lar, o cuidado com os filhos... ciclos que se abrem e se fecham, cada um com seu papel no desenvolvimento da alma. Mais tarde, chegam a menopausa, a saída dos filhos, e o tempo de voltar-se para si: cuidar do corpo, da mente e da alma. É o tempo de se amar mais, de reconhecer seu próprio valor, de se reencontrar.

Nesse processo, é possível descobrir tesouros guardados no fundo da alma — talentos, dons e habilidades soterrados por uma vida programada pelos outros. Esse é o momento de resgatá-los e vivê-los. É também a hora de cuidar mais da saúde e da própria felicidade. Um novo ciclo.

Na vida profissional, acontece o mesmo. Muitas vezes nos recusamos a aceitar quando um ciclo termina e insistimos em algo já encerrado, porque não queremos ver, não queremos sentir. Mas o apego, outra vez, nos impede de acolher a nova fase e desfrutar de sua beleza

— Acha que é isso que está acontecendo?

— Não sei. Me responda você. Percebe seu apego?

— Acho que sim.

— Do que tem medo? De ser autêntica? De ser você mesma? De fazer o que é realmente importante para você? Da opinião alheia? De ficar sem dinheiro? De perder o reconhecimento dos seus pares? Dos pacientes?

Jéssica sentia o coração acelerar enquanto Rafaela prosseguia:

— Por que escolheu a medicina? Qual foi a sua real motivação?

Ela parou e silenciou por longo tempo, pensando em tudo o que vivenciara nos últimos meses; a experiência no plano espiritual, seu jardim na colônia; e vasculhou com sinceridade seus próprios sentimentos:

— Queria ajudar as pessoas. Ver minha mãe definhando e sofrer tanto ainda me traz lembranças dolorosas. Quando ela foi internada, comecei a sentir vontade de ser médica, para ajudá-la.

— E o que aconteceu depois?

— Quando estava terminando a residência, percebi que os melhores salários, as maiores fortunas eram dos cirurgiões. Eles eram respeitados, requisitados e valorizados. Minha mãe já não estava mais conosco, e acabei decidindo ser cirurgiã. — Ela fez uma longa pausa, e disse:

— E me saí muito bem, diga-se de passagem.

Rafaela olhou fixamente nos olhos da amiga e falou:

— Você é uma curandeira, Jéssica, isso é o que você é.

— Curandeira? Não!

— A sua essência foi feita para curar, minha amiga. Esse é o seu dom, sua vocação. Ganhar dinheiro, fama ou prestígio são efeitos colaterais de suas habilidades. Mas sua vocação primordial é curar.

Jéssica abriu largo sorriso, sentindo a verdade no que a jornalista falava.

— Você está certa. E digo mais, meu desejo, hoje, é promover a saúde das pessoas, não apenas curar.

— Então siga esse seu impulso.

— Não sei o que fazer exatamente, como agir, quais os próximos passos a tomar, e isso me dá muita angústia. Sempre

planejei tudo em minha vida, sem deixar muito espaço para o improviso. E agora, a essa altura, não sei o que fazer.

— Siga seu impulso. Sua intuição vai te conduzir. E seu mentor e amigos espirituais a ajudarão, inspirando suas próximas ações. Aprenda a confiar de novo neles, Jéssica. Em outra encarnação, você os odiou, achou que tinham te abandonado quando perdeu a vida por fazer unguentos e remédios caseiros, acusada de bruxaria.

— E traí você, Rafaela, você sabe. Lembro-me pouco daquela noite no centro espírita, mas sei que é verdade tudo o que me disseram.

— Eu já superei! Também odiei a Deus por muito tempo, até aprender a compreendê-lo um pouco melhor. Hoje consigo amá-lo.

Os olhos de Rafaela brilhavam intensamente, quando ela disse, num impulso, sem pensar muito:

— Por que não criamos um espaço para você, lá no fundo deste jardim onde poderá cultivar suas ervas, flores, plantas medicinais? Temos espaço para construir um laboratório de manipulação e um consultório onde você possa atender. Há muito desejo fazer alguma coisa naquela área enorme e vazia. Já tivemos vários projetos para implantar ali, mas nenhum deles deu certo. Acho que estava esperando por você. O que me diz?

— Um jardim... – os olhos de Jéssica cintilavam num misto de alegria e entusiasmo.

— O seu jardim, uma área onde poderá criar o que desejar, e usar para o bem das pessoas. O que acha?

— Ervas medicinais?

— Isso mesmo.

— Está falando de medicina natural? Homeopatia, o que? – Indagou a médica.

— Eu não sei, Jéssica. Me diga você.

— Medicina natural e fitoterapia.

— A farmácia de Deus.

— O que você disse Rafaela?

— Explorar a farmácia de Deus. O que acha?

— Parece loucura, mas ao mesmo tempo faz total sentido. Tem certeza de que é a melhor utilização do espaço, para o núcleo da mulher?

— Esse espaço é seu, estava esperando por você.

Jéssica ficou pensativa por longo período, depois disse:

— Você tem um trabalho de ajuda ao próximo aqui. Eu precisarei trabalhar para ganhar algum dinheiro. Tenho o suficiente para me manter por um período, mas vou precisar continuar trabalhando. Eu poderia fazer as duas coisas aqui? Pelo menos no início? Atender gratuitamente em alguns dias, e em outros, atender pacientes com melhores condições? O que você acha?

— Acho que você pode fazer do atendimento gratuito uma exceção. Pode fazer um atendimento com preços reduzidos, para que mais pacientes tenham acesso a medicina natural com orientação adequada. Isso é uma necessidade tão gritante para mim. Médicos que tenham a coragem de fazer a diferença, de dedicar-se a promover a saúde, e não cuidar da doença. E você pode ajudar.

— Já andei pesquisando algumas autoridades médicas em medicina natural. Acho que quero fazer um curso de pós-graduação nessa área.

— Você realmente já sabe o que deve fazer!

— É... mas precisava deste empurrãozinho, Ra-faela. Fala sério sobre a utilização do espaço? Precisa da autorização de mais alguém?

— Vou levar isso à nossa diretoria, é claro, mas o grupo é unido, em sintonia. Sei que todos desejam ver um tipo de trabalho assim florescer em nossa instituição. Será muito bom para todos, Jéssica.

— Muito bem, minha amiga. Agora, acho que tenho todas as informações de que precisava. Está na hora de agir.

CAPÍTULO 42

A médica voltou ao hospital sentindo uma energia intensa envolvê-la, um sentimento forte e positivo que a impulsionava a agir. Revisou todo o tratamento da mãe de Omar, encontrando novos protocolos para curar a doença, decidida a buscar a causa profunda da sua dor: seu estado emocional, a tristeza, a dor pela perda do marido, afetando seu corpo físico.

Ela fez a ronda por todos os seus pacientes e finalizou em Yasmin.

— Como se sente hoje?

— Estou exausta, doutora. Acho que não há mais nada para mim neste mundo! Estou cansada de me sentir mal, triste, essa dor me sufoca dia e noite. Me faz ter vontade de morrer! Não sei por que Alá não me tira daqui...

Jéssica tocou com suavidade o ombro de sua paciente e disse:

— Cama, tenha calma. A senhora vai melhorar, vai ficar boa.

— Como pode dizer isso, doutora? Desde que meu marido morreu, não há um dia que eu tenha paz. Sinto-me atormentada...

— Eu sei que é difícil. Mas a vida nos convida a seguir adiante, e a senhora ainda tem muito a realizar. Confie em mim. Sei que esse ambiente esgota qualquer um; ficar tanto tempo em uma cama de hospital é duro. Mas já vi muitos pacientes se recuperarem completamente e voltarem a ter qualidade de vida. — Fez uma pausa, sorriu e prosseguiu:

— A senhora vai ver. Escute o que estou dizendo... anime-se!

Tocou na testa dela com suavidade e insistiu:

— Nessa parte aqui – na cabeça – reside o maior poder de cura. Precisa acreditar.

— Eu não consigo.

Omar se aproximou e cumprimentou a mãe.

— Como está hoje, mãe?

— Péssima, meu filho. Quero que faça alguma coisa! Quero ir embora dessa vida! Já não aguento mais!

Omar se aproximou e procurou consolar a mãe, enquanto Jéssica despediu-se e se afastou, pensativa.

Ao chegar em casa naquela noite, a médica tomou um banho demorado, buscando se centrar. Queria ficar em contato consigo mesma, com sua alma, para poder escutar o que deveria fazer. Jantou em companhia de Maria Helena, que logo se retirou.

— Se importa se eu subir para o meu quarto mais cedo, mãe? Preciso estudar para as provas.

— De modo algum, filha. Falou com seu irmão hoje?

— Ele não quis vir para casa de novo. Está com o pai.

— Eu sei. Estou preocupada com ele, está distante demais...

— Também acho, mas ele não aceita a separação de vocês. Ele está muito revoltado.

— E você, querida? Como se sente a respeito disso?

— Também odeio ver vocês dois separados, mas eu não sinto raiva. Sei que está fazendo tudo o que pode, mãe. Eu compreendo.

Jéssica abraçou a filha com força.

— Não imagina como seu apoio é importante para mim.

— Eu sei sim, mãe. Do mesmo jeito que o seu por mim. Somos mulheres em um mundo feito pelos homens e para os homens. O que seria de nós, se não nos uníssemos?

— Nossa, filha! Não sabia que pensava assim.

— Eu não penso nada, mãe, apenas tento observar sem reservas, sem bloqueios. A falta de sensibilidade e acolhimento de nosso mundo é triturante. Não é lugar para uma mulher – sorriu de seu próprio comentário, depois continuou – precisamos mudar isso.

— Quem sabe a sua geração consegue fazer algo diferente, Maria Helena. Eu não consegui...

— Mas vai, mãe, tenho certeza de que vai. Preciso subir, vou estudar para as provas.

— Vou trabalhar um pouco mais.

— Agora, mãe? O que vai fazer?

— Estou pesquisando e testando alguns medicamentos fitoterápicos.

— Medicamentos naturais? Como assim?

— Muitas mudanças no horizonte, filha.

— Estou vendo e... estou amando doutora Jéssica.

A filha recolheu-se em seu quarto e Jéssica abriu seu computador e começou a fazer pesquisas de estudos realizados com as ervas que constavam na receita que recebera da espiritualidade. Depois de pesquisar por quase duas horas, foi para a cozinha e começou a preparar o medicamento, fervendo ingredientes, acrescentando outros, ajustando dosagens e tempo de descanso. Ela começou a fazer, e simplesmente sabia o que tinha de fazer em seguida, como se tivesse feito aquilo sua vida toda. Era madrugada quando terminou, tendo um frasco de vidro devidamente tampado sobre o balcão.

Envolvida pelos eflúvios amorosos de Elaine, ela refletiu que precisaria de mais reforços. Yasmin deveria ser colocada nos tratamentos espirituais da casa espírita. Ela, então, fez uma prece que brotava do mais íntimo de seu ser:

— Jesus, não somos muito íntimos, eu sei, mas preciso de sua ajuda e orientação. Você curou doentes de todo o tipo, principalmente aqueles que estavam doentes da alma. Ajude-me, mostra-me o caminho. Me dá a certeza para que eu aja com sabedoria e entendimento. Preciso de você.

Ela silenciou e logo sentiu um suave torpor envolvê-la e uma alegria tomou seu ser, depois paz, serenidade, calma. Ela ergueu-se, apagou a luz e murmurou:

— Parece que já me respondeu... Obrigada.

Na manhã seguinte, Jéssica chegou bem antes da troca de plantão. Deixou suas coisas no consultório e foi direto para o leito de Yasmin, na UTI.

Ela estava sonolenta e não recusou a dose de remédio fitoterápico que Jéssica lhe ministrou, em se-gredo, longe dos olhares das enfermeiras e assistentes de serviço. Não fez nenhuma anotação no prontuário, exceto a orientação expressa para diminuição gradativa dos medicamentos que Yasmin estava tomando. Quando assinou o prontuário com as atualizações, sentiu um frio percorrer-lhe o corpo.

— O que está fazendo, doutora? – Uma voz sinistra ecoava em sua mente. – Vai matá-la também?

Pelo teor energético, Jéssica distinguiu claramente que aqueles pensamentos não lhe pertenciam e os ignorou. Voltou ao seu consultório e deu prosseguimento aos atendimentos. Perto do horário do almoço, ministrou outra dose de seu remédio natural e em seguida ligou para Rafaela. Explicou suas intuições e escutou da amiga:

— Vou ligar para Regina agora mesmo. Hoje à noite temos tratamento no centro e já vamos colocar o nome de Yasmin nele. E explicarei o que me disse a ela. Estou surpresa por estar recorrendo ao tratamento espiritual, Jéssica. Não que eu tenha alguma dúvida, de modo algum. Já vi coisas impressionantes acontecerem. Mas pensei que você ainda não tivesse confiança nesse tipo de prática.

— E ainda não tenho. Mas resolvi acreditar com tudo, minha amiga. Estou colocando minha carreira em risco, e preciso de toda ajuda disponível. E... estou tendo algumas experiências espirituais que não posso ignorar... seria teimosia e negação demais.

— Que bom, doutora! Bem-vinda de volta, Jéssica. A verdadeira Jéssica.

As duas riram e desligaram.

— Muito bem. É tudo ou nada agora. – Repetiu baixinho.



À noite, no núcleo espírita, as atividades corriam como habitual. O tratamento de doutrinação, também chamado de desobsessão começou. Seis participantes ocupavam a mesa oval que ficava no centro da sala. Naquela noite, Rafaela reforçava o grupo.

Vários atendimentos foram acontecendo, e, de repente, um dos espíritos presentes, comunicando-se por um dos médiuns, gritou e bateu forte na mesa:

— O que pensam que estão fazendo – vociferou ele. – Parem imediatamente. Ela tem de pagar! Pagar pelo que me fez! Vocês não entendem! Não podem protegê-la ou ajudá-la. Ela é culpada! Tem de pagar.

— Qual é o seu nome, meu irmão – indagou o responsável pela orientação espiritual.

— Hassan.

— Pode me dizer quem é culpada?

— A tal doutora.

— Que doutora?

— Aquela que está vindo aqui, com cara de boazinha.

— Quem é? Poderia me dizer?

— Só de falar o nome dela, me dá um ódio! Jéssica. A odiosa médica que me deixou morrer.

— O que está fazendo ainda aqui, meu amigo? Precisa seguir com sua vida. Está perdendo seu tempo buscando vingança?

— Ela tem de pagar! Ouviu! – O espírito, através do médium bateu forte na mesa outra vez.

— Ela pensa que eu não sei? Foi ela quem tirou a minha vida.

— Por que pensa isso? Ela cometeu algum erro?

— Ela me envenenou... acabou com minha vida e minha família... Faz muito, muito tempo...

— O que está querendo, meu amigo? Se vingar? Ela agora é outra pessoa...

— Não consigo fazer muito, ninguém me escuta. Mas onde posso, eu a atrapalho.

— Onde você fica, normalmente?

— Em minha casa, é claro. Minha esposa Yasmin anda muito doente. Minha filha, Amira, nunca está em casa. Eu cuidava de tudo e agora minha mulher está so-zinha. Meu filho, esse sim é corajoso. Bateu naquela mu-lher até quase matá-la. E fui eu que o fiz fazer aquilo. – Ele gargalhou.

— Mas ela não morreu, não é mesmo? Ela está aprendendo e mudando o rumo da própria vida. E você? Até quando vai ficar influenciando a família, envene-nando sua mulher com ódio e ressentimento? Enlouquecendo seu filho, a ponto de ele quase destruir a própria vida. Precisa parar com isso. Parar de tentar fazer justiça com as próprias mãos. Deus está no controle e seja lá o que for que ela lhe tenha feito, nesta ou em outras vidas, ela responderá diante das Leis Divinas. Do contrário, vai acabar matando a sua esposa. É isso que você quer, meu irmão? Acabar com sua família?

Seguiu-se longo silêncio. Hassan aquietou, pensa-tivo.

— Não quero ferir os meus...

— Mas é isso que está fazendo. – Falou o orientador sob forte influência dos mentores espirituais – Você precisa de ajuda, para conseguir compreender seu estado atual, e se recuperar para prosseguir seu caminho de crescimento espiritual. Precisa aprender a perdoar, para poder seguir adiante. Fique aqui conosco. Liberte sua família de sua presença, por agora. Quando estiver mais equilibrado poderá vê-los de novo.

Intensamente envolvido por energias amorosas que emanava do grupo vigilante e em oração, Hassan encolheu-se no canto da sala e começou a chorar baixinho. Elaine se aproximou e convidou-o:

— Venha comigo, amigo. Você precisa descansar. Está muito doente ainda. Deixe-nos ajudá-lo. – Ela estendeu a mão e tocou-o suavemente.

Ele deixou-se envolver ainda mais pelas energias amorosas e seguiu com Elaine para a área de internação na dimensão espiritual do núcleo espírita.

Quando o trabalho terminou, já fora das dependências do núcleo, Rafaela conversou com Gerson, tirando as suas dúvidas sobre a manifestação e o atendimento.

Chegando em casa, ligou para Jéssica e contou o que acontecera assegurando:

— Ele foi recolhido e está em tratamento agora. Yasmin prossegue em nosso tratamento, e receberá a visita dos médicos espirituais, para acelerar sua recuperação.

— Tem certeza de que era mesmo ele, o pai do Omar?

— Falou que o nome dele é Hassan e a esposa se chama Yasmin.

— Hassan, Jéssica repetiu. É o nome do pai de Omar, que morreu em cirurgia que eu fiz.

— É ele, Jéssica.

— Meu Deus, Rafaela. Então ele estava influenciando toda a família?

— Estava. E tinha muito, muito ódio de você... Acho que foi ele que você...

— É. Ele que eu envenenei numa vida passada... É claro que é por isso que me odeia e não por conta da cirurgia... Meu Deus... se eu não estivesse amparada e em um processo de me perdoar, o que eu faria agora?

— Por isso é que tudo chega a seu tempo... Agora, o caminho está livre para o tratamento de Yasmin e sua reconciliação com Omar. Acho uma oportunidade maravi-lhosa que o mundo espiritual está te dando. Eles confiam em você Jéssica.

— Que impressionante tudo isso. Vou me dedicar sem hesitação, Rafaela. Aproveitar ao máximo essa oportunidade de redenção maravilhosa. Muito obrigada por sua ajuda.

CAPÍTULO 43

Com o início do tratamento espiritual e o afastamento do espírito de Hassan para ser tratado, as energias negativas e deletérias que se acumulavam sobre o corpo espiritual de Yasmin começaram a se sua-vizar. O tratamento espiritual seguiu, energizando-a e devolvendo-lhe as forças físicas, mentais e espirituais. Em conjunto com o tratamento fitoterápico, que agia sobre os pontos do organismo onde a influência energética a tinham enfraquecido, o quadro dela começou a se transformar. Em quinze dias, a mãe de Omar já havia sido transferida para o quarto. Estava andando, comendo, sorrindo. Em plena recuperação.

Jéssica prosseguia reduzindo gradativamente a medicação convencional de Yasmin, até retirá-la por completo, ao mesmo tempo em que ela continuava ministrando os medicamentos naturais pessoalmente.

Naquela manhã, satisfeita, Jéssica suspendeu totalmente os medicamentos convencionais. Sem perceber que estava sendo observada, ministrou o novo tratamento enquanto conversava com a paciente.

A enfermeira-chefe, Heloísa, que não costumava estar ali naquela hora, surgiu sorrateira e passou a acompanhar tudo à porta. Suspeitava da cirurgiã e, a mando de Caio — que queria informações sobre a conduta diária de sua chefe de cirurgia — vinha vigiando Jéssica havia dez dias.

Filmou todo o procedimento, registrando cuidadosamente cada detalhe. Não lhe importava a evolução positiva do quadro da paciente; importava apenas reunir provas contra a médica.

Heloisa saiu assim que Omar se aproximou, e foi entregar o resultado de sua “espionagem” ao diretor geral.

Omar sorriu ao ver Yasmin tão bem.

— Como a senhora está hoje, mãe?

— Sinto-me melhor, meu filho. Estou querendo ir para casa...

— Isso é muito bom! Sinal de que realmente está melhorando.

— Eu estou. Graças a essa mulher – ela segurou firme a mão de Jéssica – que está se arriscando para me ajudar.

Ele fitou Jéssica interessado.

— Como assim, se arriscando?

— Ela está usando um tratamento não convencional, que está me trazendo de volta à vida...

A médica não sentia mais vontade de se esconder. Estava maravilhada com a recuperação de Yasmin, e respondeu, serena;

— Fique tranquilo, estou usando fitoterapia para o tratamento. Os remédios não estavam fazendo efeito e eu tinha de fazer alguma coisa.

— Você é maluca? Se alguém descobrir...

— Não vê que ela está melhorando com consistência? Mais alguns dias de tratamento, e poderemos lhe dar alta. Isso lhe parece bom?

— Sim, é muito bom, mas...

— Mas o que, Omar? Filho, faz quase dois anos que não me sentia tão bem. Estou leve, sinto-me mais forte, com vontade de viver. E até mesmo um esboço de alegria me visita esporadicamente. Acho isso um verdadeiro mi-lagre, já que eu tinha desistido da vida.

— Mãe... – Omar a abraçou com carinho – Como pode dizer isso?

— Exaustão, filho. Eu estava exausta demais para reagir.

Ele balançou a cabeça em sinal de que compreendia. Jéssica se despediu de sua paciente e voltava para o consultório, quando Omar a alcançou.

— Jéssica – chamou ele quando ela entrava no elevador.

Ela sorriu:

— Eu não disse que iria ajudá-la?

— Obrigada. Você a trouxe de volta.

— Não fui eu, Omar. Foi o tratamento alternativo que adotei que teve um efeito surpreendente. Ao menos para nós, médicos tradicionais, que não acreditamos em nada além do que nossos conhecimentos acadêmicos.

— Você não acredita mais neles?

— Acredito sim, mas não somente neles. Há mais, muito mais. Muitas outras possibilidades para oferecermos saúde integral a nossos pacientes. Saúde que os fortaleça e liberte da dependência nefasta de componentes químicos e efeitos colaterais tão ou mais prejudiciais do que as doenças.

— Mas a fitoterapia tem seus riscos. As plantas também podem causar malefícios.

— Sem dúvida, quando mal utilizadas, ou quando o paciente se automedica sem orientação. Mas as ervas são maravilhosas, Omar. Elas são uma verdadeira farmácia do Criador, feitas sob medida para as necessidades humanas. Nunca deveriam ter sido deixadas de lado pela classe médica.

Omar fitava a médica com curiosidade e indagou:

— O que foi que aconteceu com você? Até em Deus está falando? Você não acreditava em nada, a não ser em você mesma e na medicina...

— Pois é, meu amigo, como as coisas mudam...

Ele soltou a porta do elevador, que começou a se fechar, mas ele impediu novamente que se fechassem, e falou visivelmente tocado:

— Agradeço o que fez por ela. Eu sentia que ela estava indo embora, que eu a estava perdendo... Obrigado.

A porta se fechou e a médica foi para seu consultório.

Estava chegando em sua sala, quando Caio, acompanhado de dois advogados do hospital, se aproximaram.

— Doutora, precisamos conversar. Pode nos acompanhar, por favor?

Jéssica os acompanhou em silêncio. Pela atmosfera pesada que sentia, logo imaginou que sua prática tivesse sido descoberta. Enquanto caminhava, ela pensava que estava pronta para enfrentar

o que fosse. Afinal, não iria acatar as ordens que recebera. Ao contrário. O número de cirurgias estava diminuindo, ao invés de aumentar. A médica fiscalizava pessoalmente cada solicitação de cirurgia de seu departamento, realizando uma verdadeira auditoria para identificar solicitação de procedimentos que eram desnecessários, e só aprovava os que lhe parecessem absolutamente imprescindíveis.

Ao entrarem na sala de reuniões, Caio encarou a médica com raiva e perguntou:

— O que pensa que está fazendo?

— Não sei do que está falando.

Ele abriu o celular e mostrou a ela a gravação que Heloísa fizera.

— Estou falando disso. A senhora perdeu o juízo?

— Por que doutor? O que foi que fiz de errado? A paciente está se recuperando. Está praticamente curada.

— Eu sei, eu mesmo verifiquei o estado dela. Auto-rizei a alta dela para amanhã. Mas a senhora infringiu todas as regras deste hospital, além de descumprir suas metas e orientações. Não vou perder mais o meu tempo com você, doutora. Achei que fosse mais inteligente. Mas vejo que cometi um erro. A senhora está demitida. Pegue suas coisas agora mesmo, e vá embora deste hospital. Não a queremos mais aqui.

Jéssica não respondeu. Levantou-se com calma e balançou a cabeça em sinal de concordância. Estava a-brindo a porta, quando ele acrescentou:

— E vamos processá-la.

— Pelo quê, qual foi o erro médico que cometi?

— Vamos achar alguma coisa. Improbidade médica, imprudência, não é mesmo senhores – ele dirigiu a pergunta aos advogados presentes.

— Improbidade administrativa será um dos pontos, com certeza. E vamos convencer Omar a denunciá-la por prática indevida. A senhora vai responder na justiça por suas ações, vamos tirar seu CRM^[37].

As entidades espirituais que estavam no ambiente sentiam ódio por Jéssica. Aquela mulher, antes tão fácil de ser influenciada e conduzida, era agora um problema para eles, que agiam em perfeito consonância com a di-reção do hospital.

— A senhora pode se retirar. E nunca mais me apareça neste hospital. Nem mesmo como paciente.

Um dos advogados tocou de leve o antebraço de Caio, como advertência para que não se excedesse e ele se calou.

Jéssica saiu da sala sentindo o peso de todas aquelas ameaças. Embora estivesse confiante em suas decisões, as energias atiradas nela, criaram uma onda de vibração que fizeram seu coração acelerar. Entretanto, ela não se entregava àquelas vibrações. Procurava manter a mente serena, os pensamentos fixos nos resultados de Yasmin, que era o que lhe importava mais.

Seguiu para seu consultório e recolheu todas as suas coisas. Amanda entrou na sala com a agenda na mão.

— A senhora tem uma consulta... doutora, o que está fazendo?

— Recolhendo as minhas coisas.

— A senhora vai embora?

— Sim, estou me desligando do hospital.

— Mas por quê?

— Digamos que é uma incompatibilidade profissional.

— Não entendi.

— Está tudo bem, Amanda. Me passe todos os telefones dos meus pacientes, com cirurgia marcada. Vou conversar com todos eles pessoalmente. E os que tem consultas, pode desmarcar e fornecer meu telefone pessoal. Peça desculpas por mim, diga que não pude ligar pessoalmente, mas que estou à disposição se precisarem dos meus serviços, em caráter particular.

— Está bem. — A jovem ficou desnorteada.

— Calma, Amanda, assim que o meu consultório particular estiver pronto, vou te ligar. Se quiser continuar a trabalhar comigo, te levo junto.

A jovem, muito nervosa, tentou sorrir, acompanhando os movimentos rápidos da médica, que agia como se estivesse fugindo de alguma coisa. E de fato, sem perceber, ela estava. Queria livrar-

se daquelas sensações opressoras e penosas. Não aguentava mais o peso que aquele ambiente vinha lhe causando. Sua vontade de sumir dali se potencializava agora que, finalmente, estava livre.

Enquanto dirigia para casa, ela pensava:

"Meu Deus! Como é grande a nossa prisão mental enquanto humanidade. Uma prisão invisível que só percebemos quando tentamos nos libertar."

Relembrando as ameaças de processos judiciais e temendo por sua integridade, ela pensava: *"E há punições para os que tentam sair da jaula"*.

CAPÍTULO 44

J éssica entrou em casa carregando uma caixa grande, com tudo o que trouxera do consultório. Maria Helena estava lendo, sentada no sofá da sala.

— Mãe! Está tudo bem? – A jovem se surpreendeu com a chegada da mãe e sua agitação.

— Vou ficar bem, minha filha. Eu sei que vou...

— O que aconteceu?

Ela pousou a caixa pesada sobre a mesa da sala. Tirou seus quadros de dentro, com os cursos e placas eméritas que ganhara em cada especialização realizada.

A filha, já pressentindo o que ocorrera, insistiu:

— O que foi?

Fixando o olhar na filha, a médica respondeu:

— Fui demitida.

— O que? Por quê?

Jéssica puxou uma cadeira e sentou-se, tentando acalmar e organizar os pensamentos.

— Bem, a desculpa foi de que não cumpri os protocolos do hospital, o que é verdade. Mas de fato, sinto como uma punição.

— Punição? Por qual motivo?

— Porque eu decidi não me submeter às ordens com as quais não concordo. Simples assim.

Maria Helena abriu um sorriso e indagou:

— E como está se sentindo, de verdade, lá no fundo?

Jéssica fez uma pausa, buscando ser o mais sincera possível, e respondeu sorrindo.

— Aliviada. Sinto-me livre e aliviada. E... como se tivesse viajado por longo tempo e agora, estivesse de volta para casa, para um lugar acolhedor, amigável, agradável, e que me faz bem.

Maria Helena abraçou a mãe com força.

— E agora? O que vai fazer?

— Acho que vou começar uma nova etapa na minha vida e na minha carreira. Rafaela me ofereceu uma área nos fundos da instituição dela, para montar um laboratório experimental e de manipulação fitoterápico.

— Aquele fundão amplo no quintal?

— Sim.

— Isso é maravilhoso! Vai fazer algo totalmente diferente. Vai deixar a cirurgia...?

— Sim, ao menos a material... a espiritual, quem sabe?

— Então, precisamos contar para o pai e para o Felipe. Precisamos celebrar.

— Calma. Não quero contar antes de estar com tudo mais claro. Vou tomar um banho e me organizar. Depois falar com Rafaela. E então, com tudo no lugar, vou dar a notícia ao seu pai.

Começava a entardecer, quando Jéssica ligou para Rafaela. Assim que atendeu, a jornalista falou, animada:

— Jéssica, que bom que você ligou. Estava precisando mesmo falar com você.

A médica quase não conseguia respirar. *E se a resposta do conselho tivesse sido negativa? E se ela não pudesse ocupar aquele espaço? E se...*

— Conversei com o conselho ontem mesmo.

— E...

— Quer saber qual é a ótima notícia? Temos sinal verde para implantar o que conversamos. Temos muito, muito trabalho pela frente, amiga. Organizar o projeto, arrecadar fundos, viabilizar financeiramente, mas as necessidades têm crescido tanto, muitas pessoas buscando socorro para doenças físicas e mentais, que não estamos dando conta. Fazemos o que podemos, e dispensamos a maioria. Mas com você aqui, com o projeto funcionando, vamos atender a um número enorme de pessoas.

Rafaela fez uma pausa, com a voz perceptivelmente embargada pela emoção. E limpando as lágrimas que desciam pela sua face do outro lado da linha, ela concluiu:

— Agora é a sua vez de se decidir. Está pronta para deixar sua vida luxuosa e poderosa para trás?

— Eu já deixei, Rafaela. Estou pronta para começar essa nova fase. Mas tem uns probleminhas que poderemos enfrentar.

— Que problemas?

— Acho que vou ter de enfrentar um processo judicial por parte do hospital. Eu sinto que virão com tudo para cima de mim.

— O que houve?

— Eles me demitiram. E quer saber, eu achei ótimo.

— Por qual razão fizeram isso?

— O pretexto foi o tratamento fitoterápico que apliquei em Yasmin, contra os protocolos do hospital. A receita que recebi dos espíritos, se lembra?

— Claro. E deu certo?

— Ela estava recebendo alta hoje, quase completamente recuperada. Certamente será minha primeira paciente no núcleo.

— Então você já pode começar amanhã mesmo aqui?

— Amanhã não digo. Preciso de uma semana ou duas, para me organizar e me preparar para o trabalho. Mas sim, já estou livre para começar.

— Desculpe por me sentir tão bem com isso. Não sei se você ficou bem, ou se está aborrecida, frustrada, não sei. Toda a sua vida profissional acontecia ali.

— Eu estou bem. Sinto uma melancolia, sei que vou sentir falta das cirurgias. Mas estou tão entusiasmada com os resultados de Yasmin e de Maria Helena também, com as perspectivas que se abrem, que posso dizer que estou realmente feliz por tudo isso ter acontecido. Sinto que, como você sempre diz, tudo está em seu devido lugar. Mesmo sem enxergar completamente o que vem a seguir, sinto-me confiante.

— Vou preparar uma sala para você utilizar aqui no núcleo.

— Não sei se isso é necessário, Rafaela. Estou pensando em ter um consultório particular, em paralelo ao meu trabalho no

núcleo. Assim, posso fazer os atendimentos gratuitos com vocês, e em meu consultório, à medida que for desenvolvendo meus conhecimentos e aplicações dos medicamentos, atender às pessoas que busquem por tratamentos naturais com embasamento e pesquisas.

— Vejo que não perdeu tempo, Jéssica.

— Já perdi tempo demais. Agora, quero ampliar meus horizontes.

— Então, doutora, seja bem-vinda ao núcleo de apoio à mulher.

— Obrigada, minha amiga. Acho que sem você, isso não teria acontecido.

— Claro que teria. A espiritualidade usa aqueles que estão disponíveis. E está claro que eles queriam muito você usando suas habilidades e conhecimentos dentro dos planos deles.

Rafaela fez uma longa pausa, depois falou:

— Com relação aos probleminhas de que falou, não se preocupe. Caso precise de apoio jurídico, temos excelentes advogadas que são voluntárias aqui no núcleo, como você pode imaginar.

— Obrigada. É bom saber que isso não te preocupa. Não quero levar problemas para vocês.

— Nem pense nisso. Problemas é o que mais temos por aqui...

As duas riram e se despediram. A cada novo desdobramento da situação, Jéssica sentia-se mais em paz, confiante de que estava fazendo o que era certo para ela.



Em menos de um mês, a vida da médica foi transformada. Ela montou seu consultório e preparou-se para receber os novos pacientes. Tudo isso foi fácil, com os recursos financeiros e contatos que ela tinha. Depois de tudo montado, chegou o mais difícil: os pacientes. Ela não tinha desenvolvido uma atuação que lhe abrisse portas para trazer pessoas ao seu consultório. Tudo lhe vinha

facilmente no hospital, onde contava com toda a infraestrutura. Sozinha, ela tinha dificuldade. E esse foi apenas uma delas. Jéssica foi processada pelo hospital, que induziu pacientes a fazerem o mesmo. Foram mais de trinta processos abertos contra ela. E o objetivo era nítido: impedir que ela praticasse a medicina, caçando sua licença.

Depois de dois meses de sua saída do hospital, ela vivia uma fase conturbada, cheia de dissabores e insatisfações. O trabalho com as receitas seguia firme no núcleo espírita; ela estava contribuindo para atenuar a dor de doenças em muitos que procuravam o núcleo em busca da cura orgânica. Mas as demais áreas da sua vida estavam uma verdadeira bagunça. O marido ainda não desistira da ideia do divórcio. Felipe resolveu morar com o pai em definitivo, já que vivia mais lá do que com ela. Jéssica contava com o apoio da filha, de Fernanda e de Rafaela, além de um verdadeiro séquito de trabalhadores espirituais que a apoiavam, entre eles, Elaine.

Os dias seguiam confusos. A médica tinha pouco tempo, dividindo-se entre o curso de pós-graduação que fazia com um renomado nutrólogo brasileiro e suas próprias pesquisas para otimizar a produção dos fitoterápicos e outros remédios naturais. Utilizava como base muitos estudos de medicina naturais efetivados na Alemanha, onde a medicina natural enfrentava menos barreiras do que nos Estados Unidos, onde a indústria química e farmacêutica, dominavam o mercado, influenciando inclusive nas universidades.

Queria produzir mais e sentia uma compulsão por trabalhar durante a noite, como já fizera tantas vezes como cirurgiã, seguindo noite adentro em plantões intermináveis e cirurgias que chegavam a durar dezoito, vinte horas. Queria ter mais tempo.

Certa noite, em que adormeceu enquanto trabalhava no computador, seu corpo espiritual desdobrou-se e ela, relativamente lúcida, encontrou-se com Elias, Elaine, e mais três espíritos amigos, todos da área médica. Assim que os viu, ela exclamou:

— Que bom que estão aqui, meus amigos! Tenho certeza de que vieram para me orientar em como andar mais depressa, em como me livrar dos impedimentos que me atrasam e dificultam a minha jornada.

Elias abraçou-a com carinho, e depois foi a vez de Elaine.

— Doutora, precisamos conversar.

Jéssica ia falar, mas Elias a impediu:

— Sabemos suas angústias, temos acompanhado seus desafios, mas estamos aqui para falar e você precisa nos escutar. Consegue fazer isso, doutora?

— Estou um pouco ansiosa, mas vou tentar.

— Que bom. Façamos uma prece, para deixar nosso ambiente mais elevado. Oraram.

Com calma Elias começou a falar, enquanto os demais permaneciam em silêncio e claramente traba-lhando para manter as vibrações do ambiente mais ele-vadas.

— Sabemos todos os percalços pelos quais está passando Jéssica. E não estamos aqui para removê-los. É você que terá de vencer cada um deles, um a um, até que sobrem apenas as pedras novas em seu caminho.

Ela olhou espantada; não esperava por aquela colocação.

— Muitos desses problemas que agora você enfrenta, são resultados de escolhas equivocadas que você fez, muitas nesta vida, e algumas em vidas anteriores. O objeto do maior trabalho a ser feito está aqui dentro – ele pousou a mão sobre a testa da médica. – Você precisa trabalhar em seu interior, para remover a origem que desencadeou as circunstâncias que finalmente se materializaram. Estamos aqui para te fortalecer, e te assegurar que você não está sozinha. Vamos te apoiar e ajudar, em toda a sua trajetória. Mas não espere por facilidades, minha irmã. Aqueles que trabalham para a luz, enfrentam sempre a fúria das trevas. Inclusive das próprias trevas que traz na alma.

Ele fez uma longa pausa, depois prosseguiu:

— Você acha que seu propósito é curar as pessoas, e essa é a parte prática do seu propósito. Mas ele consiste, acima de tudo, em você dedicar-se ao seu próprio crescimento.

Ela fez sinal de que queria falar, mas ele prosseguiu:

— Esse é o propósito primordial de todos os seres, estando dentro ou fora do corpo denso. Esse é um propósito universal e atemporal. Dedique-se a ele, Jéssica. E expanda seu crescimento

com a sua missão nesta encarnação, que é promover a cura física de seus semelhantes. Mas para que possa fazê-lo como se deve, precisa dedicar-se à mais profunda conexão consigo mesma. Então, viemos te dizer que precisa ir mais devagar, ter mais calma. Desacelere. Você não precisa correr. Seu trabalho está focado na cura, mas acima de tudo, na prevenção de doenças. E essa prevenção é muito ampla, envolvendo inclusive os cuidados com a mente, as emoções e a alma. Então, você precisa aprender essa medicina integral, tendo como principal cobaia, você mesma. Mergulhe em seu interior, aprenda a conhecer-se em profundidade. Precisa separar alguns períodos significativos de seu dia para ficar a sós consigo mesma, para silenciar a mente, ouvir seu coração e sua alma. E nesta experiência, vai retirar insights preciosos para ajudar os demais, bem como acessará intuições que a ajudarão a resolver os problemas práticos que estão surgindo em sua vida. Confie no processo, Jéssica. Nada se constrói de improviso. É preciso confiar que as transformações duradouras precisam acontecer de dentro para fora do seu ser.

Ele fez uma longa pausa. Jéssica, agora mais calma, tinha lágrimas nos olhos.

— O que foi, Jéssica? – o mentor indagou.

— Estou com medo de não dar conta de tudo, de não ser capaz...

— Uma coisa de cada vez, doutora, sem atropelos, sem excesso de atividades, com calma e ordem. Você aprenderá a priorizar e realizar o impossível. Com calma, com leveza.

— E o meu casamento? Não quero que ele acabe...

— Ele já acabou, doutora. Agora, precisa construir uma nova relação com seu marido. Precisa abrir-se com ele e compartilhar suas novas perspectivas. Ele precisa conhecê-la de novo, do mesmo jeito que você a ele. Infelizmente, vai dar mais trabalho do que você gostaria. Sempre fugiu da dedicação que um relacionamento exige para que floresça. Mas, se quiser que seu casamento tenha uma nova chance, volto a dizer, precisa focar dentro de si mesma, deixar brotar de dentro de si a suavidade, amorosidade, a doçura pela qual o seu companheiro anseia. E

aceitar que ele a ajude, que a apoie, que inclusive contribua para seus estudos. Ele tem muito a acrescentar, se você deixar.

Ele fez nova pausa, depois finalizou:

— Você pode vencer, Jéssica. Tem tudo a seu favor.

— E a área de saúde no núcleo da mulher?

— Estamos trabalhando para materializá-la. Temos total interesse em que ela seja implantada. No devido tempo, tudo será resolvido. Você consegue confiar, Jéssica?

— Preciso aprender a confiar e trabalhar em equipe.

— Isso mesmo.

Ele abriu um sorriso largo e disse:

— Estamos muito orgulhosos de tudo o que você está fazendo. Está reconstruindo sua vida de um modo iluminado, reescrevendo a sua história, doutora. E queremos contribuir.

Jéssica sorriu.

— Lembre-se. Faça menos, não mais. É assim que terá tempo e condições mentais e emocionais de acessar os repositórios de luz e sabedoria que traz em seu interior, nesse lugar em que sua centelha divina se conecta com a Fonte Divina de luz e sabedoria, trazendo essa beleza para o mundo exterior. Estaremos sempre ao seu lado.

A última a se despedir de Jéssica foi Elaine:

— Doutora, você não pode acreditar que uma vez que uma questão seja solucionada, ela permanecerá resolvida ou que uma vez que aprendamos algo novo, continuaremos conscientes disso para sempre. É preciso voltar e voltar aos temas relevantes, até que eles estejam completamente introjetados pela prática, vivenciados nos hábitos novos. A vida é excessivamente ampla e complexa, expandindo-se e surpreendendo com novas necessidades.

Elaine a abraçou com enorme carinho e Jéssica deixou-se envolver por aquela sensação amorosa; compreendeu o sentido das palavras de seus amigos espi-rituais e sentiu-se mais calma, serena e confiante.

CAPÍTULO 45

Nas semanas que se seguiram, Jéssica sentiu-se fortalecida e colocou em prática os conselhos de seus orientadores espirituais: buscou reorganizar suas atividades, de modo a dedicar-se apenas a uma coisa de cada vez, trabalhando a ansiedade e os impulsos quase incontroláveis de cobrar-se a fazer mais e tudo ao mesmo tempo.

À medida que desacelerava sua mente, os resultados que obtinha começaram a melhorar. Uma nova sabedoria fluía, trazendo ideias, soluções; ela recebia o que precisava, em cada momento. Começou a se maravilhar com essa nova maneira de viver, de olhar para os problemas, de posicionar-se diante da vida. E percebeu quanto tudo mudara para ela. As coisas, aos poucos, entravam nos eixos, encaixavam-se, como se um grande quebra-cabeças estivesse sendo montado, e ela apenas observasse e movia a próxima peça.

Naquela manhã, estava preparando-se para sair com Maria Helena, quando informaram da portaria que um oficial de justiça queria vê-la. Ela desceu com o coração acelerado, pensando: meu Deus, mais um ataque...

O homem com rosto sério, como se sentisse ódio do mundo, entregou a ela uma intimação. Ela abriu o documento e leu. Era uma nova acusação e o processo pedia a cassação de sua licença para praticar medicina.

Ela já havia enfrentado todo tipo de acusações, inclusive daquele teor. Sua vida havia sido exposta na internet, com acusações falsas e alegações distorcidas. Enquanto a porta do elevador se fechava, Jéssica encostou-se e suspirou profundamente murmurando:

— Meu Deus, será que nunca vão me deixar em paz?!

Antes mesmo que pudesse elaborar qualquer pensamento, ouviu uma voz dentro de sua mente que respondia sua indagação:

— Lembre-se de você mesma, doutora, e de tudo em que acreditava. Você já esteve no lugar onde eles estão agora. Mudar requer coragem. Tenha confiança! Você não está nem nunca estará sozinha. Essa é uma guerra que estamos enfrentando. E a amplitude dela é muito maior do que você poder enxergar. Há uma ação cuidadosamente coordenada para enfraquecer os seres humanos de todas as formas possíveis: física, mental e espiritualmente. Essas ações acontecem há milênios, mas agora, estão chegando no perigoso ponto de alterar geneticamente um corpo que foi elaborado por Jesus e espíritos^[38] angeli-cais. Precisamos de guerreiros aqui no planeta, dispostos a contrabalançar essas ofensivas. E você é uma delas. Você pode, doutora, confie. Eles não prevalecerão.

Apesar de cansada, Jéssica logo se acalmou, lembrando que seus advogados vinham tendo êxito na condução de alguns processos que ela já enfrentava. Não seria aquele que a iria derrubar.

Quando entrou no apartamento, o interfone tocou novamente e ela atendeu:

— O que foi agora?

— É o senhor Vitor que está subindo. Ele pediu para avisá-la.

Ela recolocou o interfone no lugar e a campainha tocou.

— Bom dia, Vitor.

— Espero não estar te atrapalhando muito. – Ele disse, assim que ela abriu a porta.

— Entre. Quer um café? Ia fazer agora.

— Vai ser ótimo. Estou precisando de um.

Ela preparou o café em silêncio, com calma, enquanto ele a observava. Vitor sentiu o perfume da esposa que envolvia suavemente o ambiente. E muitas lembranças boas começaram a emergir de sua memória. De repente, ele sentiu vontade de abraçá-la. Queria lutar com aquele ímpeto, pois estavam em vias de se

separar. Ele estava ali exatamente com esse objetivo: que ela assinasse os papéis do divórcio.

Observando a silhueta da esposa, usando um vestido azul claro que modelava suavemente seu corpo, ele não conseguiu se conter. Levantou-se, foi até o amplo balcão onde ela trabalhava de costas para ele e a abraçou forte.

Jéssica quase desmaiou. Desejava que aquilo acontecesse há tanto tempo... deixou-se envolver pelo abraço, sem resistência. Então, quando ele afrouxou de leve os braços em torno do corpo dela, ela virou-se e olhou-o nos olhos. E não foi possível controlar. Os dois trocaram um beijo longo e apaixonado, e ficaram completamente envolvidos e conectados naquela emoção que os unia de novo, com laços energéticos invisíveis. Como se uma nova teia de afeto se restabelecesse entre eles.

Maria Helena apontou no alto da escada em silêncio, e logo viu os dois se beijando. Abriu um largo sorriso, e saiu dando passos de ré, delicadamente, para não fazer barulho. Quando entrou em seu quarto, fechou a porta e deu pulos de alegria, falando:

— Isso!

E dirigindo-se mentalmente aos amigos espi-rituais, balbuciou: *Obrigada*.

Jéssica e Vitor tomaram o café e, como se uma barreira invisível tivesse sido derrubada, conversaram por quase uma hora e nenhum deles tinha coragem de tocar no assunto do que o tinha levado à casa da esposa naquela manhã. Ele por fim, falou:

— Preciso ir, tenho paciente daqui a meia hora.

— Também tenho trabalho a fazer.

Ela o acompanhou até a porta e ele indagou:

— Que tal um jantar em família hoje à noite? Todos nós.

Jéssica abriu largo sorriso, um sorriso leve que ele adorava, e respondeu:

— Seria ótimo.

— Então está combinado. Jantamos todos juntos.

Ele fitou-a nos olhos e a beijou outra vez antes de entrar no elevador.

Ao voltar para o apartamento, Jéssica fechou a porta e sorriu com imensa alegria. Sem dúvidas, aquele era um recomeço. Ela se sentia como no início do relacionamento deles, quando começaram a sair; ele se sentia do mesmo modo. Ainda havia amor entre eles. E quando há amor, tudo é possível.

Num relance, quase como uma autossabotagem, ela lembrou-se de seus casos extraconjugais, principalmente com Omar. Mas, com astúcia, interrompeu as lembranças, e murmurou falando consigo mesma: *eu preciso aprender a me perdoar. E a consertar meus equívocos. E vou fazer isso.*

Àquelas afirmações, as lembranças se desvaneceram e ela sorriu novamente.

Maria Helena desceu as escadas sorrindo.

— Bom dia, filha. Que carinha é essa?

— Eu vi você e o papai. Vocês vão voltar, não vão?

— Vamos jantar todos aqui hoje.

— Vão voltar, eu tenho certeza.

— Vamos com calma com as expectativas, mocinha. É isso que eu quero, mas temos de respeitar o tempo de cada um.

— Eu sei o que ele sente, mãe. Eu percebo quando estamos juntos e ele pergunta de você. Ele sempre teve receio de que você estivesse com outra pessoa. Mas nunca reconhecia isso.

— É. Somos orgulhosos demais...

As duas finalizaram o desjejum e saíram. Jéssica deixou a filha no colégio e seguiu para o núcleo de apoio à mulher, onde tinha reunião com Rafaela e alguns apoiadores do projeto. A construção dos espaços físicos estava quase concluída. E agora, a médica dedicava especial atenção aos canteiros de ervas e plantas que seriam a matéria-prima para suas pesquisas e para as receitas de medicamentos naturais. Tudo o que ela descobria, experimentava em si mesma. E aquela prática estava deixando Jéssica cada vez mais bonita: pele, cabelos, unhas, sua aparência rejuvenescia. Por dentro e por fora.

Ao final daquela reunião, eles definiram a data da inauguração da área de saúde. Rafaela estava exultante. As duas

tomavam um chá com mistura de ervas que Jéssica desenvolvera, quando Rafaela comentou:

— Ainda não sei como faremos para atrair mais voluntários para esse projeto. Nossa equipe atual não vai dar conta dos novos serviços que iremos oferecer à co-munidade.

Jéssica ficou pensativa, e de súbito, a imagem da velha mulher que costumava estar presente em seus sonhos veio à sua mente.

— A velha senhora.

— O quê?

— A velha senhora era forte, tinha os olhos brilhantes, como se, apesar da aparência envelhecida, uma mulher cheia de vida estivesse ali.

A médica fez uma pausa enquanto deixava que a ideia que brotara a partir da visão mental se formasse. Depois falou:

— E se nós fizéssemos um trabalho para atrair jovens idosas de todas as idades, e trabalhássemos com elas, para que fossem acolhedoras das mulheres que nos procuram, oferecendo escuta ativa e atenção, fazendo uma triagem acolhedora?

Rafaela, como se estivesse enxergando a mesma visão que ia na mente da amiga, continuou:

— E aos poucos, fossem trocando experiências com as mais jovens, e elas se fortalecessem mutuamente?

— Isso mesmo. As mulheres mais maduras, idosas mesmo, têm muito a oferecer. Uma vastidão de vivência. E essa sabedoria da experiência pode ajudar outras a ter esperança, forças e uma perspectiva nova.

— E as mais velhas também serão beneficiadas com novas experiências e aprendizados. Pode ser muito rico para todas. — Completou a médica.

— Jéssica, é uma ótima ideia! Uma roda de mulheres sábias, onde tudo o que elas têm a oferecer é desejado e valorizado.



Os dias seguiam repletos de atividades para Jéssica e Rafaela. Duas semanas depois, a médica estava organizando o seu consultório, cedo pela manhã, quando a campainha da pequena casa tocou.

Jéssica foi até a porta e abriu. Era Omar e Yasmin para o acompanhamento mensal.

— Bom dia, Omar, bom dia Yasmin, entrem.

A médica examinou a sua paciente zero, por assim dizer, aquela onde tudo havia começado, e constatou como a mulher estava forte.

— Muito bem, Yasmin, vejo que está seguindo o tratamento bem à risca. Está muito bem.

Ela olhou para Omar e percebeu que ele não parecia bem.

— O que foi, está preocupado com o quê? Sua mãe está ótima.

— Eu sei, nunca estive tão bem. Como se ela tivesse sido curada com um milagre. Foram esses medicamentos apenas? Ou tem mais alguma coisa?

Jéssica logo se lembrou do tratamento espiritual que ela recebera, especialmente o acolhimento do marido em espírito, que, com seu ódio e emoções em desequilíbrio, perturbava a família. Ela pensou um pouco, depois respondeu:

— Temos orado por ela, no lugar onde frequento.

— Uma igreja? Você tem religião, afinal, doutora?

— Eu tenho uma conexão...

— Uma conexão?

— É meio difícil de explicar. Mas ela vem recebendo as orações, vibrações de amor e acompanhamento espiritual. É um tratamento completo, para o ser integral. Afinal, somos seres com várias dimensões...

Ele a fitou deixando que se expandisse a admiração e gratidão que vinha nutrindo pela médica, por sua coragem de finalmente assumir uma vida de acordo com suas crenças.

— Não falei antes porque queria muito que ela melhorasse, e fiquei com receio de você não concordar ou...

— Está tudo bem, doutora. Eu sou religioso, mas você nunca foi. Nunca tinha visto você sequer tocar em assuntos como esse. Sempre alegava que isso era misticismo vazio, negava qualquer tipo de ajuda que não fosse comprovada pela ciência.

— Pois é, doutor Omar, como pode constatar, isso mudou.

— Que bom. Talvez você possa ajudar um pouco mais, então. Minha mãe não queria que eu falasse sobre isso com você, porque já tem muita coisa para pensar. Mas sinto que ela, atualmente, tem energia demais para ficar confinada naquele apartamento. Ela tem suas atividades, suas amigas, mas acho que falta alguma coisa. Algo em que pudesse ser mais útil. Quem sabe compartilhar sua experiência, tudo pelo que passou...

Jéssica sorriu.

— O que foi?

— Tenho a solução para isso. Alguns dias atrás estava conversando com uma amiga, sobre o potencial das mulheres mais velhas, quanto têm a oferecer.

— Isso mesmo!

— Estamos montando um grupo de senhoras prateadas para contribuir com acolhimento e orientação para as mulheres que precisam ser amparadas e protegidas.

Ele ficou pensativo por alguns segundos, refletindo se a própria Jéssica já não fora uma das mulheres a receber socorro quando ele a agrediu. E acabou indagando, um tanto constrangido:

— Um grupo?

— Uma roda de mulheres sábias, estamos chamando assim. Estamos começando o projeto, mas sua mãe é uma candidata perfeita. Gostaria de se juntar a nós, dona Yasmin?

Omar olhou para a mãe e a incentivou a responder:

— Sim, doutora. Eu vou gostar sim.

A médica passou todas as informações sobre o projeto, o núcleo da mulher e o trabalho de Rafaela. Omar ouvia atentamente e estava impressionado com as mudanças que observava na médica: seu interesse genuíno e amplo pelo paciente, o custo mais acessível das consultas, indicando que ela atuava agora muito mais pelos seus valores, do que pelo simples recurso financeiro.

Quando Yasmin retirou-se para ir ao toilette, Omar comentou:

— Estou impressionado com sua mudança, Jéssica. — Baixou a cabeça constrangido. — Preciso que me perdoe pelo que lhe fiz. Eu queria acabar com a sua vida... Não sei como pude agir com tanto ódio. Sinto-me envergonhado demais. E você nunca me denunciou... nunca disse uma única palavra...

— A vida nos ensina muitas coisas, doutor Omar. Eu já perdoei você, sinceramente. Mas não vou mentir, foi difícil e até hoje, quando ouço sua voz, sinto o medo me espreitar. Mas sei que houve coisas invisíveis que influenciaram seu comportamento. E além do mais, temos outras vidas, e quem sabe eu já não te feri antes, em uma delas? Sei que não acredita em reencarnação, mas eu sim. Então, eu te perdoo se me perdoar também.

Yasmin reapareceu. Omar estendeu a mão para Jéssica:

— Obrigado, doutora, por tudo.

Tanto Jéssica quanto Omar traziam o coração aliviado, leve, em paz. Finalmente, havia perdão mútuo.

CAPÍTULO 46

Os dias corriam céleres. Jéssica trabalhava com afinco, dividindo sua atenção entre o consultório particular – que ainda contava com pouquíssimos pacientes – e os esforços para materializar o projeto de saúde no núcleo. Ela fazia de tudo. Experiências com as ervas, estudos aprofundados de fitoterapia, naturopatia, homeopatia e medicina energética[39]. E por vezes tinha ideias novas de combinações e soluções de cura, que nunca havia pensado antes. O amparo espiritual era constante. Ela ainda estudava à distância, conduzindo mais uma pós-graduação. Apesar de cansada, se sentia feliz. E buscava apoiadores para completar as instalações e os recursos necessários para o projeto de assistência no núcleo.

Naquela noite, em especial, ela estava se sentindo cansada. Quando terminou de tomar banho, sentou-se na cama e suspirou fundo.

"Acho que hoje não vou ao núcleo espírita. Sei que tenho trabalho, mas eles vão entender... Afinal, estou com eles toda a semana". Depois desviou o pensamento, focando no que tinha de fazer, já decidida a ligar para Ra faela e informar que estaria ausente.

Elaine, ao seu lado, conversava com ela, mentalmente, sem ser vista:

— Compromisso é compromisso, doutora. Temos uma equipe pronta para atuar por seu intermédio: mé dicos que vêm para ajudar casos bem específicos. Não pode faltar. Esse é o seu compromisso de amor ao próximo. E sua forma de resgatar débitos antigos com a Lei Divina.

Jéssica registrava apenas as palavras: compro-misso é compromisso... que apareciam insistentes em seus pensamentos, até que ela lhe deu atenção, murmurando:

— Compromisso é compromisso... Não posso faltar!

Encheu-se de energia, lanchou com Maria Helena e saiu depressa para o centro espírita.

Naquele dia, em especial, o número de pessoas em busca de ajuda para a saúde física e mental era incomum, muito acima do normal. Até mesmo Regina, presidente da casa, surpreendeu-se e comentou com a médica, minutos antes do início de sua tarefa de psicografia para prescrever fitoterápicos e chás medicinais:

— Doutora, tem muito trabalho hoje. A casa está lotada e a maioria veio em busca de ajuda para problemas de saúde. Já convoquei mais duas trabalhadoras para darem sustentação para a sua tarefa em vibração.

Jéssica não respondeu, balançou a cabeça em sinal de compreensão e colocou-se em oração e concentração. Logo o trabalho começou. As receitas vinham, uma após a outra, para diversas doenças. Jéssica pediu a uma das trabalhadoras que fotografasse as receitas, para que ela tivesse um registro dos medicamentos sugeridos pelos amigos espirituais. E foram quase trinta receitas naquela noite.

Antes de saírem, Regina agradeceu à médica e assegurou:

— Fiquei impressionada com o estado de saúde debilitado que as pessoas estão. A busca por ajuda está aumentando. E já pressenti que muitos mais virão... Nem sei ainda como vamos organizar essa tarefa. Obrigada, doutora, as equipes espirituais que estão aqui agradecem seu esforço. Sabem que foi difícil vir hoje, que estava cansada, esgotada, e o esforço que precisou fazer. Eles lhe agradecem e asseguram que vão ajudá-la sempre em seu trabalho nessa nova jornada que iniciou.

Jéssica sorriu, feliz. Sentia uma alegria que brotava em seu interior, como se água pura jorrasse de seu coração e voltou para casa satisfeita.

Quando chegou, a porta da sala estava entreaberta e ela escutou vozes. Entrou preocupada, mas encontrou o marido e os

filhos à mesa.

— Vitor! Filho, que surpresa boa! Estava com saudades.

— O pai resolveu vir e preparar um jantar para você. Ele sabe que está sem tempo para cuidar de si mesma... — a filha sorriu, um sorriso maroto, que escondia mais informações. — Venha, sente-se conosco.

Jéssica se acomodou e comeu. Quando terminou, Maria Helena falou para o irmão:

— Felipe, vamos subir? Tenho umas dúvidas para tirar com você. Pode me ajudar?

Ele não entendeu, mas aceitou. Ambos foram para o quarto da jovem.

Os olhos de Jéssica brilhavam de expectativa. Vitor indagou:

— Como você está? Sei que trabalhando muito, mas está se cuidando?

— Estou bem.

Ele levantou-se da cadeira e ajoelhou-se perto dela, com uma pequena caixinha aberta nas mãos.

— Quero voltar para você, para nós, Jéssica. Quer ser minha esposa outra vez? Vamos começar de novo e fazer melhor desta vez?

Ela não esperou por mais palavras. Lançou-se nos braços do marido e respondeu, entre lágrimas de emoção que lhe desciam pela face:

— Eu quero, quero muito. Quero fazer melhor. Quero ser melhor para você.

— Você mudou muito, querida.

Ele a fitou com ternura, sentindo alegria por notar na esposa uma suavidade, leveza e feminilidade que ela não demonstrava no passado. Abraçou-a forte e beijou-a.

— Quero cuidar de você, enquanto se dedica aos seus projetos. Sei que está fazendo um trabalho voluntário, Maria Helena me contou. Até eu fiquei com vontade de ajudar.

Ele fez uma longa pausa, como se lhe faltassem as palavras, depois prosseguiu:

— Sempre gostei deste tipo de atuação, mas jamais imaginei que veria você se dedicando assim aos outros... Sem... sem...

— Sem pensar no dinheiro?

Ele sorriu ao responder:

— Exatamente.

— Mas sabe que não abri mão do dinheiro. Estou batalhando pelo meu consultório. Dinheiro é importante.

— Eu sei, mas uma parte significativa do seu tempo será dedicada ao trabalho sem remuneração, não?

— A remuneração virá de outra forma, Vitor. Rafaela abriu um espaço maravilhoso para pesquisas. Vou trabalhar com saúde preventiva, vou poder experimentar muitas plantas e combinações de plantas que não são muito utilizadas. Quem sabe onde tudo isso vai dar?

Ele a abraçou mais uma vez e indagou:

— Posso voltar para casa?

Ela o fitou séria, tentando controlar a emoção. Seus olhos cintilavam de alegria, e ele perguntou:

— O que foi? Não quer que eu volte?

— Esperei muito por esse momento. Desejei, pedi, visualizei. E ele está acontecendo. É claro que quero você de volta. Quando pode ir buscar as suas coisas?

— No sábado eu volto.

— Mas durma aqui hoje... Depois você vai buscar suas coisas, e no sábado traz todas.

Ficaram ali conversando ainda por longo período. Vitor queria saber mais sobre o projeto de saúde no núcleo de apoio à mulher. E Jéssica animou-se para contar a ele sobre as receitas mediúnicas. Mostrou as fotos que estavam em seu celular.

— Jéssica, são receitas personalizadas? Você escreve uma a uma?

— Isso mesmo, são receitas personalizadas.

— E de onde vêm as informações?

— Do mundo espiritual, dos espíritos de médicos que atuam por meu intermédio.

— Então você é, o que se chama...

— Médiun. Sim, eu sou.

Ele encostou-se na cadeira, pensativo.

— O que foi? Não acredita?

— Não é isso que me intriga. Já vi muitas coisas inexplicáveis, e não posso refutar apenas por não conhecer. Mas queria saber como começou, se já tinha acontecido antes, ou se foi algo que brotou de uma hora para a outra, enfim, queria entender melhor.

— Na realidade, eu sempre tive essas intuições, percepções sutis de vultos, e até percepções mais nítidas, mas eu negava, ignorava, fingia que não era comigo. Não queria saber de nada que eu não pudesse entender, ou que pudesse me atrapalhar em minha carreira.

Ela fez uma pausa, e depois contou:

— No início da faculdade, quando eu comecei a estudar em corpos reais, eu tive várias percepções, de vultos de pessoas passando em meio às mesas de estudo, visões etéreas, mas inegáveis. Eu não queria que isso me atrapalhasse. Você sabe o esforço que fiz para conseguir passar no vestibular de medicina. Nada veio fácil para mim, tudo teve esforço. Foram dois anos tentando e eu quase tive de desistir, com a doença da minha mãe. Mas depois que ela se foi, eu me senti mais motivada. A doença dela me revoltou. A morte dela me deixou uma enorme lacuna, pois nunca consegui ficar realmente próxima dela. E quando ela se foi, me culpei e eu me joguei no estudo. Entrei na faculdade, e não quis mais olhar para trás. Fui tirando tudo do meu caminho. Quando vi Elaine nitidamente, depois de morta, ao meu lado na sala de cirurgia, eu congelei. Aquilo estava acontecendo de novo, e com força muito maior. Fiquei muito perturbada. E daí em diante, tudo foi mudando. As coisas foram acontecendo, sucessivamente, até que eu comecei a parar de brigar com a realidade e aceitar. E finalmente, resolvi aprender sobre o assunto, entender o que se passa, e descobri que o Espiritismo tem verdadeiros tesouros de conhecimento e experiências feitas pelo seu fundador, Allan Kardec^[40]. Ele era um estudioso e pesquisador muito sério. Um

educador competente. Comecei a ler, a me envolver, e a mediunidade se manifestou dessa maneira, com receitas.

Ela ficou em silêncio, lembrando-se das várias experiências que vivera nos últimos meses.

— Gostaria de conhecer mais, sempre tive curiosidade. E um certo medo, confesso.

— Eu também. Mas com conhecimento adequado e experiência prática em um grupo sério, é possível vivenciar a mediunidade de uma maneira segura, construtiva e curativa para a própria alma. Eu estou muito feliz. Claro que tem seus desafios, o compromisso é sério, mas as alegrias suplantam quaisquer empecilhos.

Subiram ainda conversando. Maria Helena escutava atrás da porta, com a luz do quarto apagada; viu quando os pais passaram falando mais baixo, indo para o quarto juntos. Ela virou-se para o irmão, e disse:

— Eles voltaram!

— É. Acho que vou para o meu quarto.

— Agora você pode ir, Felipe. Até amanhã.

No quarto, Jéssica pegou da gaveta os papéis do divórcio, que ela se negara a assinar e perguntou:

— O que eu faço com isso?

Ele pegou das mãos dela, rasgou em pedaços pequenos e jogou na lixeira do banheiro.

— Para o lixo com isso! Que bom que você não assinou!

Jéssica teve ímpeto de contar ao marido sobre Omar e abrir o coração sobre seu comportamento pregresso, mas parou, escutando uma voz sutil de sua alma sussurrando: *no momento oportuno você vai contar tudo*. Ela acatou.

O casamento renascia com as conexões de afeição refeitas e fortalecidas, com o perdão mútuo e o gradativo resgate da confiança. Jéssica enchia o ambiente familiar com suavidade, ternura e acolhimento, abençoando o lar e a família com amor.

CAPÍTULO 47

Com os últimos apoiadores incorporados ao projeto, a área de saúde seguia para a fase final, e os pre-parativos para a inauguração se intensificavam. Depois de longa reunião, detalhando o que ainda precisava ser resolvido, as três amigas seguiram para os fundos da propriedade, para acompanhar os últimos detalhes. Rafaela, Jéssica e Fernanda, anotavam o que ainda estava por fazer. De súbito, Rafaela parou, ficou em silêncio por alguns momentos, depois indagou:

— Está sentindo o ambiente luminoso que se forma nesse recanto, Jéssica?

— Sinto sim, já há alguns dias. Tinha dúvidas se era coisa da minha cabeça...

— Você ainda dúvida, doutora? Que mulher difícil! – riu Fernanda.

— É difícil acompanhar os amigos espirituais. Eles agem depressa e com precisão! Eles me impressionam...

— A mim também – confirmou Rafaela – Já perdi a conta dos verdadeiros milagres que acontecem nesse núcleo de apoio. Vivi experiências impressionantes, e vi a ação divina e dos espíritos muitas vezes. Você vai experimentar isso também, doutora, pode ter certeza.

As três prosseguiram animadas.

Quase três semanas depois, as portas da área de saúde se abriam para a comunidade, com um grande portal de luz conectando os dois planos da vida.

Naquela noite, a propriedade que abrigava o projeto estava totalmente iluminada, enfeitada com flores de todos os tipos: lírios,

rosas, margaridas, dentes-de-leão, gérberas, copos de leite e magnólias, da árvore do jardim, que finalmente florescia. Os arranjos adornavam todos os cantos.

Era noite de celebração.

Os convidados eram recepcionados por Rafaela e por Jéssica, a responsável pela nova área da instituição. E as pessoas não paravam de chegar. Os canapés que eram servidos, primavam pela qualidade natural, sem ingredientes artificiais, apenas ervas e elementos sem química. A bebida, além de água, eram sucos e chás naturais, muitos tipos diferentes de chás. A saúde era o principal foco do evento, Jéssica assim exigiu. Ela não queria aparecer, não queria holofotes sobre ela. Ao contrário, todos os focos deveriam ser dados na importância da medicina natural na prevenção das doenças, o foco deveria ser a saúde. Essa sim, era a grande atração da noite. E todo o evento foi pensado para oferecer uma experiência que a valorizasse.

Eram quase nove horas, quando Rafaela pediu silêncio e começou a falar, dando boas-vindas a todos e agradecendo a presença, e principalmente aos muitos apoiadores e colaboradores presentes. Passou a palavra para a médica, que fez uma breve palestra, falando por quinze minutos sobre a importância dos cuidados preventivos, de buscar cuidar da saúde de maneira integral, corpo, alma, mente e espírito. E alertando para as investidas de instituição consideradas respeitáveis, contra a saúde, e promovendo, de fato, a doença. Matando a conta gotas.

Ela não se aprofundou, não queria gerar polêmicas. Mas fez questão de mencionar alguns casos reais que já tinha atendido, em seu consultório. E por fim, avisou:

— Faremos esses pequenos *workshops* de vez em quando, para aprender mais sobre como cuidar de nossa saúde integralmente. Ficarei feliz em compartilhar os conhecimentos e descobertas que for adquirindo nessa área.

Devolveu a palavras a Rafaela, que, ao começar a falar, foi completamente envolvida pelos amigos espi-rituais presentes, especialmente Anália Franco:

— Nossa alegria hoje é enorme. Esse sonho de expandir essa área é antigo, e estamos sentindo necessidade crescente de focar nisso. E, como não poderia deixar de ser, os recursos sempre acabam chegando. Tanto as coisas, como as pessoas certas são encaminhadas a esse núcleo. Sempre.

Nesses últimos meses tenho expandido minha compreensão sobre as questões ligadas à saúde, com a convivência com nossa doutora Jéssica. E percebi, com ela, que precisamos escutar esse verdadeiro chamado para compreender o que seja a real saúde física, mental, e espiritual e como elas estão interligadas, e uma não pode ser plena sem a outra. Além disso, estamos vendo que, devido a forma como a indústria da doença vem se movimentando em nossos dias, é preciso que cada um assuma a responsabilidade por construir essa saúde para a sua vida.

Isso exige que despertemos do torpor em que tantas vezes permanecemos, fruto da programação mental que nos envolve desde o nascimento. São véus sutis que se sobrepõem à consciência: os modelos recebidos na família e na escola, as influências da mídia, do sistema econômico, do cinema, da música, das novelas, dos livros... padrões que seguimos sem perceber, como se fossem naturais, quando na verdade foram plantados ali com intenção.

Esses véus nos afastam de nossa essência, porque escondem as motivações ocultas por trás das verdades apresentadas como absolutas. Despertar é rasgar essas camadas, é olhar além das aparências, questionar, investigar.

Afinal, nosso corpo é programado para ser saudável, a saúde é o natural. Somos responsáveis em cuidar do corpo que recebemos nesta vida. E acima de tudo, buscar o que permanece quando todas as ilusões se dissipam: a verdade espiritual.

Rafaela fez uma pausa, buscando conectar-se ainda mais com os mentores espirituais e prosseguiu:

Não confiar a alguns com autoridade validada por diversos interesses, que seja a última palavra. Cada um de nós precisa assumir o papel de ser o guardião da própria saúde. Aprender com os recursos inesgotáveis que temos à nossa disposição, misturados à

tantas verdades incompletas ou falseadas. Certo é que é necessário separar o que é bom, útil e real, do que é falso. Como saber o que de fato nos ajuda, do que nos adocece?

Ela fez uma longa pausa, captando ainda mais a atenção dos ouvintes, depois prosseguiu:

É imprescindível fortalecer a nossa conexão com Deus e com a nossa espiritualidade, com nossa essência espiritual, nossa consciência. Para que sejamos capazes de distinguir, sentir, perceber as energias sutis que envolvem as pessoas, suas palavras, seus pensamentos. Captar e identificar com clareza quando vêm do Bem, e, portanto, vai ser bom para nós, ou quando aquilo pode até ter uma aparência do bem, mas na realidade, representar um grande perigo para as nossas vidas.

Reforço mais uma vez o quanto precisamos dessa experiência individual e pessoal de conexão com Deus e com suas leis eternas. Essa conexão se torna um verdadeiro oráculo interior, uma bússola que aponta o caminho certo e nos conduz com segurança para aquilo que nos trará o bem-estar e a saúde verdadeira e sustentável, que tanto queremos e precisamos.

Mais do que em qualquer outra época da humanidade, a mentira está disseminada junto e emaranhada com a verdade, com aparência de verdade e autoridade.

É urgente aprender a discernir e, libertando-se da ignorância e da inocência, ser um explorador da verdade com a espiritualidade, que traz equilíbrio, sabedoria e discernimento para as nossas vidas.

Quando a conexão real com Deus se estabelece na alma humana, a confusão interna desaparece, e por conseguinte, nenhuma confusão externa prevalece. Nunca foi tão fundamental para a nossa vida, bem-estar e sobrevivência, o despertar espiritual.

Ela fez uma pausa, abriu um sorriso amigo e completou:

— Como diz a doutora Jéssica, é uma questão de saúde pública.

Ela olhou para Jéssica, sorriu e prosseguiu:

— A maioria de vocês que conhece nossa instituição sabe que ela não está vinculada a nenhuma linha religiosa específica.

Atendemos pessoas de todos os credos, filosofias de vida e níveis de compreensão da realidade.

Ainda assim, não escondo de ninguém meu apreço pelos princípios espíritas, que professo pessoalmente. Por isso, vamos encerrar refletindo sobre uma lição do Evangelho que toca profundamente minha alma e expressa o que buscamos vivenciar, tanto em nossa prática diária na instituição quanto, a partir de agora, em nossa área de saúde

"Eu sou o grande médico das almas, e venho trazer-vos o remédio que vos deve curar. Os débeis, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos, e venho salvá-los. Vinde, pois a mim, todas vós que sofreis e que estais carregados, e sereis aliviados e consolados. Não procureis em outro lugar a força e a consolação, porque o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige aos vossos corações um apelo supremo: que a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade, sejam extirpados de vossas almas doloridas. São esses os monstros que sugam o mais puro do vosso sangue, e vos produzem chagas quase sempre mortais.

*... Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que a suplicam. Seu poder cobre a Terra, e por toda parte, ao lado de cada lágrima, põe o bálsamo que consola.
... porque o corpo sofre tanto mais quanto mais profundamente abalado estiver o espírito.^[41]"*

Jéssica se esforçava para conter a emoção. De onde estava, podia ver o salão lotado, e nos fundos do ambiente, divisou Omar e Yasmin, que compareceram para apoiar a instituição em mais aquela iniciativa. Foi então que ela teve ainda mais dificuldade para se controlar.

CAPÍTULO 48

Quando Rafaela terminou seu discurso tecido com palavras cheias de amor e de sabedoria, a médica recebeu cumprimentos de vários convidados, mas na primeira oportunidade, ela deixou o animado ambiente e afastou-se discretamente.

Caminhou lentamente para o quintal, atravessou o pátio com as muitas orquídeas, e à medida que alcançava os fundos da propriedade, podia sentir o aroma das diferentes plantas e flores que enchiam o ar da noite. Ela quase podia nomear as plantas que exalavam aquele perfume delicado e intenso.

Parou diante da construção simples e elegante, que abrigava o laboratório de manipulação, a área de pesquisas e o seu consultório, a área da saúde do núcleo de apoio à mulher, e continuou caminhando, até o espaço onde estavam as ervas dos mais diversos tipos, plantadas em canteiros distintos e bem identificados, inclusive algumas mais raras, que ela obtivera de outros países.

Nos muros, ornamentados com flores de vários tipos e cores, a médica conferira a beleza e suavidade que precisava para lembrar-se diariamente, de que precisava se reconectar consigo mesma e com sua energia essencial feminina, sua espiritualidade, Deus dentro de si.

No meio do jardim, a árvore de magnólias dava sua primeira florada e o seu perfume suave e marcante era sentido e celebrado em todas as áreas do núcleo de apoio. Parecia que a árvore havia esperado para mostrar toda a sua força e beleza, justamente naquela ocasião. Havia bancos montados em semicírculo. Ela

sentou-se e de imediato, a imagem de seu jardim na colônia espiritual, veio-lhe à mente como uma memória distante. Eles eram semelhantes, como se o jardim materializado no plano físico, fosse uma cópia daquele original, que Jéssica deixara no mundo espiritual.

Ela sentou-se e respirou profundamente, enchendo os pulmões com aquele perfume que a deixava inebriada, e lhe trazia tantas lembranças boas, acen-dendo em seu inconsciente as memórias de seu jardim original.

Deixando-se envolver por sentimentos elevados, estabelecia facilmente sintonia com os amigos espi-rituais que estavam ao seu redor. Ela sentiu enorme gratidão, reconhecendo naquela nova vida que se dese-nhava, seu verdadeiro propósito. Ela sabia que ainda teria muitos desafios. Os ataques da indústria que deixara para traz não cessavam. Ela respondia a vários processos e sabia que teria percalços a enfrenar, mas sentia seu coração pleno, satisfeito, não sentia falta de mais nada. Ela sorriu e constatou que nunca se sentira daquela forma antes. E murmurou:

— Que bom que vocês me resgataram... Sinto-me em casa aqui, com vocês, meus amigos queridos, e com esse jardim que representa tanto para mim.

O ambiente todo estava em festa, inclusive no plano espiritual.

Elias, Leonora, Elaine e mais três médicos, que estavam ali para participar da celebração, estavam ao redor de Jessica, envolvendo-a com suaves vibrações de amor. Elaine estava emocionada, se sentindo tocada pela trajetória de vida da médica e feliz por ter tido a oportunidade de participar daquela experiência enriquecedora e valiosa. Elias falou exultante:

— Que alegria estar aqui podendo celebrar essa conquista de nossa amiga e companheira. Finalmente! Demorou, mas a nossa irmã se encontrou. Ela reencontrou o seu propósito, sua missão nessa experiência corpórea; ela realmente conseguiu se realinhar com os propósitos divinos para a sua vida. E isso é sempre uma grande vitória para o espírito encarnado.

Leonora abriu largo sorriso e comentou:

— Gratidão, Elaine. Sem a sua ajuda isso teria sido muito mais difícil. Agradecemos a sua cooperação, como foi importante! Você contribuiu de modo decisivo para o nosso trabalho de trazer a minha filha de volta a si mesma. Ela reconectou-se com a centelha divina, com sua energia essencial feminina, reconectou-se com a espiritualidade, que ela havia ignorado por tanto tempo, enfim, ela se reencontrou e graças a esse chamado para cuidar da saúde. Sabemos o quanto as pessoas carecem de aprender a cuidar da saúde, ao invés de ter de lutar contra a doença. Elas estão começando a perceber que precisam aprender essa prática, para que não sejam reféns de mecanismos criados para atender a diversos interesses, menos o foco no bem-estar real do ser humano.

Elias retomou a palavra e continuou:

— Além disso, nossa irmã pode servir de inspiração para mulheres e homens que se perderam de si mesmos, de seu propósito, que reconhecem o vazio existencial, que o materialismo não preenche, independente de seus benefícios passageiros. Mas todos precisam se reconectar com a sua essência espiritual, se alinhar com as leis divinas, para encontrar o seu próprio caminho de crescimento e evolução espiritual. Seu retorno para Deus, e seus propósitos grandiosos para cada ser humano.

Um dos médicos tomou a palavra e concordou:

— Infelizmente ainda é difícil para os seres imersos na matéria densa, ter a compreensão clara de sua realidade. Quando voltamos ao corpo, esquecemos quem somos, de onde viemos e o que estamos fazendo no planeta. E esse esquecimento, é aproveitado pelos inte-resses daqueles que mantem a humanidade escravizada, para seu proveito próprio. Enquanto não aprendermos que somos espíritos e que a vida espiritual é a nossa verdadeira vida, a estadia na Terra continuará a ser doentia e violenta, vazia e sem sentido. A vida espiritual é a verdadeira vida, cheia de esplendor, grandeza e possibilidades. Se as pessoas pudessem tirar o véu que cobre seus olhos, e enxergar essa verdade, tudo seria diferente. O apego desaparecia, e com ele parte do sofrimento que adocece as pessoas. Elas conseguiriam compreender que o propósito de todo ser é continuar crescendo, se expandindo, se

desenvolvendo. Cada um a seu modo, conforme suas peculiaridades e necessidades de sua alma, mas esse é o grande propósito para todo o ser cuja consciência foi criada à imagem e semelhança do Criador.

Elias pousou sua mão sobre os ombros do amigo e concordou:

— Por isso, o trabalho de Jéssica é tão fundamental. Ela praticará a verdadeira medicina: aquela que integra corpo, mente e espírito. Sua missão é ajudar a libertar não apenas o corpo, mas também a consciência de seus pacientes.

Ele fez uma nova pausa, e finalizou:

— Um dia toda a medicina será praticada desse modo, não fragmentada, e voltada para o ser integral. Até lá, enquanto os interesses materiais, a cobiça, o desejo de poder, e o orgulho dominam o orbe, nossa irmã será um portal de saúde para aqueles que passarem pelas suas mãos. Há muitos como ela, que precisam ser relembrados de sua tarefa.

Voltando-se para Elaine, indagou:

— Quer continuar conosco Elaine, nessa tarefa que iniciamos com a doutora Jéssica? Há muito trabalho a fazer.

Elaine abriu amplo sorriso e respondeu:

— Como não? Aceito com muita gratidão e espero poder contribuir.

O grupo seguiu ainda em conversação elevada ao redor da médica. Do coração daqueles abnegados trabalhadores do bem, partiam luzes intensas de amor que se espalhavam pelo ambiente e iluminavam aquele pedaço de céu com energias de cura, de força e vida.

Jéssica captava as vibrações, como se escutasse a conversa, sorria como uma criança que acabara de ganhar o maior presente de sua vida. Ela estava onde deveria estar, fazendo o que deveria fazer, no centro do seu ser, que pulsava de vida plena. O amor a preenchia completamente. O amor por si mesma, o amor pelo Criador, e amor pelos semelhantes. Aquele era o seu lugar. Ela, finalmente, reconstruía o seu jardim.

Leonora fitou Elias com sorriso enigmático e este indagou:

— O que foi, minha irmã?

— Não posso deixar de pensar o quanto representa essa árvore de magnólias, florescendo pela primeira vez, justamente quando Jéssica desabrocha para sua missão...

Eles silenciaram por alguns instantes, e vozes animadas tomaram o ambiente, especialmente das muitas mulheres que eram atendidas pelo núcleo de apoio que participavam do evento naquela noite.

Leonora sorriu e suas palavras pareciam perfume no ar:

— Elas são o verdadeiro jardim, Elias. — Falou referindo-se à todas as mulheres ali presentes. — Cada uma delas é como uma flor dessa grande árvore, pronta para se abrir em toda a sua beleza, espalhando o perfume do amor, da espiritualidade, do equilíbrio e da alegria para os quais foram criadas. Quando aprendem a se conhecer, a se reconectar consigo mesmas, com sua energia essencial e com o Criador, tornam-se como um jardim eterno, que não cessa de florir.

Elas são a energia de que a humanidade precisa para erguer o mundo de regeneração. E quando se lembrarem de quem realmente são — do poder sagrado que carregam em sua alma e em sua energia feminina unida ao Criador — então o paraíso deixará de ser um sonho distante... e se fará aqui, entre nós.

Mesmo quando a dor parecer insuportável e o mundo nos convidar a desistir, lembremo-nos: Deus jamais nos abandona. Ele é força, é consolo, é amor que transforma pranto em sorriso. E sempre, depois da noite mais escura, a luz de Deus nos devolve a vida e nos faz florescer.

Fim

POSFÁCIO

Mulher, você é espírito imortal em jornada de progresso. Ora reencarna em corpo masculino, ora em corpo feminino, mas, neste tempo, escolheu viver a sagrada experiência da mulher.

Carrega em si a energia essencial que equilibra, sustenta e cura. Sua intuição é farol, seu afeto é bálsamo, sua força silenciosa é o alicerce do mundo.

O Criador semeou em seu coração feminino sementes de alegria, de beleza e de harmonia. Elas pedem apenas que você desacelere, que silencie por instantes, que respire fundo e se reconecte ao que é na essência. Então, você florescerá — e sua luz cintilará como reflexo do próprio céu.

Este livro é um chamado. Um convite doce e firme para que você desperte, confie em si, honre sua essência e permita que seu poder interior se expresse como o perfume das magnólias.

Que você se ame pelo simples fato de ser quem é. Que caminhe fiel a si mesma, sem submissão, sem necessidade de aprovação, mas plena e inteira, consciente de sua missão divina.

Mulher, confie na sua luz.

Permita-se florescer.

A espiritualidade é sempre contigo.

O mundo aguarda o seu brilho.

Com carinho,

Lucius

CONTATO COM SANDRA CARNEIRO

Para tirar dúvidas ou compartilhar suas experiências na leitura dessa obra, entre em contato comigo:

E-mail: sandracarneiro.oficial1@gmail.com

Facebook: Sandra_carneiro_oficial

Instagram: @sandracarneiro.oficial

[1] O cortisol é um hormônio esteroide produzido pelas glândulas adrenais (ou suprarrenais), localizadas acima dos rins. Ele é conhecido como o "hormônio do estresse" porque sua liberação aumenta em resposta a situações de estresse físico ou psicológico

[2] Rafaela: protagonista do romance de Lucius Salomé, muitas vidas um só coração.

[3] Núcleo de apoio a mulheres: projeto social fundado e dirigido por Rafaela, nos livros Salomé e Prontos para o Melhor.

[4] AA: Alcoólicos Anônimos é uma irmandade internacional, fundada em 1935 nos Estados Unidos, que ajuda pessoas com problemas de alcoolismo a alcançar e manter a sobriedade. É uma organização sem fins lucrativos, baseada em um programa de apoio mútuo, onde os membros compartilham experiências e se apoiam para superar a dependência de álcool

[5] Refere-se ao núcleo de apoio à mulher e sua missão

[6] A *Magnolia grandiflora*, também conhecida como magnólia-do-sul ou magnólia perene é uma árvore perene da família Magnoliaceae, nativa do sudeste dos Estados Unidos, desde a Virgínia até o centro da Flórida e o leste do Texas. É uma das espécies mais icônicas do gênero *Magnolia*, valorizada por sua beleza ornamental e flores perfumadas

[7] *Dimensões* referem-se a diferentes planos de existência, como o plano material (onde vivem os encarnados) e o plano espiritual (habitado por espíritos desencarnados). Cada dimensão possui uma vibração energética distinta, influenciada pelo grau de evolução espiritual. Planos superiores são mais sutis e harmoniosos, enquanto os inferiores, mais densos, abrigam espíritos menos evoluídos.

[8] Luana é prima de Rafaela, personagem que também está presente nos romances *Salomé, muitas vidas um só coração* e *Prontos para o melhor*.

[9] Muitos estudiosos sugerem que o espírito André Luiz teria sido o médico Carlos Chagas (1879-1934)

[10] A física quântica investiga o comportamento da matéria e da energia em níveis subatômicos, e alguns cientistas e pesquisadores a relacionam à ideia de que consciência e energia estão interligadas, aproximando ciência e espiritualidade.

[11] A neurociência investiga como o cérebro processa emoções, memórias e comportamentos, oferecendo caminhos para compreender e transformar padrões mentais, o que favorece o autoconhecimento e o crescimento espiritual.

[12] Para saber mais acesse: www.amebrasil.org.br

[13] *Melissa officinalis* (Erva-cidreira-verdadeira, Melissa): Indicações medicinais: Calmante (Alivia ansiedade, estresse, insônia e irritabilidade devido ao ácido rosmarínico e compostos sedativos) digestiva (Ajuda em casos de indigestão, gases, cólicas intestinais e espasmos estomacais), analgésica (Reduz dores de cabeça, enxaquecas e dores musculares), antiviral (usada para herpes labial , aplicação tópica de extratos, e resfriados, por suas propriedades antivirais|), antioxidante (combate radicais livres, apoiando a saúde geral).

[14] A regressão de vidas passadas é uma técnica terapêutica aplicada por psicólogos e terapeutas usada para acessar lembranças de existências anteriores; no espiritismo, é vista como recurso para compreender causas atuais de dificuldades e promover cura interior, sendo espontânea, quando o indivíduo está pronto para receber as informações.

[15] O Centro Espírita Perseverança, fundado em 1973 em São Paulo, é uma das maiores casas espíritas do Brasil, reunindo milhares de frequentadores em atividades de estudo, atendimento espiritual e obras sociais.

[16] Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), médico, político e espírita brasileiro, ficou conhecido como “Médico dos Pobres” por sua dedicação aos necessitados. Após seu desencarne, Bezerra de Menezes tornou-se um dos mais reconhecidos benfeitores espirituais, orientando médiuns, inspirando trabalhos de caridade e sendo lembrado por sua presença amorosa em reuniões espíritas.

[17] O suicídio interrompe o ciclo natural da vida corporal e acarreta sofrimento e desajuste do espírito, muito embora, esse sempre será acolhido com misericórdia e possibilidade de reparação. A temática é tratada por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, q. 943–957; *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. “Os Suicidas”; e em obras de relatos espirituais como Yvonne A. Pereira, *Memórias de um Suicida*.

[18] Na Universidade da Virgínia, Ian Stevenson e Jim Tucker analisaram >2.500 casos de crianças que relatam vidas passadas; revisão em periódico médico descreve casos americanos com detalhes verificáveis. Para acessar a

pesquisa, use o endereço: <https://med.virginia.edu/perceptual-studies/our-research/children-who-report-memories-of-previous-lives/>

[19] O filme *Minha Vida na Outra Vida* (*Yesterday's Children*, 2000) é baseado no livro de Jenny Cockell, que relata lembranças espontâneas de uma vida anterior na Irlanda, reconhecidas por familiares da época.

[20] Para saber mais sobre as potências da alma, indicamos o livro *A questão do ser, do destino e da dor*, de Léon Denis (1846-1927), filósofo e escritor francês, discípulo de Allan Kardec, que destacou como um dos grandes continuadores do espiritismo, autor também de outras obras clássicas como *Depois da Morte* e *Cristianismo e Espiritismo*. (nota do editor)

[21] A Lei do Progresso é um conceito central na doutrina espírita, conforme codificada por Allan Kardec, e aparece tanto em *O Livro dos Espíritos* (1857) quanto em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864). Essa lei estabelece que o Espírito, em sua essência, está destinado a evoluir intelectual e moralmente por meio de sucessivas encarnações, visando a perfeição relativa. A seguir ressaltamos os principais trechos que abordam a Lei do Progresso no Livro dos Espíritos, capítulo VIII, Lei do Progresso: questão 776, 778, 780, 802, 804, entre outras.

[22] Trechos relevantes sobre o tema no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo III, há muitas moradas na Casa do Pai: item 5, item 8, item 12, entre outros.

[23] A pomada Vovô Pedro é um fitoterápico de uso tópico, cuja fórmula foi recebida mediunicamente em 1972 pelo médium espírita João Nunes Maia, ditada pelo espírito de Franz Anton Mesmer, que se apresentou como "Vovô Pedro". Produzida com extratos de plantas medicinais, como erva-de-bicho, ipê-roxo, condurango e própolis, é distribuída gratuitamente por casas espíritas, como a Sociedade Espírita Maria Nunes, em Belo Horizonte. Indicada para aliviar e tratar enfermidades de pele, como eczemas, feridas, queimaduras, hemorroidas e até lesões de hanseníase, sua preparação envolve rituais de oração e energização espiritual. A pomada é um símbolo de

caridade espírita, com a orientação de que seu "preço" seja apenas "Deus lhe pague"

[24] Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, médico psiquiatra brasileiro e pesquisador da interface entre ciência e espiritualidade, propõe uma abordagem que integra conceitos espíritas com neurociência. Ele é conhecido por seus estudos sobre a glândula pineal e sua relação com fenômenos espirituais, incluindo memórias de vidas passadas.

Dr. Sérgio Felipe explica que as memórias de vidas passadas não estão armazenadas no cérebro físico, mas em um campo bioenergético associado ao Espírito, que ele relaciona ao perispírito ou a campos quânticos.

A glândula pineal atua como uma interface entre o corpo físico e o campo espiritual, funcionando como um "transdutor" que capta informações do perispírito e as traduz para o cérebro físico em forma de insights, intuições ou lembranças.

A pineal, por sua sensibilidade a campos eletromagnéticos e sua estrutura cristalina (microcristais de apatita), pode acessar informações armazenadas em dimensões não físicas, como o campo quântico.

[25] A alimentação enteral é feita por sondas ou tubos que levam diretamente ao estômago ou intestino uma dieta líquida ou pastosa, usada quando a pessoa não pode se alimentar pela boca.

[26] A Nona Sinfonia de Beethoven, composta entre 1822 e 1824, é célebre pelo movimento final, que inclui o "Hino à Alegria", exaltando fraternidade e união entre os povos.

[27] Obsessão é a influência negativa de um espírito sobre uma pessoa; a subjugação é sua forma mais grave, quando há domínio quase total da vontade do obsidiado.

[28] O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo V – "Bem-aventurados os aflitos", item 26.

[29] Na psicologia e espiritualidade, a energia masculina simboliza ação, foco, racionalidade e impulso para realizar.

[30] A energia feminina é associada à intuição, acolhimento, sensibilidade e criatividade. (Em muitas tradições, princípio do yin, que em equilíbrio com a energia masculina (yang) sustenta a harmonia da vida).

[31] O trabalho de desobsessão consiste em reuniões mediúnicas que acontecem nas casas espíritas, destinadas a esclarecer e amparar espíritos sofredores ou endurecidos; a doutrinação é o diálogo fraterno, feito com preces e palavras de esclarecimento, para ajudá-los a seguir rumo à luz.

[32] Rafaela se referia à mediunidade de efeitos físicos. Essa mediunidade é aquela em que os espíritos produzem fenômenos materiais perceptíveis aos sentidos, como movimentos de objetos, ruídos, materializações ou manifestações luminosas, estudados por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*.

[33] Cada espírito contém em si a essência divina, refletindo em pequena escala a inteligência e o amor universais. Referências para conhecer melhor esse conceito: Pierre Weil – em *O Ser Humano Integral*, fala do homem como expressão holográfica do universo, cada parte contendo a essência do todo; Fritjof Capra – em *O Tao da Física*, relaciona ciência e espiritualidade, mostrando padrões repetitivos no cosmos que se refletem no ser humano. Humberto Mariotti (médico e pensador espírita) – escreve sobre o “paradigma holográfico” e fractalidade aplicada à espiritualidade, indicando que o espírito humano é imagem da Mente Universal.

[34] Health coach é um profissional de saúde integrativa que orienta mudanças de hábitos em áreas como alimentação, exercícios, sono e bem-estar emocional, ajudando a pessoa a alcançar seus objetivos de forma sustentável.

[35] Medicamentos fitoterápicos são produzidos a partir de plantas medicinais e têm eficácia comprovada para diversas condições, como por exemplo: insônia (valeriana), ansiedade (passiflora) e problemas digestivos (camomila), entre muitos outros. Seu uso é reconhecido pela OMS e regulamentado pela Anvisa.

[36] O Juramento Hipocrático, atribuído a Hipócrates (séc. V a.C.), é um dos textos mais antigos da ética médica. Tradicionalmente recitado pelos médicos em sua formatura, em versões adaptadas, reafirma o compromisso de exercer a medicina com respeito à vida, à dignidade humana e ao cuidado responsável com o paciente.

[37] O CRM (Conselho Regional de Medicina) é o registro profissional que habilita o médico a exercer a medicina no Brasil, emitido pelo conselho do

estado onde atua.

[38] No que diz respeito à participação dos espíritos superiores junto a Jesus na construção e evolução do corpo humano, o livro *A Caminho da Luz* (ditado pelo espírito Emmanuel e psicografado por Chico Xavier), descreve o processo planejado e guiado por inteligências espirituais elevadas. Emmanuel apresenta Jesus como o governador espiritual da Terra, atuando com legiões de espíritos puros, angelicais e trabalhadores divinos para organizar a matéria e iniciar a vida orgânica, desde o protoplasma até formas mais complexas, preparando o corpo como instrumento para a evolução do espírito. Isso integra elementos evolutivos com uma visão espiritual, onde esses seres atuam como "operários" ou "artistas da espiritualidade" sob a orientação do Cristo, manipulando fluidos cósmicos e leis da natureza para criar e aperfeiçoar as estruturas celulares.

[39] Há médicos e centros nos EUA estudando o campo energético (biofield) do paciente, como o trabalho de Fernand Poulin com a Integrative Energetic Medicine ou o Osher Center na Northwestern Medicine, buscando detectar desequilíbrios energéticos antes do surgimento de sintomas físicos (Ross CL, *Energy Medicine*, 2019). No Brasil, iniciativas como o Instituto BioFAO e médicos integrativos como Maurílio Oliveira Brandão também exploram a medicina energética em caráter preventivo.

[40] Allan Kardec (1804-1869), educador francês nascido Hippolyte Léon Denizard Rivail, codificou o espiritismo a partir do estudo sistemático das comunicações mediúnicas, utilizando método de observação, comparação e análise crítica, o que conferiu caráter científico à doutrina. Publicou obras fundamentais como *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

[41] Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap VI, item 7, 8

ABOUT THE AUTHOR

SANDRA CARNEIRO

Autora de 14 romances psicografados, vem se dedicando nos últimos 25 anos a estudar a doutrina espírita e a transmitir mensagens que unem espiritualidade, esperança e fortalecimento emocional. São milhares de leitores ao redor do mundo que compartilham experiências de crescimento espiritual e transformação pessoal com a leitura de seus livros.

Sua mediunidade é marcada pela parceria literária com o espírito Lucius, que ela descreve como um amigo amoroso e exigente, sempre comprometido com o progresso da humanidade, com narrativas que tocam o coração e elevam a alma.

BOOKS BY THIS AUTHOR

SALOMÉ, Muitas Vidas Um Só Coração

Ao acabar de conhecer alguém, você já teve a sensação de que já conhecia a pessoa de algum lugar? E mesmo constatando que realmente a via pela primeira vez, a sensação de já conhecê-la persistia? Muitos já passaram por essa experiência. E o Espiritismo nos esclarece sobre esses reencontros de afetos e desafetos do passado, que aparecem em nossa vida atual. Essa foi a experiência de Rafaela, narrada pelo Espírito Lucius no romance Salomé. Uma história transformadora.

Depois de uma matéria realizada em Cabul, Rafaela – premiada jornalista brasileira –, retorna inconformada com a situação das jovens afegãs em pleno século 21. Em especial com a doce Laila, cujos olhos não lhe saem da cabeça. O que ela não poderia imaginar é que as suas vidas já haviam se entrelaçado antes, em outra encarnação. Escolhas feitas em plena idade média repercutiriam suas consequências agora como ecos do passado.

Com sua consagrada e envolvente narrativa o espírito Lucius conecta Ocidente e Oriente, oferecendo uma visão da Espiritualidade sobre a importância do feminino para a construção de um mundo mais harmonioso, justo e equilibrado. Ele faz uma homenagem às mulheres, reverenciando o seu valor e a sua luta ao longo dos séculos, evidenciando o seu sublime protagonismo para o futuro da humanidade.

Jesus prossegue cercando a Terra com recursos de renovação. Atento às aflições e necessidades das mulheres, empenha-se através de seus enviados em ampará-las e fortalecê-las, cercando-as com seu cuidado e carinho inesgotáveis.

Com esse romance o autor espiritual convida o leitor a juntar-se àqueles que estão na vanguarda das transformações do planeta, trabalhando pela construção de uma nova era.

PRONTOS PARA O MELHOR

Quanto pode ser feliz uma mulher que coloca Deus em primeiro lugar em sua vida? Qual a influência que essa mulher pode exercer sobre o seu lar, sua família e sua comunidade?

Como os personagens dessa romance, somos espíritos que há muito reencarnam na Terra vivenciando milênios de aprendizado. Muitos daqueles que conviveram conosco já ascenderam às esferas de luz; alguns outros, em virtude de sua persistência na ignorância, foram exilados para planetas inferiores. Essa é uma encarnação decisiva.

Uma única

escolha poderá definir o nosso destino. Iluminemos o nosso caminho.

Em Prontos para o melhor o espírito Lucius nos envolve em uma narrativa emocionante, reveladora e que consegue tocar as fibras mais sutis da alma. Aprendemos sobre a nossa natureza espiritual, nossa jornada evolutiva, e como Deus e a espiritualidade agem em nossas vidas.

A história tem início na Pérsia em 483 a.C. com a rainha Ester; alcança a cidade de Alexandria no Egito em 400 d.C. com Hipátia, ilustre astrônoma, filósofa e matemática; chegando aos dias atuais no Brasil. Acompanhamos ainda a trajetória de Anália Franco, em suas diferentes missões no orbe terrestre e sua incessante tarefa no mundo espiritual, trabalhando as bases do mundo de regeneração.

Um romance inspirador, que amplia os horizontes da fé, como um anjo a nos oferecer coragem e ânimo em dias tão desafiadores. Estamos em plena transição planetária. A Terra se encontra no limiar da Era do Espírito. É chegada a hora de nos libertarmos da enorme dependência que ainda temos da matéria, assumindo nossa real identidade espiritual, nosso futuro glorioso

EXILADOS POR AMOR

Exilados por Amor: Um Romance Espírita de Reencarnação e Redenção

Uma Jornada de Amor e Transição Planetária no Kindle Unlimited

✴ Exilados por Amor, de Lucius, abre a série que inspirou o clássico Jornada dos Anjos. Acompanhe Ernesto, um espírito exilado de um orbe de Capela para a Terra durante a transição planetária. Em sua jornada de reencarnação, do Egito antigo à era de Jesus, ele busca redenção e descobre o poder da lei de amor. Com 1200+ avaliações 5 estrelas, este romance espírita é perfeito para fãs de Chico Xavier, Allan Kardec e Zibia Gasparetto.

Ideal para quem enfrenta luto ou busca esperança, Exilados por Amor une espiritualidade, evolução espiritual e a pluralidade dos mundos. Leia por R\$ 24,90 ou grátis no Kindle Unlimited!

Continue a jornada: Explore Jornada dos Anjos e descubra como essa Jornada continua...

JORNADA DOS ANJOS

Jornada dos Anjos: Um Romance Espírita de Transição Planetária e Redenção

A Saga de Espíritos Exilados que Pode Ser Sua Última Chance – Leia Antes que o Tempo Acabe no Kindle Unlimited

✴ Jornada dos Anjos, o clássico da literatura espírita que continua a saga de Exilados por Amor, leva você aos bastidores espirituais de momentos cruciais da história. Acompanhe Constantino, Fausta, Jan Huss, Jerônimo de Praga, Ernesto, Elvira e outros espíritos vindos de Capela, em uma narrativa impactante de reencarnação e evolução espiritual. Lucius, o autor espiritual, revela como esses personagens enfrentam escolhas que ecoam até os dias atuais, no turbilhão da regeneração planetária.

E se esta encarnação for a última? A Terra está no ápice da transição planetária, um processo irreversível que separa o bem das sombras – e o tempo está se esgotando para milhões de almas. Com milhares

de avaliações positivas, este romance espírita é perfeito para fãs de Chico Xavier, Allan Kardec e Zibia Gasparetto, unindo espiritualidade, lei de amor e pluralidade dos mundos em uma história de perseverança e fé.

Não deixe para amanhã: Jesus aguarda nossa determinação rumo à vitória do Bem, em um mundo de paz e fraternidade.

CONEXÃO GALILEIA

E se você pudesse voltar no tempo e encontrar-se com Jesus, ouvindo suas lições, experimentando a sua poderosa energia? Certamente depois de um encontro assim, você seria tocado por verdades capazes de transformar profundamente o seu ser e a sua vida. E se descobrisse então, que já esteve caminhando ao lado do Mestre?

Nesse romance espírita, o autor espiritual nos envolve e emociona em viagem por Jerusalém, Cafarnaum e Mar da Galileia, cenários marcados pelos passos de Jesus e seus muitos milagres. Diante de situações que nos fazem rever a nossa vida inteira, percebemos quanto tempo perdemos enganados pelo orgulho e pelo egoísmo.

Luigi é o herdeiro de uma das mais poderosas construtoras do país. Cercado de luxo e dinheiro, tudo o que deseja está a seu alcance. Contudo, o despertar de sua mediunidade revelará o mundo invisível e suas tenebrosas ligações com os negócios da família. As pessoas com quem convivia eram bem diferentes do que ele pensava.

Quando a Providência Divina promove para ele sincronicidades surpreendentes, ocorre uma conexão sublime nos jardins da Galileia, e o executivo entrega-se por completo ao chamado do Mestre, que ecoava através dos séculos: "Simão, há dois mil anos que te espero".

Nessa intrigante história, Lucius nos traz passagens da vida de Simão, o zelote, um dos doze Apóstolos, e nos tornamos testemunhas oculares de momentos comoventes na sua intimidade

com Jesus. A narrativa nos envolve e emociona em viagem por Jerusalém, Cafarnaum e mar da Galileia, cenários marcados pelos passos de Jesus e seus muitos milagres.

Um romance recheado de ricos ensinamentos espirituais, trazendo reflexões que ajudam o leitor a distinguir com mais clareza as ilusões que entorpecem, da realidade libertadora que o amor revela, dando ensejo á revisão de valores e mudança no rumo da própria vida. Compreendemos, enfim, que amar pode ser bem mais fácil do que pensamos.

TODAS AS FLORES QUE EU GANHEI

Uma história sobre o auto perdão e como aprender a perdoar aos outros e a nos perdoar, pode curar nossas emoções e nos libertar de dores arraigadas em nossa alma desde vidas passadas.

A história começa na Áustria, em 1720. Sofia tinha tudo o que se poderia desejar. Era nobre, rica, bonita e inteligente. Por imposição do pai, casou-se com um jovem de muitas posses, que se revelou um marido apaixonado. Contudo, ela trazia em si impulsos incontroláveis que poderiam mudar os rumos de sua vida.

Nesta história real que narra três vidas de Sofia ao longo dos séculos, compreendemos que determinadas características da personalidade são traços fortes da alma, estabelecidas ao longo de várias encarnações. Evidencia-se o quanto a revolta dificulta o caminho, enquanto a aceitação possibilita transformar a dor e a adversidade em alavancas para o progresso e a felicidade. Como os personagens deste romance, muitas vezes estamos prestes a jogar tudo para o alto, desistir, simplesmente porque ainda não percebemos como agem as leis universais, nem como o amor divino nos abraça em todos os instantes de nossa existência.

Com sua consagrada e envolvente narrativa, o espírito Lucius esclarece o leitor sobre sua própria natureza divina e espiritual. O

convite é claro: experimente viver plenamente sua espiritualidade e desfrute a riqueza de ser filho de um Deus infinitamente amoroso.

DÉJÀ VU, Um Convite Para O Despertar

A vibração do orbe está se modificando, e o mundo de provas e expiações prepara-se para assumir um novo lugar na escala evolutiva. O amor é derramado em abundância por toda a parte, impelindo os seres a buscar a verdade. Deus está agindo intensamente. É momento de renovação, de soltar o velho homem para que a luz divina se expanda em toda a humanidade, trazendo paz, segurança e evolução.

No romance Déjà vu, o espírito Lucius narra a história de Karen, uma cientista que trabalha para a indústria farmacêutica alemã e, cética como é, decide fazer um estudo com a intenção de provar que o fenômeno conhecido como déjà vu se trata de uma manifestação puramente orgânica. Todavia, por um capricho do destino, ao viajar para a Irlanda do Norte e atravessar o famoso corredor de árvores conhecido como The Dark Hedges ela vivencia uma forte experiência, o que abala suas convicções e pode mudar os rumos de sua vida para sempre.

Com sua narrativa envolvente, o autor espiritual nos chama a atenção para a silenciosa revolução que está em curso. Superando o mal, que nunca se cansa, um verdadeiro exército do bem atua sob as densas energias emanadas pelos habitantes do planeta alcançando cada ser. O movimento de despertar é crescente, a Luz deseja expandir-se. A consciência já não permite ser abafada, sob a pena de adoecer por completo, porquanto os antidepressivos, soníferos, ansiolíticos e todo tipo de anestésicos da alma não conseguem mais aliviar a dor, nem calar a voz interior que clama por amor, alegria, felicidade. Que clama por Deus!

Abordando temas como: lei de causa e efeito, lembrança de vidas

passadas, influência do plano espiritual sobre o material e a correlação entre física quântica e Espiritismo, o autor espiritual amorosamente nos convida a voltar nosso olhar para dentro de nós mesmos, oferecendo-nos recursos para a realização do aprimoramento íntimo. Acima de tudo, nos estimula a encontrar nossos propósitos na encarnação, para que sejamos capazes de dedicar ao mundo a parcela de contribuição individual que nos cabe. Somos seres únicos, originais, criados para o amor e a felicidade, e, quando nos conectamos com Deus, encontramos a razão maior de nossa existência, o nosso valor e toda a nossa riqueza. O generoso apelo de Jesus continua ressoando através dos séculos, convidando-nos a trilhar com Ele os caminhos da ascensão espiritual. Aproveitemos, pois, esta preciosa encarnação. É momento de se elevar.

RENASCER DA ESPERANÇA

A esperança é uma das mais extraordinárias forças que vibram no interior do homem. É ela que confere ânimo e faz brotar em nós a coragem para avançar e superar os obstáculos. Mas como reencontrar a esperança quando tudo parece estar contra nós? Quem pode nos salvar, quando estamos sem forças para continuar?

Emilie, personagem principal deste romance espírita, está prestes a se atirar de um penhasco, na Espanha do século 19. Ouvia vozes, via espíritos e, sem conhecer os fenômenos da mediunidade, foi internada em um hospital para doentes mentais, afastada do marido e da filha, que amava com todas as suas forças. O que ela não poderia imaginar, é que tudo estava certo em sua vida. Tudo acontecia no jeito que tinha de acontecer, para levá-la a uma experiência de verdadeira conexão com Deus e com sua missão de vida.

Através deste romance, Lucius nos convida a testemunhar a experiência de homens e mulheres que enfrentaram seus desafios e viram a esperança renascer em seus corações, vivendo o momento

histórico em que a revelação espírita acontecia por todo o mundo, despertando admiração em uns e desprezo em outros. O leitor terá oportunidade de conhecer os bastidores do famoso evento de "queima de livros de Allan Kardec" em praça pública, quando se pretendia calar a voz dos conhecimentos espíritas que libertam a consciência, consolam a alma e esclarecem o motivo de dores e sofrimentos pelos quais passamos.

Com seu estilo simples, agradável e fluído de contar histórias, Luicius nos proporciona uma experiência envolvente de leitura; nos identificamos com seus personagens e nos vemos dentro da situação, aprendendo e descobrindo novas maneiras de lidar com nossos próprios problemas. Suscita em nós emoções elevadas e bem-estar espiritual, por nos colocar em contato com mentores e protetores espirituais de grande sabedoria.

Um entretenimento que proporciona ao mesmo tempo momentos prazerosos e muitos conhecimentos espíritas e evangélicos. Um romance histórico apaixonante, com personagens reais. Leia abaixo o momento em que Emilie está prestes a desistir da vida:

"Agora, as estrelas desapareciam uma a uma, à medida que os primeiros raios de sol despontavam no horizonte. Logo o dia nasceria e Emilie não queria ver o alvorecer. Levantou-se devagar e caminhou para mais perto da borda. Ali, recuou instintivamente. A altura sempre lhe causava vertigens. Respirou então, profundamente, como a buscar forças. Olhava para além de seus pés e via o gigantesco paredão que terminava no mar. Aterrorizada, assistia ao espetáculo das ondas batendo nas rochas e pensava que lá estaria em alguns instantes: junto à espuma das águas do mar, esquecida para sempre. Sua dor teria fim; sua humilhação e sua vida, que nada mais valia, acabariam para sempre. Olhava para baixo hipnotizada, como se algo a chamasse para a queda. Avançou mais e mais, com lentidão, pé ante pé. A cada passo, despedia-se mentalmente dos que lhe eram mais queridos: primeiro do marido, depois dos pais, a quem não via há anos... Enquanto isso, mais seus pés se aproximavam da beira do penhasco. Emilie não conseguia

desgrudar os olhos das águas agitadas. Chegou enfim ao limite. Mais um passo, só um, e estaria tudo acabado. Seria, finalmente, a libertação. Respirou fundo de novo: precisava ter coragem. Olhou mais uma vez para o horizonte.

O sol estava nascendo e o som das primeiras gaivotas espantava o silêncio da noite. Emilie pensou na filha, e despediu-se dela. Era a última imagem que queria ter na mente, antes da queda: Cíntia, sua filha querida. Com o pensamento nela, preparou-se para o passo fatal."

Conheça essa história sobre amor, mediunidade, vidas passadas e a descoberta espiritual que salva várias vidas.

CINZAS DO PASSADO

Um livro para nos ajudar a rever nossa vida, hábitos e atitudes. Este romance do Espírito Lucius esclarece sobre a animosidade, e até o ódio mesmo que surge entre parentes consanguíneos, explicando muitos crimes perpetuados por filhos contra pais ou pais contra filhos; uma realidade que o conhecimento sobre vidas passadas pode nos ajudar a entender a situação, e assim, desatar os nós que ainda nos prendem a esse passado, por vezes distante, por vezes mais recente.

Uma linda história que toca o coração, falando sobre como a Providência Divina tece as tramas em nossas vidas, nos proporcionando o reencontro, a aceitação e o perdão com antigos desafetos e inimigos, para que o amor seja o grande vitorioso em nossa jornada.

O amor está sempre acima de todos os sentimentos, e viver pelo amor e para o amor é o maior bem que se pode alcançar na terra. Cabe-nos decidir se queremos ir em busca da compreensão maior da vida, ou se preferimos continuar abafando o nosso coração e nossa alma, contentando-se com uma vida superficial, sem horizontes, cheia de ilusões.... Somente o perdão e o amor podem nos libertar das cinzas do passado trazendo-nos paz e renovação, permitindo-nos seguir adiante e sermos felizes de verdade.

REBELDES

No 1o. livro da coleção Exploradores da Luz, do autor espiritual Bento José (José Bento Monteiro Lobato), vamos conhecer a história real de Serginho, um jovem de dezoito anos que, por uma série de escolhas feitas, vai se ver diante de consequências indesejadas, e precisará renovar suas convicções, para superar perdas, dores e aceitar sua nova realidade.

Oferecendo uma visão realista do mundo espiritual e a interconexão deste com o mundo material, podemos compreender o impacto da fé para superar as grandes perdas pelas quais passamos.

Trazendo esclarecimento, conforto e esperança, esse romance traz as verdades espirituais de maneira simples e fácil de compreender, sendo uma leitura agradável e envolvente.

INICIAÇÃO

Emocionante, sensível, inspirador. No 2o. livro da série, Você vai perceber, diante desta envolvente história de realismo espírita, que muitas vezes a realidade que não enxergamos é mais incrível do que a ficção. Serginho, o protagonista, desperta em um mundo diferente ao qual precisa se adaptar. Embora continue obstinado e ansioso por reencontrar a namorada, será iniciado em nova e instigante tarefa.

Suas primeira missão: ajudar Paulinho, um garoto em sérias dificuldades, que corre risco de vida. O maior desafio: superar as próprias limitações e o medo de fracassar. Vivendo entre dois mundos, agora ele pode fazer coisas que jamais sonhou serem possíveis. É um aprendiz de verdade. Praticando e desenvolvendo novas habilidades, Serginho usará todos os seus recursos para ajudar Paulinho, acometida pela doença conhecida como Fogo Selvagem.

Com linguagem simples e agradável, esse romance é ideal para quem deseja conhecer o Espiritismo. Ao final da história, o leitor encontra muitas informações complementares para conhecer melhor os princípios espíritas.

ABISMO

Instigante, espantoso, revelador. Aventure-se nesta história de realismo espírita e fique frente a frente com a verdade. Muitas vezes a realidade que não enxergamos é mais incrível do que a ficção. No 3o. livro da coleção, depois de longa e angustiante espera, Serginho localiza Paula, a namorada por quem é apaixonado. Por ironia do destino, quando finalmente a encontra, tem receio de se aproximar. Ela está diferente, comprometida com forças perigosas. Penetrando em um mundo sinistro, de que ouvira falar apenas em filmes e livros, ele depara com drogas, vampiros e centenas de jovens aprisionados. Tudo o que mais temia, aquilo que sempre negara, está acontecendo diante dos seus olhos. Dividido entre a alegria do reencontro e o medo da verdade, Serginho luta pelo amor de Paula e por sua felicidade.

INOCENTE

Inocente é o 4º. Livro da coleção Exploradores da Luz. Nesta emocionante história de realismo espírita, Serginho finaliza seu treinamento na colônia espiritual e parte para a crosta para mais um desafio. Depois de resgatar Paula das garras de espíritos sombrios, ele agora recebe a missão de ajudar seu melhor amigo, Renato, e a namorada, Pâmela.

O casal enfrenta uma situação imprevista e totalmente fora de controle: a garota está grávida.

Aproveitando o tempo livre para abrandar a saudade da família, Serginho surpreende-se ao se deparar com as mudanças que aconteceram em seu antigo lar durante sua ausência. Testando seus próprios limites, ele descobrirá até onde pode chegar a serviço da Luz.

Mais um livro desta série fascinante, onde o leitor aprende sobre os princípios espíritas de maneira leve e agradável.
